

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Natércia Moraes Garrido**

**Nascimento Moraes Filho e o Modernismo no Maranhão**

**DOUTORADO EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA**

**São Paulo  
2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Natércia Moraes Garrido**

**Nascimento Moraes Filho e o Modernismo no Maranhão**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTORA em Literatura e Crítica Literária, sob a orientação da Prof. Dra. Annita Costa Malufe.

**São Paulo  
2022**

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -  
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Garrido, Natércia Moraes  
Nascimento Morais Filho e o Modernismo no  
Maranhão / Natércia Moraes Garrido. -- São Paulo:  
[s.n.], 2022.  
201p ; 30 cm.

Orientador: Annita Costa Malufe.  
Tese (Doutorado)-- Pontifícia Universidade Católica  
de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em  
Literatura e Crítica Literária.

1. Poesia. 2. Modernismo. 3. Literatura  
Maranhense. 4. Crítica Literária. I. Malufe, Annita  
Costa. II. Pontifícia Universidade Católica de São  
Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em  
Literatura e Crítica Literária. III. Título.

CDD

**Natércia Moraes Garrido**

**Nascimento Morais Filho e o Modernismo no Maranhão**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTORA em Literatura e Crítica Literária, sob a orientação da Prof. Dra. Annita Costa Malufe.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Annita Costa Malufe – PUC-SP

---

Prof. Dra. Maria Aparecida Junqueira – PUC-SP

---

Prof. Dra. Vera Lúcia Bastazin – PUC-SP

---

Prof. Dr. José Dino Costa Cavalcante – UFMA

---

Prof. Dr. José Ribamar Neres Costa – SEDUC/MA

Para minha família.

## **Agradecimento**

O presente trabalho foi realizado com o apoio, em seus últimos 13 meses, da Bolsa de Doutorado concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA por meio do edital n.º 013/2021. Agradeço à Universidade Estadual do Maranhão – UEMA e ao Instituto Federal do Maranhão – IFMA, instituições de ensino às quais faço parte do corpo docente efetivo, por terem permitido meu afastamento de quatro anos para realizar o sonho acadêmico de cursar um Programa de Pós Graduação de excelência, a nível de Doutorado, em São Paulo.

## **Agradecimentos**

À minha mais que querida orientadora Profa. Dra. Annita Costa Malufe, por ter acreditado no meu projeto de pesquisa literário desde a época do Mestrado e por ter embarcado nessa jornada comigo desde então. Seu suporte e confiança foram fundamentais para que eu alcançasse o sucesso almejado;

À coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária, Profa. Dra. Diana Navas, que sempre, em todos os momentos, demonstrou sensibilidade e não mediu esforços para que eu pudesse superar trâmites burocráticos os quais, infelizmente, fazem parte da vida de qualquer funcionário público como eu;

À todas as professoras do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária, as quais contribuíram imensamente para minha formação e que me fizeram adentrar mais ainda no mundo da literatura;

À querida Ana, Secretária do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária, por sua presteza e dedicação;

Ao GELMA – Grupo de Estudos em Literatura Maranhense, coordenado pelos professores Dr. José Dino Costa Cavalcante e Dr. José Ribamar Neres Costa, por proporcionar uma agenda de discussões, eventos e publicações que me ajudaram a expandir os horizontes de estudos e pesquisa;

Às minhas amigas do Clube de Leitura Little Women, que desde 2017 me apoiam e estão presentes em todos os meus projetos literários; obrigada por nunca terem me deixado sozinha;

À família Nascimento Morais Filho, que na verdade é a MINHA família; obrigada por todas as longas conversas nas quais eu procurei também, retornar às origens e entender o sentido da minha missão: preservar nossa história;

Ao meu avô Zé Morais: sem você e a sua paixão pelos livros, que se tornou também minha própria paixão desde que me entendo conscientemente, este trabalho não existiria. Obrigada por ser meu mentor nesta vida e além. Sua luz ilumina cada passo que eu dou. Seu nome e seu legado permanecem não só em minha memória, mas também nas mentes daqueles que leem meus estudos;

À Deus e toda a espiritualidade que me guia.

“Os nossos Mortos continuam vivos quando lhe cultuamos a Memória.”

(Nascimento Morais Filho)

“levanta-te  
que estou contigo!  
a liberdade nasce da consciência  
e transfigura-se no azul aureolada  
com a coroa  
de espinhos de luz  
das estrelas.”

(Nascimento Morais Filho)

“Vale dizer que toda poesia genuína, e não apenas aquela que explora tematicamente a denúncia, o protesto e a indignação, é subversiva.”

(Carlos Felipe Moisés)

“O avô chegou.  
Porque era ele seu guia.  
O pensamento da menina que via.”

(Natércia Moraes Garrido)

GARRIDO, Natércia Moraes. **Nascimento Morais Filho e o Modernismo no Maranhão**. 2022. 201f. Tese (Doutorado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

A presente tese de doutorado consiste em examinar criticamente a obra poética e a trajetória literária do escritor maranhense Nascimento Morais Filho (1922-2009), ao mesmo tempo em que constrói, a partir de um resgate histórico e historiográfico, uma nova narrativa sobre o Modernismo no Maranhão, com enfoque na poesia. O referido autor inicia sua trajetória nas letras ao fundar, junto com vários jovens intelectuais, o grêmio literário Centro Cultural “Gonçalves Dias”, o qual buscava, em essência, movimentar a capital São Luís e trazer o brilho de outrora à Atenas Brasileira. A partir de 1945, Morais Filho torna-se um dos expoentes da estética modernista em seu Estado, que até aquele momento ainda não compreendia muito bem as inovações disruptivas desencadeadas vinte anos antes pela Semana de Arte Moderna. Propor uma nova narrativa do Modernismo no Maranhão significa pesquisar a própria história desse estado a fim de entender o atraso cultural que lhe foi imposto, bastante justificado por uma decadência econômica e por um ciclo político oligárquico. Por isso a investigação sobre como o Modernismo adentra o Maranhão e se consolida ali compreende o recorte temporal estabelecido entre 1936 e 1976, haja vista que é nesse período que se observam as mudanças em vários âmbitos da sociedade, as quais impulsionarão novas formas de pensar e de produzir literatura, em especial o gênero lírico, foco desta tese. Para compor o diálogo crítico direcionado à produção poética de cada período histórico e às análises dos poemas selecionados do poeta em questão, buscamos os pensamentos de Jean-Paul Sartre, Antonio Cândido, Carlos Felipe Moisés e Arlete Nogueira da Cruz. O trabalho está dividido em cinco partes, que correspondem aos cinco capítulos da tese. Na primeira parte resgatamos a vida e a obra de Nascimento Morais Filho, bem como sua recepção crítica, para que se note o tamanho de sua contribuição para a cultura maranhense. Na segunda, inicia-se a viagem rumo à história do Maranhão fundamentada, dali em diante, pelos estudos de Benedito Buzar, Mário Meirelles, Carlos de Lima, Eloy Coelho Netto e Rossini Corrêa, ao mesmo tempo em que comentamos a produção literária deste período. Na terceira, recontamos a trajetória do Centro Cultural “Gonçalves Dias”, demonstrando por meio de documentos históricos como se deu o início e o fim deste grêmio, além de examinar sua atuação e publicações. Na quarta, continuamos a perscrutar a história e a literatura maranhenses sem esquecer de analisar criticamente alguns poemas pertencentes a dois livros de Morais Filho: *Clamor da Hora Presente* (1955) e *Azulejos* (1963). Por fim, a quinta parte dedica-se a entender as conquistas modernistas no âmbito literário em consonância com as questões históricas pertinentes ao Maranhão, analisando também alguns poemas de *Esfinge do Azul* (1972), último livro autoral de Nascimento Morais Filho.

**Palavras-chave:** Poesia; Modernismo; Literatura Maranhense; Crítica Literária; História do Maranhão.

GARRIDO, Natércia Moraes. **Nascimento Morais Filho e o Modernismo no Maranhão**. 2022. 201f. Thesis (Doctorate degree). Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, Brazil.

The present doctoral thesis consists of a critical examination of the poetic work and literary trajectory of Maranhão writer Nascimento Morais Filho (1922-2009), while at the same time building, based on a historical and historiographical rescue, a new narrative on Modernism in Maranhão, with a focus on poetry. The author began his career in letters when he founded, along with several young intellectuals, the literary group Centro Cultural Gonçalves Dias, which sought, in essence, to move the capital São Luís and bring the brilliance of yesteryear to the Brazilian Athens. In 1945, Morais Filho became one of the exponents of modernist aesthetics in his state, which until that moment still did not understand very well the disruptive innovations triggered twenty years earlier by the Week of Modern Art. Proposing a new narrative of Modernism in Maranhão means researching the very history of this state in order to understand the cultural backwardness that was imposed on it, quite justified by an economic decadence and by an oligarchic political cycle. For this reason, the investigation of how Modernism entered Maranhão and consolidated itself in the state covers the period between 1936 and 1976, since it is in this period that changes can be observed in various areas of society, which will drive new ways of thinking and producing literature, especially the lyrical genre, the focus of this thesis. To compose the critical dialog directed to the poetic production of each historical period and the analysis of the selected poems of the poet in question, we sought the thoughts of Jean-Paul Sartre, Antonio Cândido, Carlos Felipe Moisés and Arlete Nogueira da Cruz. The work is divided into five parts, which correspond to the five chapters of the thesis. In the first part we rescue the life and work of Nascimento Morais Filho, as well as his critical reception, in order to note the size of his contribution to the Maranhão culture. In the second part, we begin the journey into the history of Maranhão based, from then on, on the studies of Benedito Buzar, Mário Meirelles, Carlos de Lima, Eloy Coelho Netto and Rossini Corrêa, at the same time as we comment on the literary production of this period. In the third section, we recount the trajectory of the Centro Cultural "Gonçalves Dias", demonstrating by means of historical documents how the beginning and the end of this association took place, besides examining its activities and publications. In the fourth part, we continue to scrutinize the history and literature of Maranhão without forgetting to critically analyze some poems belonging to two books by Morais Filho: *Clamor da Hora Presente* (1955) and *Azulejos* (1963). Finally, the fifth part is dedicated to understand the modernist achievements in the literary field in line with the historical issues pertinent to Maranhão, also analyzing some poems from *Esfinge do Azul* (1972), Nascimento Morais Filho's last authorial book.

Keywords: Poetry; Modernism; Maranhão's Literature; Literary Criticism; History of Maranhão.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1:** Nascimento Morais Filho na noite de lançamento da 3ª edição de seu livro *Clamor da Hora Presente* (1992), cuja edição é também internacional 17
- Figura 2:** Nascimento Morais Filho aos 50 anos na época de lançamento da primeira edição de *Esfinge do Azul* (1972) 50
- Figura 3:** Busto de Nascimento Morais Filho localizado na Praça do Panteon.  
Crédito da foto: Herbert Alves dos Santos 145

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	14
<b>1 NASCIMENTO MORAIS FILHO: O HOMEM E O POETA EM UM SÓ CLAMOR</b>	18
<b>Figura 1:</b> Nascimento Morais Filho na noite de lançamento da 3ª edição de seu livro <i>Clamor da Hora Presente</i> (1992), cuja edição é também internacional .....	18
<b>1.1 A VIDA DE NASCIMENTO MORAIS FILHO</b> .....	19
<b>1.2 A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE NASCIMENTO MORAIS FILHO</b> .....	25
1.2.1 <i>Clamor da Hora Presente</i> (1955).....	27
1.2.2 <i>Pé de Conversa</i> (1957).....	30
1.2.3 <i>Azulejos</i> (1963) .....	32
1.2.4 <i>O que é o que é</i> (1972).....	32
1.2.5 <i>Esfinge do Azul</i> (1972).....	33
1.2.6 <i>Esperando a Missa do Galo: uma coletânea brasileira de Natal</i> (1973) ...	36
1.2.7 <i>Maria Firmina – Fragmentos de Uma Vida</i> (1975).....	37
1.2.7.1 Estruturação do livro <i>Maria Firmina – Fragmentos de Uma Vida</i>	41
1.2.8 <i>Cancioneiro Geral do Maranhão</i> (1976) .....	46
1.2.9 <i>Estevão Rafael de Carvalho</i> (1987).....	48
1.2.10 Outros textos.....	49
<b>Figura 2:</b> Nascimento Morais Filho aos 50 anos na época de lançamento da primeira edição de <i>Esfinge do Azul</i> (1972) .....	50
<b>2 O MARANHÃO: DOS PRIMÓRDIOS RUMO AO MODERNISMO</b> .....	51
<b>2.1 O estágio inicial: de 1936 a 1945</b> .....	53
<b>2.2 Um olhar sobre a produção literária deste período</b> .....	56
<b>3 A IMPORTÂNCIA E A CONTRIBUIÇÃO DO CENTRO CULTURAL “GONÇALVES DIAS” PARA O MOVIMENTO MODERNISTA NO MARANHÃO (1945-1950)</b> .....	63
<b>3.1 O Centro Cultural “Gonçalves Dias”</b> .....	65
<b>3.2 As atas do Centro Cultural “Gonçalves Dias”: um resgate historiográfico</b> .....	69
<b>3.3 A produção cultural e literária do Centro Cultural “Gonçalves Dias”</b> .....	77
3.3.1 Um olhar sobre o conteúdo poético do <i>Caderno Literário nº 2</i> (1947) .....	80
3.3.2 A edição do <i>Suplemento Cultural</i> (1948-1949).....	86
<b>4 A CONSOLIDAÇÃO DO MODERNISMO NO MARANHÃO: 1950 a 1965</b> .....	92
<b>4.1 As conquistas nos âmbitos cultural e literário</b> .....	99
<b>4.2 A produção poética modernista deste período</b> .....	103
4.2.1 Análise crítica de alguns poemas de <i>Clamor da Hora Presente</i> (1955)....	113
4.2.2 Análise crítica de alguns poemas de <i>Azulejos</i> (1963).....	120

<b>5 PROMESSAS DE RENOVAÇÃO: DE 1965 A 1976</b> .....	126
<b>5.1 A consolidação do Modernismo na Literatura Maranhense</b> .....	131
<b>5.2 Análise crítica de alguns poemas de <i>Esfinge do Azul</i> (1972)</b> .....	136
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	144
<b>Figura 3: Busto de Nascimento Morais Filho localizado na Praça do Panteon.</b>	
Crédito da foto: Herbert Alves dos Santos .....	146
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	151
<b>ANEXOS</b> .....	159
<b>ANEXO A - Carta de José Vera-Cruz Santana a Nascimento Morais Filho datada de 14 de abril de 1980.</b> .....	159
<b>ANEXO B - Discurso de José Vera-Cruz Santana em 28 de junho de 1946 em razão do aniversário de 1 ano do CCGD.</b> .....	160
<b>ANEXO C - Ata do CCGD datada de 28/06/1945</b> .....	167
<b>ANEXO D - Ata do CCGD datada de 12/07/1945</b> .....	169
<b>ANEXO E - Ata do CCGD datada de 26/07/1945</b> .....	171
<b>ANEXO F - Ata do CCGD datada de 02/08/1945</b> .....	173
<b>ANEXO G - Ata do CCGD datada de 10/08/1945</b> .....	175
<b>ANEXO H - Ata do CCGD datada de 02/09/1945</b> .....	177
<b>ANEXO I - Ata do CCGD datada de 09/09/1945</b> .....	179
<b>ANEXO J - Ata do CCGD datada de 27/10/1945</b> .....	180
<b>ANEXO K - Ata do CCGD datada de 13/01/1946</b> .....	181
<b>ANEXO L - Ata do CCGD datada de 20/01/1946</b> .....	183
<b>ANEXO M – Entrevista concedida a mim em 20/01/2021 por Fernando Braga, poeta e imortal da Academia Maranhense de Letras. Empossado em 2021, ocupou a cadeira de nº 2 até seu falecimento em 2022.</b> .....	186
<b>ANEXO N – Poema “Antroponáutica”, de Bandeira Tribuzzi, retirado do livro <i>Poesia Reunida</i> (consta nas referências)</b> .....	192
<b>ANEXO O – Capa do Caderno de Atas do Centro Cultural “Gonçalves Dias”</b> .....	198
<b>ANEXO P – “CANCIONEIRO POPULAR N°1”, poema de protesto ecológico de autoria de Nascimento Morais Filho</b> .....	199

## APRESENTAÇÃO

(...) mas de novo ela [a poesia moderna] demonstrou seu poder de universalizar o particular, conferir um novo centro a experiências que, segundo todos os critérios clássicos, deveriam ser periféricas, porque são as experiências de especialistas. O poeta moderno pode “enumerar os traços da tulipa” e não só pensar que esgotou, mas esperar ter esgotado o assunto; porém goste ou não disso, ele disse algo novo sobre flores e sobre homens. (HAMBURGER, 2007, p.34)

O objetivo principal desta tese é analisar, sob um viés crítico-literário, a obra poética e a trajetória do escritor maranhense Nascimento Morais Filho (1922-2009) durante o movimento modernista no Maranhão. A investigação nos mostrará as contribuições do poeta para o cenário intelectual de sua época, ao mesmo tempo em que reconstruiremos a narrativa histórica e historiográfica crítica literária do Modernismo no Maranhão, esta última com foco na poesia, nos concentrando no período de quarenta anos que abarca o recorte temporal compreendido entre 1936 e 1976.

É uma pauta recorrente em estudos críticos de autores maranhenses que o Modernismo enquanto estética literária demorou bastante tempo para aportar em nosso estado. Os fatores que justificam essa lentidão são vários. Um deles é que a intelectualidade aqui atuante ainda não compreendia muito bem o que propunha um evento como a Semana de Arte Moderna, o qual teve pouca ressonância no Maranhão. Tampouco entendiam o projeto literário das primeiras gerações modernistas e dos intelectuais que atuaram e escreveram sob estas influências e debates.

Os literatos maranhenses não concebiam o rompimento com estruturas clássicas tão fortes, como o uso do soneto enquanto forma poética; ou mesmo não concebiam o uso da linguagem em um padrão que minimizasse a cultura letrada, privilegiando o falar do povo. Eles ainda buscavam entender os poetas que agora preferiam, tematizar em seus versos, o cotidiano das cidades e as mazelas sociais, deixando em segundo plano descrições de paisagens oníricas ou sentimentos de amores platônicos.

Estruturalmente, cabe-nos dizer que a grande conquista da poesia modernista brasileira se dirige ao abandono das formas poéticas consagradas, como o soneto, para celebrar a utilização dos versos livres criados sem obedecer a

esquemas prévios de rimas ou contagem de determinado número de sílabas poéticas. Obter liberdade em formas poéticas e na linguagem, aproximando-se do coloquialismo e da oralidade, não implica em perda de lirismo, cadência e musicalidade; também não empobrece a imagem poética.

A conquista da liberdade linguística no Modernismo, a qual é observada em suas três gerações poéticas, se reflete em cinco pontos interessantes, elencados por Ávila (1975): a experimentação; a inventividade; a concepção crítica do real; fantasia de autenticidade nacional; e o substrato de consciência ideológica. Em termos gerais, diríamos que a oralidade é um grande expoente dos textos poéticos. Portanto, entendemos que para um autor ser plenamente modernista, é necessário que forma, linguagem e conteúdo se interliguem pelo fio da liberdade.

A incompreensão de um clamor que buscasse uma voz brasileira mais autêntica e mais condizente com as transformações sociais que começaram a operar em um país saído tardiamente do modo de produção econômico escravista e ainda baseado no elitismo, permitiu que essas ideias de renovação não refletissem no cenário intelectual maranhense o que de fato elas representavam: mudança.

E como mudar em uma sociedade que permanecia estagnada economicamente, envolta em velhas práticas políticas e que observava passivamente algumas das melhores mentes migrarem para outras cidades mais prósperas? Sim, mais prósperas e que permitiam inclusive uma ascensão social mais justa, com mais oportunidades de estudos e de trabalho sem o famoso clientelismo que predominava às claras na sociedade maranhense?

O Maranhão sempre foi lugar de um povo entregue à própria sorte, vivendo em grande pobreza. Essa história de que esta terra é um paraíso, não me convence. Se, em alguns instantes, houve certa euforia econômica trazendo benefícios, esses benefícios passaram ao largo da maioria da população, que todo o tempo viveu miseravelmente e analfabeta. Essa é que é a grande verdade. (CRUZ, 2003, p.17-18).

Nascimento Morais Filho, um dos poetas expoentes do Modernismo que se inicia tardiamente no Maranhão na década de 1940, tem em suas raízes genealógicas um pai negro que alcançou a duras penas o respeito na província<sup>1</sup> como professor, escritor e jornalista. Ele sabia o que era pertencer a esta sociedade

---

<sup>1</sup> Em alguns momentos, ao longo da tese, vamos nos referir ao Maranhão, ou mesmo à capital São Luís como província, termo utilizado também por outros tantos estudiosos de nossa terra. Visto como

ludovicense, cujo apego às tradições do passado de Atenas Brasileira poderia revelar um *modus operandi* excludente para com os filhos de sua terra quando bem lhe aprouvesse. Morais Filho viu inúmeras vezes o pai, Nascimento Moraes (1882-1958), ser perseguido pelo racismo e pela desforra daqueles que, vindos de famílias nobres e com estudos completos, não conseguiam alcançar nem um terço do conhecimento autodidata adquirido pelo experiente professor.

O próprio Morais Filho não chegou a frequentar uma universidade, mas isto não o impediu de estudar, de ser professor de Latim e Português em vários colégios da capital ou de ler os grandes filósofos, poetas e críticos literários que dialogavam com seus pensamentos clamando por justiça social, consciência e liberdade como Friedrich Nietzsche, Jean-Paul Sartre, Octavio Paz, Carlos Drummond de Andrade e Otto Maria Carpeaux. Tampouco o impediu de fundar um grêmio acadêmico em 1945, o Centro Cultural “Gonçalves Dias”, que se não rompeu inteiramente com as velhas estruturas literárias, ao menos promoveu espaços de estudos, debates e publicações para a mocidade ludovicense, algo raro para aquela época.

A falta de um diploma universitário não foi obstáculo para que Morais Filho publicasse nove livros: quatro deles autorais e cinco relacionados a suas pesquisas literárias desenvolvidas, em grande parte, em jornais e livros da Biblioteca Pública Estadual Benedito Leite. Oito desses nove livros foram publicados entre os anos de 1955 e 1976, que corresponde a quase todo o período modernista nas letras maranhenses.

A vida de Nascimento Morais Filho, bem como sua trajetória como autor, se fundem com a própria historiografia crítica literária e história maranhenses, as quais nos dedicamos a resgatar neste trabalho no intuito de narrar como ocorreu o movimento modernista por aqui. Percorreremos os caminhos da História do Maranhão entre os anos de 1936 e 1976 na companhia dos olhares críticos de importantes historiadores desta terra, como Benedito Buzar, Mário Martins Meireles e Eloy Coelho Netto, a fim de observarmos como se efetivaram algumas conquistas e mudanças nos âmbitos social, político e econômico.

Os impactos dessas mudanças deram suporte para as iniciativas que se processaram no meio cultural e literário, e a historiografia crítica maranhense se desenha no mesmo recorte temporal supracitado sob o olhar de outros importantes estudiosos que trazemos para dialogar conosco, como Antônio Candido, Jean-Paul

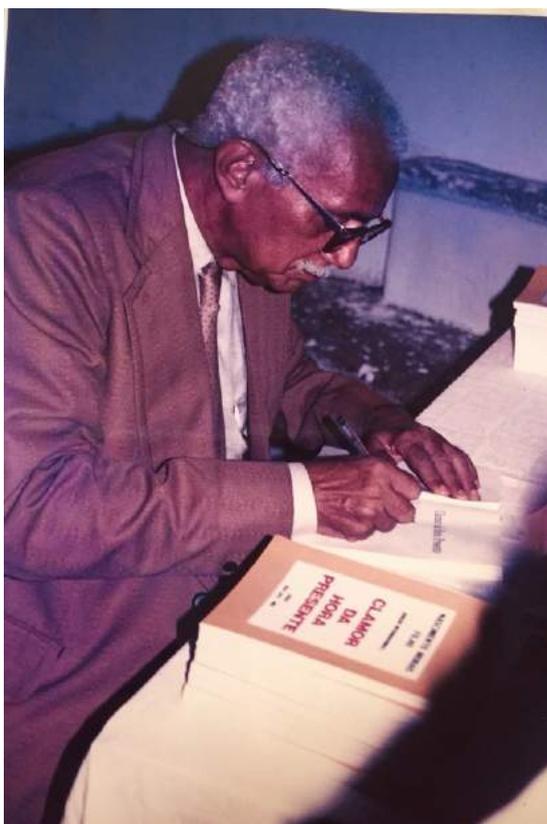
Sartre, Assis Brasil, Rossini Correa, Arlete Nogueira da Cruz e Nauro Machado. Ao atualizarmos a narrativa sobre o Modernismo no Maranhão, procuramos, a título de exemplificação, sem deixar de lado o exercício da crítica literária, trazer poemas e autores que consideramos essenciais para a compreensão desse percurso.

Para que possamos nos aprofundar e percorrer esta jornada literária, a presente tese encontra-se dividida em cinco partes. Na primeira conhecemos a vida e a obra de Nascimento Morais Filho, comentando os principais fatos biográficos e realizando um olhar panorâmico crítico sobre cada uma de suas publicações literárias. Na segunda parte, iniciamos nossa viagem rumo à História e a historiografia crítica literária maranhenses, com foco nos anos de 1936 a 1945. Na terceira parte narramos a atuação do Centro Cultural “Gonçalves Dias”, desde sua fundação em 1945 até seu término em 1950, e como este grêmio acadêmico contribuiu para realmente plantar as sementes da mudança na sociedade ludovicense.

Na quarta parte analisamos os aspectos históricos e historiográficos da literatura maranhense evidenciados entre os anos de 1950 e 1965, período este marcado por várias manifestações sociais e pela afirmação da estética modernista literária. Aqui selecionamos alguns poemas dos livros *Clamor da Hora Presente* (1955) e *Azulejos* (1963), de Nascimento Morais Filho, para fazer um exercício de análise crítica.

Na quinta e última parte de nosso estudo mostramos a consolidação do Modernismo no Maranhão, já bastante visível nos textos poéticos de um outro jovem grupo literário – o Antroponáutica. O fim de um ciclo político e a promessa de novos tempos representam este período, compreendido entre os anos de 1966 e 1976. Finalizamos, então, com a análise crítica de alguns poemas selecionados do quarto e último livro autoral de Nascimento Morais Filho, *Esfinge do Azul* (1972).

## 1 NASCIMENTO MORAIS FILHO: O HOMEM E O POETA EM UM SÓ CLAMOR



**Figura 1:** Nascimento Morais Filho na noite de lançamento da 3ª edição de seu livro *Clamor da Hora Presente* (1992), cuja edição é também internacional

O poeta maranhense José Nascimento Morais Filho (1922-2009) se insere no Modernismo brasileiro já que começa a produzir e publicar seus textos poéticos a partir da década de 1940. Ele inicia sua trajetória literária ao fundar em 1945, junto com outros intelectuais maranhenses, o grêmio literário Centro Cultural “Gonçalves Dias”, “considerado o mais importante movimento cultural de São Luís da década de 40” (SANTOS NETO, 2005, p.192).

O CCGD tinha uma agenda regular que propunha estudos e debates voltados para a literatura e cultura em geral, que apoiava a produção de novos autores e inúmeros eventos locais, além de editar e publicar dois cadernos literários e um suplemento cultural. O objetivo do grêmio não era tanto romper com o academicismo vigente, até porque sua ideia central passava pelo resgate do sentimento da Atenas Brasileira há muito tempo esmorecido entre os maranhenses. No entanto, sua atuação consegue inserir de vez o Maranhão na estética modernista

pois abre caminhos para que muitos intelectuais desta época busquem entender sobre essa nova veia instalada na história literária brasileira.

Discutiremos, mais detalhadamente, sobre o CCGD no capítulo três desta tese; por ora, revelaremos a biografia e o legado literário de Nascimento Morais Filho. Herdeiro ele próprio de um sobrenome de peso, autor de nove livros e com uma atuação marcante junto à cultura maranhense, perceberemos a seguir como toda sua contribuição o posiciona de forma justa no panorama da literatura modernista maranhense e brasileira.

### **1.1 A VIDA DE NASCIMENTO MORAIS FILHO<sup>2</sup>**

Esse homem de vida e obra multifacetada nasceu em São Luís, capital do Maranhão, em 15 de julho de 1922. José Nascimento Morais Filho não poderia ter desempenhado outra função social senão a de homem engajado que foi, pois advinha de uma família com raízes intelectuais fortes: era filho de um ilustre representante das letras maranhenses, o escritor, professor e jornalista José Nascimento Moraes (1882-1958). É importante acrescentar que suas duas mães, tanto a biológica, d. Francisca da Graça Bogéa, quanto a que o criou desde bebê, d. Ana Augusta Mendes Moraes (chamada de Dona Sinhá), eram ambas professoras de primeiras letras e mulheres cultas. Vivendo em tal seio familiar, dificilmente o poeta escaparia da influência de exercer os ofícios de professor e escritor.

Morais Filho era, portanto, filho de um relacionamento extraconjugal de seu pai com uma jovem aluna de dezoito anos. Essa união produziu mais dois frutos: Raimundo (professor de Matemática) e Talita (escritora e jornalista). Com a esposa oficial, d. Ana Augusta, o velho Nascimento Moraes já tinha quatro filhos: Ápio Cláudio (professor de Matemática), Paulo Augusto (poeta, jornalista e cronista político), Nadir Adelaide (professora de Geografia da Escola Normal; depois proprietária e diretora do Instituto Raimundo Cerveira e do Colégio Ginásio Zoé Cerveira) e João José (escrivão da Polícia Militar).

Ocorre que, com dias de nascido, Morais Filho é entregue por sua mãe biológica à d. Ana Augusta para que o crie. Reza a lenda da família de que, ao ver o

---

<sup>2</sup> As informações biográficas foram obtidas por meio de relatos das três filhas do poeta: Ana Sofia, Eleuses e Loreley. Eu mesma, sendo neta dele e tendo convivido estreitamente junto a ele, acresci a este capítulo minhas memórias.

bebê, ela se apaixonou e dali em diante criou-o sem reservas, como um filho nascido de seu próprio ventre. Em relatos familiares e à amigos íntimos, o poeta sempre disse que sua verdadeira mãe era “aquela que o criou”, ou seja, d. Ana Augusta. Ao contrário de seus irmãos Raimundo e Talita, Moraes Filho não conviveu com d. Francisca Bogéa. Esta, após o término do relacionamento com Nascimento Moraes, volta para Arari, cidade do interior do Maranhão onde possuía família e bens e onde posteriormente contrai matrimônio nos moldes tradicionais, lecionando ali também como professora de primeiras letras.

Quando Moraes Filho contava catorze anos, sua mãe biológica o procurou para conhecê-lo melhor, mas o encontro saiu desastroso, pois o jovem foi enfático ao dizer que sua mãe “era aquela que o criou – d. Ana Augusta” e que não pretendia manter nenhum vínculo familiar ou afetivo com Francisca Bogéa. Dito isto, eles nunca mais se viram novamente. A devoção de Moraes Filho a d. Ana era tanta que seu livro de poesias, *Azulejos*, é todo dedicado a ela e à influência que esta exerceu em sua vida.

Moraes Filho concluiu seus estudos primários na Escola Modelo Benedito Leite e o curso secundário (chamado na época de “ginásial”) no tradicional Liceu Maranhense, onde adquiriu o título de “Líder Anarquista”. O diretor da escola nesta ocasião era seu próprio pai, o professor Nascimento Moraes, e foi este quem o expulsou da instituição. Por esta razão, Moraes Filho teve que concluir seu último ano de ginásio na escola Ateneu Maranhense Teixeira Mendes.

A partir dos dezoito anos, o jovem começa a lecionar Língua Latina e Língua Portuguesa em vários colégios da capital São Luís a fim de se sustentar financeiramente, seguindo, desta forma, o exemplo de seu pai, que também iniciou sua carreira profissional como professor destas disciplinas. Alguns colégios nos quais Moraes Filho trabalhou foram o Colégio Marista e o já referido Ateneu, além de ter sido vice-diretor e fundador do Ginásio Zoé Cerveira, lecionando aí também a disciplina de Educação Moral e Cívica. Em 1950, aos vinte e oito anos, Moraes Filho é aprovado no concurso público para Fiscal de Rendas do Estado, atuando a partir daí nesta função até aposentar-se no início da década de 1980.

Dentre suas muitas viagens pelas cidades do interior do Maranhão atuando como coletor de impostos (era assim que as pessoas o chamavam), Moraes Filho chega à Turiaçu em 1951 e conhece Maria da Conceição Fernandes (1932 -), mais jovem que ele dez anos. Casa-se com ela em 1952, fixando a partir daí

residência no famoso endereço do Beco do Couto, nº 56, Centro. Logo chegam os filhos, totalizando cinco: Ana Sofia (Filósofa), José Nascimento Moraes Neto (Físico); Eleuses (Enfermeira e Jornalista); Renan (Médico Veterinário); e Loreley (Professora da área de Letras / Produção Textual). O poeta também deixou em sua descendência sete netas (Mônica, Natércia, Gruschenka, Mísia, Taryana e Valentina), um neto (Liev) e três bisnetas (Rebekah, Anjali e Nomusa).

Moraes Filho viveu a vida inteira em São Luís do Maranhão em uma casa simples, de porta e janela, localizada na metade da ladeira do famoso e já citado Beco do Couto, endereço imortalizado na seguinte trova:

Moro no Beco do Couto  
Vai quem quer, 56  
Desce com jeito a ladeira  
Que senão, vais de uma vez!  
(MORAIS FILHO, 2022, p.19)

A dedicação às letras e à cultura maranhenses rendeu a Moraes Filho a cadeira de nº37 da Academia Maranhense de Letras (AML) em 1976, cujo patrono é o poeta Inácio Xavier de Carvalho (1871-1944). Ele ocupou também a cadeira de n.º 25 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM) em 1978, cujo patrono é o folclorista Celso Tertuliano da Cunha Magalhães (1849-1879). Motivado por questões éticas – ele não concordava com a forma como essas instituições históricas estavam procedendo naquela época – a partir de 1980 o poeta renuncia às essas cadeiras, respectivamente, desobrigando-se de frequentá-las.

O caso que o motivou a renunciar à AML foi público e notório: no dia 7 de junho de 1979, os imortais da Academia se reuniram a fim de eleger o ex-governador Pedro Neiva de Santana (1907-1984). Moraes Filho protestou porque, segundo ele, “Pedro Neiva nunca escreveu uma linha. Reagi, votei contra e nunca mais pus meus pés lá.” (MORAIS FILHO *apud* TEIXEIRA, 2005, p.194)

É importante dizer, no entanto, que mesmo afastado dessas instituições, Moraes Filho manteve relações de amizade com várias pessoas que pertenciam à AML e ao IHGM, e que essa atitude rebelde de rompimento apenas prova que ele era coerente e fiel a seus princípios, não se deixando corromper por supostas autoridades superiores.

Então, a partir da década de 1980, o poeta que já era reconhecido por versos que clamavam por liberdade, por suas investigações na área da poesia oral e

por seu pioneirismo em pesquisar a vida e obra de Maria Firmina dos Reis (cuja história trataremos mais adiante), tornou-se ecologista, engajando-se em uma nova causa social ao fundar o Comitê de Defesa da Ilha de São Luís em 10 de agosto de 1980. Logo em seguida escolhe um local no Centro de São Luís para fazer seus protestos, o qual fica conhecido como “Canto do Protesto” (localizava-se na Praça Benedito Leite, no canto com a rua Herculano Parga). A motivação? A instalação da fábrica norte-americana da ALCOA em São Luís, que resultou no Parque Industrial do Consórcio de Alumínio do Maranhão - ALUMAR.

Para Moreira (1989), alguns fatores contribuíram para a instalação desta multinacional cujo foco é produzir alumínio e alumina: as reservas minerais da Região Norte, a localização estratégica da Ilha de São Luís e a capacidade portuária para exportação marítima dos produtos; e também por elementos de ordem política: interesses de grupos econômicos locais e estrutura oligárquica associada a interesses de grupos estrangeiros, assim como a intervenção decisiva do Estado, criando todo um conjunto de políticas consoante com os interesses desses grupos, excluindo definitivamente a participação popular.

O Comitê de Defesa da Ilha de São Luís atuou fortemente sob o comando de Nascimento Morais Filho, que conseguiu agregar à sua luta inúmeras personalidades representativas da vida cultural e social deste Estado, até mesmo religiosas. Desde a implantação da ALUMAR em 1980, Morais Filho entendeu que isso traria prejuízos ambientais irreversíveis à nossa região, pois a fábrica lançaria, sistematicamente, poluentes (na forma de resíduos de bauxita) contaminando as águas superficiais e subpericiais da ilha.<sup>3</sup>

A luta pela preservação de São Luís e pela educação ambiental acabou rendendo novas homenagens a Nascimento Morais Filho, como a célebre placa que ele recebeu da ONG Greenpeace em 1992. Ele também conseguiu aprovar, em 1984, junto ao Conselho Estadual de Educação, a resolução de n.º 287/84,

[...] primeiro documento oficial de educação determinando a inclusão da Ecologia como disciplina obrigatória do currículo do 1º e 2º graus não só projetou o Maranhão, colocando-o na vanguarda, entre poucos Estados que se anteciparam à Nova Constituição Nacional, mas também premiou a Profa. Leda Tajra com lugar honroso na nova história da Educação, no Maranhão e no Brasil. [...] Assim, o Comitê, que já se enraizou na alma

---

<sup>3</sup> Sobre a atuação do ecologista Nascimento Morais Filho, a qual se dá de 1980 até sua morte em 2009, é necessário um estudo profundo à parte. Nesta tese não trataremos desse tema por não constituir o foco de nosso trabalho.

maranhense, vai de vitória em vitória arregimentando a opinião pública para a última vitória quando o povo expulsará para as “profundas do inferno” a “grigalhada” invasora e criminosa e com ela, esses que se dizem brasileiros, mas que estão “empautados” com a besta-fera (ALUMARMATA), Vale do Rio Doce (AMARGO) e outras malditas. (CARVALHO *apud* MORAIS FILHO, 1996, p.273-274)

E como bom poeta e agitador social, Moraes Filho divulgava e apresentava à população ludovicense o Comitê de Defesa da Ilha de São Luís e sua luta contra a ALUMAR e VALE em forma de versos. O poema composto em 16 estrofes, cujo título é “Cancioneiro Popular nº1”<sup>4</sup>, do qual extraímos alguns trechos, simbolizam seu eterno ideal e luta pela liberdade, aliado à uma linguagem combativa e irônica, exortando sempre a juventude ao combate:

O Comitê de Defesa  
Da Ilha de São Luís  
É um grito de Liberdade  
Que reboa no país!

- O Comitê deu o alerta:  
- “Alcoa não é uma boa!”  
Todo mundo agora grita:  
- “Fora Alcoa! Fora Alcoa!”

Lá vem o bicho, criança!  
O nome dele é Alumar.  
Grita o teu pai, que te salve,  
Que o monstro vem te matar!

Acorda, jovem! Levanta!  
Vem pra frente, pra lutar;  
Acaso não te envergonhas  
Estar o velho em teu lugar? [...]  
(MORAIS FILHO, 1992)

A atuação maciça de Nascimento Moraes Filho na causa ecológica rendeu-lhe inúmeros programas veiculados pela Rádio Educadora do Maranhão, resultou em várias trocas de correspondências com ambientalistas como Raul Ximenes Galvão, além de trazer novas homenagens como a da ONG Greenpeace realizada em 1992, por Moraes Filho ter sido o primeiro defensor desta causa tão nobre em nosso Estado.

Em 2008 o poeta recebeu do então governador do Maranhão Jackson Lago a Medalha da Ordem dos Timbiras - a mais alta comenda ofertada pelo poder executivo estadual. A comenda destina-se àqueles que se destacaram, de alguma

---

<sup>4</sup> Vide Anexo P.

forma, por seus relevantes serviços prestados ao bem-estar da população ludovicense. Ao longo de sua vida, o poeta recebeu inúmeras visitas, em sua famosa casa no Beco do Couto, de pessoas das mais variadas estirpes sociais, raças e credos, que ansiavam por suas conversas e conselhos e por absorver todo seu amplo conhecimento e suas histórias de tempos passados. O poeta faleceu de insuficiência cardiorrespiratória em casa, no dia 21 de fevereiro de 2009, aos 86 anos.

Com relação a homenagens póstumas, é importante destacar o agraciamento conferido a ele nomeando-o Patrono da 14ª Feira do Livro de São Luís – FELIS, realizada no período de 03 a 12 de dezembro de 2021, cujo título foi “A liberdade nasce na consciência”. Na ocasião, sua neta Natércia Moraes Garrido proferiu a conferência de abertura intitulada “Nascimento Morais Filho: o poeta e o homem em um só clamor”. Houve também, ao longo da programação, um Café Literário com a participação de escritores e pesquisadores maranhenses que conviveram estreitamente com Nascimento Morais Filho. Herberth de Jesus (escritor e jornalista), José Neres (escritor e professor), Deusdedit Carneiro Leite Filho (arqueólogo) e Josemar Pinheiro (jornalista e advogado) pontuaram, nesta mesa-redonda, o trabalho multifacetado do poeta e pesquisador junto à cultura, pesquisa literária, ecologia e arqueologia<sup>5</sup>.

Outro momento essencial da Feira foi o Bate-Papo Literário cujo tema reverenciou o poeta e seu resgate e descobrimento da vida e obra de Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista do Brasil. Na ocasião, os pesquisadores maranhenses Agenor Gomes e Dilercy Adler deram sua contribuição relatando esse feito notável para a história da literatura brasileira. Por fim, Nascimento Morais Filho ganhou um belo cordel do poeta cearense Pedro Sampaio, intitulado *Nascimento Morais, história de pai pra filho: essa que é a história*. É com versos desse cordel que fechamos este capítulo biográfico:

[...] Muitos deixaram seu chão  
Mas Morais nunca deixou

---

<sup>5</sup> Ao longo de suas inúmeras viagens pelo interior do Estado do Maranhão como Fiscal de Rendas, Nascimento Morais Filho coletou objetos pertencentes à pré-história. Segundo o professor e arqueólogo Deusdedit Carneiro Leite Filho (1999), os artefatos colhidos por ele na Baixada Maranhense e na região do Vale do Mearim (pilões, almofarizes, machados) tinham um papel fundamental na vida diária da subsistência das populações nativas que habitaram o Brasil em épocas anteriores à colonização europeia. Assim como a Ecologia, a Arqueologia foi um interesse constante para Morais Filho.

Em São Luís com emoção  
O poeta militou  
Sua obra importante  
Revela esse Gigante  
Por tudo que ele criou. [...]  
(SAMPAIO, 2021, p.8)

## 1.2 A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE NASCIMENTO MORAIS FILHO

A obra de Moraes Filho, como já dissemos, é multifacetada. Como poeta publicou 4 livros: *Clamor da hora presente* (1955), *Pé de Conversa* (1957), *Azulejos* (1963) e *Esfinge do Azul* (1972). Como pesquisador da cultura popular, Moraes Filho publicou o já citado *Pé de Conversa* (logo explicaremos a razão), *O que é o que é* (1972) e *Cancioneiro Geral do Maranhão* (1976). Como pesquisador da literatura maranhense, ele contribuiu enormemente para a historiografia crítica de nosso Estado ao publicar *Esperando a Missa do Galo* (1973), *Maria Firmina – Fragmentos de Uma Vida* (1975) e *Estêvão Rafael de Carvalho* (1987). Falaremos de cada uma delas a seguir com o intuito de ilustrar o fértil percurso literário do autor.

É importante ressaltar que, ao analisarmos detidamente o conjunto literário de Nascimento Moraes Filho, nos deparamos com uma característica muito especial que de uma certa forma – se pudermos dizer assim – facilita o trabalho do crítico literário: a presença de prefácios e posfácios e, nas páginas finais desses livros, uma coletânea de fortuna crítica selecionada e organizada pelo próprio autor.

Os prefácios e posfácios são textos que nos levam a entender toda a gênese do livro que se tem em mãos; e é nesses escritos que conseguimos sentir a alma do escritor, que em sua pena crítica e mordaz relata toda sua árdua jornada de trabalho e publicação em um estado como o Maranhão, no qual artistas em geral – escritores inclusos – dependiam de um espaço nas verbas públicas para custear seus projetos.

Daí que, em quase todas as primeiras edições de seus livros, encontramos nas dedicatórias ou nos prefácios e posfácios os agradecimentos a um governador que possibilitou certa publicação; ou também a uma pessoa que estava à frente de um determinado órgão do Estado voltado para atividades culturais – a exemplo do Departamento de Cultura do Estado ou do já extinto SIOGE - Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado. Extraímos um trecho do posfácio de *Pé de Conversa* para ilustrar o que afirmamos:

E um dia o ex-governador dr. Eurico Ribeiro, a quem ofereço esta obra modesta apesar de volumosa, sem pretensão, mas a primeira que se escreve ou pelo menos se publica no Maranhão, desde que o Maranhão é o Maranhão, espontaneamente prontificou-se a auxiliar materialmente na publicação do meu livro. E veio o auxílio! Mais repercussão causou no mundo ateniense do que o satélite russo no mundo científico! Não era para menos. (MORAIS FILHO, 1957, p.248)

É também nesses textos que Morais Filho desabafa honestamente sobre as críticas que sofria dos próprios conterrâneos intelectuais, especialmente aqueles que não se dedicavam na mesma medida que ele para efetivar seus projetos literários. O poeta não poupava as acusações que recebia, devolvendo-as em um tom ferino:

Vivos mortos que, privados da luz transfiguradora que humaniza os deuses e diviniza os homens, tramam, angustiados pela inveja que os corrói, contra os que se impõem por sua operosidade e seus naturais e superiores méritos! [...] Entrego à minha gente o “Opus I” desta “hora da saudade” ou “pausa para meditação”, convicto de que os “senões”, por acaso apontados, não minimizarão o valor desta obra nem tornarão inútil o esforço de quem sabe que pesquisa não é veleidade ou esnobismo, mas necessidade de conhecimento para a conscientização da cultura. (MORAIS FILHO, 1976, p.8)

No tocante à sua fortuna crítica, podemos dizer que é louvável e no mínimo impressionante que Nascimento Morais Filho tenha se preocupado com a organização e seleção desses textos, que constituem um acervo de análise à parte para qualquer pesquisador. O livro que melhor exemplifica esta percepção é a segunda edição de *Esfinge do Azul* (1996). Na segunda parte, intitulada “Resumo das apreciações sobre Nascimento Morais e sua obra”, encontramos em torno de 140 páginas recheadas de resenhas que ele recebeu em formato de cartas pessoais ou que foram publicadas em jornais da época, além de constar fotos de períodos variados da vida do autor.

Os textos foram escritos por autores, estudiosos e jornalistas de nacionalidades brasileira ou estrangeira, o que ratifica que Morais Filho também foi um autor lido internacionalmente. Exemplo de uma dessas resenhas críticas é a que foi publicada na revista mensal belga *Le Thyrses* nº5 em 01 de maio de 1956 a respeito de *Clamor da Hora Presente*. O autor, Gaston-Henry Aufrère, escreve:

Saúdo no meu amigo um jovem poeta do povo, um desta falange dos escritores progressistas que tem a coragem de suas ideias e escreve a sua mensagem em nome do povo e dos trabalhadores, espoliados pelos

capitalistas. Excita-me como o grito de esperança e de libertação dos oprimidos. Lendo-o pensava em Pablo Neruda, Aragón, Maiakowski, Gianni Ritsos, outros poetas que cantaram a miséria do povo e a revolução social. [...] É a primeira vez que, nos versos de um poeta brasileiro, encontro esta visão áspera e profundamente dolorosa dos trabalhadores exprimida com tal vigor e paixão. [...] (AUFÈRE *apud* MORAIS FILHO, 1996, p.182)

Como explicamos o fato de encontrarmos um conjunto literário tão bem organizado por seu próprio autor? No caso de Nascimento Morais Filho significa ter consciência também do seu legado; ele sabia que seria estudado em algum momento futuro por alguém e não queria que esse pesquisador trilhasse um caminho tão árduo quanto o dele.

É oportuno registrar que, além de ter resgatado uma grande parte da poesia popular maranhense bem como a vida e a obra de outros intelectuais há muito tempo esquecidos – como Maria Firmina dos Reis e Estevão Rafael de Carvalho – Morais Filho foi pesquisador da obra de seu próprio pai, o escritor e jornalista Nascimento Moraes. É ele – o filho – quem organiza a única edição dos *Contos de Valério Santiago*<sup>6</sup> em 1972; e a segunda e última edição disponível do romance *Vencidos e Degenerados*<sup>7</sup>, em 2000.

Como podemos perceber por esta breve introdução, Nascimento Morais Filho não foi um autor comum e isso se dá pela sua extensa atuação no cenário intelectual maranhense, associado a uma conduta em busca de uma verdade pessoal – a dedicação à nossa cultura. A coerência entre coração e mente se coadunou com um compromisso maior: levar conhecimento ao povo.

### 1.2.1 Clamor da Hora Presente (1955)

*Clamor da Hora Presente* foi o primeiro livro de poemas publicado por Nascimento Morais Filho, o que ocorre em 1955, ocasião em que o poeta não integrava mais o Centro Cultural “Gonçalves Dias”, uma vez que este não mais existia.

De uma certa forma, o livro em si já estava pronto para ser publicado alguns anos antes, pois os poemas de *Clamor* foram escritos e declamados na década de 1940, no auge das reuniões boêmias que Morais Filho mantinha com

<sup>6</sup> Os *Contos de Valério Santiago* foram publicados entre os anos de 1940 e 1941, quando Moraes escrevia para a Revista Atenas (do qual também era editor), um suplemento literário do jornal *O Imparcial*, cujo fundador foi o jornalista João Pires Ferreira, seu amigo próximo.

<sup>7</sup> Romance publicado originalmente em 1915.

seus jovens amigos próximo ao Largo do Carmo. Estamos falando de poemas que foram escritos quando o poeta estava na casa de seus 20 anos e a estrutura longa na qual foram compostos demonstra o quão inflamado era seu pensamento e voz. Esses poemas revelam o quanto toda a indignação de uma época se dissolve em um eu lírico rebelde e que luta pela liberdade, altamente perspicaz das injustiças sociais e mazelas humanas.

Em uma entrevista dada ao *Suplemento Cultural* nº47, Nascimento Morais Filho é questionado sobre quando pretende lançar seu livro, já que o Centro Cultural “Gonçalves Dias” tinha uma agenda de publicações literárias de seus sócios que dependiam das verbas recebidas do governo. Sabendo que deveria ser paciente, ele responde: “O meu *Canto da Hora Presente* lançarei em 1950 quando houver uma vaguinha” (DIÁRIO DE S. LUIZ, 1949, p.7)

Em 1950 muitas coisas acontecem na vida do poeta, conforme relatamos em sua biografia, e como percebemos, o título final do livro sofre uma modificação: de *Canto* transforma-se em *Clamor*, o qual cremos é muito mais apropriado e condizente com a essência dos poemas. Vale a pena transcrever um trecho do prefácio da segunda edição de *Clamor*, do ano de 1984, onde o autor explica a gênese do livro:

O CLAMOR DA HORA PRESENTE eclodiu em 1946/47, quando eu andava pelas casas dos 24/25 anos de idade. Há 37/38 anos, portanto. Embora fosse declamado nas minhas boemias pelos botequins da cidade, principalmente no célebre Café Paulista (nos baixos de canto do sobrado onde atualmente está instalada a Câmara Municipal de São Luís), nas escadarias da Igreja do Carmo ou em tertúlias literárias, só veio a luz em letra de forma (assim mesmo os poucos “salvados do naufrágio do Mar do Tempo”) em 1955. Logo, há 29 anos. Antes, parece-me a mim, somente foi estampado na Imprensa o poema “Clamor do petróleo”, escrito em 1947 e publicado em outubro de 1948, no Maranhão, na Revista SACI (nº1, único número), de Lago Burnett e Ferreira Gullar. (MORAIS FILHO, 2021, p.9)

*Clamor* reúne 4 poemas longos, a saber: “Evocação”, “Apocalipse Social”, “Clamor do Petróleo” e “Clamor da Hora Presente”. O tema que percorre este livro é a liberdade e esta se une a outros grandes temas como revolução, consciência social, injustiça e exploração econômica. É nesta primeira publicação que Morais Filho imprime uma marca autêntica à sua escrita poética, a do engajamento social, estabelecendo a partir daí, sua voz reconhecidamente condoreira.

Sobre sua recepção crítica, *Clamor da Hora Presente* alcançou uma extensa e positiva apreciação, tanto de ensaístas locais quanto daqueles

reconhecidos no âmbito nacional e internacional, a exemplo do poeta Carlos Drummond de Andrade e do crítico literário Otto Maria Carpeaux:

Disponho de tão pouco tempo que, em geral, não me é possível responder a correspondências não solicitadas ou agradecer a remessa de livros. Desejo, porém, fazer uma exceção no seu caso, para dizer-lhe que “Clamor da Hora Presente” me inspirou grande simpatia. Agradeço-lhe a oportunidade de entrar em contato com a alma de um poeta realmente generoso; e forte. (CARPEAUX *apud* MORAIS FILHO, 2021, p.39.)

É importante acrescentar que *Clamor da Hora Presente* obteve mais três reedições. A segunda, de 1984, é publicada quando Nascimento Moraes Filho estava no início de sua luta ecológica contra a ALUMAR, na qual o poema que dá título ao livro ganha uma extensão de versos voltados para essa causa social:

[...] - Bestas-feras,  
que fantasiadas de ilusões douradas,  
acenam-vos com Esmeraldas de Esperança!...  
- Alumar de Três Cabeças  
(Billington, Alcoa, Shell)!  
Besta-Fera,  
que mascarada de Progresso,  
Alu-MATA<sup>8</sup> a terra! alu-MATA as águas!  
alu-MATA o ar!  
Alu-MATA  
o Verde!... o Azul!...  
Alu-MATA a Vida!  
Expulsai as Malditas Alcoas!

- Alcoas, alu-matam o corpo!  
- Alcoas, alu-matam a alma!  
Expulsai-as!  
com látigo de vossa ira divina  
- Expulsai-as! Expulsai-as! [...]  
(MORAIS FILHO, 2021, p.25)

Percebemos que o acréscimo de versos ao poema original composto na década de 1950 só confirma que a luta social não tem fim, ela apenas adquire novos contornos – neste caso, a Ecologia. Os versos novos não expressam nenhuma novidade, visto que o eu lírico continua clamando pelo fim das injustiças. A única diferença é que seu alvo de ataque é a multinacional ALUMAR que chegou ao

---

<sup>8</sup> ALUMATA (Alu-MATA) por ALUMAR, assim como USINA DA MORTE, BESTA-FERA, é entre outros os nomes com que o povo maranhense define a Multinacional de Alumínio e assim dela se vingando, aliás chamando pelo seu nome verdadeiro. Daí o verbo ALUMATAR, significando MATAR, ASSASSINAR, DEGRADAR, CORROMPER, etc., no sentido físico e moral. A criminosa ALCOA mudou o nome para Alumar ao associar-se a outras assassinas SHELL/ BILLINGTON. E como os iguais se atraem, juntou-se à Máfia a CAMARGO CORRÊA (AMARGA CORRÊA), esta, brasileira. [Nota do Autor à 4ª edição, de 1992].

Maranhão com promessa de expansão econômica e celeiro de empregos ao nosso Estado, porém mascarou em suas atividades o ato de poluir nosso meio ambiente. Vale a pena reproduzir a fala de Moraes Filho concernente ao prefácio desta segunda edição de *Clamor*, pois ele é enfático e ao mesmo tempo incansável:

Enquanto houver no mundo industriais da miséria e da injustiça, meu clamor estará presente! Bem vivo estarei vociferando com a Juventude, nos “Cantos do Protesto”, nos comícios de praça pública, nas passeatas pelas ruas, pichando as calçadas da cidade, pregando cartazes nas paredes, panfletando de liberdade a alma do povo, guerrilhando contra as Alcoas – “alcoas industriais” e “alcoas humanas”!... “Alcoas da Vida!”... (MORAIS FILHO, 2021, p.10)

A terceira edição de *Clamor* sai em 1992 em um formato internacional: ganha tradução de seus poemas para as línguas inglesa (traduzido pela freira americana Barbara Ann English), francesa (traduzido pelo professor e crítico francês Gaston-Henry Aufrère) e alemã (pelo poeta, professor e revisor maranhense Sá Vale Filho). A quarta e última edição é publicada em 2021, postumamente: organizada pelos familiares de Nascimento Moraes Filho, o livro teve o objetivo de antecipar as celebrações do centenário de nascimento do poeta em 2022.

### 1.2.2 Pé de Conversa (1957)

Em 1957 sai a lume o segundo livro de Nascimento Moraes Filho, *Pé de conversa*. A publicação reflete a influência da cultura popular - lendas, costumes, provérbios, orações, cantorias e conversas com os caboclos do interior do Maranhão. Neste livro o autor compôs 193 trovas de temas variados como superstições, manifestações culturais, reflexões filosóficas, relacionamento entre homem e mulher e relação do homem com a natureza, mas como reza a tradição histórica trovadoresca, as trovas revelam versos principalmente de cunho lírico-amoroso.

A 1ª edição de *Pé de Conversa* contém uma segunda parte, a qual agrega um material bastante extenso com muitas notas formuladas por Nascimento Moraes Filho que explicam a origem das influências para cada uma das 193 trovas compostas. Essas notas funcionam como verdadeiros tratados antropológicos, sociológicos, históricos e linguísticos, constituindo um tesouro para nós,

pesquisadores, já que resultam das próprias pesquisas do autor, fascinado pela cultura popular. Como exemplo deste pensamento, destacamos a seguinte trova:

Com café cru de mil beijos  
meu coração defumei,  
até que veio a fortuna:  
- quando, meu anjo, te amei...  
(MORAIS FILHO, 1957, p.9)

A inspiração dessa trova é explicada pelo autor da seguinte forma:

Das duzentas e muitas orações que até o presente colhi, é a única em que figura o café como elemento mágico. Penso que não se deve a sua presença no nosso folclore por causa de seu valor sócio-econômico, mas como uma das muitas práticas de magia que sobrevivem na nossa sociedade. (MORAIS FILHO, 1957, p.76-77)

Quanto à obra em si, *Pé de Conversa*, foi a primeira vez na literatura maranhense que se publicou um trabalho com uma visão geral do nosso folclore, reproduzindo na escrita dos versos a sintaxe e a pronúncia popular. Sob o ponto de vista da crítica literária, consideramos que essa obra foi bastante revolucionária no sentido de colocar em pauta a oralidade, esta que é uma característica da expressão poética modernista. Ainda mais no Maranhão, que embora já apresentasse vários autores comprometidos com esta estética - era afinal a década de 1950, a década de ouro da literatura modernista maranhense, época em que explodiram muitas publicações em poesia e prosa - grande parte de nossos estudiosos não consideravam a literatura oral / popular algo que valesse a pena se dedicar ou divulgar. Claramente não era o que pensava Nascimento Morais Filho, haja vista que ele também lutou contra esse preconceito.

Na metade da década de 1980 o autor reedita *Pé de Conversa*, porém apenas com as 193 trovas. O objetivo desta edição que não demonstra tanto cuidado estético foi obter, com a venda dos exemplares, algum tipo de financiamento para os custos advindos da manutenção do Comitê de Defesa da Ilha de São Luís. Sabemos que foi diagramado e impresso pela EPIGRAF (São Luís, MA) com arte da capa de Epitácio Filho, mas não sabemos o ano exato de sua publicação.

### 1.2.3 Azulejos (1963)

A primeira edição de *Azulejos* é publicada em 1963 e a segunda, em 2013, ou seja, cinquenta anos depois. Como em todos os prefácios e / ou posfácios dos livros de Nascimento Morais Filho, o texto do autor no início explica a gênese da ideia e a construção desta que é talvez sua obra menos lembrada ou referenciada. De essência genuinamente lírica, com linguagem voltada à oralidade e com focos temáticos dirigidos à infância e à figura universal da mãe, *Azulejos* nasce das lembranças que brotam à mente do autor em meio às suas viagens de trabalho, primeiro em Coroatá e depois em Guimarães, tudo ao longo da década de 1950. *Azulejos* representa,

[...] instantâneos sentimentos!... um álbum que se manuseia carinhosamente e que leva a gente a folhear em pensamento outro álbum que se não viu... a se pensar sem querer... a se pensar sem saber se está pensando... a se pensar sem pensar! [...] e “universalizando” algo da minha, “humanizei” a infância (se me permitem as expressões) e este ente onipresente – mãe – que a exaltação poética “desumanizou” através dos tempos... desta matriarca cujos limites do seu domínio no tempo se não pode determinar com precisão... se se considerar a poderosa influência psicológica que, indiscutível, exerce na formação do caráter, já não só mais no da criança, que obedece, mas já na do homem, que vai mandar... (MORAIS FILHO, 2013, p.9-10)

O autor e jornalista maranhense Erasmo Dias escreve que todas as visões oníricas da meninice do autor e todas as lembranças diluídas no tempo se conjugaram na poesia lírica, com traços de entendimento para grandes e pequenos no seu grande livro *Azulejos* (DIAS *apud* MORAIS FILHO, 1996, p.209).

Sobre o reconhecimento desta obra no futuro, o poeta Nauro Machado escreve que o tempo dará a *Azulejos*, como Nascimento Morais Filho deu à infância, o valor imperecível dos que reconhecem e perpetuam, além do efêmero e perecível, o peso eterno das bênçãos maternas e do reconhecimento divino. (MACHADO *apud* MORAIS FILHO, 1996, p.199)

### 1.2.4 O que é o que é (1972)

No livro de pesquisa *O que é o que é* (1972), Nascimento Morais Filho mostra o resultado de sua coleta de adivinhações e enigmas em viagens ao interior do Estado, em São Luís e arredores e também de dois colégios da época – o Zoé

Cerveira e o Ginásio Nascimento Moraes, este último localizado na cidade de Rosário (MA), distante 71,2 km da capital<sup>9</sup>. O resultado: em torno de 2.000 enigmas populares colhidos diretamente por ele da tradição oral. Para organizar este livro, ele se inspirou na obra *Adivinhas* (1948) do pesquisador e folclorista potiguar Veríssimo de Melo, obra esta prefaciada por Câmara Cascudo. Aliás, Moraes Filho era um grande admirador do antropólogo, historiador e sociólogo Luís da Câmara Cascudo, cuja vida foi dedicada a mostrar a importância da cultura popular e da tradição oral numa época em que se privilegiava a cultura letrada.

Divididas em 10 categorias, que vão desde “Fenomenologia Física” a “Atemáticas”, as adivinhas coletadas se apresentam ora em forma de questionamentos, ora em forma de versos isolados ou ainda em quadrinhas neste livro de quase 300 páginas. Como estamos falando de linguagem popular, é normal que muitos desses enigmas divirtam o leitor, a exemplo deste aqui:

Panelinha de louça fina,  
Concha pequena é colher;  
Quero que você me diga:  
A mulher do galo quem é? (GALINHA)  
(MORAIS FILHO, 1972, p.90)

Ou ainda deste:

Qual a diferença entre a dinamite e um touro morto?  
Resposta: a dinamite estoura e o touro morto é um ex-touro.  
(MORAIS FILHO, 1972, p.267)

De uma forma geral, *O que é o que é* representa uma obra ímpar na literatura maranhense por colocar em evidência um gênero popular que até então nem se pensava que pudesse ocupar as páginas de um livro: as charadas ou enigmas. Mas Nascimento Moraes Filho mostrou mais uma vez aos doutos de sua época que o povo tinha o seu valor e essa cultura merecia ser registrada.

#### 1.2.5 Esfinge do Azul (1972)

A primeira edição de *Esfinge do Azul* é publicada em 1972 com um total de 304 páginas e seu objetivo é: a) celebrar o aniversário de cinquenta anos de

---

<sup>9</sup> Ambos colégios não existem mais.

Nascimento Moraes Filho; b) celebrar os noventa anos de nascimento de seu pai, Nascimento Moraes; c) saudar os cinquenta anos da Semana de Arte Moderna; d) comemorar o sesquicentenário da Independência do Brasil e os cento e quarenta e nove anos do nascimento do poeta Gonçalves Dias. Todas essas informações constam nas páginas que sucedem a folha de rosto do livro, as quais também registram quando e onde ocorreram o lançamento: 23 de novembro de 1972 na Praça do Panteon, ao pé do busto de Nascimento Moraes (o pai do autor). Nesta mesma ocasião houve o lançamento de mais dois livros: *Contos de Valério Santiago*, de Nascimento Moraes (edição póstuma organizada por Moraes Filho), e *Aquarelas de Luz*, poemas de seu meio-irmão, o jornalista Paulo Augusto Nascimento Moraes (1912-1991).

Há dois pontos interessantes a se destacar na primeira edição de *Esfinge*. Um é que ela conta, logo no início, com um representativo ensaio crítico do intelectual maranhense Dr. Bacelar Portela, intitulado “Um estudo da poesia de Nascimento Moraes Filho”. É ele quem apresenta e defende, pela primeira vez, que o tema da liberdade percorre toda a obra do poeta:

O centro temático da poesia de Nascimento Moraes Filho é a liberdade. O mundo com ilimitadas possibilidades, para ele, se determina no sociológico e no histórico. E este último só será lididamente tecido pelo pensamento e pela vontade do homem livre: o mais não será História ou será História espúria. [...] (PORTELA *apud* MORAIS FILHO, 1972, p.18)

O segundo ponto é que, como essa edição é comemorativa do cinquentenário de seu autor e também pretende homenagear seu pai, encontramos pela primeira vez publicado o soneto “Ego sum qui sum”, embora ele tenha sido escrito na década de 1940. Nos versos desse soneto, o eu lírico expressa ter orgulho de suas origens, que sabe ser descendente de pessoas lutadoras e bravas – de verdadeiros “heróis”; são elas que o conduzem das trevas (“umbrais”) à “glória”, impelindo-o a combater seus inimigos, “os vis iconoclastas”. Essa voz poética sabe que não descansará até ver surgir um novo mundo “dos escombros”, livre de opressões, do qual ele tomará parte:

Corre sangue de heróis nas minhas veias;  
 Descendo da nobreza dos gigantes;  
 As flamas das batalhas conservei-as,  
 Forjadas na bigorna dos atlantes!

Atenas – meu brasão!... e das cadeias  
 Olímpicas dos sonhos deslumbrantes,  
 As vertigens azuis arrebatei-as  
 Aureolando-as com os raios dos levantes!

Legionário da glória, dos umbrais  
 Da luz dardejo coruscantes astas  
 Contra o furor dos vis iconoclastas!...

A ressoar as trompas aurorais  
 Formarei novos mundos dos escombros  
 - Carregarei os séculos nos ombros!... (MORAIS FILHO, 1972, p.6)

Notamos que esse poema não possui características modernistas em si. Mesmo com um léxico pleno de referências clássicas, principalmente no tocante a substantivos e adjetivos – “atlantes”, “flamas”, “Atenas”, “olímpicas”, “umbrais” – a voz poética entrega a mensagem em um tom forte e imperioso: honrar aqueles que o precederam (“carregarei os séculos nos ombros”) cumprindo seu papel como “legionário da glória”.

Ainda sobre a primeira edição de *Esfinge do Azul*, encontramos um robusto posfácio do autor intitulado “Do Clamor à Esfinge”, em que ele demonstra um lúcido revisionismo de suas obras autorais até aquele momento. Destacamos suas reflexões bastante críticas sobre o ato de composição de sonetos na década de 1940 em uma terra que ainda não havia se rendido às inovações modernistas. O poeta sabe que sem essa etapa inicial ele não teria escrito, mais à frente, os versos de *Clamor da Hora Presente*:

E sonetos? Quem na década de 1940 deixaria de compô-los? Ainda que ordinários, seria o seu autor recebido com foguetes e banda de música na República das Letras, onde o armavam o Cavaleiro da Ordem do Belo e Sonho!... A nossa geração foi a última geração de sonetistas. Embora começasse a versejar livremente, sem métrica e sem rima [...] a década de 1940 foi-me também de sonetos. Quantos? Não o sei, mas não foram poucos. O certo, porém, entre começados e acabados [...]: 14 ½! Sim, 14 ½ - “saldo bruto” – além de vagas lembranças de outros que para sempre se perderam [...] Jamais teria escrito os “clamores” se não me libertasse do soneto. [...] Acontece que eu compunha soneto, de baixo para cima, isto é, do fim para o começo!... E não se pense que me fosse difícil o processo. (MORAIS FILHO, 1972, p.211-212; 215)

A segunda edição de *Esfinge do Azul* é publicada em 1996 e apresenta como diferencial a tradução dos poemas para a língua inglesa (realizada pela neta do poeta, Natércia Moraes Garrido, que na ocasião contava com 17 anos); e o

acréscimo de uma página intitulada “Pensamentos”, que reúnem 29 aforismos do poeta escritos em diversas ocasiões, a exemplo deste:

Quem sobe sem mérito vive a andar em corda bamba. (MORAIS FILHO, 1996, p.175)

Ou ainda deste:

Melhor ser mal visto mas altivo, do que ser bem visto mas servil. (MORAIS FILHO, 1996, p.175)

Os aforismos aparecem também na primeira edição de *Esfinge*, de 1972, na última seção do livro cujo título é “Polianteia”. Nesta seção configuram um importante recolhimento de várias apreciações críticas da obra de Nascimento Morais Filho publicadas até aquele ano. Cremos já termos comentado anteriormente, mas é sempre bom lembrar do quanto o poeta tinha uma consciência sobre sua produção literária e sobre como se preocupava em organizar seus textos para, quem sabe, algum futuro pesquisador se debruçar neles.

#### 1.2.6 Esperando a Missa do Galo: uma coletânea brasileira de Natal (1973)

Nascimento Morais Filho publica o livro *Esperando a Missa do Galo* em 1973, o qual, até o presente momento, não foi reeditado. Esta é uma coletânea de textos natalinos que abarca um período de cento e cinquenta anos e é fruto de suas pesquisas em jornais e semanários dos séculos XIX e XX. Seu objetivo era reunir textos natalinos de gêneros variados – contos, poemas, autos, hinos e músicas com partituras – que revelassem

um perfil do espírito místico do Povo Maranhense traçado por literatos e artistas maranhenses no período de cento e cinquenta anos, como que (para estar também na “onda”) uma comemoração do “sesquicentenário” do Natal no Maranhão. [...] Sobre os participantes desta coletânea, tanto do passado como do presente, uns são “badalados” até no Vaticano, outros são esquecidos e ignorados até na “Paróquia”! (MORAIS FILHO, 1973, p.453; 455)

Figuram neste livro de quase 500 páginas, portanto, desde textos de autores maranhenses consagrados de outrora, que datam de 1850, a textos de jovens autores maranhenses da década de 1970. Desta forma encontramos

raridades, a exemplo dos poemas “Hino dos Reis Magos” (1850) de Gonçalves Dias, “Noite de Natal” (1903) de Mariana Luz<sup>10</sup>, “Teu presente de Natal” de Nascimento Moraes (pai) e “Canção de dezembro” de Laura Rosa<sup>11</sup>.

No tocante à prosa, destacamos nessa coletânea os contos “A vingança dos Reis Magos” de Humberto de Campos, “Numa véspera de Natal” de Josué Montello e “Esperando a Missa do Galo” do próprio Nascimento Moraes Filho, sendo este seu único texto em prosa ficcional. Outro texto seu que integra esta coletânea corresponde à música “A Canção do Novo Dia” – letra de Moraes Filho, música de Ribamar Fiquene e partitura de Mestre Zequita – composta em julho de 1973 especialmente para esta publicação.

Ainda sobre o conto “Esperando a Missa do Galo”, é oportuno registrar que ele também integra uma outra coletânea de 1972, o livro *Contos Maranhenses*, organizado pela escritora Arlete Nogueira da Cruz que àquela época estava à frente do Departamento de Cultura do Estado. Em 1987, para reforçar sua luta ecológica e a atuação do Comitê de Defesa da Ilha de São Luís, Nascimento Moraes Filho reedita o conto “Esperando a Missa do Galo” pelo extinto SIOGE<sup>12</sup>, incluindo também a música “A Canção do Novo Dia”.

Por fim, como dizemos que as páginas introdutórias, prefácios e posfácios dos livros de Moraes Filho trazem informações importantes, a dedicatória da coletânea *Esperando a Missa do Galo* se dirige à Maria Firmina dos Reis e à celebração de seus cento e quarenta e oito anos de aniversário, “a primeira maranhense que, rompendo o círculo de ferro do preconceito que segregava a mulher da vida literária se tornou a primeira literata do Maranhão: 1ª poetisa, 1ª romancista, 1ª jornalista, 1ª memorialista e 1ª enigmista” (MORAIS FILHO, 1973, p.2).

### 1.2.7 Maria Firmina – Fragmentos de Uma Vida (1975)

---

<sup>10</sup> Mariana Luz (1879-1960); além de professora de primeiras letras em Itapecuru-Mirim (MA), sua cidade natal, foi poeta, cronista, artista plástica, dramaturga e musicista. Ocupou a cadeira de nº32 da Academia Maranhense de Letras.

<sup>11</sup> Laura Rosa (1884-1976): além de professora normalista, foi poeta e cronista. Fundou e ocupou a cadeira de nº26 da Academia Maranhense de Letras.

<sup>12</sup> Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado – SIOGE.

Em um determinado momento de sua vida profissional, entre os anos de 1959 e 1963, Nascimento Morais Filho morou na pequena cidade litorânea de Guimarães (MA) com sua família: a esposa Maria da Conceição e os cinco filhos – José, Ana Sofia, Eleuses, Renan e Loreley. Foi lá pela primeira vez que ele se deparou com o nome de Maria Firmina dos Reis, mas ao conversar com as pessoas inquirindo sobre as origens desta célebre figura feminina, foi informado de que ela havia sido uma grande e respeitada professora no século XIX denominada por todos Mestra-Régia, além de ter sido uma compositora popular, tendo escrito letra e música, por exemplo, de um auto de bumba-meu-boi e de um hino abolicionista.

Anos se passaram e já de volta a São Luís, em 1973, enquanto pesquisava textos natalinos de autores maranhenses em antigos jornais do século XIX nos porões da Biblioteca Pública Benedito Leite, para o que viria depois a se transformar em seu famoso livro *Esperando a Missa do Galo: uma coletânea brasileira de Natal* (1973), Morais Filho se deparou com vários poemas de Maria Firmina dos Reis e textos de recepção crítica concernentes ao romance *Úrsula* (1860), da referida autora. Ele lembrou daquele nome feminino por conta de sua breve estadia em Guimarães uma década antes, mas não sabia que Firmina também havia sido escritora. Daí em diante seu interesse se volta apenas para o ato de desbravar toda a vida e obra desta maranhense, e seus destinos e nomes estarão para sempre entrelaçados na história da Literatura.

Em linhas bem gerais, o que se segue é que Morais Filho enceta uma grande pesquisa sobre Maria Firmina dos Reis, resgatando sua vida e obra para a posteridade. Ele viaja inúmeras vezes à cidade de Guimarães (MA), entrevista pessoas do convívio da autora que ainda estavam vivas, inclusive seus dois filhos adotivos – sr. Leude Guimarães e d. Dolores (Nhazinha) Goulart – além de ex-alunos e ex-alunas da Mestra Régia – e compila grande parte da obra de Maria Firmina – inclusos aí inúmeros poemas e os contos *Gupeva* (1861) e *A Escrava* (1887).

A descoberta literária de Morais Filho, anunciada por meio de uma entrevista ao jornal *O Imparcial* datada de 11 de novembro de 1973 causou um grande rebuliço entre seus conterrâneos intelectuais, ganhando uma boa repercussão nacional, já que “foi reproduzida pela Agência Meridional com penetração em todo o país.” (GOMES, 2022, p.294) E havia um motivo para isso:

Morais Filho desejava descobrir onde estaria o raro exemplar de *Úrsula*, que ele não conseguiu encontrar de jeito nenhum nem em São Luís, nem em Guimarães.

Aqui é necessário fazer uma observação importantíssima: ao contrário do que se pode imaginar, o romance *Úrsula* não foi publicado em capítulos nos folhetins e semanários do século XIX, algo muito normal entre os autores oitocentistas e que faz parte da própria gênese do gênero romance. Segundo Gomes (2022), *Úrsula* teve sua publicação em livro, impresso pela Tipografia do Progresso, localizada em São Luís, cujo dono, Belarmino de Matos, também publicava o jornal *A Imprensa*. É neste periódico que, em 1860, anuncia-se a venda do referido romance, escrito por “Uma Maranhense”, pelo preço de dois mil réis. Com as apreciações críticas que saem a lume em outros jornais da época, a exemplo do *Jornal do Comércio*, logo o nome da autora é revelado.

Mas a resposta para o enigma sobre o paradeiro de *Úrsula* chega a Moraes Filho por intermédio do escritor maranhense Antônio de Oliveira, o qual conhecia também o bibliófilo paraibano Horácio de Almeida, este último o detentor do, ao que parece, único exemplar do já citado romance. Ambos estudiosos moravam no Rio de Janeiro, e é Almeida quem faz chegar às mãos de Moraes Filho “fotocópias do exemplar que ele adquirira anos antes em um sebo, no Rio”. (GOMES, 2022, p.295). Posteriormente, em 1975, Almeida devolve o romance ao governo do Maranhão para que seja reeditado.

Entusiasmado com toda sua pesquisa, Nascimento Moraes Filho consegue reposicionar Maria Firmina dos Reis junto à historiografia crítica literária, denominando-a a primeira romancista do Brasil. Isso significa que *Úrsula* é o primeiro romance a ser escrito por uma mulher. Mas não só isso: a escritora é uma mulher negra, nordestina, cujo discurso abolicionista para a época em si já é um feito extraordinário, algo também pontuado por Nascimento Moraes Filho.

Ciente da grandiosidade de seu feito, o poeta maranhense convoca várias pessoas para compor o que denomina “Equipe da Boa Vontade” a fim de organizar o Sesquicentenário de Maria Firmina dos Reis, o qual foi celebrado em 11 de outubro de 1975<sup>13</sup> simultaneamente em São Luís (MA) e em Guimarães (MA), compreendendo muitas atividades e homenagens, dentre elas a emissão de um

---

<sup>13</sup> Em suas pesquisas, Nascimento Moraes Filho comprova que a data de nascimento de Maria Firmina dos Reis é 11 de outubro de 1825. Esta data é ratificada pela recente pesquisa do autor Agenor Gomes em seu livro *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil*. (vide as referências)

carimbo comemorativo pelos Correios. No mês seguinte, em 11 de novembro, a programação das atividades continuou em São Luís, como a inauguração do busto da autora na Praça do Panteon e a publicação da 2ª edição de *Úrsula*. O ano de 1975 também coincidiu com a comemoração do Ano Internacional da Mulher.

O apoio cultural e financeiro proveniente do governo de Osvaldo da Costa Nunes Freire é fundamental não só para que as atividades do Sesquicentenário aconteçam em 1975, como também para a publicação de *Úrsula*, organizada por Morais Filho e reeditada em um formato fac-similar, contendo inclusive um prólogo de Horácio de Almeida, que dentre suas muitas passagens interessantes, ressalta a importância do trabalho do pesquisador maranhense:

Quem muito vem trabalhando para perpetuar a sua memória na terra natal é o acadêmico Nascimento Morais Filho, que não descansa na tarefa de reunir fragmentos para um volume da obra completa da autora, em edição atualizada. O exemplar único do romance *Úrsula*, existente em meu poder, vai voltar ao Estado de onde saiu. É um prazer que tenho em presentear essa preciosidade bibliográfica ao Maranhão, na pessoa do Governador Nunes Freire, que lhe dará o destino competente. (ALMEIDA *apud* REIS, 1975, p.8).

O dia 11 de novembro de 1975 culmina com a inauguração do busto da escritora na Praça do Panteon e na distribuição de trezentos exemplares da edição fac-similar do romance *Úrsula*. Foi sem dúvida um dia especial:

O discurso de Nascimento Morais Filho abriu a solenidade. No ato, o pesquisador fez a doação do diário de Maria Firmina dos Reis ao Estado do Maranhão, entregando-o ao governador Osvaldo Nunes Freire, médico, negro, que ascendera ao cargo de governador naquele ano. Horácio de Almeida, por sua vez, efetivou a doação do único exemplar de *Úrsula* ao Estado do Maranhão, na pessoa do governador. [...] Sem distribuição nas livrarias de São Luís ou de outras cidades, a edição fac-similar de *Úrsula* ficou circunscrita à distribuição de 300 exemplares durante a inauguração do busto da escritora. [...] (GOMES, 2022, p.298; 304)

O mês de janeiro do ano de 1976 também é singular: publica-se, finalmente, o livro-pesquisa de Morais Filho, *Maria Firmina - Fragmentos de uma Vida*<sup>14</sup> e a 2ª edição, fac-símile, de *Cantos à Beira-Mar* (1871), o livro de poemas de Maria Firmina, ambos sob o patrocínio do governo do Estado do Maranhão. Em

---

<sup>14</sup> O livro já estava pronto em 1975, daí este ano constar na edição. Por questões burocráticas e concernentes à produção gráfica, porém, ele só é lançado em janeiro de 1976.

maio de 1976 o governador Nunes Freire promulga a lei de nº3.754 que institui o Dia da Mulher Maranhense em 11 de outubro.<sup>15</sup>

#### 1.2.7.1 Estruturação do livro Maria Firmina – Fragmentos de Uma Vida

A seguir, explicaremos como está estruturado este livro importantíssimo e que até hoje se apresenta como pioneiro para qualquer pesquisador de Maria Firmina dos Reis, no qual, diante de um extenso recolhimento de material, Nascimento Morais Filho refaz o trajeto da vida e obra da autora. Seu livro-pesquisa, *Maria Firmina - Fragmentos de uma Vida*, está dividido em 13 partes:

1) **Introdução:** onde ele explica como se deu sua pesquisa e fundamenta seus argumentos sobre pesquisa literária e o papel do pesquisador, citando críticos literários como Ezra Pound e Afrânio Coutinho, passando pelo relato da dificuldade de se resgatar a produção literária maranhense;

2) **Apreciações críticas:** onde Morais Filho mostra os textos de recepção crítica coletados em periódicos do século XIX. São 4 textos que enaltecem *Úrsula* e 1 que se refere aos poemas de Firmina.<sup>16</sup>

Nessas apreciações críticas coletadas por Morais Filho não aparece nenhum texto que possa denegrir ou subestimar a escrita de Firmina como algo fútil, inútil ou dispensável apenas por ser mulher. Essa atitude imparcial da crítica do século XIX, praticada pela pena masculina para com um romance escrito por uma mulher, é de fato surpreendente.

3) **Síntese bibliográfica:** neste capítulo, Morais Filho nos dá a biografia e bibliografia da autora; mas não só isso. Ele a situa tanto no âmbito da cultura maranhense quanto no da Literatura Brasileira. É aí que já visualizamos *Úrsula* (1860) como o primeiro romance escrito por uma mulher, estabelecendo Maria Firmina como a primeira romancista do Brasil bem como a primeira mulher a escrever um romance pertencente à estética romântica no Brasil e com discurso abolicionista e sobre a liberdade. O pesquisador também coloca *Gupeva* (conto

<sup>15</sup> Esta data será alterada em 2017 para 11 de março, por meio da Lei nº 10.763 promulgada pelo então governador Flávio Dino. É neste ano que se inicia um movimento de alguns pesquisadores maranhenses que defendem que a data de nascimento de Firmina seja 11 de março de 1822. Como foi comprovado pelas pesquisas de Nascimento Morais Filho e mais recentemente, de Agenor Gomes, essa questão precisa ser revista.

<sup>16</sup> Os textos estão nos seguintes jornais e semanários: *Jornal do Comércio* (04/08/1860), *A Moderação* (11/08/1860), *A Verdadeira Marmota* (13/05/1861), *Jardim dos Maranhenses* (30/09/1861) e *A Imprensa* (19/10/1861).

publicado em 1861, em folhetins) como o segundo texto indianista da Literatura Brasileira (o primeiro é o romance *O Guarani* de José de Alencar, publicado em 1857) e coloca a autora do conto *A escrava* (1887) como a primeira mulher a escrever um texto de ficção abolicionista brasileira;

4) **Cantos à beira-mar:** aqui Morais Filho reuniu alguns poemas de Maria Firmina que havia encontrado na época da pesquisa, novamente em periódicos do século XIX (*Eco da Juventude*, *Semanário Maranhense*, *A Verdadeira Marmota* e *Almanaque de Lembranças Brasileiras*), e que datam da década de 1860. São eles: “Poesia”, “Minha vida”, “A uns olhos”, “Uma hora na vida”, “Não me ames mais”, “Por ver-te”, “Saudades”, “A Constância”, “Dedicação”, “Ao amanhecer o pôr do sol”, “A vida”, “Não me acreditas!”, “Amor perfeito”, “Elvira”, “Hosana”, “T...”, “O canto do Tupi”, “Meditação” e “Aventura”;

5) **Outros acordes:** aqui há mais 8 poemas que foram coletados de outras fontes, no caso o semanário maranhense *Revista Maranhense* e os jornais *O País*, *A Pacotilha* e *O Federalista*. Esses poemas foram publicados entre 1885 e 1903. É importante ressaltar que muitos desses periódicos do século XIX já se encontram parcialmente ou totalmente digitalizados<sup>17</sup>.

6) **Poemas em prosa:** aqui constam os textos “Meditação” e “Página íntima – um artigo das minhas impressões de viagem”, publicados respectivamente em *O Jardim dos Maranhenses* (25/11/1861) e em *O Domingo* (01 e 08/09/1872);

7) **Gupeva - romance:** o que Morais Filho chama de romance a crítica literária chama de novela literária, mas poderíamos considerar até mesmo conto. Ele se refere a *Gupeva* dessa forma pois o jornal *Eco da Juventude*, na época de sua publicação, o chamou de “romance brasiliense”. Nesta parte da pesquisa reproduz-se integralmente a novela indianista, composta de 5 capítulos (possui em torno de 18 páginas);

8) **A escrava – conto:** nesta parte também reproduz-se integralmente o texto ficcional abolicionista, fazendo-se referência ao número 3 da *Revista Maranhense*, revista mensal onde o conto foi publicado (possui em torno de 11 páginas);

---

<sup>17</sup>17 Existe atualmente um *site* que comporta o acervo digital de muitas obras que integram a Biblioteca Pública Benedito Leite. Vide referências.

9) **Enigmas:** Morais Filho encontrou 11 textos em versos de Maria Firmina publicados em periódicos ao longo da década de 1860 que ele denominou de enigmas. Os periódicos *A Verdadeira Marmota*, *O Jardim dos Maranhenses* e *Almanaque de Lembranças Brasileiras* no entanto chamavam esses textos de charadas. São textos curtos, simples e cujos conteúdos se dirigem a procurar respostas para adivinhações românticas, devaneios e assuntos didáticos. Segue o texto abaixo, publicado em 30 de setembro de 1861 em *O Jardim dos Maranhenses*, como exemplo:

Traste mimoso e gentil,  
A que as belas valor dão,  
Quantos importunos lhes falam  
Acham nele distração.  
(REIS *apud* MORAIS FILHO, 1975, p.129)

10) **Álbum:** nesta parte da pesquisa, Morais Filho reúne restos de textos que integravam os diários íntimos de Maria Firmina, os quais obteve junto ao filho adotivo da autora, sr. Leude Guimarães. Este relata o seguinte:

Quando vim para São Luís, depois de sua morte, [...] trouxe muitos manuscritos seus. Eram cadernos com romances e poesias e um álbum onde havia muita coisa de sua vida e da nossa família. Mas os ladrões, um dia, entraram no quarto do hotel onde estava hospedado, arrombaram o baú e levaram tudo o que nele havia. Só me deixaram de recordação os restos desse álbum, que encontrei pelo chão. (GUIMARÃES *apud* MORAIS FILHO, 1975, p.203)

Em geral são textos com impressões melancólicas sobre a vida, lembranças sobre pessoas queridas e de convívio próximo, registros de viagens, nascimentos, mortes e até um texto autobiográfico, conforme consta neste trecho datado de junho de 1863:

De uma compleição débil e acanhada eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida e por consequência, melancólica: uma espécie de educação freirática veio dar remate a estas disposições naturais. Encerrada na casa materna eu só conhecia o céu, as estrelas e as flores que minha avó cultivava com esmero talvez; por isso eu tanto ame as flores: foram elas o meu primeiro amor. Minha irmã...minha terna irmã, e uma prima querida foram as minhas únicas amigas de infância, e nos seus seios eu derramava meus melancólicos e infantis queixumes; porventura sem causa, mas já bem profundos. (REIS *apud* MORAIS FILHO, 1975, p.143)

11) **Composições musicais:** Morais Filho defende que Maria Firmina tem uma grande importância para a cultura maranhense, sendo a primeira mulher

folclorista e compositora de letra e música para auto de bumba meu boi, hinos, uma valsa e canções populares. Nesta parte da pesquisa ele conseguiu reunir tanto fragmentos quanto letras inteiras e partituras dessas composições musicais, as quais obteve por meio de entrevistas com várias pessoas em Guimarães, dentre elas a sra. Maria da Graça Miguez Dias e a sra. Júlia Moreira Miguez:

Para gravar as músicas de Maria Firmina, Nascimento Morais Filho contou com os compositores Antônio Vieira, Lopes Bogéa, Agostinho dos Reis e o maestro José Soeiro (Zequita), reunindo-os em São Luís para a gravação das músicas em fitas cassetes. O maestro José Soeiro desincumbiu-se de transpor todas as composições recolhidas para partituras, que foram publicadas nas páginas do *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. (GOMES, 2022, p.215)

Destas composições, reproduzimos abaixo a letra do fragmento do *Hino à libertação dos escravos*, escrito na ocasião do 13 de maio de 1888:

Salve Pátria do Progresso!  
Salve! Salve Deus a Igualdade!  
Salve! Salve o sol que raiou hoje,  
Difundindo a Liberdade!

Quebrou-se enfim a cadeia  
Da nefanda Escravidão!  
Aqueles que antes oprimias,  
Hoje terás como irmão!  
(REIS *apud* MORAIS FILHO, 1975, p.177)

Além do hino supracitado, constam também o já mencionado Auto de Bumba-meu-Boi, o *Boi Caramba* (afirmado por Morais Filho como “o mais antigo documento de Bumba-meu-Boi de nossa terra”); um fragmento do *Hino à Mocidade*; *Rosinha*; *Canto de Recordação*; *Versos da Garrafa* (uma valsa cuja letra é do poeta Gonçalves Dias e música de Maria Firmina) e *Pastor Estrela do Oriente* (um auto natalino).

12) **Documentos e notas:** esse é um capítulo importantíssimo do livro-pesquisa *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. Aqui Morais Filho relata, explica e mostra (por meio de fotocópias) como realizou sua coleta de dados, como chegou a documentos originais, como checkou as informações obtidas e como se deram as entrevistas com as pessoas que conheceram e/ou conviveram com a autora. Questões biográficas como certidão e lugar de nascimento, processo de aposentadoria, descrições físicas e psicológicas são elucidados nesta parte. E sobre

a fisionomia de Firmina, que depois foi eternizada em busto, o autor enfatiza claramente:

Nenhum retrato deixou Maria Firmina dos Reis. Mas estão acordes os traços desse retrato-falado dos que a conheceram ao andar pela casa dos oitenta e cinco anos: rosto arredondado, cabelo crespo, grisalho, fino, curto, amarrado na altura da nuca; olhos castanho-escuros; nariz curto e grosso; lábios finos; mãos e pés pequenos; meã (1,58m mais ou menos), morena. Ao Flory Gama, notável escultor brasileiro que se reencontra depois de muitos anos, artística e sentimentalmente, com a terra berço na memória rediviva de Maria Firmina dos Reis, a Comissão deu-lhe a liberdade de concepção da figura homenageada. É uma imagem viva por ser espiritual, superior, portanto, a uma realização de feixe de traços mortos. (MORAIS FILHO, 1975, p.263)

Mas é também nesta parte que Moraes Filho defende a ideia de Maria Firmina ser a primeira romancista no Brasil, pois ele fez ampla pesquisa bibliográfica sobre um assunto que até hoje parece não haver consenso:

Se alguém quiser referir-se, assim mesmo acidentalmente, à Teresa Margarida da Silva e Orta será apenas para lembrá-la como a primeira mulher nascida no Brasil a escrever um romance (ou novela), sublinhando-se no entanto, que *Aventuras de Diófanos* (1777) pertence à literatura portuguesa. Até onde pude aprofundar minha pesquisa no plano nacional é Maria Firmina dos Reis a segunda mulher nascida no Brasil a publicar um romance – *Úrsula* – mas *Úrsula* é o primeiro romance da literatura brasileira escrito por mulher, e Maria Firmina dos Reis [...] conseqüentemente a primeira romancista da literatura verde-amarela. (MORAIS FILHO, 1975, p.206-207)

Aqui ainda encontramos o relato de Moraes Filho sobre como o romance *Úrsula* chegou até ele, aquela que narramos no capítulo anterior: que recebeu fotocópias do livro enviado por Horácio de Almeida quando este morava no Rio de Janeiro, cujo contato havia sido feito anteriormente por intermédio de Antônio de Oliveira, amigo de ambos. Lembramos que Almeida era um escritor, jornalista, historiador e bibliófilo paraibano que pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e detinha o livro raríssimo com o qual se pôde realizar a edição fac-similar de 1975, financiada pelo governo do Maranhão.

13) ***Finis coronat opus***: na última parte de sua pesquisa, Moraes Filho agradece a toda uma equipe que não mediu esforços e boa vontade para que todo esse trabalho fosse publicado e para que Maria Firmina dos Reis obtivesse, finalmente, seu devido lugar na literatura maranhense e brasileira. Destacamos seu agradecimento a Celso Coutinho,

que desde os primeiros momentos do nosso descobrimento de Maria Firmina dos Reis não mediu esforços para o mais retumbante êxito dessa jornada cívica que culminou com o haver ele conseguido do Poder Legislativo, encarnado na pessoa do digno Presidente, Deputado Alexandre Colares Moreira, os recursos financeiros para a confecção do busto de nossa conterrânea ilustre e também o projeto [...] considerando o dia 11 de outubro o DIA DA MULHER MARANHENSE. (MORAIS FILHO, 1975, p.242)

Morais Filho agradece também ao escultor Flory Gama, autor do busto de Maria Firmina, a Horácio de Almeida “pelo seu espírito de renúncia” e a tantos outros que dedicaram seu tempo e vontade para que as Comemorações do Sesquicentenário de Nascimento de Maria Firmina dos Reis pudesse acontecer.

A relação entre Nascimento Moraes Filho e Maria Firmina dos Reis, que consideramos intrínseca, inquestionável e indissociável, só se percebe de forma muito restrita à pesquisa acadêmica, aos artigos, às dissertações e às teses. Quando a referida autora é veiculada na mídia, o nome de seu descobridor se perde e não compreendemos a razão desse apagamento. Em pleno século XXI, em 2022, no ano que vários pesquisadores escolheram celebrar o Bicentenário da escritora Maria Firmina dos Reis e no ano em que celebramos o Centenário de nascimento do escritor Nascimento Moraes Filho, existe uma narrativa que deve ser resgatada por constituir-se em um capítulo fundamental para a história literária brasileira, além de estar associada aos próprios meandros e ética acadêmicas, que é a seguinte:

Maria Firmina dos Reis, primeira romancista do Brasil, primeira escritora negra do Brasil, autora do primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, foi descoberta pelo escritor e pesquisador maranhense Nascimento Moraes Filho em 1973. Devido a seu pioneirismo, aos inúmeros esforços de um pesquisador que lutou também para dar voz, vez e lugar a uma mulher negra não só no cenário intelectual maranhense mas junto ao cenário nacional, hoje podemos ter o privilégio de pesquisar, ler e estudar a vida e o legado que esta autora nos deixou.

#### 1.2.8 Cancioneiro Geral do Maranhão (1976)

Como o próprio Nascimento Moraes Filho comenta em seu prefácio, o livro *Cancioneiro Geral do Maranhão* (1976) registra a coleta de mais ou menos 2.800 trovas da tradição escrita, um trabalho hercúleo feito pelo autor ao pesquisar em jornais maranhenses no recorte temporal compreendido entre 1822 e 1922. São

eles: *Avante*, *O Federalista*, *Pacotilha*, *Diário do Maranhão* e *O País*. Segundo Morais Filho, *Cancioneiro Geral do Maranhão* dá continuidade ao seu projeto de editar a Enciclopédia do Folclore Maranhense, a qual foi iniciada em 1972 com a publicação de *O que é o que é*. É nesse prefácio que também observamos a dimensão de como ele executava suas pesquisas:

Seis ou oito horas diariamente, sem pensar em tempo de almoço e de jantar, curvado sobre coleções entranhadas de poeira secular do Diário Público da Enigmática Sociedade Anônima – O POVO – no porão da Biblioteca Benedito Leite, agora célebre por haver eu descoberto a “primeira poetisa da Literatura Maranhense”, a “primeira romancista da Literatura Brasileira” e um dos mais notáveis educadores do Brasil (fundou a primeira escola mista no Maranhão): MARIA FIRMINA DOS REIS, cujo feito surpreendeu o Brasil, reviveu em nossa terra e fora dela suas gloriosas tradições e proporcionou aos maranhenses o espetáculo inédito de uma ressurreição! (MORAIS FILHO, 1976, p.7)

Goldstein (2008) define as quadrinhas como poemas de quatro versos que geralmente desenvolvem um conceito relativo à filosofia popular. As trovas de *Cancioneiro*, em sua maioria com temática lírico-amorosa, compõem as 160 páginas do livro e, para ilustrar o conceito já explanado, transcrevemos a seguinte:

Como a pequena rolinha,  
Que voa, em busca de par;  
A minha alma, moreninha,  
Vive sempre a te buscar.  
(MORAIS FILHO, 1976, p.43)

Em muitas trovas notamos a presença recorrente de elementos da natureza que são usadas como efeito de comparação para as dores de amor ou para retratar os costumes populares, bem como as superstições do povo. Sobre a estrutura das trovas, o que mais salta aos olhos é o domínio da rima, e por isso mesmo elas soam melhor quando lidas em voz alta. O tipo de rima predominante é a alternada e externa, como no esquema ABAB da trova acima (“rolinha”/”par”/”moreninha”/”buscar”).

No prefácio de seu livro *Trovas Populares Brasileiras*, Afrânio Peixoto (1919) nos lembra que a quadrinha popular é a nossa mais elementar forma de arte e compõem-se de quatro versos, de sete sílabas métricas, com acento na terceira e última. Suas duas rimas raramente são perfeitas, sendo às vezes apenas toantes, expressando um estado fugitivo da alma, um demorado aperto de coração, desejo,

queixa, agrado, malícia e juízo, comunicados a outrem com sinceridade e com simplicidade. “Não é mais que isso e é tudo, e pode ser maravilhoso” (PEIXOTO, 1919, p.17).

Em *Cancioneiro*, percebemos que todas as trovas coletadas por Morais Filho se encaixam no conceito supracitado. Quanto às trovas com rimas imperfeitas, o poeta maranhense as chama de trovas de “pé quebrado”, como a que segue abaixo:

Água parada tem limo,  
Pena velha tem cascão,  
Amor velho tem raízes  
No centro do coração.  
(MORAIS FILHO, 1976, p.61)

E também nessa:

A perdiz pia no campo  
Comendo o seu capinzinho;  
Quem tem amor anda magro,  
Quem não tem anda gordinho.  
(MORAIS FILHO, 1976, p.101)

Como percebemos neste capítulo cujo enfoque é a produção literária de Nascimento Morais Filho, assim como outros pesquisadores brasileiros, o poeta maranhense valorizou bastante nossa cultura popular realizando um sério e grande trabalho de pesquisa, o qual resultou em três livros. *Cancioneiro Geral do Maranhão* é sua última publicação nesta seara – a da tradição oral.

#### 1.2.9 Estevão Rafael de Carvalho (1987)

Outro autor que Morais Filho trouxe à luz com suas pesquisas foi Estevão Rafael de Carvalho (1808-1846). Carvalho era Bacharel em Matemática, catedrático de Comércio do Liceu Maranhense, poeta, jornalista, orador e político, cujo discurso em defesa da liberdade rendeu-lhe muitas perseguições em um período da História do Brasil marcado pela eclosão de revoltas e levantes: o Período Regencial (1831-1840). Conforme narra o historiador Dunshee de Abranches, ele foi

antes agitador do que parlamentar. Apesar de seu belo talento e da sua variada ilustração, não conseguiu impor-se às simpatias e ao respeito de

seus pares, limitando-se a formular projetos com ideias bizarras e a fazer discursos satíricos, que lhe granjearam mais desafetos que admiradores; e ao regressar a São Luís, onde conquistara grande popularidade, fundava o *Bem-te-vi*, folha liberal exaltada, em que se esgrimia bravamente com os “caramurus”, sucessores dos “corcundas”, que lançavam contra ele o “Caçador de Bem-ti-vi”, acusando-o de fomentar com João Lisboa, Pires de Castro e outros, as revoltas, que começavam a surgir aqui e ali por todo o interior da Província, até produzirem a explosão sangrenta da “Balaiada”. (ABRANCHES *apud* MORAIS FILHO, 1987, p.6)

A fim de homenagear este “notável entre os notáveis da vida do Maranhão e personalidade[...] lendária da história da liberdade individual e pública” (MORAIS FILHO, 1987, p.2), Nascimento Morais Filho publica o livro *Estevão Rafael de Carvalho*, no qual consta a vida e obra deste autor, com ênfase no resgate fac-similar das edições do jornal *O Bem-te-vi* editado em 1838 por Carvalho (de 30 de junho a 06 de outubro de 1838, mais precisamente), cujos editoriais de teor satírico tanto inflamaram a parcela liberal da sociedade da época a clamar por liberdade e levaram as classes populares a lutar por melhores condições de vida.

#### 1.2.10 Outros textos

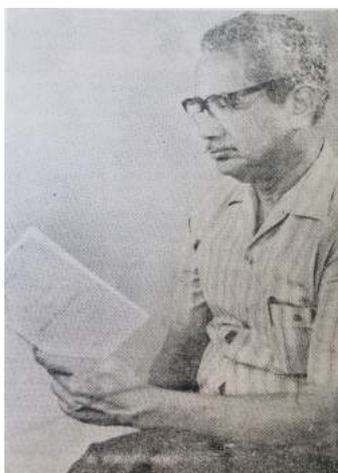
Para além de todos esses livros, Morais Filho também escreveu inúmeros ensaios, artigos e resenhas críticas para jornais: contribuiu para o *Suplemento Comemorativo do Centenário da Morte de Gonçalves Dias* no Jornal *O Dia* (1964); escreveu uma resenha crítica sobre o livro *A grande música do Maranhão*, de João Mohana (1975, Jornal Pequeno); escreveu um ensaio sobre o livro *O teatro do Maranhão*, pesquisa de José Jansen (1975, para o jornal *O Estado do Maranhão*). Além disso, publicou muitos artigos ecológicos e ambientais do movimento do Comitê de Defesa da Ilha de São Luís, compreendendo o período de 1981 a 2000, para os jornais *Pequeno*, *O Imparcial*, *Debate* e *Tribuna*. Sua luta pela Ecologia e pela conscientização ambiental lhe rendeu espaços de discussão na Rádio Educadora com o programa *A Lei é Para Todos*.

Neste capítulo dedicado ao resgate crítico da vida e obra de Nascimento Morais Filho, pontuamos que a memória e o legado deste intelectual que muito contribuiu para a cultura maranhense permanece mais vivo do que nunca na crítica e historiografia literária, tanto no âmbito local como no âmbito nacional.

Em um momento especial de sua vida, ao celebrar seus 70 anos de idade em 1992, o poeta maranhense recebeu muitas homenagens e relatos de pessoas

amigas que conviveram com ele, rememorando-o com carinho e demonstrando respeito a seu trabalho. Nesse sentido, reproduzimos abaixo um trecho do texto escrito para esta ocasião pela escritora Arlete Nogueira da Cruz (2006), pois fazemos nossas as palavras dela:

José Nascimento Morais Filho é, sem favor, uma das mais fortes e importantes personalidades do século XX no Maranhão. Há mais de 40 anos ele vem exercendo uma práxis, na verdadeira acepção desta palavra. Seja ela através de ações que não se restringem aos movimentos artísticos que liderou ou tomou parte nos anos 40, mas que se expandiram com vigor e coragem na defesa da ecologia maranhense a partir dos anos 70; seja através de pesquisas de folclore e literatura, descobrindo e divulgando valores de nossa cultura, como o da romancista Maria Firmina; seja, afinal, como poeta, clamando a favor das liberdades individuais e da justiça social. Figura proeminente junto aos movimentos culturais que abriram alguns caminhos para nós, Zé Morais está chegando ao século XXI com a mesma disposição de luta, a mesma sinceridade e a notável coerência de vida que fazem dele um raro ser humano e um intelectual de estirpe, além de amigo exemplar. (CRUZ, 2006, p.75-76)



**Figura 2:** Nascimento Morais Filho aos 50 anos na época de lançamento da primeira edição de *Esfinge do Azul* (1972)

Nos capítulos seguintes, adentraremos efetivamente na História e historiografia literária maranhense compreendidas no recorte temporal entre 1936 e 1976. O propósito é realizar uma abordagem dos aspectos históricos significativos ao mesmo tempo em que inserimos e analisamos criticamente a produção poética deste período, focando sempre na trajetória literária do autor estudado nesta tese: Nascimento Morais Filho. Esperamos com a exposição que faremos a seguir, elaborar uma narrativa mais atualizada sobre o Modernismo no Maranhão.

## 2 O MARANHÃO: DOS PRIMÓRDIOS RUMO AO MODERNISMO

A segunda parte deste estudo almeja refletir sobre a historiografia literária maranhense compreendida no recorte temporal entre 1936 e 1976, abordando aspectos históricos significativos bem como analisando a produção poética deste período com enfoque na obra de Nascimento Morais Filho. A justificativa de resgatarmos esta época em específico se deve ao fato de que ela representa o momento em que o Modernismo adentra de vez no Maranhão. Por isso faz parte de nossa proposta também perscrutar como se origina e como se consolida a referida estética em nossa literatura, com enfoque na poesia.

O Maranhão é uma terra bastante profícua de poetas e entendemos que o nosso Modernismo, embora tardio, se dá em dois momentos: primeiro, em fins da década de 1880, com a poesia de Sousândrade representada pela obra *O Guesa*; e segundo, em 1948, com Bandeira Tribuzzi e a publicação de seu livro *Alguma Poesia*, recepcionado pela crítica local como uma obra ousada por empregar recursos poéticos inovadores, bem distantes do que se costumava ver na produção local, extremamente absorvida pelas estéticas simbolista e parnasiana.

Viver sob a égide de um patrono das letras como Gonçalves Dias não é fácil e muitos grupos literários que surgem no século XX reivindicam para si esta nobre influência. Dos anseios pela “renovação”, vocábulo muito usado no discurso de grupos literários que despontam até a década de 1940 e passando pelos “agitos culturais”, chegamos ao eterno “resgate” da ideia de Atenas Brasileira. Ao analisarmos sobre como se produz literatura no Maranhão, nos deparamos com uma pergunta: como romper com um passado glorioso tão presente em nossa história literária?

Para receber as inovações nas artes e nas ciências que o século XX traria, antes o maranhense precisou lutar para vencer e trabalhar em sua própria terra, que recebeu a marca da decadência logo que raiou o dia seguinte à abolição da escravatura, haja vista que era um Estado eminentemente agroexportador, portanto refém da mão-de-obra escrava. Aqueles que não aguentaram a luta na província e a escassez de oportunidades, foram embora, e com razão<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Coelho Netto (1985) explica que a decadência econômica maranhense vinha de muito antes da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República, pois as grandes fazendas produtoras de

Os que ficaram, se esforçaram muito diante da inexistência de suporte intelectual, principalmente quando não carregavam sobrenomes ilustres ou pequenas heranças que pudessem dispor para estudar em Recife ou no Rio de Janeiro, destinos recorrentes dos filhos desta terra. Aos de origem humilde, cuja única arma era sua força de vontade, o destino reservava estudos até o segundo grau, quando muito. Depois, continuavam como podiam e à sua maneira, percorrendo o caminho do autodidatismo ou se submetendo às rédeas do apadrinhamento político para conseguir um emprego.

Diante de uma perspectiva desoladora nos âmbitos social e econômico, como pensar que os ventos modernistas pudessem aportar no Maranhão? Como os intelectuais desta terra, tentando vencer suas próprias batalhas por sobrevivência, conseguiriam compreender as ideias de ruptura advindas de tão longe quanto o eixo Rio - São Paulo? Como o evento da Semana de Arte Moderna teria ressonância aqui se nem compreendíamos muito bem esse tal Modernismo?

Primeiramente era necessário criar condições de desenvolvimento no Estado, planejando um futuro mais palpável e realista, longe dos sonhos do passado. É só assim que, em fins da década de 1930, o Maranhão consegue estabelecer os primeiros passos rumo à uma certa estabilidade econômica e política que puderam criar um cenário mais favorável à produção literária, não sem, é claro, enfrentar turbulências de toda sorte, como veremos em nossa análise. Ainda assim, é um início que vislumbra mudanças e participação mais ativa de nossos representantes intelectuais.

À medida que fomos construindo a narrativa desse pano de fundo histórico, social, político e econômico, exibiremos um panorama da literatura maranhense pertinente a cada momento temporal, a fim de entender melhor como se moderniza o olhar de nossos poetas e como a poesia, enquanto gênero literário, consegue caminhar com pernas mais independentes e menos saudosistas da Atenas Brasileira. Acrescentaremos a cada um desses momentos históricos a

---

algodão e açúcar sofriam constantemente de ataques de ladrões de gado, fuga de escravos e falta de investimentos dos donos. Houve um “surto industrial” de fábricas têxteis a partir da década de 1880, das quais as mais importantes se localizavam em Caxias e posteriormente em São Luís, a exemplo da Fábrica de Fiação e Tecidos Industrial Caxiense e da Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil (a maior de São Luís). A outra atividade econômica que predominou largamente no Maranhão – de antes e depois da República – foi o comércio. Restava ainda o funcionalismo público, mas na Primeira República maranhense, com exceção dos poucos concursos para o exercício do magistério, para trabalhar em algum órgão era necessário a indicação de um político ou de alguém da elite.

própria trajetória literária do poeta Nascimento Morais Filho, haja vista que sua obra constitui o foco deste trabalho.

## **2.1 O estágio inicial: de 1936 a 1945**

Entendemos que o desenvolvimento econômico e os investimentos que levam à modernização influenciam grandemente no próprio desenvolvimento cultural de uma sociedade. No intuito de buscar a razão pela qual o Maranhão não conheceu amplamente ou teve um contato mais aprofundado com o movimento literário modernista que, na década de 1940 já havia se consolidado em uma boa parte do país, mais especificamente no eixo Sul-Sudeste, teremos que recorrer um pouco à história de nosso Estado e do Brasil.

Para obter algumas explicações sobre esse suposto descompasso literário, que de uma certa forma, também implicava em um atraso de proporções políticas e econômicas nesse Estado, precisamos recuar ao período histórico conhecido como Estado Novo (1930-1945) e como ele se apresentou no Maranhão. Alguns historiadores apontam que foi com o governo de Paulo Ramos (1936-1945), funcionário do Tesouro Nacional, o qual havia morado muitos anos fora daqui, que o Estado alcançou um maior desenvolvimento econômico e maiores investimentos em muitos setores do âmbito social.

Conforme Lima (2010, p.139), Paulo Ramos foi eleito de forma indireta pela Assembleia Legislativa após uma crise política, em que seu antecessor, o governador Aquiles Lisboa, havia sofrido uma espécie de impeachment em forma de traição partidária após um ano governando o Maranhão. Sob a ação conciliatória e influência do então presidente Getúlio Vargas, este indica Ramos em 1936 para assumir o cargo de governador, que se transforma em Interventor Federal no ano seguinte, em 1937, após o efetivo estabelecimento do Estado Novo em que Ramos, como tantos políticos brasileiros, apoiam o chamado “golpe branco” de Vargas e permanecem no poder. Mário Meireles diz que:

Os nove anos (15.08.1936 – 23.03.1945) da administração Paulo Ramos, neles incluídos aquele primeiro como governador, foram, sem dúvida, dos mais profícuos e progressistas que já desfrutou o Maranhão que, por fim, depois dos muitos atropelos por que passara desde a Revolução de 30, com exceção única do breve governo de Serôa da Mota, entrava em um período mais ou menos longo de paz e desenvolvimento. (MEIRELES, 2001, p.336)

Foram muitas as realizações de Paulo Ramos ao longo de seu governo, dentre as quais destacamos a execução de um plano rodoviário englobando todo o Estado, um plano urbanístico mais moderno para a capital São Luís, a reforma do Palácio do Governo (o Palácio dos Leões) e inúmeras construções de prédios públicos que estão ativos até hoje, como o Fórum Clóvis Beviláqua, sede do Poder Judiciário; o Palácio da Educação, que na época abrigou o Liceu Maranhense e a Escola Normal; a Maternidade Benedito Leite, Hospital Infantil, Hospital Psiquiátrico Nina Rodrigues e o Mercado Central.

Além de tudo isso, Meireles (2001, p.337) pontua a criação do Banco do Estado do Maranhão (hoje já extinto), da Rádio Timbira (ainda atuante) e da Fundação Paulo Ramos, esta destinada a manter as duas únicas escolas superiores que existiam - a de Direito e a de Farmácia e Odontologia. E mais, “tudo isto se fez sem sacrifício para o Estado que, no período, viveu uma fase de relativo desafogo, com seus compromissos rigorosamente em dia, devido à intransigente política financeira e fiscal adotada.” (MEIRELES, 2001, p.337)

No que tange ao rigoroso saneamento das contas públicas estaduais, Paulo Ramos é quase uma unanimidade entre os historiadores maranhenses, e ele é muito lembrado por esse período de grande desenvolvimento econômico aqui; no entanto, é importante ressaltar que, sua atuação como Interventor Federal em um contexto político ditatorial traz à baila histórias de perseguições e vaidades também. Segundo o historiador maranhense Carlos de Lima,

Paulo Ramos foi autoritário, rancoroso; adorava os bajuladores (ele também bajulador), que encontrou fácil e em grande número entre nós [...] vivia em permanente estado de tensão, desconfiado, a descobrir e imaginar desrespeitosas alusões, atitudes suspeitosas, o que num Estado policial garantia ao infeliz indigitado toda sorte de vexames, prisões públicas e espetaculosas, para gáudio de seu chefe de polícia Flávio Bezerra, célebre pela desfaçatez com que explorava às escâncaras o lenocínio[...] (LIMA, 2010, p.139-140)

Lima narra neste livro um caso ocorrido em sua família: seu tio José Nava Rodrigues até era amigo de Paulo Ramos em tempos passados, mas não se sabe como viraram desafetos. O interventor mandou prender José Nava pelo motivo torpe de ter dito algo desrespeitoso à sua esposa, d. Nazaré, algo que foi mal entendido e que culminou na prisão de Nava, sendo depois transferido para a Penitenciária do Estado onde, nesta época, também funcionava um manicômio; ficou lá por 10 dias

até ser liberado. O próprio Lima diz que seu tio era sarcástico e fazia grandes críticas ao governo, e acredita na hipótese de intrigas feitas por bajuladores do Interventor contra Nava; isso sim justifica muito mais a detenção que sofreu. De todo modo, a alusão a esse fato familiar por Lima nos lembra que um governo como o de Ramos, mesmo tendo sido progressista em vários âmbitos, também se faz sob o olhar histórico-crítico de opositores.

Sobre as arbitrariedades do governo Paulo Ramos, em detrimento de todos os seus empreendimentos para modernizar o Maranhão, Benedito Buzar, outro historiador maranhense, corrobora com Lima ao dizer que o Interventor “deu vazão às mais torpes demonstrações de arbítrio e de autoritarismo, perseguindo e prendendo os que não rezavam pela sua cartilha, toda ela estribada no obscurantismo da ditadura de Vargas” (BUZAR, 2014, p.45)

Um dos primeiros atos administrativos de Paulo Ramos como Interventor foi, é claro, adotar a orientação da Carta Constitucional instituída em 1937 com o golpe de Getúlio Vargas, e dentre as várias suspensões de direitos já adquiridos, todos os estados do Brasil perderam sua Bandeira e Hino, símbolos de autonomia federativa. Com o Maranhão não foi diferente, mas é importante ressaltar que foi o poeta Sousândrade (Joaquim de Sousa Andrade) quem concebeu e realizou o símbolo da bandeira de nosso Estado, adotada por meio da Lei nº 416 sancionada em 27 de agosto de 1906. Já o hino do Estado teve sua melodia composta pelo grande maestro Antônio Rayol, com letra de outro famoso historiador maranhense, Antonio Barbosa de Godóis (também um dos fundadores da Academia Maranhense de Letras), instituído por meio da Lei nº 562 datada de 30 de março de 1911. (COELHO NETTO, 1985, p.319).

E como se apresentava o cenário intelectual e artístico-literário nesses anos de intervenção federal? Há um fato interessante para este estudo e que se insere neste período: o poeta e músico maranhense Catulo da Paixão Cearense (1863-1946), que já morava há décadas no Rio de Janeiro, recebeu uma atenção especial do presidente Getúlio Vargas em 1941, em que este lhe concede um aumento na aposentadoria, reconhecendo neste gesto muito menos a função de datilógrafo no então Ministério da Aviação, exercida em períodos irregulares por Catulo, e muito mais por sua contribuição para a cultura brasileira. (RODRIGUEZ, 1995, p.41) Sobre este fato, o pai de Nascimento Moraes Filho, o jornalista

Nascimento Moraes, escreveu na época ser merecido, exaltando a importância de Catulo para a poesia brasileira:

Catulo da Paixão Cearense tem as virtudes brutais das nossas brenhas e dos nossos descampados. Dentro de sua alma estão todas as sensações, todas as volúpias, todas as cóleras, todas as ternuras, todas as nascentes, todos os ocasos da alma invicta, da alma múltipla de nossa nacionalidade. (COELHO NETTO, 1985, p.324)

No tocante ao avanço na cultura e educação maranhenses, o governo Paulo Ramos, como já citamos anteriormente, inaugurou em 1941 o Palácio da Educação,

um belíssimo prédio moderno para o velho Liceu Maranhense, de quem se disse com muita justiça, representar o passado glorioso do Maranhão, esse passado que há sido até hoje a sua rebrilhante glória imortal, a sua augusta e fascinadora coroa de nune das letras brasileiras. É uma das grandes tradições do Maranhão, fundado sob os auspícios de Sotero dos Reis, o seu primeiro diretor e autor de sua organização. (COELHO NETTO, 1985, p.325)

O início da década de 1940 continuou trazendo benfeitorias econômicas ao Maranhão, apesar do Brasil ter sido afetado pelos efeitos da II Guerra Mundial. O título de Terra do Arroz vem desse período, consagrando sua importante produção agrícola. O saldo do governo Paulo Ramos, que finaliza ao mesmo tempo em que nosso próprio país se dirige novamente à democracia, em 1945, consolida dados positivos na organização e administração no aparelhamento do Estado, com muitas realizações na parte urbana de São Luís, incluindo-se aí os serviços públicos, educação e saúde. Conforme Coelho Netto,

Paulo Martins de Souza Ramos deixa o governo do Maranhão no início de 1945, no mês de março, ainda se elege Deputado Federal mas não continuaria na carreira política, pois tudo indica que a sua vocação maior era o gabinete, a ordem, a disciplina, a cobrança e a aplicação a que se acostumara a fazer na brilhante carreira por ele exercida no Ministério da Fazenda. (1985, p.329-330).

## **2.2 Um olhar sobre a produção literária deste período**

Antes de comentarmos sobre algumas tentativas de produção poética que propunham se libertar, ainda que momentaneamente, da força das estéticas parnasianas e simbolistas predominantes, é necessário lembrarmos da importância

do poeta maranhense Sousândrade, o qual apenas em 2022 foi homenageado com um busto na famosa Praça do Panteon em São Luís (MA).

No início deste capítulo nos referimos à poesia de Sousândrade como catalisadora para um sentimento modernista e de renovação que perpassou pelo Maranhão em fins do século XIX e começo do século XX, apesar da decadência econômica enfrentada pelo estado na Primeira República. É este poeta, autor de *O Guesa*, que de uma certa forma insere as ideias republicanas, do qual era muito entusiasta, no novo momento político vivido aqui, idealizando inclusive a construção de uma universidade.

Como todo poeta visionário, Joaquim de Sousa Andrade previu que só seria lido e admirado cinquenta anos depois de sua morte: praticamente acertou na mosca, pois só a partir do lançamento da *Poesia Concreta* (1956), o poeta passou a ser estudado e a fazer parte de um seleto grupo de poetas indicados por Augusto de Campos e Haroldo de Campos como revolucionários e vanguardistas. (BRASIL, 1994, p.35)

Para os irmãos Campos, “as falhas atribuídas ao poeta eram antes limitações e defasagens de perspectivas da crítica colocada em face de inovações premonitórias, que só a evolução posterior da poesia iria sancionar” (BRASIL, 1994, p.35). A linguagem poética de Sousândrade de fato desborda dos quadros do Romantismo, pela invenção vocabular, pela ousadia crítica dos temas. Uma “obra em progresso” feita durante décadas de aprimoramento estilístico, erudição e monumentalidade, em meio a poetas e obras modestas. (BRASIL, 1994, p.36)

Sob a perspectiva crítica de Nauro Machado em seu *Tempo Ladeado* (1973), a poesia maranhense de qualidade e de permanência atemporal do século XX começa com Sousândrade, “cuja figura excêntrica serviu de motejo e escárnio aos saoluizences do seu tempo, aqui comendo do pão que o diabo amassou”. Para o crítico, o poeta cantou com visões de profeta e linguagem de visionário o poema “Novo Éden”, cheio de um novo mundo, coirmão daquele por ele sonhado para a realização terrena e política do republicanismo que lhe acalentou e sustentou os últimos anos de vida.

O “Novo Éden” é um longo poema dividido em 7 cantos que correspondem aos 7 dias da Criação, ao qual o autor chama de “poemeto da adolescência”, tendo-o escrito entre os anos de 1888 e 1889 e publicado em 1893. Segundo Moraes (*apud* SOUSÂNDRADE, 1979, p.XVI), o poema totaliza 3.508

versos. A ideia central destes versos é exaltar o ideal republicano por meio de uma alegoria, fazendo referência à própria Criação divina. Sousândrade era declaradamente republicano e acreditava que o homem só seria livre sob essa forma de governo. No trecho abaixo, referente ao Canto 7 ou ao Sétimo Dia, o eu lírico compara a proclamação da República com o dia que o homem decide abraçar seu próprio destino e não mais pertencer ao paraíso. Buscando a pureza da ciência, este homem, criatura, se desprende de seu Criador e escolhe sua nova jornada rumo à Liberdade:

Deus enxotando do paraíso ao homem  
 Propriedade sua: à Eternidade  
 Pelo fruto da queda alevantou-se  
 O intemerato, a ciência. Deus aumenta  
 Com cada um homem-deus. Não nasce o filho  
 Sem que se despedace a mãe formosa;  
 Nem surda pátria ouviu, enquanto o bronze  
 De tocar a rebate não quebrou-se  
 E caiu ressoando a Liberdade.  
 (SOUSÂNDRADE, 1893, p.79.)

Neste trecho, percebemos que Sousândrade rompe uma barreira linguística ao criar um vocábulo, “homem-deus”; reconfigurando uma nova interpretação da criação divina, ele ousa ainda mais ao associar o tema da liberdade ao ato de Deus expulsar o homem do paraíso. Só a partir desta expulsão é que o homem será dono de seu destino. A queda é necessária para que ele se levante ainda mais forte e mais dono de sua independência – aqui também uma metáfora para a queda do Império e ascensão da República – pois “não nasce o filho sem que se despedace a mãe formosa”. Atitude ousada, forte e ainda exaltadora da ciência – a educação aperfeiçoada tão defendida por Sousândrade – que garante um futuro livre a seu povo.

De volta ao recorte temporal compreendido entre 1930 e 1945, o estudioso Mário Meireles, em seu *Panorama da Literatura Maranhense* (1955), registra que sim, houve tentativas anteriores de renovação ou de resgate da glória ateniense antes de 1945, mas “a força da decadência era superior à vontade dos poucos idealistas” (1955, p.221). E diz mais:

Aliás, a decadência era generalizada e progressiva a contar da data de Abolição – as letras, é certo, estão sempre em função do estado econômico do meio e o Maranhão, agrícola e escravocrata, ainda hoje sofre as consequências da Lei Áurea que o abalou até aos alicerces. Ficar na terra

era, e ainda é para o maranhense, dar-se por vencido na luta pela vida e eles, nós aliás, vamos para outros estados, para os meios maiores, e vencemos sempre lá, mercê de Deus. [...] Não obstante, e porque o intelectualismo seja como um “vírus” a correr-lhe nas veias e nas artérias, os que ficaram prosseguiram na luta, ao modo da Fênix legendária. (MEIRELES, 1955, p.222)

A fundação de instituições sólidas como a Academia Maranhense de Letras em 1908 e o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão em 1925 ajudaram a cuidar e preservar a cultura maranhense, mas sem a atuação efetiva e constante de seus integrantes, essas instituições de nada adiantam junto à sociedade. Na década de 1930 um grupo de jovens funda o Cenáculo “Graça Aranha” e dentre eles está o escritor Josué Montello. A escolha do patrono para essa agremiação e o conteúdo de sua primeira atividade - celebrar o centenário de nascimento do poeta Sousândrade – representam, de certa forma, um compromisso com a renovação e com a esperança de atualizar o sentimento modernista no Maranhão. Mas da mesma forma que nasceu a vontade, morreu a intenção:

“Desfez-se o Cenáculo, o Instituto praticamente não viveu e a Academia voltou a seu recolhimento introspectivo – vida pura e exclusivamente administrativa, com sucessivas reformas no Estatuto e parcimonioso preenchimento dos claros existentes no quadro social efetivo. Fora disso, nenhuma manifestação de maior relevância ou eficiência.”(MEIRELES, 1955, p.223)

Ainda sobre a década de 1930, Assis Brasil (1994, p.28) destaca que o Maranhão, sempre prolífero nas letras, viu “o nascimento de muitos organismos literários”, a exemplo de Os Novos Atenienses (em 1899), do já citado Cenáculo “Graça Aranha” e registra também o aparecimento, no início da década de 1940, do Renovação, que apenas queria “a ressurreição pura e simples da Atenas Brasileira”. Mas todas essas tentativas, como relatamos antes, não permaneceram nem deram muitos frutos.

Se entendermos, em um primeiro momento, que o Modernismo propunha, na poesia, inovações linguísticas e a abordagem crítica e diferenciada nos temas escolhidos, então podemos pensar em três poetas que escreveram durante as décadas de 1930 e 1940, os quais contém em suas obras alguns poemas que fogem do Parnasianismo insistente na literatura maranhense: Correia da Silva e Manuel Sobrinho.

Corrêa da Silva (1917-1951) é tido como um dos primeiros poetas a fazer experimentações modernistas, escrevendo muito mais entre as décadas de 1930 e 1940. Grande parte de seus poemas seriam organizados postumamente por Domingos Vieira Filho no livro *Poemas Esquecidos*, de 1970 (BRASIL, 1994). De sua autoria, destacamos o “Poema do Garoto Anônimo”, poema de versos livres, no qual identificamos a falta de comprometimento com estruturas tradicionais bem como a adoção de uma linguagem oral, refletindo expressões com características tipicamente maranhenses. Segue abaixo um trecho do poema:

Eu quero fazer o elogio do garoto anônimo  
das ruas da Cidade de São Luís do Maranhão...

Garoto que nasce nos quartos miseráveis dos cortiços  
e que fica analfabeto,  
por não ter um livro para estudar...

Garoto que não conhece o pai, não sabe o seu nome  
e que é filho de uma dessas mulheres pálidas e tristes;  
mulheres magras e maltrapilhas;  
mulheres que tosse muito  
e que tem as mãos calejadas de tanto trabalhar...  
Garoto de “cabelo de espeta-goiaba”,  
camisa de meia listrada  
e calça de riscado bem grosso...

Garoto que não tem nem cubos  
e nem patins  
nem bicicletas  
e nem trens de ferro para brincar...  
e que esquecido do resto do mundo,  
eica, horas inteiras, sentado nas calçadas,  
“pixando” castanhas para as “borrocas”<sup>19</sup>;  
jogando “marta” para dar bolos...

Eu quero fazer o elogio do garoto anônimo  
das ruas da Cidade de São Luís do Maranhão...  
(SILVA *apud* BRASIL, 1994, p.118)

O tema se volta à crítica social, em que se analisa o retrato do garoto pobre, comum nas ruas de São Luís, que passa despercebido à visão automatizada de todos exceto a do poeta. É um garoto pobre de origem semelhante a tantos outros e que parece repetir um ciclo social vicioso, destinado a um futuro sem

---

<sup>19</sup> No linguajar maranhense, “pinchar castanhas para as borrocas” significa “atirar a castanha de caju no jogo da borroca”. Ao invés de atirar bolinhas de gude, o garoto pobre usa castanhas de caju. Borroca representa o próprio jogo infantil de bola de gude. O termo borroca, na verdade, é um buraco aberto no sítio em que as crianças estão jogando. (VIEIRA FILHO, 1979, p.28 e 79).

perspectivas de melhoras. Ainda assim, esse garoto consegue reter algum sentimento de infância, refletida aqui, nas brincadeiras de rua.

O segundo poeta que destacamos deste período é Manuel Sobrinho (1897-1957) e mais especificamente a composição de suas “Trovas”. Nesta época de transição e de incertezas, Manuel Sobrinho, cujo único livro, *Hora Iluminada*, foi editado no Rio de Janeiro em 1948, participou do Centro Cultural “Gonçalves Dias”, que reuniu veteranos como ele, arraigados à tradição, e os mais novos, como Lago Burnett e Nascimento Morais Filho. (BRASIL, 1994).

Candido (2010) nos lembra que algumas contribuições do Modernismo foram a destruição dos tabus formais, a libertação do idioma literário, a paixão pelo dado folclórico, a busca do espírito popular e a irreverência como atitude; tudo isso permitiu a expressão simultânea da literatura interessada, do ensaio histórico-social e da poesia libertada. Portanto, apoiamo-nos nesta ideia e a partir dela entendemos que as trovas, enquanto gênero lírico, compõem um indício de estética modernista em nossa literatura. Manuel Sobrinho, como se pensava, não foi tão tradicional assim que não pudesse deixar em seu legado literário algumas trovas. Vejamos:

Amigos, quantos tiveres,  
Um por um te deixarão,  
Quando já não dispuseres  
De dinheiro ou posição...

Se alguém se julga perfeito,  
A razão disso adivinho:  
Em si não busca o defeito  
Que descobre no vizinho.

Do bem por ti desejado  
Não corras muito na pista:  
Na vida, o mais apressado  
Nem sempre é o que mais conquista...

És pobre? Sofres? Paciência,  
Põe no lábio um riso franco:  
Na roleta da existência  
Há muito número em branco...  
(SOBRINHO *apud* BRASIL, 1994, p.84)

Essas trovas de rimas perfeitas, externas e alternadas (ABAB) tem como tema a filosofia popular e se dirigem ao leitor em linguagem simples, para que ele possa refletir sem dificuldades sobre o valor da amizade; sobre ser perfeito e ter defeitos; sobre a cobiça e sobre a pobreza. Como disse Peixoto (1919), a grande vantagem da poesia popular não é ser do povo, é ter poesia. Em nossa

interpretação, as melhores trovas conseguem manter o lirismo, a musicalidade e a capacidade de se comunicar com os leitores em geral, abrangendo temas do cotidiano e exaltando os seus costumes.

### **3 A IMPORTÂNCIA E A CONTRIBUIÇÃO DO CENTRO CULTURAL “GONÇALVES DIAS” PARA O MOVIMENTO MODERNISTA NO MARANHÃO (1945-1950)**

Quando o Estado Novo fecha seu ciclo político em 1945, a era dos interventores federais começa a findar gradativamente. À medida que se convocavam novas eleições para presidente, nas quais é eleito Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) e se reabria a Assembleia Nacional, o Maranhão voltava às velhas facções políticas para tentar eleger no âmbito estadual o próximo governador. O que podemos destacar de imediato é que, para além de novas alianças políticas, instituiu-se em terras maranhenses um novo ciclo político conhecido como Vitorinismo, nome advindo do político Vitorino de Brito Freire. Este ciclo duraria em torno de 20 anos (até meados da década de 1960) e teria influência não só no governo do Estado como também participaria de grandes decisões da República.

A sequência política que se dá no Maranhão após 1945 ocorre da seguinte forma: Clodomir Cardoso substitui Paulo Ramos, assumindo o governo do Maranhão ainda como Interventor Federal no período de março a novembro de 1945. Logo em seguida é destituído do cargo, por ato do presidente Gaspar Dutra e por influência de Vitorino Freire, assumindo o Desembargador Eleazar Soares Campos, o qual permanece até fevereiro de 1946. Em seguida,

Procedidas, a 2 de dezembro de 1945, as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte e para a Presidência da República, e nestas saído vencedor o PSD, com o General Eurico Gaspar Dutra, ele logo o substituiria [Campos] nomeando em seu lugar um destacado elemento das classes empresariais: o comerciante e industrial Saturnino Belo (16/02/1946 – 10/04/1947), elemento saliente do PSD regional e intimamente ligado a Vitorino Freire, então feito deputado federal, de quem era amigo particular de muito [tempo]. (MEIRELES, 2001, p.341.)

Sob a gestão de Saturnino Belo, que ocupava o cargo de Interventor Federal por indicação, o fato de maior relevância é a convocação de eleições diretas para o governo estadual, as quais ocorrem sob um clima de bastante polarização entre aqueles que se declaravam “situacionistas” (apoiadores do governo Gaspar Dutra e politicamente ligados e influenciados por Vitorino Freire) e os que se diziam “oposicionistas” a essa perpetuação das velhas e sutis práticas partidárias, de conchavos, alianças e promessas de favores e cargos. Vence aquele apoiado por

Brito, o industrial e político natural de Codó (MA) Sebastião Archer, que assume o governo maranhense em 15 de abril de 1947. Pouco depois, em 28 de julho de 1947, seria promulgada a quarta Constituição de nosso Estado. Daí em diante se inicia efetivamente o período chamado de Vitorinismo na História do Maranhão, e como bem resume o historiador Mário Meireles,

Vitorino Freire, já feito deputado federal, se apossaria, como planejara, e com relativa facilidade pela incontrolada ambição pessoal e inabilidade política dos líderes estaduais, e apoiado principalmente em sua amizade pessoal com o presidente Dutra, da chefia política do Maranhão. (MEIRELES, 2001, p.343)

Resgatamos esse cenário político e social que se apresenta e que se desenvolve a partir da década de 1940 no Maranhão porque é nesse período que o Modernismo enquanto estética literária também vai adentrando e aos poucos se estabelecendo nas mentes e atitudes de autores que permaneceram aqui e daqueles que optaram por sair daqui. Questões de ordem política, econômica e social podem determinar propósitos e mudanças em um âmbito individual e coletivo; e podem minar ou transbordar desejos e opiniões. Como bem pontua Franklin Lopes Silva,

(...) os “intelectuais” da segunda metade do século XX não hesitaram em se posicionar fazendo uso de suas “vocações literárias”, dando prosseguimento à tarefa herdada dos protagonistas políticos de outrora nas lutas pela libertação do Maranhão, em direção à retomada do seu mítico passado glorioso, de exuberância econômica, política e cultural, cujo significado é constantemente reinventado conforme se arranjam os grupos em disputa. (SILVA, 2013, p.161)

A oligarquia vitorinista nasce junto com uma nova geração de escritores e intelectuais maranhenses, e são justamente eles que protagonizam de forma efetiva a estética modernista no Maranhão. Muitos terão que ressignificar suas convicções e posicionamentos diante de velhos e novos problemas sociais, evocando novamente um passado de luta pela liberdade, das glórias de outrora da Atenas Brasileira e atuando em prol do que consideram renovação para garantir que as gerações futuras não sucumbam ao ciclo vicioso da política.

É nesse contexto histórico-social, espelhado pelos últimos anos da década de 1940, que ocorre a fundação e atuação do Centro Cultural “Gonçalves

Dias”, grêmio literário que surge em São Luís agregando jovens que pretendiam, no mínimo, movimentar o cenário das letras e cultura maranhenses.

### 3.1 O Centro Cultural “Gonçalves Dias”

Em prefácio à sua *Antologia da Poesia Maranhense do Século XX*, o crítico literário Assis Brasil (1994) enfatiza que o livro de poesia de Bandeira Tribuzzi, *Alguma Poesia*, publicado em 1948, abriu as portas para as novas e já tardias (quanto ao Modernismo) conquistas estéticas do século XX, à distância e ressonância do movimento da Semana de Arte Moderna.

Antes disso, porém, existiu o Centro Cultural “Gonçalves Dias” e a importância de sua atuação no cenário intelectual ludovicense não pode ser descartada. O embrião de uma esperada ruptura literária estava plantado ali, nas ideias, poemas e atitudes do jovem poeta Nascimento Morais Filho e de seus pares e amigos intelectuais: os sócios efetivos do CCGD ou centristas, como eles se chamavam.

Existem algumas narrativas sobre o nascimento do CCGD que amealhamos ao longo desta pesquisa. Não as entendemos como dissonantes mas sim, como uma somatória de reminiscências daqueles que pertenceram e testemunharam esse momento. Oficialmente encontramos registrado na primeira ata do CCGD, datada de 28 de junho de 1945, que os centristas foram cutucados por outro jovem conterrâneo que morava no Rio de Janeiro, o qual havia fundado por sua vez seu próprio grêmio literário lá:

A seguir o senhor presidente declarou que a finalidade da presente reunião era a fundação de um centro literário que arregimentasse a mocidade maranhense, no intuito de elevar o nome cultural do Maranhão, cultivando e difundindo as letras e, bem assim, procurando defender as nossas tradições. O senhor presidente então pediu permissão para proceder a leitura de uma carta que recebera do jovem intelectual patricio Silvestre Andrade Puty, na qual este concitava a mocidade maranhense a criar um grêmio literário que servisse de oficina à nossa juventude, acrescentando que, no Distrito Federal havia pouco fundara, com moços daquela cidade, o “Centro de Cultura Integral”. Ainda com a palavra, o presidente da mesa propôs fosse denominada Centro Cultural “Gonçalves Dias”, a agremiação ora fundada e que fossem considerados sócios-fundadores todos os signatários desta ata. Disse mais, que a denominação que propusera era uma homenagem justa e merecida que, assim, a mocidade prestaria ao

cantor que soube, aqui e além dos nossos mares, elevar o nome do nosso Estado e do Brasil.<sup>20</sup>

Já a narrativa de Vera – Cruz Santana, concebida por ocasião da celebração de aniversário de 1 ano do CCGD e datada de 28 de junho de 1946, registra a informalidade e o entusiasmo com que nascem as ideias e os projetos. Com a fundação do Centro não foi diferente:

Estamos no dia 28 de junho de 1945. A casa é pequena, baixa, em local barulhento... Morais, Luiz Bogéa, Rodrigues, Agnor, Sipaúba, Lima de Melo, Sauáia, Manoel Lima, Nogueira Neves, Milton Bogéa, Cristóvão Cavalcanti, Filgueiras, Celso Bastos, Almeida Galhardo e eu, estamos reunidos. Como em toda reunião de gente nova, misturam-se os pensamentos, confundem-se as ideias. Daqui sai uma novidade política; dali, uma indagação filosófica; mais afastada, uma anedota picante arranca risos estrepitosos; um verso; uma nota; um sorriso; em síntese, a alegria mesma baila em nossa assembleia.

Ergue-se o Luiz Bogéa e pede um minuto de atenção. “Senhores!”, diz ele, enquanto o Sipaúba se levanta e diz: “Não adianta protocolo, estamos em família”. E o Bogéa muda de tom e continua: “Pessoal, o que nos reúne hoje é uma velha ideia. É a ideia da fundação de uma sociedade literária onde possamos, conjuntamente, defender o patrimônio cultural de Atenas, procurando aumentá-lo.”

O Morais, gonçalvino ranzinza, levanta-se dali e diz: “Centro Cultural ‘Gonçalves Dias’ deve ser a sociedade que nos há de congregar.” Muito bem, clamam ao mesmo tempo, vozes diversas... E o centro foi fundado, meus senhores, e iniciou sua batalha.<sup>21</sup>

Das inquietações da juventude e da vontade de se pertencer a uma época é que nasce o CCGD, porque é com esse espírito de rebeldia que as gerações se formam e as vozes se lançam ao mundo em toda sua força. Em entrevista concedida a nós no início de 2021, o poeta maranhense Fernando Braga, eleito naquele mesmo ano imortal da Academia Maranhense de Letras, descreve esse ambiente literário e cultural ludovicense percebido por ele nas décadas de 1940 e 1950:

O Centro Histórico de São Luís, tanto em sua arquitetura como em sua literatura sempre teve ares de uma cultura europeia, como também descreve o velho Nascimento Morais em seu romance sociológico “Vencidos e Degenerados”, irmão topofísico de “O mulato” de Aluísio Azevedo. Esse período de 1940 a 1970, eu o entendo como sendo a Belle

---

<sup>20</sup> VIDE ANEXO C.

<sup>21</sup> VIDE ANEXO B.

Época das artes maranhenses. O Centro “Gonçalves Dias” era dirigido por Nascimento Moraes Filho e possuía em seus quadros grandes nomes como Clineu César Coelho, Agnor Lincoln da Costa, Clóvis Sena e outros. Esse movimento se reunia nas escadarias da igreja do Carmo. (BRAGA, Fernando.)<sup>22</sup>

O CCGD nasce mesmo das reuniões improvisadas desses jovens em frente à Igreja do Carmo mas também nos bares ao seu redor, dentre eles o famoso Bar Paulista, tudo no Centro Histórico de São Luís, local – mor dessas efervescências. São encontros para discutir política, filosofia, literatura e principalmente, declamar poemas de autoria própria. O que ocorre com o desejo de efetivar essa agremiação é o desejo de sistematizar, digamos assim, o conhecimento que precisa ser adquirido para que as propostas de renovação realmente criem raízes, sem abandonar ainda os laços das tradições do passado.

Como disse certa vez Nascimento Moraes Filho, o CCGD era um movimento que existia para além das letras e declamações de poemas em bares: “era cultural, portanto global. Envolvia tudo – não houve nunca antes, no Maranhão, um movimento nesse sentido” (*apud* CORREA, 1989, p.67). Sobre a importância do CCGD, a escritora Arlete Nogueira da Cruz lembra:

Após aquele regime de exceção, o processo de organização e conscientização de toda uma geração foi deflagrado pelo Centro Cultural “Gonçalves Dias”, sob a liderança de José Nascimento Moraes Filho, aglutinando jovens idealistas e renovadores: Vera-Cruz Santana, José Bento Nogueira Neves, Dagmar Desterro, Ferreira Gullar, Lago Burnett, Ambrósio Amorim, Bandeira Tribuzzi (que acabara de chegar de Portugal, para onde fora ainda criança) [...] (CRUZ, 2003, p.36)

Os sentimentos de mudança e as inquietações nascem no âmbito individual porém se concretizam no coletivo, na união de forças e nas afinidades de ideias. Por isso, acreditamos que o CCGD tenha contribuído para agregar debates, iniciativas e participantes que fizeram a diferença e pavimentaram, de um jeito ou de outro, um caminho mais sólido e mais comprometido com a modernidade no cenário cultural maranhense nas décadas seguintes.

E o que queria promover, a priori, o Centro Cultural “Gonçalves Dias”? Conforme um trecho do discurso de José Vera-Cruz Santana em 1946, época em que ocupava o cargo de secretário-geral do CCGD,

---

<sup>22</sup> VIDE ANEXO M.

o Centro Cultural Gonçalves Dias, meus senhores – não me canso de proclamar – foi criado para a defesa do pensamento e do espírito. E como as cousas de espírito e pensamento, nos dias que correm, são pouco compreendidas, não estranhareis se vos disser que nem todos nos compreendem.<sup>23</sup>

Acreditamos que esse grêmio literário queria devolver todo o brilho e toda a glória beletristas à Atenas Brasileira, título que um dia São Luís carregou com muito orgulho. Então, parece-nos pertinente afirmar que o CCGD inaugurou efetivamente um momento e uma vontade de libertação no sentido de produzir trabalhos relevantes, ainda que nesses primeiros anos, entre 1945 e 1947, muitos dos centristas ainda se amarravam à ideia clássica de literatura em suas produções, conforme veremos posteriormente em uma breve análise sobre a produção literária do grêmio.

O CCGD, portanto, não teve o papel de romper com o passado nos moldes do que observamos com a geração modernista de 1922 e daqueles que participaram da Semana de Arte Moderna. Ainda assim, o Centro serviu como espaço de possibilidades, de discussões de ideias que já estavam em voga em âmbito nacional e como apoiador em eventos culturais, que, ao que nos parece, era o que mais faltava no Maranhão para a juventude da década de 1940, já sedenta por novidades. Conforme narra Vera-Cruz Santana décadas depois:

Sentimos que a Academia Maranhense de Letras atravessava uma fase de silêncio e que a juventude não recebia estímulos no plano literário. Resolvemos, por isso, fundar uma agremiação que pudesse acordar a Academia e, ao mesmo tempo, oferecer aos jovens, nos encontros semanais, oportunidade para o despertar de tendências. A entidade significou, assim, um movimento de reencontro com a tradição literária do Estado e de estímulo às iniciativas no plano das letras. (SANTANA *apud* CORREA, 1989, p.66)

Entendemos que, por mais que ainda olhassem para as tradições do passado e tivessem tido o apoio dos intelectuais que os precederam, os centristas, como eles se denominavam, representaram o início do Modernismo no Maranhão porque perseveraram diante das dificuldades e porque tinham um programa bem claro e organizado de atividades que queriam executar:

---

<sup>23</sup> VIDE ANEXO B.

A sociedade de cultura foi organizada com a participação de intelectuais experimentados, como Luso Torres, Manoel Sobrinho, Clodoaldo Cardoso, Bacelar Portela e Nascimento Moraes (o pai), acrescidos pelos representantes da mocidade, como Nascimento Moraes Filho, Vera-Cruz Santana, Arimateia Atayde, Reginaldo Telles, Agnor Lincoln da Costa, Antonio Augusto Rodrigues, José Bento Nogueira Neves e Haroldo Lisboa, com numerosos acompanhantes, todos dispostos ao trabalho, para a esboçada comunidade de propósitos, sob o símbolo da resistência e da reconstrução culturais. (CORREA, 1989, p.66)

Sair do marasmo intelectual e dos silêncios; agitar o cenário local propondo diversas atividades, como intervenções e participações em eventos, publicações de revistas e de um suplemento cultural em um jornal de ampla circulação, apoio na publicação de livros dos gremistas associados ou não: esse movimento inteiro que o CCGD faz na segunda metade da década de 1940 consegue impulsionar a produção literária substancial da década seguinte, quando o Centro já não existia mais.

### **3.2 As atas do Centro Cultural “Gonçalves Dias”: um resgate historiográfico**

Em pesquisas e coletas de textos em fontes primárias realizadas na biblioteca particular da família do poeta Nascimento Moraes Filho em São Luís (MA), deparamo-nos com o Livro de Atas do Centro Cultural “Gonçalves Dias” e dois documentos datilografados anexados a ele: um discurso, datado de 28 de junho de 1946 e uma carta, datada de 14 de abril de 1980, ambos assinados por José Vera-Cruz Santana. Ao ler a carta pudemos entender do que se tratava: endereçada a Nascimento Moraes Filho, Santana lhe enviava não só “três manuscritos do Mestre Nascimento” (pai de Moraes Filho) como o Livro de Atas do CCGD e o referido discurso, para que o amigo de longa data pudesse incluir em seu acervo ou utilizasse como preferisse:

Faço isso por compreender que vives mais dedicado às letras do que eu, podendo, assim, colher maior proveito de registros que já contam um quarto de século. Encontrarás, no livro, cópia do pedido de inscrição do Bandeira Tribuzzi, coisa muito pouco conhecida dos de nossa geração e das mais novas. Entrego-te, igualmente, uma cópia do discurso que pronunciei no 1º aniversário do G.D. Não é que eu tenha ajustado divórcio com as letras. Mas a vida tem imposto uma separação consensual, que, se Deus o permitir, não será definitiva. Voltarei a elas em pouco tempo, com redobrado afeto.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> VIDE ANEXO A.

Creemos que esse material encontrado referente ao CCGD, o qual abordaremos nesta parte de nosso estudo, contenha até então uma análise inédita. As atas reunidas no caderno que nos chegou às mãos retratam um pouco do início da trajetória do CCGD no período de sete meses. Os registros compreendem desde 28 de junho de 1945, sendo esta a data exata de sua fundação, até 20 de janeiro de 1946, totalizando dez atas.

A importância do resgate histórico dessas atas se dirige ao entendimento sobre como se processou a vontade de renovação imbuída nestes jovens intelectuais. Também queremos propor uma atualização da narrativa sobre os primórdios do Modernismo no Maranhão e como este se desenvolveu até a publicação do livro *Alguma Poesia* (1948) de Bandeira Tribuzzi, marco tradicionalmente referenciado do movimento literário em vários livros sobre historiografia maranhense.

Ao analisarmos o conteúdo das dez atas às quais tivemos acesso, notamos o início de trajetória de uma sociedade literária que desejava se organizar e se efetivar aos olhos do público maranhense. Consideramos sorte que os primeiros sete meses de existência do CCGD foram devidamente registrados e documentados, constituindo algo precioso quando se tenta chegar ao âmago de compreensão dessas questões literárias que se fundem com a própria história do Maranhão. Como as atas registram o início das atividades do CCGD, apontaremos a seguir alguns fatos que se destacaram na leitura e análise desses documentos.

O CCGD pode até ter nascido espontaneamente das declamações e leituras de poemas dos jovens nas escadarias da Igreja do Carmo e nas mesas do Bar Paulista, mas foi na casa da rua Herculano Parga, nº 474, Centro, onde morava o centrista Antonio Augusto Rodrigues, que o CCGD se oficializou às 21 horas:

reuniram-se em Assembleia Geral, José Nascimento Morais Filho, Antonio Augusto Rodrigues, Milton Bogéa Correa, Luiz Boguea Nogueira da Cruz, Celso Ribeiro Bastos, Francisco de Almeida Soares, Agnor Lincoln da Costa, José Maria Sipaúba, José de Melo, José Bento Nogueira Neves, José Joaquim R. Filgueiras, Wady Sauáia, Cristóvão Cavalcante, Manoel B. Lima e José Vera – Cruz Santana. Foi aclamado presidente da Assembleia José do Nascimento Morais Filho, que escolheu para secretário da mesa José Vera – Cruz Santana e Agnor Lincoln da Costa.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Vide Anexo C.

Nesse mesmo dia, 28 de junho de 1945, os centristas fizeram uma eleição formal e foram declarados, respectivamente, presidente e vice-presidente do CCGD Luiz Bogéa Nogueira da Cruz e José Nascimento Morais Filho. Foram eleitos também nessa mesma ocasião: José Vera – Cruz Santana, como 1º secretário; Antonio Augusto Rodrigues, como 2º diretor; José de Melo, como tesoureiro; Celso Ribeiro Bastos, como orador oficial; e José Maria Sipaúba, como bibliotecário. Essa primeira ata registra a composição dessa diretoria que se firmará dali em diante. Registra também a necessidade de se elaborar um estatuto para o Centro e o discurso de Nogueira da Cruz, que proferiu “breves porém brilhantes palavras de fé e entusiasmo pela causa do Centro.”<sup>26</sup>

A segunda ata, datada de 12 de julho de 1945, registra a discussão de dois pontos importantes para o funcionamento efetivo do CCGD: a necessidade de se encontrar uma sede formal, alguma escola de preferência, e que fosse cedida pelo poder público. A sugestão de Nascimento Morais Filho é utilizar o auditório da Escola Modelo “Benedito Leite”<sup>27</sup>, que se adequava perfeitamente ao propósito do grupo e às suas reuniões. O outro ponto é a redação do estatuto do Centro. Percebemos que a intenção é começar de um jeito correto, organizado mesmo. Sobre a busca pela sede, o presidente Luiz Bogéa responde “que tudo poderia ser conseguido por intermédio do senhor Diretor de Instrução Pública<sup>28</sup>, ou diretamente com o senhor Interventor Federal<sup>29</sup>” e designa uma comissão para solucionar essa questão<sup>30</sup>.

A terceira ata, datada de 26 de julho de 1945, registra que as reuniões ainda aconteciam na casa do centrista Antônio Augusto Rodrigues no horário de costume, às 21 horas. Na pauta de discussão, o presidente Luiz Bogéa afirma que são inúmeros os entraves para que o Centro comece a funcionar a contento, como questões financeiras e a falta de um local apropriado. De maneira simbólica ele, Rodrigues e Morais Filho cedem alguns de seus pertences ao CCGD, como caneta-tinteiro e frasco de tinta. Bogéa sugere que o Centro seja oficialmente inaugurado

---

<sup>26</sup> *Idem.*

<sup>27</sup> A Escola Modelo “Benedito Leite” é uma das escolas mais antigas da capital maranhense. Conta 121 anos e funciona até os dias de hoje, localizada na R. Santo Antônio, s/n, Centro.

<sup>28</sup> O cargo de Diretor de Instrução Pública equivalia ao de Secretário Estadual de Educação e na época era ocupado pelo Dr. Odilon Soares.

<sup>29</sup> Na época o Interventor Federal era o Sr. Clodomir Cardoso.

<sup>30</sup> Vide Anexo D.

em uma solenidade no dia 10 de agosto pois a data representa o dia de nascimento do Patrono, o poeta Gonçalves Dias. Para o local do evento lembram do “salão do Lítero Recreativo Português<sup>31</sup> ou o cine-teatro Arthur Azevedo<sup>32</sup>” mas todos foram unânimes ao indicar o teatro do Colégio Estadual do Maranhão<sup>33</sup>, ao que foi designada uma comissão para solicitar esse espaço junto ao Diretor de Instrução Pública e ao Diretor do referido colégio, o Professor José Mata de Oliveira Roma.<sup>34</sup>

Na quarta ata, datada de 02 de agosto de 1945, a pauta principal era definir a programação do evento que se aproximava e designar comissões para elaborar convites à várias pessoas que ocupavam cargos representativos de relevância na sociedade ludovicense e também na esfera pública, já que tanto o Diretor de Instrução Pública quanto o Diretor do Colégio Estadual assentiram que o evento ocorresse neste último local, na data solicitada, 10 de agosto, às 20 horas. Pela relação dos nomes a serem convidados registrados na ata e pela atuação determinante dos centristas, interpretamos novamente que o CCGD almejava passar a imagem de organização, esforço, união e comprometimento com a cultura e sociedade maranhense. Por isso vale a pena a citação desse registro:

Em seguida [o presidente] nomeou as seguintes comissões para fazerem convites às autoridades e sociedade: a) Celso Ribeiro Bastos, Morais Filho e Agnor Costa, cuja missão era convidar as seguintes autoridades: Interventor Federal, Secretário Geral do Estado, Presidente do Tribunal de Apelação, Diretor da Instrução Pública, Prefeito Municipal, Capitão dos Portos, Comandante da Força Federal e Comandante da Polícia Militar; b) Manoel B. Lima, José Joaquim R. Filgueiras e Milton Bogéa Corrêa, encarregada (a comissão) de convidar: Delegado Regional do Trabalho, Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento, Delegado Fiscal, Diretor do Banco do Brasil S/A, Diretor do Colégio Estadual do Maranhão, Diretora da Escola Modelo “Benedito Leite”, Chefe de Polícia, Desembargadores e Juizes desta capital e Presidente e demais membros da Academia Maranhense de Letras; c) Luiz Bogéa Nogueira da Cruz, Cristóvão Soares Cavalcante e José Maria Sipaúba: Diretores Repartições Estaduais e Municipais, Diretores da Escola Técnica de São Luís, do Ateneu “Teixeira Mendes”, do Colégio São Luiz, do Ginásio “Rosa Castro”, do Ginásio “Santa Tereza”, do Ginásio Maranhense, do Centro Caxeiral, da Escola Técnica de Comércio e alunos dos mesmos estabelecimentos; d) José Vera-Cruz Santana, Almeida Galhardo e Antonio Augusto Rodrigues: Diários

---

<sup>31</sup> A sede do Grêmio Lítero Recreativo Português funciona desde a década de 1930 na R. Do Sol, nº 55, Centro. O clube do referido Grêmio, já extinto, funcionou na Av. João Pessoa, nº443, Anil.

<sup>32</sup> O famoso Teatro Arthur Azevedo, localizado na R. Do Sol, s/n, Centro, nesta época estava arrendado para uma empresa de cinema; por isso era chamado de “cine-teatro”.

<sup>33</sup> Em 1942 o Liceu Maranhense passou a ser denominado Colégio Estadual do Maranhão, retomando o nome original alguns anos depois.

<sup>34</sup> Vide Anexo E.

Associados “O Combate”, “Diário de São Luiz”, Rádio Timbira do Maranhão, encarregada também de dar publicidade ao convite do Centro Cultural.<sup>35</sup>

Na quinta ata, datada de 10 de agosto de 1945, registra-se o grande evento: a solenidade de inauguração oficial do Centro Cultural Gonçalves Dias junto à sociedade maranhense, no Colégio Estadual do Maranhão às 20 horas. Pela relação de nomes que compareceram percebe-se que foi um grande e notório evento:

Compareceram todos os centristas exceto Antonio Augusto Rodrigues que se encontrava enfermo. O senhor Presidente convidou para fazerem parte da mesa as seguintes pessoas: Dr. Clodomir Cardoso<sup>36</sup>, Interventor Federal do Maranhão; Dr. Odilon Soares, Diretor da Instrução Pública; Professor José Mata de Oliveira Roma<sup>37</sup>, Diretor do Colégio Estadual do Maranhão; Des. Leopoldino Lisboa, Dr. Pires Sabóia, Diretor dos “Diários Associados” no Maranhão e esposa e todos os centristas. A sessão contou com brilhante assistência, destacando-se, entre outros, o poeta Manoel Sobrinho<sup>38</sup> da Academia Maranhense de Letras, o poeta Correa de Araújo, também da Academia, representante do “Diário de São Luiz”, professores, alunos de vários estabelecimentos de ensino, vultos de projeção da sociedade local.

A princípio, palestraram na solenidade: Clodomir Cardoso, sobre “os dias gloriosos” da época de Gonçalves Dias, conclamando os centristas a não “esmorecerem” perante as dificuldades “diante da grandeza do empreendimento”; o centrista Celso Ribeiro Bastos, que discursou no sentido de pedir que a juventude maranhense se juntasse a eles; e o centrista Nascimento Moraes Filho, que falou sobre a importância da vida e obra de Gonçalves Dias, ressaltou os valores morais do CCGD, dizendo que esta agremiação “não é um conjunto de professores, de vultos conhecidos de todos” e que o Centro “trabalhará para o progresso cultural do Maranhão.” O evento finalizou com outro discurso de Clodomir Cardoso, reforçando “que estava verdadeiramente entusiasmado porque acabava de assistir a uma prova de que a centelha da velha Atenas não se apagara e que esperava que os moços do

---

<sup>35</sup> Vide Anexo F.

<sup>36</sup> Clodomir Cardoso (1879-1953), além de político e advogado, dedicou-se às letras, ocupando a cadeira de nº 12 da Academia Maranhense de Letras. Foi Interventor Federal no Maranhão em 1945, no período de transição para o estado democrático.

<sup>37</sup> José Mata de Oliveira Roma (1896-1959) foi poeta e professor respeitado do Liceu Maranhense, trabalhando junto com o pai de Nascimento Moraes Filho, o também professor e jornalista José Nascimento Moraes. Mata Roma ocupou a cadeira de nº 17 da Academia Maranhense de Letras.

<sup>38</sup> Manoel Sobrinho (1897-1957) e Correa de Araújo (1885-1951) foram poetas e membros-fundadores da Academia Maranhense de Letras e ocuparam respectivamente as cadeiras de nº19 e de nº16.

Centro Cultural “Gonçalves Dias”, em homenagem a seu Patrono, não desanimassem.”<sup>39</sup>

A sexta ata, datada de 02 de setembro de 1945, traz uma novidade no tocante ao local da reunião do grupo e que se revelará constante até o registro da décima ata: agora os centristas se reúnem às 15 horas em uma sala da Escola Modelo “Benedito Leite”, ato autorizado pelo Diretor de Instrução Pública para funcionamento temporário do CCGD. Neste dia Nascimento Moraes Filho retoma, mais uma vez, sua preocupação em como estruturar de forma efetiva o Centro, na intenção de promover uma agenda atuante junto à cultura maranhense e com a participação de todos: “Conto – disse Moraes Filho – com a colaboração de todos os colegas, porque só assim mostraremos aos que nos assistem que a nossa geração não está completamente corrompida, restando ainda moços capazes de reabilitar a Atenas”.<sup>40</sup> Respondendo a Moraes Filho, o presidente Luiz Bogéa lembrou que as dificuldades são normais, que ainda não tinham atingido um ritmo perfeito por conta dessa fase inicial de organização, mas que isso não era motivo para desistências ou pessimismos.

Na sétima ata, datada de 09 de setembro de 1945, observamos que a pauta se dirige à aprovação de um anteprojeto redigido previamente pelo secretário do centro, Vera-Cruz Santana, e colocado para a apreciação dos colegas: “O secretário procedeu à leitura do anteprojeto elaborado, dizendo que não recebeu qualquer delegação para esse trabalho, submetendo-o, no entanto, à apreciação dos seus companheiros”. Por achar que esse instrumento devia ser constituído coletivamente, Moraes Filho, que presidia a reunião, designa uma comissão para elaborar de fato o estatuto dentro do menor prazo possível.<sup>41</sup>

Na oitava ata, datada de 27 de outubro de 1945, o início da reunião registra a fala do secretário Vera-Cruz Santana, expondo “que a Comissão designada para elaborar o anteprojeto de Regimento Interno demoraria certamente algumas semanas”; o Presidente respondeu que tempo não era problema, desde que o trabalho resultasse “completo e perfeito”. É importante dizer também, que a

---

<sup>39</sup> Vide Anexo G.

<sup>40</sup> Vide Anexo H.

<sup>41</sup> Vide Anexo I.

partir desta data quem assina as atas como Presidente do CCGD é Nascimento Morais Filho, e assim o será até a extinção do Centro no ano de 1950.<sup>42</sup>

Outros dois assuntos também foram discutidos nesse dia: que deveriam celebrar a data da morte de Gonçalves Dias, o 3 de novembro, em um evento apropriado; e convidar o então Interventor Federal Clodomir Cardoso para ser “sócio honorário e presidente de honra da agremiação”, pois ele sempre foi apoiador incondicional das atividades do CCGD. Todos os presentes concordaram de forma unânime.<sup>43</sup>

A penúltima ata registra um espaço de tempo bem grande em relação à última reunião, pois se dá no ano seguinte, em 13 de janeiro de 1946. Nascimento Morais Filho explica aos presentes que nesse ínterim, apesar dos centristas não terem se reunido para deliberar nada, algumas iniciativas haviam sido tomadas, como:

1<sup>a</sup>) suspensão dos trabalhos em virtude da agitação política; 2<sup>a</sup>) apresentar votos de boas vindas ao dr. Eleazar Campos, interventor nomeado em virtude do movimento de 29 de outubro; e 3<sup>a</sup>) promover, no dia 6 do corrente, uma sessão em homenagem à memória do centrista José Lima de Melo, um dos fundadores, falecido no dia 6 de dezembro de mil novecentos e quarenta e cinco.<sup>44</sup>

A agitação política a que Morais Filho se refere é a substituição do Interventor Federal Clodomir Cardoso pelo Desembargador Eleazar Campos, que permanecerá no cargo apenas até fevereiro de 1946, quando será substituído por Saturnino Belo. Este, por sua vez, deterá o cargo político até abril de 1947, ocasião em que será eleito o novo governador do Maranhão: Sebastião Archer<sup>45</sup>. É uma época de transições políticas, como já dissemos anteriormente, e de retomada da democracia no Brasil.

Ainda nesse dia, 13 de janeiro de 1946, fica decidido que o CCGD organizará um evento para homenagear o sr. Clodomir Cardoso, com quem Morais Filho havia conversado previamente sobre a intenção de não deixá-lo partir para o Rio de Janeiro sem antes participar desta solenidade, em que seria empossado

---

<sup>42</sup> Vide Anexo J.

<sup>43</sup> *Idem*.

<sup>44</sup> Vide Anexo K.

<sup>45</sup> Sebastião Archer foi Governador do Maranhão de 1947 a 1951.

como Presidente de Honra do Centro. O evento ocorreria no dia 20 de janeiro de 1946 e seguiria esta programação:

discurso de recepção, José Nascimento Morais Filho; declamação, Manoel B.Lima; exaltação ao dr. Clodomir Cardoso – Francisco de Almeida Soares (Galhardo); agradecimento ao homenageado - José Joaquim Ramos Filgueiras; comentário sobre obra do homenageado - Luiz Bogéa Nogueira da Cruz; e exaltação à mocidade - Antonio Augusto Rodrigues.<sup>46</sup>

A última ata do CCGD, datada de 20 de janeiro de 1946, segue exatamente o que havia sido planejado por Nascimento Morais Filho e os centristas conforme reunião anterior sobre os preparativos da solenidade. Assim como no evento que oficializou a criação do Centro no ano anterior, compareceram personalidades de relativa notoriedade da sociedade ludovicense, além de poetas e outros ocupantes de cargos públicos. Pela descrição, o evento se assemelha a um sarau, com a leitura do soneto “Viver é lutar”, de Clodomir Cardoso, e de dois poemas do poeta italiano Lorenzo Stecchetti<sup>47</sup> que haviam sido traduzidos pelo homenageado: o soneto “Ebbro” e o poemeto “Spes, ultima Dea.” Foi um evento em que, novamente, exaltou-se a importância da preservação da cultura e homenageou-se a vida e obra de Gonçalves Dias. Por fim,

sua excelência disse de como recebia a sincera quão espontânea homenagem do Centro Cultural “Gonçalves Dias”, mostrando as responsabilidades que pesam sobre os centristas para com tão grande nome, e incentivando-os a continuarem em marcha, na defesa e conservação das glórias da imortal Atenas, ao fim do que deu por encerrada a sessão.<sup>48</sup>

Ao fim da leitura e análise dessas atas, concluímos que é notória a preocupação que Morais Filho e os outros centristas tinham em fazer com que o CCGD passasse a imagem de organização, comprometimento e seriedade perante a sociedade ludovicense. Falar das dificuldades econômicas a um grupo de jovens na casa de seus 20 anos não representa nenhuma novidade: o próprio Morais Filho ganhava a vida como professor de Língua Portuguesa e Latim nessa época, ofício

---

<sup>46</sup> Vide Anexo K.

<sup>47</sup> Lorenzo Stecchetti (1845-1916): poeta italiano e pseudônimo de Olindo Guerrini.

<sup>48</sup> Vide Anexo L.

que exerceu dos 18 aos 28 anos. Outros centristas escreviam para jornais, eram estudantes ou estavam no início de suas carreiras profissionais.

### **3.3 A produção cultural e literária do Centro Cultural “Gonçalves Dias”**

A intenção maior do CCGD era ter uma agenda produtiva cultural e literária, sem parecer uma associação que qualquer um entrasse a esmo e saísse a hora que quisesse. O Centro recebia inclusive pedidos de inscrição, de jovens intelectuais que queriam se associar e integrar o CCGD. O Centro representou algo bem diferente de outras propostas anteriores de renovação pois queria oferecer debates em encontros regulares, seguindo um programa de estudos permanente e com sede própria. Poderíamos dizer que a ideia por trás do CCGD talvez fosse, em termos mais atuais, ter um selo próprio, uma marca que era só deles, tudo pautado nesse ideal da tradição literária que mais do que renovar pretendia guardar a memória de nossa cultura, a fim de vislumbrar um futuro melhor para as gerações vindouras.

Um exemplo de registro da atuação do CCGD junto à sociedade maranhense em apoio a um relevante evento cultural ocorre em 20 de dezembro de 1947, quando se dá a inauguração do busto de Apolônia Pinto no famoso Teatro Arthur Azevedo. Apolônia Pinto (1854-1937) foi uma grande atriz maranhense que alcançou renome e sucesso nacionais, vindo a falecer no Rio de Janeiro. Segundo Coelho Netto (1985), o evento foi uma festa esplendorosa que teve a participação também do grupo teatral “Os amigos de Apolônia”. Como é comum em eventos assim, houve discursos e pronunciamentos tanto dos representantes do CCGD - no caso de seu presidente Nascimento Morais Filho e os centristas Lago Burnett, Almeida Galhardo e Tobias Pinheiro - quanto do poeta e teatrólogo José Brasil, representante do grupo teatral.

Mas para atestar a importância da presença do CCGD ali e para entendermos como os centristas já eram vistos como parte atuante do cenário cultural, reproduzimos aqui um trecho do discurso do ator, poeta e teatrólogo carioca Pascoal Carlos Magno, que esteve presente na solenidade:

Há, Apolônia, para o teu orgulho e para o Maranhão, um centro de jovens que se chama Centro Cultural “Gonçalves Dias” que bem poderia instalar-se no salão nobre desse teatro que teria destino mais útil, ao invés de fechado

ou anunciando programas estrangeiros, abrigando livros, ideias, discussões de moços. Sob tua égide, amigos teus de vinte anos de idade mantêm uma sociedade de animadores teatrais. São todos pobres como tu foste. Mas há em cada um deles uma festa interior. Olha Apolônia, do alto em que estás, e verás um governo de moços entre moços das escolas de duas ruas, entre os velhos do Maranhão que são permanentemente jovens pelo entusiasmo e pela pureza de coração. (MAGNO *apud* COELHO NETTO, p.343, 1985)

Certamente amigo e admirador de Apolônia Pinto, quando esteve em São Luís do Maranhão em 1947 para a inauguração do busto da atriz falecida dez anos antes, Magno foi informado sobre o CCGD e suas atividades e propostas, que a essa altura já era reconhecido no meio cultural e era público e notório que os centristas pleiteavam o Teatro Arthur Azevedo como local para sede de seus encontros e reuniões. Nada mais justo pleitear que o teatro abrigasse o grupo que contribuía incessantemente para a própria cultura maranhense. A solicitação foi atendida em 1948, pois a partir deste ano encontramos várias notas no jornal *Diário de São Luiz* registrando reuniões do CCGD no teatro pela manhã, a exemplo desta datada de 23 de maio de 1948:

Realizar-se-á hoje às 10h no Teatro Arthur Azevedo mais uma reunião pública do Centro Cultural “Gonçalves Dias”. Ocupará a tribuna o dr. Benjamin Gomes, que convidado por esta prestigiosa sociedade de jovens intelectuais de nossa terra, pronunciará uma palestra subordinada ao tema “A necessidade de uma filosofia da personalidade e momento atual”. Na sua palestra, o ilustre psiquiatra patricio abordará os pontos principais e responsáveis pela crise do mundo moderno. O distinto visitante será saudado pelo centrista Celso Bastos. Para essa sessão, o Centro Cultural “Gonçalves Dias” convida os intelectuais, os professores e a mocidade. (*Diário de São Luiz*, mai.1948, p.10)

Outra importante realização creditada ao CCGD foi a publicação de dois cadernos literários, os quais estão disponíveis de forma online no Acervo Digital da Biblioteca Benedito Leite. As publicações se intitulam *Campanha Pró-Imprensa do Centro Cultural Gonçalves Dias Caderno Histórico nº 1* e *Campanha Pró-Imprensa do Centro Cultural Gonçalves Dias Caderno Literário nº 2*. Em ambas, constam os prefácios do presidente do CCGD, Nascimento Moraes Filho.

A data de publicação do *Caderno Histórico nº 1*, 07 de setembro de 1947, enseja um conteúdo direcionado ao patriotismo pela ocasião. Ao lermos o prefácio de uma lauda, de autoria de Nascimento Moraes Filho, já assinando como Presidente

do CCGD, encontramos o agradecimento, no primeiro parágrafo, ao governador Sebastião Archer, por ter viabilizado a impressão daquela “plaquette”<sup>49</sup> (1947, p.3).

Em linhas gerais, o *Caderno Histórico nº 1*, a fim de comemorar o aniversário de 125 anos de Independência do Brasil e no intuito de “fazer a mocidade sentir as palpitações do coração do passado e das vibrações da alma da Independência” (MORAIS FILHO *apud* CADERNO HISTÓRICO nº 1, 1947, p.3), contém: a) um breve estudo do historiador maranhense Luso Torres<sup>50</sup> sobre a vida e os feitos de José Bonifácio, demonstrando como “a personalidade deste notabilíssimo político e ardoroso nacionalista” (MORAIS FILHO *apud* CADERNO HISTÓRICO nº 1, 1947, p.3) influenciou o destino da nação brasileira; b) a transcrição do Manifesto da Independência de 05 de agosto de 1822 escrito por José Bonifácio, o qual aponta “em seus traços gerais, as retrógradas intenções das Cortes no sentido de reduzir o Brasil à servidão e a espoliação de nossas riquezas naturais em benefício da metrópole.” (TORRES *apud* CADERNO HISTÓRICO nº 1, 1947, p.7).

Nosso interesse, porém, se voltou especificamente ao conteúdo do *Caderno Literário nº 2*, datado de 03 de novembro de 1947, haja vista que contém: a) a reprodução incompleta de um poema de Gonçalves Dias (“Caxias”, faltando a última estrofe); b) um robusto editorial de Nascimento Morais Filho (novamente assinando como Presidente do CCGD) intitulado “Duas Palavras”; c) e dezesseis poemas e dois textos em prosa (uma crônica e uma prosa poética) de jovens autores maranhenses.

A ideia era perscrutar possíveis traços modernistas nesses textos e o resultado foi positivo. Por outro lado, encontramos também poemas com influências parnasianas e simbolistas, estruturados em sonetos. O editorial escrito por Morais Filho exala patriotismo, retomando a razão de se escolher Gonçalves Dias como homenageado nesta segunda edição: é um poeta que pensa a tradição em termos de passado, presente e futuro e materializa o sentimento da nação brasileira: “o nosso pensamento nacionalista vingou com o bardo maranhense.[...] Gonçalves

---

<sup>49</sup> Folheto.

<sup>50</sup> Luso Torres (1879-1960) além de ter pertencido à Academia Maranhense de Letras, sendo fundador da cadeira de nº 6, foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Foi também cronista, jornalista, Deputado estadual (1910-1914), Prefeito de São Luís (1918-1921) e Interventor Federal no Maranhão (1930).

Dias tinha a natureza dentro de si, sentia-a e amava-a. E no pulsar do seu coração latejava-lhe a pátria” (MORAIS FILHO *apud* CADERNO LITERÁRIO Nº 2, 1947, p.9)

### 3.3.1 Um olhar sobre o conteúdo poético do *Caderno Literário nº 2* (1947)

Antes de prosseguirmos, cabe aqui refletir um pouco mais sobre como a estética literária modernista operou suas mudanças na poesia brasileira. Entendemos como Modernismo o movimento de ruptura que se deu nas artes em geral, dentre elas a Literatura, e que no Brasil ocorre no início do século XX, tendo sua culminância efetiva no evento conhecido como Semana de Arte Moderna de 1922. Enquanto teoria estética, o Modernismo visava sobretudo orientar e definir uma renovação, formulando em novos termos o conceito de literatura e de escritor. (CÂNDIDO & CASTELLO, 2001)

Como características estéticas, o foco era o desejo de expressão livre, tanto no tocante às emoções pessoais quanto à realidade do Brasil, sem a pressão de subjugar a linguagem aos embelezamentos tradicionais do academicismo. A contribuição maior dos modernistas foi revelar em seus textos uma escrita livre de formalismos e mais atenta às transformações sociais vividas diariamente, explorando os inúmeros fatos que circundavam e angustiavam a civilização do século XX. (CÂNDIDO & CASTELLO, 2001)

No contexto brasileiro, redescobrir o país, alimentando-se de sua etnografia e folclore, significou romper com o nacionalismo considerado *enfeitado* por seus predecessores românticos. O Brasil dos modernistas se inspirou na força criadora do primitivo, e viu neste a capacidade de descobrir um novo lirismo e se desvincular, em grande parte, da literatura produzida na Europa. (CÂNDIDO & CASTELLO, 2001)

Isso permite enxergar a pátria como um espaço de inúmeros contrastes e com muitas vertentes que ainda aguardam por novos descobrimentos. A atitude dos modernistas - de buscar inspiração nos rincões de nosso país, contribuiu para a adoção de uma outra perspectiva sobre nossa identidade nacional.

Outro ponto de destaque dentro das propostas modernistas foi a subversão dos gêneros literários, principalmente quando pensamos em poesia. Esta aproximou-se do ritmo, do vocabulário e dos temas da prosa; o inverso também

acontece, com a prosa adotando processos de elaboração da poesia. Por isso nos referimos bastante ao termo “prosa poética”, tipo de texto muito recorrente no século XX e que vislumbra essa hibridização. (CÂNDIDO & CASTELLO, 2001)

Como o enfoque deste estudo se dirige à poesia, podemos elencar suas conquistas no Modernismo: formas poéticas e versos livres, sob as quais não reconhecemos mais as estruturas tradicionais; a simultaneidade; capacidade de condensação; metáforas vívidas e fusão de elementos diversos. (CÂNDIDO & CASTELLO, 2001)

O emprego do verso livre permite uma maior flexibilidade do olhar poético em seu entorno, ampliando suas possibilidades expressivas. Ao eu lírico também é permitido despersonalizar-se, ou seja, a subjetividade plena não é mais um requisito fundamental da voz poética que se expressa, e como exemplo disso temos a poesia do autor português Fernando Pessoa.

Uma vez entendida a proposta modernista, a qual nasce em uma região do Brasil – o eixo Sul/ Sudeste – com características de maior desenvolvimento econômico na década de 1920, retornamos à análise do conteúdo presente no *Caderno Literário nº2*. A seguir, registramos a presença dos poetas maranhenses com suas respectivas produções poéticas e realizamos também, como será percebido adiante, uma breve apreciação crítica desses textos:

1) “A Gonçalves Dias”, soneto de Tobias Pinheiro Filho: poema de tom elegíaco na medida em que exprime o luto por Gonçalves Dias por ocasião do naufrágio do navio *Ville de Boulogne*: “Gonçalves Dias morre... e quem o há de chorar? / Sua alma vai viver com as estrelas nos céus, / Seu corpo vai dormir com as pérolas no mar!” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

2) “Divina eclosão”, soneto de Agnor Lincoln da Costa: poema dedicado a Nascimento Morais Filho, destacando o “companheiro arrojado e espírito brilhante”. O tema se volta para o verdadeiro papel do poeta, o qual enxerga o caos e o sofrimento porém conta apenas com uma arma para denunciar sua realidade insatisfatória: a palavra: “Depois, erguendo a voz, num gesto singular, / cantou como a domar os páramos adversos / e ardeu numa eclosão de lágrimas e versos.” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

3) “A ti, mulher sem nome!”, poema de forma livre de Alteredo Barros: com uma temática audaciosa para a época, o eu lírico reflete sobre o direito à maternidade de uma prostituta. Consideramos este um poema modernista, inclusive

por apresentar uma característica difícil de se encontrar em poemas maranhenses da época: o prosaísmo. “O que é Belo e Feliz n’outras mulheres / é simplesmente o que desejas tu. / Mas pra ti, mulher, que és prostituta, / Ser mãe, ter filho, é cometer um crime!” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

4) “Destinação”, poema de forma livre de Celso Bastos: outro exemplo de texto poético que já se configura modernista, não só pelo prosaísmo e linguagem popular como pela reflexão social. O eu lírico expressa sua ideia sobre o futuro das próximas gerações, já que a do presente pertence à “era atômica”. Predomina aqui uma mensagem de luta, sacrifício e esperança: “Do seio de todos nós tem surgido mártires / e hão de surgir ainda, / porque a luta é longa.” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

5) “Revolta”, soneto de Costa Filho: apesar da estrutura clássica, apresenta uma crítica social, pois a revolta dirige-se à opressão do homem que é calada e sufocada: “Vejo o aniquilamento de uma raça, / a ignorância dominante a massa... / e a fome sendo o pão de cada dia...” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

6) “Estoicismo”, soneto de Dagmar Desterro: poema de temática romântica com uma abordagem filosófica, como sugere o próprio título. O eu lírico aconselha a mulher a se manter em seus princípios morais, a ser indiferente ao sentimento amoroso: “Cuidado com os caminhos enganosos! / Pensa e medita um pouco em tua vida...” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

7) “Lamento de um sonhador”, poema de forma livre de José Naufel: com tendência modernista, apresenta uma linguagem mais próxima da simplicidade. De teor melancólico, o eu lírico desiludido da vida e dos amores recorre ao lamento: “Parte de minh’alma dilacerada pela desilusão, / Que soluça, na angústia suprema / De ter perdido a felicidade.” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

8) “Bandolim de amores”, soneto de Mário Bogéa: de influência claramente simbolista, apresenta recursos estilísticos desta estética literária como a sinestesia, a fim de evocar a musicalidade. A temática está voltada para o sonho, o amor e a esperança: “O bandolim que sonha e palpita / Nesta ilusão de amores, tão bendita, / É o coração, meu pobre sonhador.” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

9) “Cortina de ribalta”, poema de forma livre de Myrllia de Alencar: de influência parnasiana na essência, personifica a cortina de veludo do teatro como testemunha da arte, descrevendo todo o processo artístico que se desenrola naquele espaço: “E ninguém pensa ao ver-te / que ao seres suspensa, / tremes toda

/ ao veres / trêmulos e suspensos / os artistas sob tua guarida...” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

10) “Anjos”, poema de Nogueira da Cruz: estruturado em 4 quartetos, possui uma influência eminentemente simbolista, valendo-se do uso de aliterações, sinestésias e assonâncias. A musicalidade, as visões etéreas, os sonhos e as brancuras estão todas expressas em seus versos: “Visões cálidas, álgidas visões, / visões de amor, doces visões de beijo; visões, que de saudade eu louco vejo, / em minh’alma, pulsando corações.” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

11) “O espinho e o jardineiro”, poema de Nelson Borges: estruturado em 11 quartetos, com rimas alternadas, o eu lírico assume a forma de espinho, o qual questiona a razão do jardineiro eliminá-lo da rosa e em razão disso, vive triste: “Jardineiro, por que deixas / Que eu me fique, só, assim? / E levas somente a rosa, / E não me levas a mim?” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

12) “Asas queimadas”, soneto de Reginaldo Telles: clássico em forma, linguagem e conteúdo, o tema dirige-se à desilusão do eu lírico: “Tentando reviver minh’alma torturada.../ Nas asas do meu sonho eu me arrojava a tudo, / E agora, tudo embalde...e não me resta nada!” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

13) “Isaura”, soneto de Ubirajara Rayol: igualmente clássico em todos os sentidos, o tema volta-se para a perda da amada, lamentando sua morte em tom saudoso: “Vai para o céu a linda companheira.../ Mas a minh’alma triste e dolorida, / Ao vê-la na agonia derradeira, / O desespero sente da partida!” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

14) “Cromo”, poema de Vera-Cruz Santana: o texto na verdade adquire contornos de prosa poética, mesmo que organizado em três estrofes. Como o próprio título sugere, percebemos uma explosão de cores ao se descrever um fim de tarde na praia, pelo eu lírico angustiado: “Há um dilúvio de sangue no poente! / É o sol, que morre, em clamores de luz, beijando o mar! / É a agonia da tarde! A angústia incompreendida do dia que passa!” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

15) “S.Luiz, boa noite!”, crônica de José Filgueiras lida na Rádio Ribamar em 24/10/1947: essa é uma crônica com bastante lirismo, em que São Luís saúda e ao mesmo tempo exalta os caxienses e sua herança de tradições e de belezas naturais. No texto, o autor confirma a ida dos centristas à Caxias em breve, a fim de homenagear o poeta Gonçalves Dias em sua cidade natal;

16) “Duas cartas sem resposta (fantasia)”, prosa poética que aparece na revista sem autoria: é a carta de um homem apaixonado e ignorado por sua amada, a qual insiste em não lhe responder as missivas.

Além dos textos poéticos supracitados gostaríamos de acrescentar, desta vez sob a perspectiva de uma análise mais crítica, dois poemas cujos autores se definirão modernistas na década seguinte – a de 1950. São eles “Meu Verso”, de Lago Burnett, e o soneto “Horizonte Vespéral”, de Nascimento Morais Filho.

O poema “Meu verso” é um dos que se destacam por já ultrapassar a barreira da tradição, trazendo uma voz poética com espírito combativo, além de explicitar em seus aspectos de construção formal versos livres e brancos, ou seja, versos sem preocupação com a métrica ou rima. Vejamo-lo na íntegra, abaixo:

Meu verso  
 Não ficará preso nas páginas de um livro,  
 No esquecimento das estantes.  
 Meu verso irá pela praça,  
 Livre, correndo,  
 Mostrando ao mundo  
 A estrela da Liberdade!  
 Irá descalço,  
 Junto com o povo.  
 Há de sentir o cheiro da miséria,  
 Dormir no relento,  
 Sofrer com o povo.  
 Meu verso entrará na fila  
 Para ganhar o pão de cada dia.  
 Nas noites de chuva,  
 Ele não ficará sentado,  
 Aquecendo as mãos diante de uma lareira.  
 Ele irá pelos bairros pobres,  
 Abrigando os desafortunados,  
 E recolhendo na sarjeta,  
 As crianças pobres,  
 Que ficaram esquecidas,  
 Sem infância.  
 Meu verso irá salvar a Mocidade!  
 Ele arrancará o cigarro  
 Da boca do menino pervertido,  
 E o lançará no pano verde do jogo,  
 Ateando o fogo com a cachaça maligna  
 Na vitoriosa fogueira  
 Da consumação do vício.  
 Meu verso irá pelas cadeias públicas,  
 Abrirá as jaulas,  
 E mostrará aos presidiários  
 O DIA NOVO que surge!  
 E eles irão todos juntos  
 De braços dados,  
 Ajoelhar-se diante da Cruz do Cristianismo,  
 Homens de fé!  
 (BURNETT *apud* CADERNO LITERÁRIO nº 2, 1947, p.23-24)

Esse poema integra também o livro *Estrela do Céu Perdido*, o primeiro de Lago Burnett, cuja primeira edição saiu com o apoio do Centro Cultural “Gonçalves Dias” em 1949. É um poema de uma estrofe só, com irregularidade na extensão dos versos, que como já dissemos, são livres e transpiram oralidade. O eu lírico resgata a força de sua voz, a do poeta, cujos versos não se prestarão a ficar “presos nas páginas de um livro” esquecido na estante, mas transcenderão e servirão à uma causa social da qual muitos são sofredores. São versos que mostrarão a liberdade e a esperança aos jovens, tirarão a fome e o vício, abrirão os portões das cadeias e farão surgir um novo dia, em que todos serão irmãos na fé cristã. O poeta Ferreira Gullar, em prefácio à 2ª edição de *Estrela do Céu Perdido* (1999), relembra a década de 1940, época de juventude e poesia, vivida com o amigo Lago Burnett:

Estreamos, os dois, quase ao mesmo tempo, em livros editados às nossas custas, com capa do mesmo Floriano Teixeira, em edição do mesmo Centro Cultural “Gonçalves Dias”. Éramos uma dupla inseparável: fundamos, juntos, um pequeno jornal literário – *Letras da Província* – que logo passou a chamar-se *Saci* e em seguida *Afluente*. Para custear a edição, saíamos pelo comércio do centro da cidade a pedir anúncios. Não tínhamos ideia muito clara do que queríamos da vida, mas estávamos convencidos de que éramos poetas e devíamos nos fazer ouvir.... [...] *Estrela do Céu Perdido* reúne versos de um rapazola, escritos entre os 17 e os 19 anos. Não é de estranhar, portanto, que haja nele poemas ingênuos, seja temática seja formalmente. Mas, mesmo nesses poemas, aqui e ali fulgura o talento raro do poeta, capaz de imagens surpreendentes e de um modo novo de abordar velhos temas. (GULLAR apud BURNETT, 1999, p.11-12)

*Estrela do Céu Perdido* é dedicado a Nascimento Morais Filho, Tobias Pinheiro e Ferreira Gullar, “meus amigos, meus irmãos, meus poetas” (BURNETT, 1999, p.7). Enxergamos em “Meu verso”, em certa medida, um diálogo com o poema “Evocação” de Morais Filho, o qual abre o primeiro livro deste, *Clamor da hora presente*, pois em ambos encontramos essa urgência e referência à voz do poeta e sua importância em levar uma mensagem de libertação às pessoas oprimidas, sem deixar de lado a esperança amparada na fé cristã, uma fé que se traduz em solidariedade e justiça.

Já quem lê o soneto “Horizonte Vespéral”, de Nascimento Morais Filho, não imaginaria nele o mesmo autor dos versos de “Evocação”. Dedicados a “alguém”, os versos abordam a temática de um sonho inalcançável, o qual se estende para além do horizonte de um fim de tarde. Segue abaixo o referido soneto:

Bradou-me um dia uma Visão – “Avante!  
 O teu caminho a luz apoteosa  
 A Glória te acompanha, parte atlante!  
 (E olhando a plaga elísea e esplendorosa):

“O Azul é teu troféu! Ergue-o triunfante  
 No pedestal de um coração. Desposa  
 A rútila conquista no Levante  
 Dos sonhos dos teus dias”. Dolorosa

Jornada, então, rompi. Do ritual  
 Do Amor aceito e cumpro a férrea lei  
 Buscando-te na altura alcantilada.

Mas... és meu horizonte vespéral  
 Onde assim, como o sol, eu morrerei  
 Na cósmica ilusão doutra alvorada.  
 (MORAIS FILHO *apud* CADERNO LITERÁRIO nº 2, 1947, p.31).

Estes versos refletem o pensamento de um poeta ainda em construção, que carrega consigo muito das tradições literárias que estão impregnadas na pele dos intelectuais maranhenses. Em 1947 Moraes Filho era muito jovem, contava apenas 25 anos. Apesar do conteúdo romântico, antevemos em “Horizonte vespéral” algumas metáforas características de sua obra que se tornarão constantes quando ele se tornar um poeta efetivamente modernista: “azul”, como a liberdade conquistada; termos ligados a um esclarecimento e percepção da mente que enxerga além (“luz”, “visão”); o eterno movimento incessante de um eu lírico que não desiste (“avante!”, “jornada”, “caminho”); a promessa da conquista (“troféu”, “Glória”, “luz apoteosa”); e a força física do eu lírico (“atlante”).

O *Caderno Literário nº 2* é uma publicação, em nossa análise, que demonstra o exato momento de transição de uma geração: em 1947, alguns autores já escreviam em versos livres e outros não; a maioria ainda se prendia à temática dos sonhos e amores impossíveis, outros escreviam sobre a nostalgia de tempos de outrora e outros já se voltavam ao engajamento e crítica social. Em linhas gerais, e para o que se propõe, o *Caderno Literário nº 2* segue importante para a historiografia deste período na Literatura Maranhense porque representou um espaço de publicação oportunizado pelo CCGD para jovens autores e autoras, dos quais muitos só encontrarão as veias do Modernismo na década seguinte.

### 3.3.2 A edição do *Suplemento Cultural* (1948-1949)

Conforme dissemos anteriormente, o CCGD manteve uma agenda bastante ativa e intensa em seu pouco tempo de existência. Para além da publicação de duas revistas literárias (o *Caderno Histórico nº1* e o *Caderno Literário nº2*), o apoio à publicação de livros dos centristas (como os livros de estreia de Lago Burnett - *Estrela do céu perdido* - e Ferreira Gullar – *Um pouco acima do chão*, ambos de 1949) e viagens culturais (como a excursão a Caxias em 1947 em busca do local exato do nascimento de Gonçalves Dias), o CCGD manteve regularmente a edição da página literária *Suplemento Cultural* em um jornal de ampla circulação em São Luís, o *Diário de São Luiz*, o qual veiculava o discurso do governo de situação da época. O dono do referido jornal era o senador Vitorino Freire.

Na 1ª edição do *Suplemento Cultural* datado de 23 de maio de 1948, Nascimento Morais Filho publica um breve texto explicando o propósito do suplemento para a sociedade ludovicense:

Apresentando ao público maranhense este Suplemento Cultural, quero deixar aqui os meus votos de louvor à direção do *Diário de S.Luiz* por tão dignificante iniciativa em prol das nossas letras. Na verdade, a intelectualidade maranhense ressentia-se da falta de um órgão de publicidade, por onde possa exprimir o seu pensamento e mostrar aos descrentes do nosso valor que o Maranhão merece ainda o nome glorioso de Atenas, que os nossos maiores conquistaram. Lisonjeado pelo espírito esclarecido do sr. Antonio Passos<sup>51</sup> para dirigir esta página cultural, tudo farei para corresponder a confiança em mim depositada. (DIÁRIO DE S. LUIZ, 1948, p.5)

Conflitos políticos e ideológicos à parte, ao que tudo indica, pelas análises desse enorme material encontrado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, os textos dos autores publicados no *Suplemento* eram diversos<sup>52</sup>. Encontramos desde crítica de arte a resenhas literárias de intelectuais consagrados e novos na lida artística; notícias do mundo literário eram veiculadas, anunciando concursos, lançamentos de livros e eventos culturais; encontramos textos em poesia e prosa, seguindo ou não preceitos de estéticas de outrora, como o Parnasianismo e o Simbolismo; e observamos poemas de estrutura livre, linguagem nem tanto, mas ensejando um viés modernista.

---

<sup>51</sup> Antônio Passos era o gerente do jornal nesta época.

<sup>52</sup> Não nos aprofundaremos, nesta tese, em maiores análises do *Suplemento Cultural*, haja vista a enorme extensão desse material. Optamos por reservar este acervo para um próximo estudo e publicação.

É assim que, por exemplo, identificamos na edição de nº37 do *Suplemento Cultural*, datado de 20 de março de 1949, um interessante ensaio assinado pelo então jovem escritor José Sarney Costa intitulado “Considerações sobre o Modernismo”, o qual escreve especialmente para esta edição. O texto expressa uma tentativa de entendimento da referida estética literária e sendo o autor um intelectual que vivenciava essas discussões no Maranhão, transcrevemos aqui um trecho bastante lúcido sobre suas impressões:

Para nós moços que vivemos o ano da graça de 48-49, falar em Modernismo já parece velharia. No entanto, estamos no Maranhão, onde o movimento modernista não teve nenhuma repercussão, onde ele jamais foi nedotário e muitos o cognominam e o confundem com o futurismo de Marinetti como já testemunhamos, tendo como exemplo dois ilustres membros da nossa Academia de Letras, para nós muito prezada. (COSTA *apud* DIÁRIO DE S. LUIZ, 1949. p.7)

Nessa mesma edição encontramos uma nota que confirma um dos ideais do Centro Cultural “Gonçalves Dias”: promover momentos de discussão sobre temas científicos e atuais, criando núcleos de estudos com a participação de estudiosos de renome de São Luís e abrindo esses espaços a qualquer um, sem ônus:

Reiniciadas ontem à noite as aulas de Psicologia ministradas pelo Dr. Bacelar Portela nos núcleos de estudos do Centro Cultural ‘Gonçalves Dias’. Mais uma vez por nosso intermédio, a referida agremiação convida os senhores interessados a assistirem as aulas em apreço, bem como as de Sociologia, sob a orientação do Dr. Fernando Perdigão. (DIÁRIO DE S. LUIZ, 1949, p.7)

Identificamos em outra ocasião a publicação de um conto do escritor (que também era centrista) Celso Bastos, “A grande lição”, ocupando as páginas do *Suplemento Cultural* nº46, datado de 19 de junho de 1949. Nesta mesma edição descobrimos o valor de venda do primeiro livro de poesia de Ferreira Gullar, *Um pouco acima do chão*, e onde adquiri-lo:

As pessoas do interior do Estado que desejarem obter um exemplar de “Um pouco acima do chão” poderão enviar seus pedidos para a residência do autor, juntamente com a quantia de Cr\$ 15,00 acompanhada do respectivo endereço. (DIÁRIO DE S.LUIZ. jun.1949. p.7)

O espaço estava aberto, portanto, a todos aqueles que quisessem publicar, sendo democrático quanto a isso, inclusive no tocante à questão de

gênero. Também não era necessário estar associado ao CCGD, por isso reforçamos a existência de textos de autores que na época participavam de outros grupos, como a Movelaria Guanabara e o grupo que editava outra revista literária no final da década de 1940 – a *Saci*.

Ao lado de Ferreira Gullar e Lago Burnett, Nascimento Morais Filho conseguiu editar em torno de 50 edições do *Suplemento Cultural* entre os anos de 1948 e 1949. Em uma célebre entrevista para esta página datada de 26 de junho de 1949, o poeta foi questionado pelo jornalista encarregado da matéria se achava que o Centro Cultural “Gonçalves Dias” já tivesse realizado “alguma coisa digna dos maiores louvores” até aquele momento, ao que Morais Filho responde:

Já. O soerguimento intelectual do Maranhão data de 1945, ano em que fundamos a nossa agremiação. Todo movimento que se realiza hoje em nossa terra está direta ou indiretamente sob nossa influência. Muito, na verdade, nos falta para realizar nosso plano cultural, que não é nosso e sim do Maranhão. Mas muitos dos nossos planos já concretizamos e, considerando-se o meio hostil a essas iniciativas do espírito, a falta de ajuda daqueles que podem cooperar conosco nessa campanha nobre e não cooperam e o êxodo dos moços para as outras plagas que sugere a ideia de que o Maranhão é um organismo a sangrar continuamente, temos feito uma obra superior às nossas forças. (DIÁRIO DE S.LUIZ. jun.1949.p.7)

A ideia fixa de Morais Filho por Gonçalves Dias, e onde reside a essência do CCGD, reflete puramente a crença ludovicense na tradição e no resgate dos valores, no sentido de não deixar morrer a memória dos nomes daqueles que ajudaram a construir os pilares sólidos de nossa cultura. Pensar São Luís como Atenas Brasileira significa entender a construção de uma identidade que vai tão longe quanto o século XVIII, associando-a aos fatores de desenvolvimento econômico da cidade, chegando ao século XIX com a europeização da elite agroexportadora e se consolidando nas artes, em específico, nas letras:

No final do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX a cidade de São Luís passou por mudanças em seus costumes. Habitada a frequentar as festas que se resumiam às atividades da Igreja e do Estado, a elite ludovicense mudou seus hábitos culturais, impulsionada [...] pelo crescimento econômico decorrente do ciclo do algodão e do ciclo do açúcar, que lhe possibilitou um intercâmbio cultural com a Europa, particularmente com a França. Vários filhos da elite foram para a Europa realizar seus estudos. Esse intercâmbio provocou uma mudança nos costumes dos maranhenses, que influenciados pela Cidade-Luz contribuíram para a transformação de uma minoria da sociedade e introduziram costumes franceses, destacando-se o interesse pelos bons modos, pelo refinamento, pela arte, pelas letras. (LACROIX *apud* CARVALHO, 2013, p.666)

No ambiente cultural que se cria a partir daí, desenvolvem-se duas gerações da literatura maranhense, da qual destacamos a primeira nomeada de Grupo Maranhense. É a esta que pertence Gonçalves Dias. Ela absorve bastante as influências da estética romântica e do ideal nacionalista, já que se situa no Brasil recém-independente e seus autores produzem no período que, didaticamente, se estende de 1832 a 1868. É essa primeira geração literária que constrói o mito da Atenas Brasileira em São Luís, defendida por intelectuais que asseguram um passado de glórias e uma cidade letrada e essa ideia permanece até os dias de hoje. Retomamos brevemente a explicação desse conceito pois fica bem claro que ele consta na própria gênese do Centro Cultural “Gonçalves Dias” e por isso mesmo talvez seja esta uma das razões pela qual o Centro não possui uma longa existência: pois ainda defende um passadismo insistente e os jovens ansiavam por maiores mudanças.

Certo mesmo é que o Centro Cultural “Gonçalves Dias” encerra suas atividades no início do ano de 1950. São diversos os fatores que levaram o grêmio à extinção, mas citamos três por considerarmos os mais importantes. A primeira causa diz respeito ao poeta Nascimento Morais Filho: eleito quatro vezes presidente do CCGD e líder nato de todas as iniciativas do grupo, ele é aprovado no concurso público para Fiscal de Rendas do Estado do Maranhão. Por conta do exercício da profissão, a qual envolvia inúmeras viagens pelo interior, ele passa a ausentar-se bastante de São Luís e das atividades do grupo. A segunda causa se relaciona à sede: os centristas pleiteavam desde sua fundação um local permanente no qual pudessem desenvolver melhor suas tarefas, estudos, palestras e reuniões, mas sem sucesso. Ao invés disso, tinham que se subordinar ao interesse do poder público, o qual designava um local sempre transitório, gerando instabilidade entre os congregados.

A terceira causa se justifica pelo movimento natural de mudança que permeia as vontades humanas e prioriza as necessidades mais urgentes da vida: os jovens centristas, os quais a princípio se uniram por afinidades, ideias e desejos de mudar o cenário intelectual maranhense, posteriormente seguiram por outros caminhos, dando novos destinos a suas trajetórias enquanto autores e profissionais, a exemplo dos já citados Ferreira Gullar e Lago Burnett que se mudam para o Rio de Janeiro. O fim do Centro Cultural “Gonçalves Dias” pode ter dividido, mais uma vez,

as mentes pensantes entre aquelas que ficaram e as que foram embora de nosso Estado, mas a atuação desses jovens bem como sua contribuição para a nossa cultura e literatura permanece registrada e documentada para a posteridade.

A importância do resgate histórico dos documentos que pertenciam ao CCGD bem como as publicações que se deram sob sua supervisão nos mostra o quanto essa agremiação literária queria movimentar e apoiar eventos no ambiente cultural ludovicense, além de oportunizar um espaço de estudos sério, com discussões sobre novos temas, novos autores e novas estéticas. E para o que se propôs, fê-lo. Quanto às conquistas modernistas, veremos concretamente, como dissemos ao longo desse capítulo, apenas na década seguinte, quando o CCGD já não existia mais.

#### 4 A CONSOLIDAÇÃO DO MODERNISMO NO MARANHÃO: 1950 a 1965

O Maranhão adentra a segunda metade do século XX expressando ainda uma grande vontade de renovação cultural, e isso se estende à esfera política também. Mas muitas vontades sociais e políticas não atingem os objetivos desejados, e assim vemos, ao longo de um período de 15 anos, o fortalecimento e a decadência do ciclo político que chamamos de Vitorinismo. Os três governadores maranhenses deste período ao qual fazemos o recorte neste capítulo são eleitos por partidos controlados, de alguma forma, pelo senador Vitorino Freire: primeiro o PST – Partido Social Trabalhista e depois o PSD – Partido Social Democrata e o PTB – Partido Trabalhista Brasileiro. São eles: Eugênio Barros (PST, 1951-1956), Matos Carvalho (coligação PSD e PTB, 1957-1961) e Newton Bello (PSD, 1961-1966). Lembramos, no entanto, que no início de sua carreira política, atuando como deputado estadual, Freire elegeu-se pelo PPB – Partido Proletário Brasileiro.

Cada um desses governadores travará batalhas dramáticas com os partidos reunidos na chamada Coligação Opositorista, pois estes contestarão a validade dos votos nas urnas em cada um dos pleitos em que eles perderam, alegando a existência de “eleitores-fantasmas”. As batalhas começavam nos jornais *Diário de São Luiz* (situação) e *Jornal do Povo* (oposição) para depois alcançarem os tribunais de justiça eleitoral, tanto o Regional quanto o Superior. Em todos os pleitos as decisões judiciais recaíram favoráveis aos candidatos apoiados por Vitorino Freire. E assim eles assumiram seus lugares na linha histórico-política de nosso Estado.

Freire, na capital da República, ou seja, no Rio de Janeiro, exercia suas influências de longe no Maranhão ocupando já nesta época o cargo de senador. Vinha para cá sempre que ocorria algum evento conflitante, que destoasse de seus interesses. Seu acesso aos presidentes da República eleitos democraticamente, em especial o general Eurico Gaspar Dutra e Getúlio Vargas, garantiu-lhe prestígio, temeridade e envio de muitos recursos ao Maranhão. Os vinte anos totais de influência política na vida do estado, de 1945 a 1965, determinarão em grande parte os rumos do desenvolvimento econômico do próprio Maranhão – para melhor ou pior. O historiador Carlos de Lima resume de forma interessante essa atuação vitorinista por aqui, sempre uma visão ambígua, da qual extraímos um trecho:

[...] fez Sebastião Archer governador e a grande maioria de deputados estaduais. Fundou o Partido Social Trabalhista e tomou conta da política do Estado. Não houve oposição que levasse a palma e, se algum correligionário ameaçava rebelar-se, dizia: “Vou ao Maranhão apertar as cangalhas.” E cumpria a promessa, todos submissos à sua vontade. Assim, escolheu governadores, presidentes de banco, chefes de repartição, abriu e fechou cofres do erário público, perseguiu adversários, premiou e foi amigo leal de seus amigos. Para os amigos, tudo; para os adversários, a lei e todas as dificuldades. Foi mau, muito mau, cruel mesmo com os inimigos. Mas quase todos, se não todos, os que se destacaram na política, começaram com seu auxílio e patrocínio. Poucos reconheceram isso e quase todos o abandonaram depois. Homem de luta, perdeu o PSD, fundou o PPB, retomou o controle do PSD, fundou jornal e durante vinte anos mandou no Maranhão e nos maranhenses. Mandava e desmandava; favoreceu (e como e a quantos?) que, depois, passaram a cuspir no prato em que haviam fartamente comido. [...] Que Vitorino canalizou muitos, enormes recursos para o Maranhão, canalizou; que se eles não foram aplicados como deviam ser, mas desviados, ele não o fez sozinho; que quase todos, se não todos, se beneficiaram de seu prestígio, beneficiaram-se; que quando sua estrela principiou a bruxulear a debandada foi geral e as acusações exacerbadas; assim foi. (LIMA, 2010, p.164-165)

É oportuno ressaltar que Vitorino Freire (1908-1977) não era maranhense e sim, pernambucano. Em uma dessas reviravoltas da vida, nas quais o indivíduo encontra-se no lugar certo, na hora certa e com as pessoas certas, Freire aporta no Maranhão pela primeira vez em 1933 para ser secretário-geral do Estado “a convite do interventor Martins de Almeida, que o encarrega de organizar o PSD para a eleição de 1933”. (LIMA, 2010, p.163). O referido interventor havia conhecido Freire quando este era servidor público e trabalhava no Departamento Nacional de Saúde Pública, no Rio de Janeiro. A estadia por aqui não dura muito, visto que após Getúlio Vargas nomear Paulo Ramos como Interventor Federal no Maranhão em 1937, este negocia a saída de Freire daqui, pois não se entendiam politicamente.

Em 1945, quando se dá a queda de Vargas e ocorre a redemocratização no Brasil, os partidos maranhenses também rechaçam Paulo Ramos, levando o PSD dos políticos Genésio Rego e Clodomir Cardoso a convidarem Vitorino Freire a vir para o Maranhão e eleger-se por este partido, como deputado estadual, do qual ele sai vitorioso. É assim que se inicia o ciclo vitorinista aqui. Para expurgar as antigas figuras políticas, negocia-se com uma nova personalidade que tinha uma boa atuação e influência junto ao governo federal, figura esta que, de novas intenções, tinha muito pouco a destoar do antigo:

Todos ficaram eufóricos e decididos a apoiar este grande amigo do Maranhão. Não demorou muito, se desentenderam, e Genésio e Clodomir expulsaram Vitorino do PSD. Ele perdeu o partido, mas, valendo-se do PPB

– Partido Proletário Brasileiro – renunciou ao mandato de deputado e elegeu-se senador. (LIMA, 2010, p.163-164)

O resto é história e não teremos tempo de pormenorizá-la aqui; por isso detivemo-nos em breves parágrafos para tentar expor o que profundamente explica a obra de outro historiador e analista político maranhense, Benedito Buzar, em sua sempre tão referenciada obra *O Vitorinismo – lutas políticas no Maranhão (1945-1965)*. Com um olhar muito mais profundo, Buzar analisa de forma primorosa esse ciclo político vivenciado pelo Maranhão e que tanto influenciou nosso cenário intelectual.

Não nos deteremos em questões de natureza política, mas cremos ser interessante resgatar um fato há muito tempo esquecido na memória coletiva maranhense e que é extremamente importante para entendermos como muitos poetas da década de 1950 se deixam levar pelo engajamento social, incluídos aí os poemas iniciais de Nascimento Morais Filho: a famosa Greve de 1951<sup>53</sup>.

A grosso modo, foram 15 dias em que tudo parou na capital São Luís, porém esta paralização teve efeitos mais prolongados nos meses seguintes e registrou para sempre, na história do Maranhão, nomes que até hoje estampam fachadas de prédios públicos e nomeiam ruas, avenidas e bairros da capital, sem contar os municípios maranhenses. Nomes como Neiva Moreira, Clodomir Millet, Clodomir Cardoso, Nunes Freire, Lino Machado, Djalma Marques, Fernando Viana, Henrique LaRocque, Saturnino Belo, Renato Archer, César Aboud, Alexandre Costa, Ivar Saldanha e Cid Carvalho ressoam até hoje em meio à nossa pós-modernidade.

O jornalista Ribamar Corrêa descreve a Greve de 51 assim, em linhas gerais:

Nesse período, o Maranhão teve um governador eleito, dois governadores interinos, um interino que não chegou a assumir, e por pouco não caiu nas mãos de um interventor federal, que seria um general. Em meio à crise política, a Capital foi sacudida por agitações de massa, tiroteios, assassinatos, incêndios criminosos em bairros pobres, e o interior participou com um levante “guerrilheiro” em São João dos Patos. Alimentada por jornais partidários locais, a crise maranhense, que parou a vida social e econômica da Ilha, se tornou item prioritário na agenda política do presidente Getúlio Vargas – que voltara ao poder pelo voto direto –, foi acompanhada pelos grandes jornais e revistas nacionais, e ganhou repercussão internacional. Ocorrida quando o Brasil consolidava a redemocratização, a longa sequência de episódios entrou para a História

---

<sup>53</sup> Recentemente a “Greve de 51” foi lembrada em alguns artigos jornalísticos de blogs e jornais de São Luís pois contava 70 anos deste fato histórico. Destaco o artigo de Ribamar Corrêa publicado em 14/03/2021 em seu respeitado blog Repórter Tempo ([www.reportertempo.com](http://www.reportertempo.com)), pois ele também cita o texto do jornalista Benedito Buzar.

como A Greve de 51, também batizada de “Revolução do Maranhão”. (CORRÊA, <http://reportertempo.com.br/especial-a-greve-de-51-se-mantem-como-o-registro-maior-da-explosiva-crise-politica-que-abalou-maranhao> , 14/03/2021)

Nas eleições de 03 de outubro de 1950, em que disputavam Saturnino Belo (pelas Oposições Coligadas<sup>54</sup>, pois havia sido preterido por Vitorino Freire) e Eugênio Barros (pelo PST, escolhido e apoiado por Freire), a apuração final dos votos concediam vitória a Belo:

A abertura das urnas evidenciou de imediato um fato incontestável em São Luís: os candidatos oposicionistas esmagavam os vitorinistas, mas no interior, os governistas, malgrado a dissidência aberta no PST, levavam tímida vantagem sobre as Oposições Coligadas. Enquanto os vitorinistas, através de recursos no Tribunal Regional Eleitoral, procuravam anular os votos da Capital, os oposicionistas, utilizando as mesmas armas, se entrincheiravam para impugnar as urnas do interior, onde os situacionistas impunham relativa maioria eleitoral. Tanto oposicionistas quanto vitorinistas baseavam-se, para invalidar as votações, em um mesmo pretexto: a escandalosa fraude eleitoral deflagrada em todo o Estado. (BUZAR, 2014, p.77-78.)

O governador eleito deveria ocupar o cargo em 31 de janeiro de 1951, porém ainda não se sabia quem assumiria, pois o TRE deveria emitir sua decisão até esta data-limite. No decorrer deste impasse, ocorre uma fatalidade: Saturnino Belo morre em 16 de janeiro de 1951, de enfarto fulminante. Em seguida, o TRE anula 16 mil votos da capital, o que evidencia a vitória de Barros por uma vantagem de 6 mil votos; assim, ele é diplomado governador do Maranhão. Os oposicionistas entram com novo recurso, desta vez no Tribunal Superior Eleitoral, para que o resultado do pleito seja revisto. Entra-se em acordo que Barros tome posse em 02 de março de 1951, acreditando-se que até essa data o TSE já houvesse emitido seu parecer final.

Dessa forma, ao fim de seu mandato, o governador Sebastião Archer transmite seu cargo, interinamente, ao desembargador Trayahu Moreira. Eugênio Barros, descumprindo o acordado, sai de Caxias (de onde era até então prefeito) e vai a São Luís assumir seu cargo em 28 de fevereiro de 1951. É assim que se instala a crise política no Maranhão e, motivado por jornalistas e políticos que apoiavam a oposição, trabalhadores de vários setores deflagram uma greve em 01

---

<sup>54</sup> Partidos das Oposições Coligadas: PSP (Partido Social Progressista); UDN (União Democrática Nacional); PSD (Partido Social Democrata); PR (Partido Republicano); PL (Partido Libertador) e PTB (Partido Trabalhista Brasileiro).

de março de 1951. Todos os serviços que se possa imaginar, públicos e privados, pararam na capital, além do que, houve uma gama de confrontos encetados em São Luís e no interior do Estado, conforme reproduzimos anteriormente no relato de Corrêa. Assim é que se explica, até hoje, a razão de São Luís ser chamada de “Ilha rebelde”, especialmente quando se aguarda os resultados das eleições na apuração das urnas na capital.

No Rio de Janeiro, o senador Vitorino Freire dizia:

Em São Luís não existe greve. O que existe é uma coação ordenada pelas Oposições contra o governo do Estado. Os oposicionistas estão extorquindo dinheiro do comércio para manutenção do movimento. As fábricas estão paradas porque os operários não podem comparecer ao trabalho devido à coação. (BUZAR, 2014, p.85)

Os oposicionistas queriam ir até as últimas consequências para que o Presidente da República decretasse Intervenção Federal, mas isto não aconteceu pois em 15 de março de 1951 encontrou-se uma solução neutra até que o TSE emitisse seu parecer final: o governo do Estado seria assumido por César Alexandre Aboud, uma figura política neutra, recém eleito presidente da Assembleia Legislativa e que possuía um bom diálogo tanto com vitorinistas quanto com oposicionistas:

O anúncio de que César Aboud tomaria posse às 15 horas fez a cidade voltar a seu ritmo normal de atividade. Depois de receber o governo das mãos de Eugênio Barros, o governador interino foi aplaudido pela multidão que se deslocou do Largo do Carmo à Avenida Pedro II, atravessando, sem qualquer risco, o “Paralelo 38”<sup>55</sup> e, em passeata, rumou para o QG das Oposições, participando de grandioso comício, quando se comemorou, parcialmente, a vitória do povo sobre o vitorinismo. (BUZAR, 2014, p.93)

Após inúmeras reviravoltas e conflitos ocorridos em boa parte desse ano, o resultado favorável a Eugênio Barros só chega em setembro, quando no dia 18 ele assume seu posto como governador, em clima de relativa calma, pois tudo já havia mais ou menos voltado ao normal. Vitorino Freire havia ganho a batalha. Historiadores registram que Barros foi um homem de muito brio e coragem ao voltar

---

<sup>55</sup> O chamado “Paralelo 38” faz referência a uma zona no centro de São Luís que não podia ser ultrapassada pelos vitorinistas e oposicionistas. Localizava-se em frente ao Hotel Central, onde “Polícia Militar e tropas federais faziam o controle dos movimentos [...] para evitar a invasão do Palácio dos Leões.” (CORRÊA, Ribamar. <http://reportertempo.com.br/especial-a-greve-de-51-se-mantem-como-o-registro-maior-da-explosiva-crise-politica-que-abalou-maranhao/> Publicado em 14/03/2021)

a São Luís dispensando qualquer auxílio de tropas para garantir-lhe o que já havia conquistado. Ele,

com superioridade de espírito, soube, sem guardar ressentimentos da campanha de que fora alvo, comportar-se com a grandeza, imparcialidade e correção de um primo magistrado, fazendo uma administração completamente isenta de quaisquer manifestações de represália ou vingança. (MEIRELES, 2001, p.347)

Aos maranhenses que viveram o ano de 1951 restam muitas lembranças que perduram até os dias de hoje, quando o povo resistiu bravamente na intenção de defender seu voto, contestando o que achava ter sido uma grande fraude eleitoral. Sobre o que consideramos ser o período mais crítico da greve, ou seja, sobre os 15 dias de paralização total, vale a pena trazer aqui a descrição feita por Buzar para que se possa ter um vislumbre do prejuízo em detrimento da causa defendida:

[...] o comércio, a indústria e toda a vida da capital maranhense ficaram paralisados num movimento coletivo sem precedentes em nossa história: os cinemas deixaram de funcionar, os bondes e táxis pararam, o time de futebol do Madureira, do Rio de Janeiro, não pode realizar nenhum jogo. O jogo do bicho não funcionou, os ladrões não mais roubaram e não se registrou nenhum assalto, apesar da completa ausência de policiamento. Até mesmo bordéis e prostíbulos fecharam as suas portas. Os navios deixaram de fundear no porto, pois não havia quem os atendesse. Os prejuízos foram enormes. Nas alvarengas<sup>56</sup>, ao longo do cais, estavam estocadas, à espera de embarque, toneladas de óleo de babaçu, produto responsável por 80% da economia do Estado. Óleo diesel, gasolina e querosene deixaram de ser recebidos. As fábricas de tecidos, de óleo de babaçu, de cânhamo, de sabão e de algodão hidrófilo, além de pequenas indústrias, deixaram de produzir. Os bancos cerraram as portas. A Estrada de Ferro parou. As companhias de aviação suspenderam voos para São Luís. Somente o telégrafo ainda ligava os 120 mil habitantes da ilha ao resto do mundo. Dentro da própria cidade, não havia transporte. (BUZAR, 2014, p.92-93)

No âmbito literário, mais especificamente na crônica memorialista, achamos pertinente reproduzir aqui a reflexão da escritora maranhense Arlete Nogueira da Cruz sobre esse fato, o qual surge rememorado após uma conversa com sua sogra, Maria de Lourdes Diniz Machado, personalidade política importante desta época:

---

<sup>56</sup> Embarcação rústica usada na carga e descarga dos navios e no transporte de fardos pesados; batelão, saveiro. (<https://www.dicio.com.br/alvarenga-2/>)

Em 1950 dona Maria candidatou-se a vereadora por São Luís, concorrendo com Dona Lilah Lisboa<sup>57</sup>: ela pelas Oposições Coligadas e dona Lilah pelas forças governistas. Dona Maria foi a vereadora mais votada naquela eleição, derrotando Dona Lilah que desfrutava, na época, de grande prestígio. Foi talvez a terceira mulher a exercer cargo eletivo no Maranhão e, com certeza, a primeira mulher eleita vereadora de São Luís.

Quis saber dela como foi para colocar sua própria residência, o sobradão da Praça João Lisboa, à disposição das Oposições Coligadas, para nele sediar o quartel-general da famosa Greve de 1951. Disse-me que atendeu ao pedido do amigo Neiva Moreira<sup>58</sup>, um dos líderes do movimento, no que concordaria depois o cunhado Lino Machado, outro líder do mesmo movimento. Lembrei-me porque, adolescente, fui dele testemunha ocular (levada com meus irmãos pelas mãos de nossos pais, diariamente, para a praça, então chamada de Praça da Liberdade), de como foi memorável aquele acontecimento! A Praça João Lisboa era o tempo todo, dia e noite, completamente lotada de gente, pessoas dormindo e fazendo suas refeições na própria praça, com tudo parado na cidade; os navios chegando e zarpando sem descarregar, porque os estivadores tomavam parte na greve, ao lado dos açougueiros, por isso faltando carne na cidade, ao lado dos operários, empresários, funcionários, comerciantes, professores, estudantes; do povo em geral. Todos presentes, tudo parado. Até mesmo a chamada Zona do Meretrício<sup>59</sup>, ali perto, fechou suas portas durante essa greve. Os discursos pronunciados das sacadas do sobradão da família Machado eram inflamados, contagiando o povo. (CRUZ, 2006, p.249-250)

Em linhas gerais, o Maranhão teria muito a conquistar durante os governos de Eugênio Barros (PST, 1951-1956), Matos Carvalho (coligação PSD e PTB, 1957-1961) e Newton Bello (PSD, 1961-1966). Temos o desdobramento da Secretaria de Educação e Saúde em duas secretarias: Educação e Cultura, e Saúde e Assistência; o equilíbrio nas contas públicas permaneceu; e no âmbito da industrialização, houve um maior fomento ao babaçu. Criou-se e colocou-se em prática o Plano de Desenvolvimento de Educação e Cultura, que possibilitou a elaboração de leis orgânicas para os diversos níveis do ensino (do primário ao

---

<sup>57</sup> Lilah Lisboa de Araújo Costa (1898-1979): pianista, professora de piano e produtora cultural. Dentre outras coisas, foi pianista e diretora artística da Rádio Timbira e em 1948 criou a Sociedade de Cultura Artística do Maranhão – SCAM, entidade que manteve o movimento musical em São Luís após o fim da Sociedade Musical Maranhense – SMM no ano anterior. Atualmente dá nome à Escola de Música do Estado do Maranhão. (CERQUEIRA. In: [https://www.academia.edu/32075235/Hist%C3%B3ria\\_da\\_M%C3%BAsica\\_no\\_Maranh%C3%A3o\\_R\\_epublicano](https://www.academia.edu/32075235/Hist%C3%B3ria_da_M%C3%BAsica_no_Maranh%C3%A3o_R_epublicano))

<sup>58</sup> José Guimarães Neiva Moreira (1917-2012): foi jornalista atuante e deputado estadual e federal pelo Maranhão por várias vezes. Dono de uma trajetória política marcada pelo engajamento social, teve seu mandato cassado na época da ditadura militar e por isso, exilou-se. Na volta ao Brasil, em 1980, ajudou a fundar o PDT – Partido Democrático Trabalhista. Ocupou a cadeira nº16 da Academia Maranhense de Letras. Durante a Greve de 51 seu apelido era “Caramuru” e porque escrevia no *Jornal do Povo* constantemente, foi acusado de incitar as massas contra o governo.

<sup>59</sup> A Zona do Baixo Meretrício, como era chamada a área de prostituição em São Luís, situava-se no bairro do Desterro (Centro Histórico), mais especificamente na ruas 28 de Julho e da Palma. Os bares e cabarés dali concentravam toda a vida boêmia da cidade.

superior), assistência aos municípios neste setor e construção de escolas. Através da Fundação Paulo Ramos, vários convênios foram firmados junto ao Governo Federal para fomentar ensino e cultura local. Destacamos também o início da construção da estrada para o Itaqui, prenúncio do nosso atual e importante Porto do Itaqui, bem como a expansão do Plano Rodoviário (COELHO NETTO, 1985)

Em agosto de 1957, por meio da lei nº1.552, o Governo do Estado dispensava a cobrança de quaisquer taxas e tributos aos grupos folclóricos, incluídos aí os de Bumba-Meu-Boi, Tambor de Crioula e Divino Espírito Santo. Dentre os órgãos estatais fundados neste período destacamos a Central Elétrica do Maranhão (CEMAR, hoje já extinta), o Departamento de Águas e Esgotos (transformada atualmente em CAEMA, Companhia de Águas e Esgotos do Maranhão) e o Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado (o famoso SIOGE, também extinto). Para atender uma melhor administração pública, instituíram-se as secretarias de Agricultura e a de Viação e Obras Públicas. (COELHO NETTO, 1985, p.355)

O último governo deste período, o de Newton Bello, inicia priorizando a construção de grupos escolares tanto na capital quanto no interior. Também reestrutura o Banco do Estado do Maranhão (o extinto BEM) e dá atenção ao abastecimento de São Luís e a muitas outras demandas. De 26 a 30 de julho de 1961 o recém eleito presidente Jânio Quadros visita a capital, para em seguida enfrentar uma crise política de maiores proporções. Essa crise, que o substituirá pelo presidente João Goulart, afeta o repasse de recursos federais ao Maranhão, principalmente no que diz respeito a investimentos nas áreas da educação, agricultura e pecuária, esses dois últimos verdadeiros pilares econômicos do estado. De qualquer forma, Bello consegue terminar seu mandato em 1966 sem estabelecer conflitos com o novo regime político, apesar de que o golpe militar de 1964 teve sua influência por aqui também: a grosso modo a era vitorinista no estado finda para dar início a outro ciclo político, desta vez com o jovem José Sarney no poder. Mas sobre isto, trataremos mais detalhadamente no capítulo 5.

#### **4.1 As conquistas nos âmbitos cultural e literário**

É importante pontuarmos e explicarmos sobre as conquistas nos âmbitos cultural e literário durante a década de 1950 e início da de 1960. Destacamos a

fundação da SCAM – Sociedade de Cultura Artística do Maranhão, cuja liderança era exercida pela professora e pianista Lilah Lisboa e muitos artistas plásticos, como Newton Pavão, Paiva Filho, Cadmo Silva e Antônio Almeida. Um evento imponente foi o que ocorreu em 25 de janeiro de 1955 para celebrar o centenário de nascimento de Arthur Azevedo, com muitas homenagens prestadas ao autor no próprio teatro, que já levava seu nome, com a presença dos maranhenses Josué Montello e Viriato Correia, ambos imortais da Academia Brasileira de Letras, que trouxeram consigo outro expoente literário: o escritor Malba Tahan.

Retomamos aqui a criação, no início dos anos de 1950, de um órgão para cuidar da cultura maranhense, um pequeno departamento ligado à Secretaria de Educação do Maranhão – secretaria que passa a se chamar de Educação e Cultura. Àquele departamento vinculam-se a partir de então a Biblioteca Pública Benedito Leite e o Teatro Arthur Azevedo. Na segunda metade da década de 1950, este mesmo departamento começa a ajudar parcialmente, entre outras atividades, a publicar alguns livros maranhenses (CRUZ, 2003).

A Prefeitura de São Luís, através de um projeto do vereador Casemiro Carvalho, cria o “Prêmio Cidade de São Luís” em 1958, o qual em sua longa existência premiou muitos artistas, publicando também seus trabalhos logo em seguida. Saíram vencedores em diversas categorias Manuel Lopes, Nauro Machado, Bernardo Tajra, Fernando Moreira, Cadmo Silva, Lago Burnett e Domingos Vieira Filho (CRUZ, 2003).

Quando pensamos na produção literária maranhense que vem à tona na década de 1950, certamente lembramos do grande *boom* de publicações, tanto na poesia quanto na prosa. Vários críticos literários maranhenses registram esse período como sendo aquele em que o modernismo de fato vingou aqui no Estado, no sentido da ruptura e de trazer uma nova proposta e experimentação estéticas. São produções que pensam em uma verdadeira poética modernista e que não se preocupam apenas em ressuscitar o mito da Atenas Brasileira, ideia vinculada a algo voltado à tradição e à influência intelectual. Sobre essa produção literária, citamo-la no subcapítulo 4.2.

Antes de falarmos sobre os autores e suas produções poéticas de 1950, pensamos ser importante resgatar algumas obras críticas que refletiram sobre estas conquistas, mesmo que a grande maioria só tenha voltado seus olhos para esse período e para esses autores vinte anos depois. Foi a partir dessas obras que

podemos perceber um pouco mais a trajetória e relevância dos poetas que optamos por citar mais à frente, além de terem contribuído para que acessássemos suas produções mais significativas.

O acervo crítico maranhense nos permitiu ter um ponto de partida de pesquisa mais aprofundada, para que também respondêssemos duas perguntas que perpassam este trabalho: o que torna esses poetas modernistas? Qual poema detém nosso olhar na busca por uma expressividade poética modernista? Cremos que mais importante do que estabelecer inícios e términos de uma determinada estética literária, e resgatar nomes há muito tempo esquecidos no rol de nossa literatura, é pensar mais largamente sobre como alguns poetas exercitaram sua escrita em direção oposta a um pensamento estético-literário dominante, experimentando novas liberdades de criação.

Dentre os críticos literários maranhenses que consultamos, destacamos os seguintes nomes e publicações: Nauro Machado, que reflete sobre os poetas modernistas no precioso *Tempo ladeado – apontamentos de bolso*, de 1973; Clóvis Ramos, o qual, dentre vários outros estudos, publica o seu *Nossas várzeas têm mais flores – poetas modernos do Maranhão* em 1974; Jomar Moraes, que percorre toda a historiografia literária maranhense em seu robusto *Apontamentos de literatura maranhense*, de 1976; e Arlete Nogueira da Cruz, que apesar de centrar sua análise na geração de 1970 em seu *A atual poesia do Maranhão*, de 1976, não descarta três nomes que pertenceram às duas décadas anteriores e que ainda estavam em plena produção poética: Bandeira Tribuzzi (só viria a falecer em 1977), José Chagas e o próprio Nauro Machado. Além disso, Cruz é uma excelente cronista: seus textos memorialistas sobre tempos passados demonstram um olhar crítico incomum e franco para nossa literatura.

Cruz reúne cinquenta e seis textos (“artigos, crônicas, resenhas, abas e prefácios de livros, [...] um discurso, um relato e uma palestra”) no maravilhoso *Sal e Sombra*, de 2006. Aí a autora discorre sobre fatos e eventos diversos do cenário cultural maranhense da segunda metade do século XX até o presente (anos 2000), bem como sobre autores cujos nomes merecem ser sempre celebrados. Confessamos que, ao lermos essa obra pela primeira vez, fomos tomados por uma certa nostalgia de um tempo que, paradoxalmente, nunca vivemos. E essa é a prova do quão inebriante e arrebatadora pode se configurar a escrita de uma autora cujo

único objetivo foi preservar, segundo suas próprias palavras, memórias de uma “longa e esplêndida aventura intelectual.”

Algumas exceções nos levam, claro, à obra de Mário Martins Meireles, o já citado *Panorama da Literatura Maranhense*, de 1955, que faz um estudo historiográfico de nossa literatura até este ano de publicação. O autor estava literalmente, como dizemos, no “olho do furacão”, ou seja, vivenciava toda essa efervescência literária da renovação ao mesmo tempo em que terminava de escrever seu estudo.

Chama a nossa atenção que Meireles cita, brevemente, outros movimentos do fim da década de 1940 os quais, junto com o Centro Cultural “Gonçalves Dias”, contribuíram para retomar a produção literária de alguma forma no interior do Estado:

Seguindo, no limite mais estreito de suas possibilidades, as pegadas dos companheiros da capital, os jovens intelectuais de Caxias fundaram, em 1947, o Centro Cultural Coelho Neto, em que aliás, se congregavam velhos e novos do berço do Poeta. Dentre estes, ressaltamos os nomes de Jocel Novaes, Cirano Gandra, Raimundo Nonato, Enock Torres. Em Carolina, progressista cidade no mais fundo dos nossos sertões, nos limites de Goiás, fundou-se a Casa Humberto de Campos, e ultimamente, surgiu em Barra do Corda, o Centro Cultural Maranhão Sobrinho. (MEIRELES, 1955, p.225-226)

Não podemos deixar de citar as crônicas de Josué Montello. Suas contribuições profícuas não deixaram morrer as memórias e a produção de muitos, mas muitos mesmo, autores maranhenses, destacando tanto os intelectuais que aqui ficaram quanto aqueles que alcançaram um maior destaque no âmbito nacional.

As crônicas de Montello, publicadas regularmente no Jornal do Brasil em sua famosa coluna *Areia do Tempo*, agregam uma intensa produção ao longo de trinta e oito anos, repletas de reflexões, lembranças e posicionamentos críticos, muitos deles sobre autores conterrâneos. Em 2017 elas foram reunidas e organizadas em dois volumes intitulados *Escritores maranhenses*, distintos apenas por períodos: o primeiro percorre de 1955 a 1965; e o segundo, de 1966 a 1993.

Por fim, mas não menos importante, a antologia organizada por Assis Brasil, *A poesia maranhense no século XX*, de 1994, nos ofereceu direcionamento no tocante à seleção dos poetas maranhenses pertencentes ao recorte que nos propomos a pesquisar – de 1936 a 1976 - e ao acesso à produção poética desses autores de uma forma mais preliminar. Claro que a seleção crítica de Brasil é

importante em vários aspectos, mas ela está longe de ser definitiva. Como qualquer obra desta natureza, há lacunas que devem ser preenchidas por novos olhares constantemente. Um exemplo é o que acontece no verbete dedicado ao poeta Nascimento Morais Filho: Brasil nem cita o livro *Azulejos*, obra poética que consideramos ser efetivamente modernista desse poeta e a qual analisamos de forma mais aprofundada no livro *A poética modernista em Azulejos de Nascimento Morais Filho* (2019), fruto de nossa dissertação de Mestrado.

#### **4.2 A produção poética modernista deste período**

Como falamos na apresentação deste trabalho, nosso interesse é analisar brevemente a produção poética de cada recorte temporal histórico e que revela, de fato, um pensamento literário mais modernista, sem esquecer de ressaltar a escrita do poeta Nascimento Morais Filho. De novo afirmamos que tudo se inicia com o próprio movimento do Centro Cultural “Gonçalves Dias” alguns anos antes. O último capítulo do livro de Mário Meireles, o qual descreve sobre as primeiras manifestações do Modernismo no Maranhão, denota que este autor estava bem ciente disso: de que uma nova geração não só surgia mas permaneceria em nossa história. De uma forma geral, sobre esse período que atravessa o fim da década de 1940 e chega ao início da de 1950, ele cita nomes de autores que se dedicaram à prosa e à poesia, mencionando a eterna dicotomia que se estabelece na literatura maranhense: os que ficam e os que vão embora.

Dentre os que aqui se deixam ficar: Correa da Silva, prematuramente desaparecido e levando consigo uma das mais belas esperanças da geração; Erasmo Dias, inteligência e cultura desperdiçadas; João Mohana, o romancista que surpreendeu a todos com seu livro de estreia; os dois jovens e inspirados poetas Lago Burnett e Ferreira Gullar, este último parecendo já se ter ido definitivamente para o sul; José Sarney Costa, a cuja vibrante mocidade e rebelde modernismo não repugnaram os louros acadêmicos, merecidamente conquistados. (MEIRELES, 1955, p.225)

Na sequência, o crítico Mário Meireles cita os nomes dos poetas da nova geração, muitos deles congregados no Centro Cultural “Gonçalves Dias”:

[lá está] toda a mocidade novíssima que na capital maranhense se dedica às letras, distinguindo-se, entre seus membros, José Nascimento Morais Filho, sucessivamente reeleito presidente da sociedade, elemento ativo e vontadoso, professor e poeta; Bento Neves, igualmente professor; Celso

Bastos, jornalista; Tobias Pinheiro Filho, Lago Burnett, Ferreira Gullar, Vera-Cruz Santana, Reginaldo Telles, José Naufel, José Sarney Costa, poetas todos eles; Almeida Galhardo e Nelson Borges, já falecidos; Dagmar Desterro e muitos, muitíssimos outros. (MEIRELES, 1955, p.225)

Por fim, o crítico Jomar Moraes arremata em seu *Apointamentos de Literatura Maranhense* (1976) a seguinte produção poética do período:

[...] tivemos, no decurso dos anos 50, entre outras provavelmente, mas não deliberadamente omitidas senão por juízo de valor, as importantes estreias de José Chagas (*Canção da expectativa*, 1955, seguido, em 1959, de *O discurso da ponte*); Nauro Machado (*Campo sem base*, 1958); Macedo Neto (cujo *O iceberg*, lançado em 1953, representou um dos maiores acontecimentos literários da década); Bernardo Almeida (*Luz! Mais luz!*, 1954, seguido, em 1955 de *A gênese do azul*); Manuel Lopes (*Voz do silêncio*, 1953, seguido em 1955 de *Poemas de agosto*) e Nascimento Morais Filho (*Clamor da Hora Presente*, 1955). Estreias posteriores igualmente a registrar seriam as de Manoel Caetano Bandeira de Mello, então já radicado no Rio de Janeiro (*A viagem humana*, 1960); José Maria Nascimento<sup>60</sup> (*Células da esperança*, 1960, livro que não recomendaria para seu autor o mínimo registro não fora a publicação de *Harmonia do conflito*, de 1965, e *Silêncio em família*, de 1968); Déo Silva (*Ângulo noturno*, 1960), Venússia Neiva (*Canção sobre o espelho*, de 1962); Fernando Braga (*Silêncio branco*, 1967); Carlos Cunha (*Poesia de ontem*, 1967); Lauro Leite (*Letra fria/ sentir*, 1967); Pergentino Holanda (*Existencial de agosto*, 1972). (MORAES, 1976, p.237)

Quando se pensa em início do Modernismo no Maranhão, inevitavelmente surge à mente o nome do poeta Bandeira Tribuzzi<sup>61</sup> (1927-1977), até porque esta geração que publica seus escritos entre o fim de 1940 e ao longo da década de 1950 é conhecida como Geração Bandeira Tribuzzi – a Geração de 45. Ele aporta em São Luís, após um período de vivência na Europa, aos 20 anos de idade, trazendo muitas ideias de vanguarda e leituras de obras de Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Guillaume Apollinaire, Paul Éluard e tantos outros (MACHADO, 1973).

---

<sup>60</sup> Apesar do sobrenome “Nascimento”, este excelente poeta, ainda com escrita ativa, não possui nenhuma relação de parentesco com Nascimento Morais Filho, fato que não impediu a amizade de ambos por longas décadas.

<sup>61</sup> Para um estudo detalhado e aprofundado sobre a vida e obra de Bandeira Tribuzzi, bem como o contexto histórico maranhense ao qual ele está inserido, sugiro a leitura do livro *O modernismo no Maranhão* (1989), de Rossini Corrêa. Para leitura de sua obra poética, indico o *Poesia Reunida* (1986). Vide referências bibliográficas para mais informações.

A fim de se integrar às atividades culturais que ocorriam na capital, Tribuzzi se candidata e é aceito pelo Centro Cultural “Gonçalves Dias”, onde fica pouquíssimo tempo por não se adaptar às propostas do grupo. Nessa mesma época, inicia amizade com o escritor e político José Sarney, uma parceria que se concretizará na vida, na arte literária e no jornalismo até a morte de Tribuzzi (CORRÊA, 1989). Seu livro de estreia, *Alguma Existência* (1948) é considerado, oficialmente, como a obra que inicia o Modernismo no Maranhão, mas ele também publicará *Rosa da Esperança* (1950), *Safra* (1961), *Sonetos* (1962), *Pele e osso* (1970) e *Breve memorial do longo tempo* (1977) (MORAES, 1977).

Sobre a recepção de *Alguma existência* e o rebuliço que o livro causou no meio literário ludovicense, encontramos esse registro interessante e ao mesmo tempo cômico: um dia, Tribuzzi foi a uma loja comprar calçados e, indagado sobre sua pontuação, respondeu: “Eu não uso pontuação”. Aludia-se ao fato, ainda estranho em São Luís, de um livro com poemas escritos em letras minúsculas e com raríssimos sinais de pontuação. O livro correspondeu a um dos maiores acontecimentos literários de São Luís no fim dessa década de 1940 e tornou-se assunto predominante em todas as conversas e discussões literárias. (MORAES *apud* TRIBUZZI, 1986, p.XIII).

Deste seu livro de estreia, destacamos o poema intitulado “Poema”:

Na margem esquerda  
 não há pensamentos  
 na margem direita  
 não há emoções  
 a água do rio  
 são conhecimentos  
 imagens sentidas  
 palavras intatas  
 e o rio perpétuo  
 contínuo e violento  
 arranca das margens  
 esquerda e direita  
 pedaços que integra  
 e prossegue e aumenta  
 e chama-se vida.  
 (TRIBUZZI, 1986, p.14)

No que tange à forma do poema percebemos a liberdade de pontuação e de versos. Dentre os poemas que compõem *Alguma existência* encontramos alguns sonetos, mas a predominância é a da forma poética livre, sem preocupação com rimas impostas. O ritmo é expresso não por versos compostos em métricas

perfeitas, mas sim pelo encandeamento deles mesmos que seguem até o final do poema. O lirismo arrebatador é alcançado pela simplicidade aparente do uso de vocábulos, mas sentimos que nada é tão descomplicado quando paramos para pensar nas imagens evocadas: rio, margem, palavras e vida.

Complexo é o fluxo da vida e como caminhamos até o fim. Tal qual as margens de um rio, que refletem pensamentos, razões e sentimentos, nunca conseguiremos, em sua totalidade, fazer as inevitáveis decisões e conciliar estas margens, às vezes opostas entre si porém necessárias para o amadurecimento do ser humano. Tudo é água, uma grande massa que inunda o ser e faz parte de um todo maior: o rio. Este se configura no tempo que o eu poético possui e não controla; ele é tragado por esse arrastar que independe de suas emoções ou escolhas. O resultado desse processo “perpétuo, contínuo e violento”, fragmentado e despedaçado, apenas para ter suas peças colhidas em algum momento, desemboca na própria vida em si. Não há garantias para o que se escolheu ou viveu, apenas a certeza de que tudo faz parte do jogo de existir.

Cruz (2003) nos lembra que Bandeira Tribuzi, ao lado de Nascimento Morais Filho, exerceu uma liderança importante através do conhecimento literário e de ações que vão repercutir nos anos 50. Mesmo trazendo para a província uma mentalidade e um interesse pelo social, já uma preocupação permanente em Morais Filho, Tribuzi oferece em seus poemas um lirismo que não é piegas, o que faz dele um autêntico representante deste primeiro Modernismo que aflora no Maranhão.

Corrêa (1989) chama a atenção para, ainda no ano de 1948, a publicação de um mensário de cultura intitulado *Malasarte*<sup>62</sup>, dirigido pelo teatrólogo José Brasil, pelo pintor J. Figueiredo e pelos poetas Corrêa da Silva e Bandeira Tribuzzi. Era uma revista que, pelo próprio título, buscava homenagear o escritor Graça Aranha, resgatando a importância de seu nome para o movimento modernista. Tinha o propósito de publicar poemas de autores modernistas já consagrados nacionalmente, a exemplo de Manuel Bandeira e Mário de Andrade.

Dessa leva prolífica de autores da década de 1950 e da mesma geração de Nascimento Morais Filho, é pertinente citar a estreia do escritor, jornalista e político José Sarney (1930 - ) na literatura com o seu *A Canção Inicial* (1954). Contava então 24 anos. Enquanto esteve em São Luís atuando no cenário

---

<sup>62</sup> Referência à peça teatral escrita por Graça Aranha cuja estreia ocorreu em 1911, em Paris.

intelectual com seus conterrâneos, Sarney não pertenceu exatamente a um grupo literário, mas é importante dizer que editou a revista de arte *A Ilha* ao lado de Bandeira Tribuzzi no início da década de 1950:

Ao contrário do que o nome poderia indicar, seus membros não ficaram insulados, partindo para contatos com publicações literárias de outros estados, como *Clã*, de Fortaleza, e *Região*, de Recife. Sarney e Tribuzzi publicaram poemas nessas revistas e polemizaram sobre a estética nova, além de terem sido sócios num jornal literário<sup>63</sup>. (BRASIL, 1994, p.191-192)

Os jovens envolvidos na edição desta revista mensal logo foram denominados de grupo “A Ilha”, e além de Sarney e Tribuzzi, podemos citar como colaboradores os escritores Lucy Teixeira, Erasmo Dias, Murilo Ferreira, Domingos Vieira Filho e Luís Carlos Bello Parga. Nela foram divulgados poemas de Mário de Andrade (do livro *Lira Paulistana*) e de Fernando Pessoa (um texto chamado “Poema”). (CORRÊA, 1989, p.79) Cabe lembrar que o poeta Fernando Pessoa é o principal autor do Modernismo português.

Da estreia de José Sarney na literatura, trazemos para uma breve análise o poema “Meditação sobre o Bacanga<sup>64</sup>”, contido no livro *A Canção Inicial* (1954):

As águas passam  
É lua e as casas aparecem.  
Sou eu. Narciso que se olha  
E fenece.

Tudo é sombra, sombra e nada,  
água e silêncio nas folhas e vales  
rompidos pelo Bacanga em sulcos  
de madrugada.  
Faixa de vento na montanha a encher e vazar:  
címbalos onde o tédio geme.

É o gigante do não esquecer e as vozes do mangue.  
Sangue correndo das imagens mordidas  
pelos dentes estranguladores da noite.

Narciso se olha.  
Satanicamente o brilho dos olhares  
buscam

<sup>63</sup> Era o jornal O Estado do Maranhão, em plena circulação aqui no Estado até os dias de hoje. Sarney relembra: “Foi ele [Tribuzzi] quem comandou o projeto, a montagem, o dia-a-dia [do jornal]. Sem ele o jornal não teria nascido e não estaria funcionando.” (apud TRIBUZZI, 1986, p.VIII).

<sup>64</sup> O rio Bacanga é o segundo rio mais importante da ilha de São Luís, nascendo dentro da cidade e desaguando na baía de São Marcos, no oceano Atlântico. Com uma rica biodiversidade associada ao manguezal, hoje o rio sofre com problemas ambientais oriundos da intensa urbanização. (In: <https://www.fapema.br/pesquisa-avalia-o-processo-de-contaminacao-ambiental-da-bacia-do-bacanga/>)

o que não existe mais.

Ele vivia além e tinha fome, mas pensava.  
 Comeu os pensamentos devorando os dias  
 o nome e a noite.  
 Doce rio que vem e boia  
 na enseada.  
 Águas barrentas, sujas,  
 Liberdade que morreu  
 e se afoga  
 no Mar.

Medito sobre mim que já sou morto:  
 as canções fúnebres que me pesam  
 como pedras no vazio do  
 lembrar.

- Barquinho de vela  
 que vai sobre o mar.  
 Boneca amarela  
 que vem me roubar.

Meus olhos fenecem e o presságio dorme  
 no espelho das águas que  
 escorrem.  
 (SARNEY *apud* BRASIL, 1994, p.193-194)

Lirismo e ritmo correm solto ao mesmo tempo em que, calmamente, o rio corre para o mar. Na linguagem construída ao longo do poema reverbera o som /s/, uma aliteração que exprime o silêncio e o torpor ao qual o eu lírico está imerso: “fenece”, “presságio”, “sombra”, “Narciso”, “doce”, “canções”. Nas lembranças, que mais parecem presságios, fixam-se imagens lúgubres como “noite”, “fome” e “morte”. A cor dessas elucubrações, algo de marrom ou escura, reflete o aspecto líquido do rio: “barrentas”, “sujas”. Não há como escapar do poder das águas calmas e profundas do Bacanga: elas prendem o sujeito poético em seu reflexo, já que ele mesmo se denomina Narciso.

O uso de uma quadrinha de infância no penúltimo verso resgata a oralidade e a inocência de uma época que não existe mais, pois o que resta é o momento presente, pesado e silencioso em si, cheio de “sombra e nada”. Ao se olhar no reflexo das águas que enchem e vazam, um olhar que não é mais do que semicerrado, fenecido, o sujeito poético percebe que sua “liberdade morreu” e encontra-se ali, afogada no rio em direção ao mar. A meditação, anunciada no próprio título, sugere o momento de análise da consciência em que a mente opera em transe, fazendo com que os tempos – passado e presente – coexistam em

lembranças, “vozes” e “canções”, ainda que em uma harmonia paradoxalmente doce e fúnebre.

Ainda em fins da década de 1940 e início da década de 1950, registramos a atuação da grupo da Movelaria Guanabara, movelaria esta que se localizava na Rua do Sol (Centro de São Luís) e congregava um grupo mais amplo de pessoas que não se dedicavam apenas às letras, mas também às artes plásticas. O próprio escritor Lago Burnett frequentava esse ambiente e se lembra das propostas que ali eram debatidas entusiasticamente:

O escritor Lago Burnett, antigo integrante do Centro Cultural “Gonçalves Dias”, tecendo a recordação da Rua do Sol, de Pedro Paiva, o anfitrião, dos quadros, das poltronas confortáveis, dos pintores Yedo [Saldanha], Cadmo [Silva], Paiva, [Antônio] Almeida e Figueiredo e dos comentários sobre a moderna erudição, versando sobre Sartre, Camus, Valéry, Faulkner e Drummond, consagrou a Guanabara [...] (CORRÊA, 1989, p.67)

Para Burnett (*apud* CORRÊA, 1989, p.67) a Movelaria Guanabara empreendeu boas iniciativas artísticas e culturais em São Luís, organizando exposições pictóricas, congressos de poesia, publicações de revistas de cultura, lançamentos de livros, excursões interestaduais; enfim, tudo aquilo de cuja falta se ressentia a província melancólica, abatida pela inércia e pela indolência de seus muitos anos de atraso mental.

Se pudermos fazer uma comparação sobre a diferença entre as propostas do CCGD e da Movelaria Guanabara, ela reside mais na essência do que na atuação. Ambos grupos pensavam em renovar e ampliar as discussões artístico-literárias e de fato movimentaram a sociedade ludovicense nessa época. Enquanto a Movelaria não fazia restrições sobre seus membros – qualquer um disposto podia chegar e participar das reuniões e debates – o CCGD possuía uma estrutura mais tradicional e acadêmica, com estatuto, candidatura prévia de membros que desejassem integrar o Centro e uma pauta mais organizada de temas a serem discutidos. Porém, o CCGD não tinha sede fixa: as reuniões começaram na casa de um centrista, o Antonio Augusto Rodrigues, depois se removeram para o auditório da Escola Modelo Benedito Leite, e por fim para o Teatro Arthur Azevedo. Somado a isto, o grêmio ainda se prendia muito à ideia clássica do renascimento da Atenas Brasileira, tendo inclusive como patrono, é bom lembrar, o canônico poeta Gonçalves Dias.

Além de confirmar o movimento da Movelaria Guanabara como protagonista das artes plásticas no Modernismo maranhense, e da importância do Centro Cultural “Gonçalves Dias” e do grupo da Revista Ilha para o cenário cultural ludovicense no final da década de 1940, Cruz (2003) relembra que os componentes desses três movimentos se integravam, formando um só bloco buscando a renovação, não faltando inclusive um Congresso Súbito de Poesia organizado por Lucy Teixeira e Ferreira Gullar no Hotel Central, por volta de 1949.

Na reminiscência do artista plástico Pedro Paiva, a Movelaria Guanabara se tornou famosa pelas reuniões diárias dos jovens intelectuais de São Luís e, às tardes, recebia visitas de outros intelectuais de quase todo o Brasil. “Como éramos vizinhos da Faculdade de Direito, [jornal] O Imparcial e da Merceria Rezende, tínhamos mais contato com os poetas do que com os pintores; a lista de intelectuais era muito grande” (PAIVA *apud* CORRÊA, 1989, p.67-68)

Um depoimento interessante sobre essa época é a de Antônio Almeida, que afirma terem passado por lá inúmeros artistas plásticos, assim como ele e que também deram sua contribuição ao Modernismo. Além dos já citados Cadmo Silva, Pedro Paiva e Yedo Saldanha, eram figuras assíduas Zaque Pedro, Rosa Waquim, Raul Devesa, Ambrósio Amorim e Floriano Peixoto. Sobre esse momento de mudança nas artes plásticas maranhenses, Almeida cita o trabalho de Zaque Pedro, que

fez uma exposição aqui voltando de um prêmio nacional que ele havia ganho. Eram quadros novos, diferentes, muito influenciados por José Pancetti. Quando eu vi aquilo, descobri meu caminho, que aqui sempre houve muita resistência ao Modernismo, tanto na pintura quanto na literatura. [...] Foi com Bandeira Tribuzzi que a poesia começou a mudar. [...] Na pintura, o grande acontecimento foi Zaque Pedro. [...] Ali [na Movelaria Guanabara] todo mundo vivia a explosão, de pernas para o ar, discutindo Freud e Proust. Até que faliu. (ALMEIDA *apud* CORRÊA, 1989, p.68)

As décadas de 1950 e 1960 trouxeram, como já dissemos, uma explosão de publicações literárias tanto na poesia quanto na prosa, consolidando ainda mais esse movimento de renovação nas letras maranhenses, já bem atentas à estética modernista. É interessante destacar e lembrar que, dentro desse extenso rol de publicações, incluem-se dois livros importantes de Nascimento Morais Filho, *Clamor da Hora Presente*(1955) e *Azulejos*(1963), os quais nos deteremos na análise de alguns poemas nos subcapítulos 4.2.1 e 4.2.2.

Ao que parece, publicar um livro nesses tempos resultava sempre em comentários animados entre os frequentadores constantes das rodas intelectuais da capital e, importante dizer, em alguma recepção crítica, como lembra a escritora Arlete Nogueira da Cruz:

Bons tempos aqueles, décadas de 1950 e 1960, em que havia sempre algum afoito para comentar, bem ou mal, cada livro que era editado em São Luís. Nos jornais, logo depois do lançamento, lá estava o cronista, crítico ou não, a manifestar sua opinião, o que dava ao autor a impressão de que o seu esforço não fora inútil. Ou por outro lado, de que o esforço fora afinal em vão. (CRUZ, 2006, p.164)

Em outra crônica memorialista, Cruz relembra um fato interessante ocorrido em 1961, quando do lançamento de seu romance *A Parede* na famosa Galeria de Livros em São Luís. Após esse evento, na mesma noite, todos seguiram para o Casino Maranhense<sup>65</sup> para um coquetel oferecido à escritora por um grupo de intelectuais:

Pela meia-noite, fui embora com meus pais e irmãos, deixando os companheiros no Casino. Precisamente nesse dia, Jânio Quadros havia renunciado à Presidência da República e as tropas militares estavam na rua, principalmente ali em torno do Palácio dos Leões, para garantir a ordem. Pela madrugada, três retardatários da festa, quando subiam a [rua] Montanha Russa, rumo à [praça] Pedro II, falando alto e cantando, e após um tiro dado alhures por algum desocupado, foram confundidos pelos soldados que os levaram à Delegacia de Polícia de onde só saíram na manhã seguinte, depois de muito explicar que estavam apenas comemorando o lançamento de um livro. Eram eles: José Chagas, Antonio Almeida e Nauro Machado. (CRUZ, 2006, p.95-96)

Como podemos perceber por esse relato, a década de 1960 inicia-se conturbada politicamente no Brasil, tendo seus efeitos no Maranhão. As questões sociais se tornam mais urgentes e mais debatidas, tornando-se claros os contrastes econômicos entre as regiões Norte/Nordeste e Centro/Sul/Sudeste do país. Na poesia, podemos destacar algumas estrofes do longo poema narrativo “João Boa – Morte Cabra Marcado Para Morrer” (1962), de Ferreira Gullar (1930-2016), o qual desde 1951 havia se mudado para o Rio de Janeiro a fim de seguir carreira na capital. Ainda com o olhar voltado para suas origens, o poeta constrói toda uma

---

<sup>65</sup> O Casino Maranhense era um famoso clube social de São Luís. Localizava-se na Av. Beira Mar, nº 384, Centro.

história em versos para explicar como se dá a exploração do homem do campo pelo coronel:

[...] Sucedeu na Paraíba  
mas é uma historia banal  
em todo aquele Nordeste.  
Podia ser no Sergipe,  
Pernambuco ou Maranhão,  
que todo cabra-da- peste  
ali se chama João  
Boa-Morte, vida não.

Morava João nas terras  
de um coronel muito rico,  
tinha mulher e seis filhos,  
um cão que chamava 'Chico',  
um facão de cortar mato,  
um chapéu e um tico-tico.

Trabalhava noite e dia  
nas terras do fazendeiro,  
mal dormia, mal comia,  
mal recebia dinheiro;  
se não recebia não dava  
para acender o candeeiro.  
João não sabia como  
fugir desse cativoiro. [...]

Essa guerra do Nordeste  
não mata quem é doutor  
não mata quem é dono de engenho,  
só mata cabra-da- peste  
só mata o trabalhador.  
O dono do engenho engorda,  
vira logo senador.

Não faz um ano que os homens  
que trabalham na fazenda  
do coronel Benedito  
tiveram com ele um atrito  
devido ao preço da venda.  
O preço do ano passado  
já era tão baixo e no entanto  
o coronel não quis dar  
o novo preço ajustado.

João e seus companheiros  
não gostaram da proeza:  
se o novo preço não dava  
para garantir a mesa,  
aceitar preço mais baixo  
já era muita fraqueza.  
'Não vamos voltar atrás.  
Precisamos de dinheiro,  
se o coronel não dá mais  
vendemos nosso produto  
para outro fazendeiro'.  
(BRASIL, 1994, p.207)

O tema da injustiça social que permeia o campo, as lutas pela reforma agrária, a denúncia da prática secular do coronelismo e de uma nova forma de escravização do homem, constituem o foco de discussão do poema, que na verdade estrutura-se no formato de um cordel. A linguagem oral, importante recurso usado neste poema, atrela-se ao ritmo de uma tal forma que é impossível parar de ler sobre a história de João, a qual intuímos que terá um desfecho dramático. Afinal de contas, como um grupo de trabalhadores rurais conseguirá vencer uma estrutura socioeconômica tão enraizada?

No capítulo cinco perceberemos que os questionamentos sobre a ordem social brasileira persistem, levando o país a novos rumos políticos. Mais do que perscrutar o íntimo de forma existencial e angustiante, o poeta continua emprestando sua voz à denúncia do caos e à reflexão das condutas individuais que se contrapõem ao coletivo, em uma escrita modernista ainda mais consolidada.

#### 4.2.1 Análise crítica de alguns poemas de *Clamor da Hora Presente* (1955)

Realizaremos a seguir, a análise crítica de dois poemas do livro de estreia de Nascimento Moraes Filho, *Clamor da Hora Presente* (1955): “Evocação” e “Apocalipse Social”. O livro por inteiro é modernista pela linguagem e pela forma com que os poemas, um total de quatro, estão estruturados: foram escritos para serem declamados, ensejando assim, uma expressiva oralidade. A liberdade, a luta pela justiça social, a revolução e questionamentos sobre a ordem econômica da época nos mostra como o olhar do poeta já se fazia visionário e combativo. O poema mais famoso é o que inicia o livro, “Evocação”, do qual reproduzimos aqui integralmente para que observemos melhor os aspectos ora citados:

- Poetas, meus irmãos, acompanhai meu grito!
- Eu sou o sofrimento dos sem nome!
  - Eu sou a voz dos oprimidos!
- Não tanjo a lira mágica de Orfeu  
de quem as aves se acercavam para ouvi-lo  
e lhe vinham lambe os pés as próprias feras!  
As láureas, meus irmãos, olímpicas não busco  
com que cingis de glória os vossos sonhos!
- Cravaram-me a coroa dos crucificados!
- Minha Castália – são as Lágrimas do Povo;  
Meu Parnaso – a Dor da minha Gente!

Meu instrumento é poliforme e rude!...  
 Não tem o aristocrático perfil das harpas nobres  
 Nem as rutilações de sons das pedras raras.

- Ele é Clamor!  
 Ruge nos seus trons  
 o estrugir do Povo em praça pública!

Poetas, meus irmãos, acompanhai meu grito!  
 Maldigo a resignação infame dos covardes!

- Eu prego a rebeldia estoica dos heróis:
- Meu Evangelho é a Liberdade!  
 A Liberdade, meus irmãos,  
 tem a forma simbólica da Cruz  
 e a cor do sangue!
- O sangue é o apanágio da Conquista!

Poetas, meus irmãos, acompanhai meu grito!  
 Jesus,  
 se conquistou os céus com suas orações,  
 Ele, o Redentor,  
 sobre a terra triunfou com o sangue do seu corpo!

Sangue, flâmula bendita,  
 e, no Calvário – FÉ – aberta em Cruz!

Poetas, meus irmãos, acompanhai meu grito!  
 (MORAIS FILHO, 2021, p.14)

Esse poema representa a porta de entrada para *Clamor*, pois em seu discurso o eu poético chama em tom de súplica todos os outros poetas a acompanhar seu grito, seguir sua voz e se unir à luta pela liberdade que será atingida por meio de sacrifício e sangue. Como ser livre em um mundo que aprisiona constantemente as ideias e os modos de existir e sobreviver? Como disse Sartre (2015), para agir é necessário ser livre, essa é a condição primordial. E *Clamor da Hora Presente* abre com esse chamado para o agir por meio do poema “Evocação”; é um agir que se efetivará no coletivo, na união, mas que depende antes do ato individual de ouvir o chamado do poeta, que clama e grita para que as multidões o acompanhem em sua luta.

O eu poético não empresta: ele dá voz aos que sofrem, aos perseguidos e aos injustiçados. Não é uma voz bonita e agradável, cheia de firulas, harmonias e aristocracias; é uma voz rude, que fala a língua do povo, feita para ele. O instrumento desse poeta é a voz; seu evangelho – a liberdade. É um eu poético possuidor de um cristianismo universal, que prega a liberdade, a justiça e a solidariedade, desejando que todas triunfem ao final. Nascimento Moraes Filho sabia que “a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior” (PAZ, 2012, p.21).

Em uma metáfora cristã, o eu lírico retoma a imagem de Jesus para lembrar que Ele foi uma figura ativa e lutadora de seus ideais, que mostrou as transformações que desejava por meio de suas ações e por isso foi sacrificado: por incitar multidões. Os vocábulos “cruz”, “calvário”, “fé” e “sangue” unem-se à liberdade em direção ao “apanágio da Conquista”. E não há conquista de liberdade sem luta.

A escolha do engajamento social ao lado de outras pessoas em prol da liberdade é uma forma de ser mais humano – ou angariar para si um projeto humanista. É também a oportunidade de mostrar que existe, ao menos para esse eu poético, um projeto humanista que faça sentido para ele, muito mais do que a realidade em que vive. E como ele não está sozinho no mundo, esse projeto tem que ser compartilhado e vivido com todo um coletivo, daí o clamor: a súplica para que o povo o acompanhe.

Atingido e tocado pelas “lágrimas do povo” e pela “dor da minha gente”, o eu lírico amaldiçoa “a resignação infame dos covardes”. Apesar de sentir uma indignação, ela pertence apenas a quem sente, ou seja, ao Eu; apesar de convocar todos a lutarem a seu lado e se indignarem com ele, o eu poético sabe - esse é um projeto dele, de comprometimento e responsabilidade pessoal dele. Quiçá ao fim da luta, restará apenas ele e alguns poucos na batalha pelos mesmos ideais.

O poeta e crítico inglês Ezra Pound em seu *ABC da Literatura* (2006, p.36) nos chama a atenção de que os escritores, justamente por serem escritores, têm uma função social definida, que é exatamente proporcional à sua competência como escritores, e que essa é sua principal utilidade. Porém, o que caracteriza um bom escritor é sua linguagem eficiente, mantendo sua clareza e sua precisão, itens percebidos na escrita de Moraes Filho.

Já Jean-Paul Sartre, em seu *Que é a literatura?* (2004, p.21), entende que é no amor, no ódio, na cólera, no medo, na alegria, na indignação, na admiração, na esperança e no desespero que o homem e o mundo se revelam em sua verdade. Apesar de se dirigir especificamente ao escritor de prosa com essa afirmação, podemos concluir que escritor é aquele que decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade, e nesse sentido, a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele.

No poema seguinte, “Apocalipse Social”, nos deparamos com um eu poético muito mais visceral, feroz e revolucionário. Segue-o abaixo na íntegra:

Ó vós que adorais o Bezerro de Ouro,  
olhai para o Levante!  
Vede a coluna incandescente  
que fumeja no horizonte!  
- É o sinal dos Novos Tempos!  
- É aquela mesma coluna de fogo  
que desceu dos céus,  
para guiar a Humanidade para a terra da Promissão!  
- São os Legionários da Liberdade,  
que marcham abalando o Infinito,  
qual terremoto de luz,  
craterando as regiões das alvoradas!

Tremei, ó Potentados!  
Tremei!  
- É a Sentença dos Séculos!  
Pesa pontiaguda sobre vossa cabeça,  
como aquela espada sinistra do banquetel!...  
Mas breve o fio se partirá, ó Potentados!...

O Juízo Final vos espera...  
CONTADOS, vossos dias!  
PESADOS, vossos crimes!  
DIVIDIDOS, vossos tesouros pelos clamores,  
que rondam os muros de vossos palácios e mansões!  
Não ouvis as vociferações  
dos cartazes nas paredes?  
Não ledes as sentenças ameaçadoras  
escritas por mãos misteriosas  
nos muros e nas calçadas?  
- É a voz do Povo  
clamando no Muro das Lamentações!  
- É a voz de Deus,  
escrita com piche à vossa porta!  
- Quem ouvidos tiver que ouça!  
- Quem olhos tiver que veja!  
Ó rubro tonitroar de trombetas  
explosões dos Andes aureolados de flamas!  
Clamareis, ó Potentados: “Pesadelo dos Céus!”  
- A Liberdade destruindo as muralhas dos presídios!  
Presídios,  
que tem como cúpula  
a toga dos magistrados constelada de lágrimas!  
Lágrimas,  
que tremem como boca balbuciantes  
e acenam para a Justiça  
que vós, ó Potentados, cegastes!

Os arranha-céus  
- operários petrificados em revolta  
desmoranando em cadeia!  
E dos escombros  
falanges de fantasmas sinistros  
com os punhos fechados para o alto  
avançando sobre vós!...

Os verdes campos, ridentes de alegria verde,  
há séculos,  
transformados em campos de tortura da esperança,  
despertando da letargia do sofrimento!...  
E das outrora dadivosas covas das searas,  
cardos espectrais brotando agora!

Ai de vós, Industriais da Miséria e da Injustiça!  
Ai de vós  
que desperdiçais em vossa lauta mesa  
a comida que roubais da boca dos meus irmãos!  
Ai de vós  
que transformais em vinho da vossa adega  
o sangue que sugais dos meus irmãos!

Ai de vós  
que transformais em sons de *long play*  
os soluços e os ais de meus irmãos!  
Ó vós  
que os céus enegreceis de tantos crimes,  
levantai-vos de vossa prostração!  
- É outra vossa crença! É outro vosso culto!  
- As vossas oblações ofendem a Deus,  
Ó vós  
que celebrais a Missa Negra da Miséria e da Injustiça!

Escutai, ó meus irmãos,  
os trons estranhos de trombetas estranhas!  
- Eclôsões de auroras!  
Não mais os apitos enfumaçados das chaminés  
açoitando a “besta humana” para o “trabalho forçado”!  
- É a marcha universal dos novos tempos!

Erguei-vos e vivei, ó meus irmãos!  
- A luz, o ar, a terra é para todos!...  
Vinde comigo!  
Eu vim da Idade que virá,  
Para revelar-vos os dias que virão!  
Não mais, meus irmãos, fundirei nas oficinas  
a chave de vossa cadeia!  
Não mais tecereis nos teares  
o sudário moral dos vossos dias!  
Livres,  
trareis os vossos pulsos  
das algemas da escravidão  
e vosso rosto das rugas do ferro do senhor!  
- Não mais a vida de escravo,  
não mais senhor o patrão!  
O suor não é mortalha  
nem o labor opressão!

Ao som do canto agreste dos campônios,  
ó campos refflori! ó campos refflori!  
Cantai na voz dos pássaros, cantai!  
Cantai na branca voz das cataratas, cantai!  
Na luz transfigurada das searas,  
ó campos exultai! ó campos exultai!  
De novo cavalgai, homens do campo,  
vosso corcel olímpico de auroras!  
...Um riso faltava na sociedade...

Uma lágrima...e uma ideia...  
 Inda uma cor faltava na paisagem  
 e uma nota da harmonia universal!  
 - Rides?  
 Vossa alegria será por todos comemorada!  
 - Chorais?  
 Vossa dor será por todos compartilhada!  
 - Pensais?  
 Vossos pensamentos não precisarão esconder-se  
 nos subterrâneos da noite!  
 - A Liberdade é a Pátria Universal!  
 Vossa consciência é vossa.  
 Consciência,  
 que não precisareis vender por um prato de comida,  
 nos dias de eleição!...

Vossa mulher agora terá leite,  
 para amamentar vossos filhos,  
 e, nos seus fecundos seios, criará os Novos Homens!  
 Homens,  
 que, ao contemplar o firmamento azul,  
 se lembrarão das suas origens...  
 e então, no êxtase de deuses redivivos,  
 exclamarão:  
 - Eu vim também do Infinito! Nasci naquela estrela!  
 (MORAIS FILHO, 2021, p. 15-18)

“Apocalipse social” é um poema mais longo que “Evocação”, dividindo-se em nove estrofes. Sua voz poética narra de forma bem visionária a promessa de novos tempos que só serão conquistados, novamente, por meio de lutas e de um ajuste de contas no dia do Juízo Final: entre exploradores e explorados. Novamente encontramos imagens cristãs que trazem a ideia de liberdade de um povo, e nesse caso destacamos a referência à libertação do povo de Israel no Egito.

A voz do sujeito poético, que iniciou apenas clamando em “Evocação”, aqui ruge mais forte e é mais ameaçadora e profética, pois aponta para o fatal apocalipse social prestes a eclodir por conta das constantes injustiças cometidas pelos donos do poder e do dinheiro: “Ai de vós! / Ai de vós, Industriais da Miséria e da Injustiça! / Os arranha – céus - operários em revolta, / petrificados com os punhos para o alto - / implodindo!”

E a voz poética segue destrinchando todas as ações exploratórias praticadas por estes Industriais da Miséria e da Injustiça que terão contra si “falanges de fantasmas surgindo dos escombros / a marchar sobre vós! [...]”. Eles, que desperdiçam em banquetes “a comida que roubais da boca dos meus irmãos [...] / que transformais em vinho de vossa adega o sangue que sugais dos meus irmãos [...] / que transformais em sons de long play / os soluços e os ais de meus

irmãos”. Essas são as pessoas que prestarão contas no dia do Juízo Final, concretizando o famigerado apocalipse.

A revolta que levará ao apocalipse, no entanto, só ocorrerá quando o povo não aceitar mais ser subjugado, quando esta massa humana adquirir consciência e marchar contra seus opressores. A voz poética clama para que o povo abra o olho e lute pela igualdade: “Erguei-vos, oprimidos, e vivei! / - A luz, o ar, a terra é para todos!”. Ela clama para a luta em direção à liberdade: “Livres trareis os vossos pulsos das algemas da miséria / e o rosto das rugas do ferro do senhor! / - Não mais a vida de escravo, / Não mais senhor o patrão! / O suor não é mortalha / nem o labor opressão!”. Para a voz poética, o trabalho que transforma o homem não pode ser sinônimo de jugo.

E após ter a liberdade conquistada, o que se seguirá? A apoteose, o canto de todas as pessoas, o florir dos campos, os risos, a verdadeira aurora surgirá. Tudo isso porém lembrando que a liberdade de fato é aquela que advém da consciência, desatrelada de quaisquer pensamentos impositivos, cerceadores e ameaçadores; uma vez conquistada essa consciência ela não poderá ser roubada e uma nova humanidade surgirá.

Em uma clara crítica social, o eu lírico demonstra que o dia do apocalipse chegará quando o trabalhador alcançar sua consciência. É libertando a mente que todo o resto sucumbirá, não existindo mais opressão e as “algemas da escravidão”. A consciência dará ao trabalhador poder de decisão e escolha, inclusive de seus governantes, sem precisar se “vender por um prato de comida”. Os pensamentos, uma vez livres dos “subterrâneos da noite”, serão a única pátria à qual o cidadão será fiel - tudo regido pela liberdade.

Os versos de “Evocação” assim como os de “Apocalipse social” nos fazem pensar sobre o papel da poesia nos dias de hoje e no quanto de força existe nas palavras quando lidas em alto e bom som. Qualquer que seja o meio em que o poema é veiculado – seja em praça pública, como na época dos trovadores, seja impresso em livros, como vem sendo feito desde a invenção de Gutemberg, ou exibido em telas sob algum aparato tecnológico – o que importa é que a palavra, “plena de significação, continue a ser parte integrante da matéria poética” (MOISÉS, 2019, p.94).

A consciência do poeta, tão intrinsecamente arraigada nos eus poéticos de *Clamor*, vive e permite que seus versos sobrevivam à sucessão dos anos,

chegando atuais aos tempos de hoje. A mesma consciência de homem moderno que brotou nos poemas escritos na década de 1940, chega ao século XXI insistindo na permanência de sua humanidade, instalando-se na consciência de cada um que lê (ou ouve) este clamor, impondo-nos “a consciência de vida e da realidade em que estamos inseridos” (MOISÉS, 2019, p.96).

O tempo de insurreição e indignação das vozes poéticas de “Evocação” e “Apocalipse social” atravessam igualmente nossas vidas hoje, pois persistem os mesmos problemas de injustiça social, exploração econômica, perpetuação das mesmas pessoas em cargos de poder e miséria em escala global. O progresso e a ciência nos trouxe melhorias? Com certeza, mas de que adianta o conhecimento se ele não é compartilhado ou usado em prol daqueles que mais sofrem? Essas são algumas das reflexões que nos invadem ao ler e reler *Clamor da Hora Presente*.

#### 4.2.2 Análise crítica de alguns poemas de *Azulejos* (1963)

*Azulejos* é um livro modernista por excelência devido à estrutura de seus poemas, os quais expressam uma forte oralidade. Ele reúne 168 poemas, independentes entre si, vinculados, como já nos referimos, ao tema da infância e da mãe, que se metaforizam na liberdade imaginativa de um eu poético principal: o menino José. Destacamos como características modernistas fortes: o uso da expressividade oral, a qual ressalta o falar maranhense; a polifonia, pois observamos eus poéticos diferentes que se manifestam ao longo do livro; e a presença de um sentimento de fragmentação, que são os próprios recortes e devaneios da mente configurados em lembranças da infância.

Ao longo da leitura dos versos, enquanto percebemos como esse púbere eu lírico se relaciona com as pessoas e situações ao seu redor, notamos os costumes de uma cidade situada entre as décadas de 1920 e 1930, que na verdade é a própria São Luís. Muito antes de saber que a capital maranhense seria tombada pela UNESCO como Patrimônio Mundial da Humanidade em 1997 pelo conjunto arquitetônico de seu centro histórico permeado de azulejos portugueses, o autor utiliza o título como metáfora para as lembranças e memórias que surgem para o eu lírico como um resgate de suas relações de outrora, em especial com a idolatrada figura da mãe:

...e o meu filho gosta de mamãe?  
 - gosto, sim, senhora!  
 - então vou pedir-lhe uma coisa...  
 meu filho faz?  
 - faço, mamãe!  
 o que é, mamãe?  
 - espere!...  
 se meu filho fizer o que vou lhe pedir,  
 gosta mesmo de sua mãe...  
 vou dizer: é não brigar na rua!  
 a briga, filho, só traz inimizade e destruição...  
 a paz só traz amizade e alegria...  
 o que aconteceu com os galos de ápio e de joão?...  
 um morreu e o outro ficou cego!  
 por quê?  
 porque brigaram, não foi?  
 se o provocarem, meu filho diz:  
 “- vou dizer pra tua mãe!...”  
 e o meu filho também não provoque, ouviu?  
 - sim, senhora...  
 mamãe, mas se o pequeno de defronte me inticar?...  
 (MORAIS FILHO, 2013, p.155).

Para além das situações vividas com os colegas de rua, com os irmãos e com o pai, a figura materna permanece onipresente nesta obra. É ela quem educa – pela dor e pelo amor; é quem insere a religiosidade na vida do menino e é quem media a conexão dele com o mundo, ainda no processo de ser desvendado. No poema supracitado, a lição é não se meter em brigas, principalmente com o “pequeno de defronte”, que vivia “intecendo” José. Aí está a prova do uso de palavras e expressões típicas do linguajar maranhense, usadas até hoje.

Para o crítico maranhense Alberico Carneiro (2005), *Azulejos* é uma obra inovadora por tentar por em prática a linguagem de um sujeito lírico criança atrelada a fatos fragmentados vividos por ele. Esse estado de espírito advém de um sujeito adulto que se transporta mentalmente a uma época remota de sua vida – a infância – que ainda se mantém viva em sua mente. Os 168 poemas da obra, aparentemente sem relação entre si, se entrelaçam numa referência ao próprio título, como azulejos ou fragmentos de lembranças de uma época.

Sem dúvida o destaque modernista de *Azulejos* é a oralidade marcante e popular presente em todos os poemas, e essa é uma conquista da estética modernista como um todo. Como já dissemos, os poemas não possuem título, são compostos em versos livres e brancos, ou seja, não se prendem nem à métrica formal nem à rima, apesar de manter o lirismo latente e constante. Quanto a outros procedimentos de escrita moderna, lembramos que a língua normativa é subvertida

ao utilizar-se letras minúsculas, não havendo distinção entre nomes próprios e comuns. Isto força o leitor a atentar para o discurso poético, tendo que ele mesmo fazer as devidas distinções, seleções e interpretações. Observemos o poema abaixo:

...e eu queria era morar no céu...  
 qui nada, armando, lá não presta!  
 - presta sim, zé morais!  
 - não presta, armando!  
 olha, mamãe disse que no céu não se joga bola...  
 não se empina papagaio... e...  
 - e nem se brinca borroca?!  
 - que não...  
 ah, zé morais!...  
 eu não quero mais ir pro céu...  
 (MORAIS FILHO, 2013, p.123)

Trata-se de um diálogo entre o menino José e o colega Armando, em que os dois ponderam as vantagens e desvantagens de se morar no céu, ambiente ao mesmo tempo onírico e religioso apresentado de forma muito recorrente no imaginário do eu poético em *Azulejos*. Quando José diz que no céu eles não poderão brincar à vontade, como jogar bola ou bolinha de gude (chamada de “borroca” no linguajar maranhense) ou empinar papagaio, Armando logo se desinteressa. É um diálogo bem humorado e atípico pois demonstra as divagações das crianças em relação a um lugar sagrado.

E já que os temas principais de *Azulejos* se dirigem à infância e à maternidade, não podemos deixar de fora os poemas que falam sobre as brincadeiras de rua e os sonhos, nos quais podemos notar uma forte manifestação da liberdade do eu poético. Para Benjamin (2002), o ato de brincar representa libertação e isso vale tanto para adultos quanto para crianças. Ou seja, a brincadeira aqui é um índice de liberdade. As crianças de *Azulejos* brincam com o que podem e com o que encontram pela frente, pois são humildes, mas principalmente elas tem fixação por empinar papagaio:

zé chagas!...alfredo!...massico!...dodô!...  
 armando!...vavá!...  
 empinei meu papagaio!...  
 (MORAIS FILHO, 2013, p. 126).

Ou ainda:

êta!...

o pequeno de defronte tá danadinho  
pra querer cortar meu papagaio!  
(MORAIS FILHO, 2013, p. 134).

E como para empinar papagaio é necessário vento, este elemento da natureza se une à súplica do eu lírico para formar a conexão necessária cujo resultado é um sentimento de liberdade, ainda que frustrado:

...chama o vento que ele vem!  
...venta, lolô!...  
vennnnnnta, lolô!...  
como o céu está cheio de papagaio!  
só o meu não quer subir!...  
- assobia que o vento vem!...  
...venta, lolô!...  
vennnnnnta, lolô!...  
todo mundo já empinou seu papagaio!  
E eu estou cansado de assobiar e o vento não vem!...  
Até o pequeno de defronte!...  
Só eu não empino meu papagaio!...  
chama o vento que ele vem!...  
venta, lolô!... lolô!...  
vennnnnnta, lolô!...  
(MORAIS FILHO, 2013, p.114).

As imagens do voo do papagaio, do céu e dos sonhos da criança que se imagina voando representa o desejo de liberdade, em nossa interpretação. No poema abaixo, o eu poético sonha que voa bem alto, como em referência ao épico voo de Ícaro na mitologia grega. Ao relatar o sonho para a mãe, esta responde ao filho que ele “está crescendo”, sendo esta a explicação racional – ainda que originária de um pensamento popular – para o sonho de voar:

mamãe,  
eu sonhei que estava voando!...  
voei...voei... bem alto mesmo!  
aí...aí...  
eu não me lembro mais...  
-é que meu filho está crescendo!...  
(MORAIS FILHO, 2013, p.70)

Esta poética, a qual já podemos denominar como poética da liberdade, se impregna constantemente nos versos de *Azulejos*, por isso transcrevemos abaixo um belo poema que retoma a estória singela sobre a criança “presa no escuro” cujas asas foram concedidas pela fada chamada “liberdade”, a fim de que ela voasse por aí para procurar sua mãe:

solta o passarinho!...  
 mamãe disse que o passarinho é criança  
 que estava presa no escuro...  
 e que chorava...chorava...  
 porque não via a mãe dela!  
 aí, apareceu uma fada chamada liberdade  
 e ficou com pena da criancinha,  
 porque não conhecia a mãe dela e chorava...  
 aí, que a fada disse assim:  
 - 'vou te encantar num passarinho  
 e vai procurar a tua mãe  
 pra rir pra ti...e brincar contigo!'  
 aí, a fada deu duas asas para a criança voar...voar...  
 até encontrar a mãe dele!...  
 (MORAIS FILHO, 2013, p.160).

Em estudos desenvolvidos anteriormente<sup>66</sup>, analisamos que a história do passarinho provém da narrativa da mãe, recontada na voz do eu poético criança que parece convencer alguém, talvez um colega seu, a soltar o passarinho que capturou. Surge a ocorrência de duas imagens que se confrontam e se sobressaem aqui: prisão x liberdade. A prisão se relaciona com o escuro, com o choro e com a falta da mãe, sentidos pela criança. Já a liberdade se associa à figura do passarinho, da fada e da criança que a fada “encantou” em passarinho, para poder ir ao tão sonhado encontro da mãe. Para ele, ser livre é ter asas e poder voar, é poder rir e brincar, é poder estar junto da mãe.

Conforme percebemos até aqui, o sentimento de liberdade transmite uma ideia obstinada que busca personificar-se de forma recorrente nos versos de Nascimento Morais Filho. Em *Clamor da Hora Presente* ela representa uma luta social contra algum elemento opressor externo ao eu lírico e está ligada ao processo de consciência e autoconhecimento do homem. Já em *Azulejos*, como na maioria das vezes o eu poético se revela uma criança, a liberdade se fragmenta e se transmuta nos desejos inocentes e urgentes característicos da infância: as brincadeiras e os sonhos.

Por fim, somos levados a refletir sobre o que une os eus líricos de *Clamor* e *Azulejos*, para além do desejo de se sentirem livres sob as circunstâncias e opções que o mundo concreto lhes apresenta: é que eles agem para modificar suas realidades, à sua maneira. Allouche (2019) lembra, ao propor um diálogo com a

---

<sup>66</sup> Ver minha dissertação de Mestrado, defendida em 2016 e publicada em livro em 2019 intitulada *A Poética Modernista em Azulejos de Nascimento Morais Filho*.

filosofia existencialista sartreana, que é porque tudo poderia ser outra coisa que podemos ser livres.

A presença no mundo, os imprevistos e os obstáculos encontrados nos garantem a presença de nossa liberdade. E mesmo sendo livres para decidir, sejamos jovens idealistas ou crianças, a exemplo dos eus líricos desses dois livros, toda decisão só vale mesmo a pena quando se adequa a nossos objetivos e a nossa própria essência, ainda que estes sejam relativos, já que não somos, nem de longe, um projeto definido do EU.

## 5 PROMESSAS DE RENOVAÇÃO: DE 1965 A 1976

Este período político no Maranhão atrela-se, inevitavelmente, ao golpe de 1964 perpetrado por militares no Brasil, instaurando logo em seguida um regime militar pautado no autoritarismo e em decretos que suspendiam vários direitos conquistados em 1946, quando a ditadura de Getúlio Vargas finaliza. Sob o argumento de impedir que o governo de João Goulart, então presidente e eleito democraticamente em 1961, se transformasse em uma ditadura comunista, a exemplo do que havia ocorrido em Cuba, os militares alegam a tomada de poder sob a justificativa de impor ordem e sanar problemas econômicos.

O golpe militar não encontra resistência de nenhum setor da sociedade brasileira nem mesmo do próprio presidente, que opta por não confrontar ou organizar uma frente de resistência; em vez disso, sai do país, exilando-se no Uruguai. Conforme narra o Prof. Dr. Celso Castro, da FGV:

Nos primeiros dias após o golpe, uma violenta repressão atingiu os setores politicamente mais mobilizados à esquerda no espectro político, como por exemplo o CGT, a União Nacional dos Estudantes (UNE), as Ligas Camponesas e grupos católicos como a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Ação Popular (AP). Milhares de pessoas foram presas de modo irregular e a ocorrência de casos de tortura foi comum. [...] A junta [militar] baixou um “Ato Institucional” – uma invenção do governo militar que não estava prevista na Constituição de 1946 nem possuía fundamentação jurídica. Seu objetivo era justificar os atos de exceção que se seguiram. [...] Milhares de pessoas foram atingidas em seus direitos: parlamentares tiveram seus mandatos cassados, cidadãos tiveram seus direitos políticos suspensos e funcionários públicos civis e militares foram demitidos ou aposentados. Entre os cassados encontravam-se personagens que ocuparam posições de destaque na vida política nacional, como João Goulart, Jânio Quadros, Miguel Arraes, Leonel Brizola e Luís Carlos Prestes. (In: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964> )

O que se segue a partir de 31 de março de 1964 é que vários Atos Institucionais são decretados para que o governo militar possa agir sem impedimentos e livre das leis impostas pela Constituição, a qual não será mais utilizada. Os presidentes da República serão eleitos pelo voto indireto, a exemplo do primeiro, o general Humberto de Alencar Castelo Branco, que também havia participado ativamente do referido golpe. Os partidos políticos até então vigorantes no Brasil serão extintos e substituídos por apenas dois: o Arena (Aliança Renovadora Nacional, partido da situação, ou seja, apoiador do regime militar) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro, o qual se constituía oposição ao governo).

No Maranhão, o então governador Newton Bello (1961-1966) não completa seu mandato de cinco anos por questão de dias. Quem transfere a faixa governamental a José Sarney, ainda eleito democraticamente, é o vice Alfredo Duailibe. Conforme aponta o historiador Mário Meireles (2001, p.350), a Revolução de 64<sup>67</sup> poria termo a carreira política de Bello, pois teve seus direitos políticos cassados por dez anos após deixar o Governo.

É importante trazer à baila alguns fatos apontados por Carlos de Lima (2010) e Mílson Coutinho (1982) no tocante à era de perseguições políticas e judiciais que se iniciam no Maranhão ainda no governo de Bello e que são consequências do Golpe de 64, para que possamos perceber que sim, arbitrariedades foram praticadas aqui no Estado:

Promulgados os Atos Institucionais do golpe militar de 1964, naturalmente Newton Bello seria o encarregado de executar as punições em nossa terra, ditadas pelos “Comandos Revolucionários” inseridos nos quartéis. E não só no Executivo, também no Judiciário exerciam-se pressões sobre os juízes julgados “indignos”. O presidente do tribunal, Dr. Antônio Rodrigues Moreira, foi peitado para perseguir os colegas, ao que altivamente respondeu: “Como juiz, acostumei-me a julgar em face das provas e do contraditório.” E como não havia mais alternativa, e sendo permanentemente exigida, da Corte, os nomes dos que deveriam ser cassados, declarou: “Os senhores acrescentem meu nome a essa lista, mas não podem exigir de mim que entregue as cabeças de meus colegas.” Foi solenemente aposentado. (LIMA, 2010, p.184)

No que concerne a perseguições políticas contra intelectuais maranhenses, impossível não mencionar o que aconteceu ao poeta e jornalista Bandeira Tribuzzi e ao deputado federal e também jornalista Neiva Moreira. Este último era o Diretor responsável do *Jornal do Povo*, periódico de circulação diária no Maranhão e com discurso político de oposição.

Analisamos de forma geral o conteúdo das manchetes do primeiro trimestre de 1964 deste jornal e percebemos como repercutia o governo do presidente João Goulart em contraposição à política do governador maranhense Newton Bello, acusado de governar para os ricos. Na pauta de discussões e acusações contra Bello estavam o problema do atraso constante de pagamento do funcionalismo público, o aumento da miséria no Maranhão, os favorecimentos a

---

<sup>67</sup> Apesar de Meireles usar o termo *Revolução de 64*, concordamos muito mais com a denominação *Golpe Militar de 64*, utilizada por vários historiadores, analistas políticos e profissionais das Relações Internacionais da atualidade no Brasil.

amigos leais a seu governo, a ascensão cada vez mais evidente de seu opositor José Sarney (o qual seria eleito dois anos depois, mas antes cumpria o mandato de deputado federal) e a violenta condução da reforma agrária no Estado.

Por conta de sua atuação e editoriais contundentes, Neiva Moreira será preso no Rio de Janeiro (onde morava), cassado e exilado. Quanto a Tribuzzi, que também contribuía com artigos para o *Jornal do Povo* mas morava em São Luís, também seria preso em abril de 1964 e levado para o 24º Batalhão de Caçadores localizado na capital, integrante da 10ª Região Militar, acusado de tentativa de subversão da ordem política e social. (CORRÊA, 1989, p.153) Antes da prisão, ele havia escrito e publicado, junto com Vera-Cruz Marques, um documento protestando contra o golpe militar. Como também era funcionário público, do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), Tribuzzi perderá seu emprego sumariamente, por conta do Ato Institucional nº1. É bom lembrar que o poeta era economista de formação e exercerá dali em diante o ofício de jornalista em tempo integral, já que era a única alternativa restante (CORRÊA, 1989).

Com o início do governo Sarney (1966-1970), finda-se a era vitorinista em nosso Estado. Anos antes, Sarney havia rompido com Bello e conseqüentemente com a influência do senador Vitorino Freire, construindo para si, a partir daí, uma outra rota política respaldada no discurso de oposição: extirpar a corrupção e combater a fraude eleitoral. Após uma campanha muito bem coordenada e estruturada, ele se elege com o apoio local do deputado Clodomir Millet e com o apoio nacional do presidente Castelo Branco.

Buzar (2014) reforça que o pleito de 1965 desenrolou-se tranquilamente, sem apresentar irregularidades ou distorções, algo que havia se tornado comum no Maranhão nas três eleições que ocorreram ao longo da década de 1950 e início da de 1960. O analista político registra ainda que as Oposições, que só ganhavam na capital e eram esmagadas no interior pelo PSD (partido de influência vitorinista), desta vez alteraram o quadro: foram bem sucedidas em todo o Estado. Sarney se elege, junto com seu vice Antônio Jorge Dino, obtendo uma grande vantagem de votos em relação a seus oponentes, os quais eram Renato Archer e Antônio Eusébio da Costa Rodrigues:

Com esse resultado, o vitorinismo, como prática política e administrativa, estava definitivamente aniquilado no Maranhão inteiro. O seu criador, Vitorino de Brito Freire, depois de comandar o poder por duas décadas,

retirava-se de cena para que o seu lugar fosse ocupado pelo jovem José Sarney, que ingressara na vida pública pelas suas mãos, nos meados da década de 50, ao se candidatar a deputado federal, iniciando uma brilhante trajetória política, cuja culminância deu-se com a sua indiscutível eleição ao governo do Estado. (BUZAR, 2014, p.356.)

Não é apenas uma sucessão de governo que se apresenta; é um momento histórico para o Maranhão, pois acaba de ser rompido todo um ciclo político, com um candidato que se elege pela oposição e ainda por cima, tem o apoio e a simpatia do Presidente do Brasil – um general militar. Ciente deste momento histórico, Sarney pede que o famoso cineasta Glauber Rocha venha a São Luís e registre sua posse. O resultado é um documentário de pouco mais de 10 minutos intitulado *Maranhão 66*. Concomitantemente ao discurso de posse do governador, mostram-se imagens de um Maranhão assolado pela miséria, pelo descaso e pela fome, herança não só do governo Newton Bello, mas da influência de vinte anos do senador Vitorino de Brito Freire em nossa política.

Alguns pontos importantes sobre o governo Sarney, segundo Coelho Netto (1985), é que ele centralizou a ação administrativa criando a SUDEMA – Superintendência do Desenvolvimento do Maranhão; aproveitou as diretrizes do Governo Federal no setor de Energia e Transportes, ampliando nossas estradas e as redes elétricas sobretudo em face do funcionamento da Hidrelétrica de Boa Esperança. Quanto às melhorias na capital São Luís, desenvolveu-se um melhor plano urbanístico a fim de melhorar e expandir a cidade, a exemplo da construção da ponte sobre o rio Anil e da ponte do São Francisco (cujo nome oficial é ponte Governador José Sarney), além da construção da barragem do rio Bacanga, permitindo o acesso ao Porto do Itaqui.

No âmbito educacional, observa-se, segundo Cruz (2003), a criação da Universidade Federal do Maranhão, integrando várias faculdades já existentes, federais e particulares inclusive católicas, ressaltando-se aqui o nome de Dom José Delgado. Fora criadas as Faculdades de Engenharia, Administração e Agronomia que mais tarde integrariam a Universidade Estadual do Maranhão, a qual só se efetivaria no governo de João Castelo (1979-1982).

Há que se lembrar da parceria entre Sarney e Tribuzzi ao longo deste governo:

Bandeira Tribuzzi e José Sarney foram companheiros do Modernismo literário ao poder do Estado. Neste contexto, o economista José Tribuzzi tornou-se uma das figuras mais destacadas do planejamento econômico estadual, redigindo planos de governo e assessorando governadores. Alguns dos capítulos mais expressivos do seu ensaísmo econômico, como os estudos sobre a formação produtiva estadual, o esforço tributário em espaços subdesenvolvidos e o esboço comportamental da economia do Maranhão, foram consequências desta circunstância participativa, na qual o método de análise e o método expositivo marxistas ficaram grandemente deslocados. (CORREIA, 1989, p.156)

Sarney abdica de seu mandato seis meses antes de concluí-lo para concorrer às eleições a uma vaga no Senado; assume seu vice, o médico Antônio Jorge Dino, por um período de dez meses, até passar a faixa governamental a Pedro Neiva de Santana em 15 de março de 1971, eleito por voto indireto – indicado pelo Presidente da República – tanto ele quanto seu vice, Alexandre de Sá Colares Moreira.

O que se pode apontar de feitos relevantes no governo de Neiva de Santana (1971-1975) é que ele extinguiu a SUDEMA, substituindo-a por uma Secretaria de Planejamento, e ao fim de seu mandato criou outra, a Secretaria de Indústria e Comércio; ele continuou o plano de desenvolvimento do Estado pela gestão anterior e estabeleceu o Orçamento Plurianual de Investimentos referente ao período de 1972 a 1974, através do qual pode dar ênfase ao sistema rodoviário, à rede de energização e de saneamento do interior. No âmbito da educação, destacamos a criação do Conselho Estadual de Cultura e da Fundação Cultural do Maranhão, visando uma futura universidade estadual (MEIRELES, 2001).

Como já se sentia os efeitos da inflação no Estado, o qual passa a entrar em uma acentuada crise, o governo tentou uma nova política fundiária com atração de grandes firmas e capitais do sul do país. De resto, houve mais uma ocupação de áreas devolutas por parte destes com exploração de indústria de madeiras do que investimento propriamente dito em benefício do desejado desenvolvimento. (COELHO NETTO, 1985)

Por fim, é importante registrar que foi no governo Neiva de Santana, mais especificamente em 1974, que ocorreu a tão sonhada inauguração da Companhia Docas do Maranhão – CODOMAR<sup>68</sup>, o hoje Porto do Itaqui, pelo qual passou a ser

---

<sup>68</sup> “Em 04 de março de 1974 a CODOMAR foi constituída, tendo como finalidade a exploração, industrial e comercial, dos portos e vias navegáveis do Estado do Maranhão. A partir dessa data surgiu à atividade principal da Companhia, que foi a administração, exploração e operação do complexo portuário do Itaqui, fato este, que durou até novembro de 2000”. Fonte:

exportado o minério das jazidas de Carajás, no sul do Pará, e que ali chega após percorrer em torno de 980km na ferrovia da Companhia Vale do Rio Doce. E ao redor do Porto nasceria o Distrito Industrial, que só veio a ser inaugurado em agosto de 1980, já no governo João Castelo (MEIRELES, 2001).

### 5.1 A consolidação do Modernismo na Literatura Maranhense

A década de 1970 nas letras maranhenses também nos revela um novo grupo de jovens que se dedicam à escrita poética de uma forma mais contundente e rebelde; e não poderia ser diferente, já que os tempos de exceção em que viviam, tanto no âmbito local quanto no nacional exigiam um posicionamento e um olhar mais crítico e não tão complacente e passivo diante da realidade. Se muitos setores da sociedade brasileira viam com otimismo as mudanças realizadas pelo Golpe Militar de 64, existia uma grande parcela de intelectuais que não aceitava a suspensão de seus direitos e não acreditava no discurso ideológico de que o Brasil estava melhor naquele momento. Havia muito a ser denunciado e muito a ser desvelado.

Com um Departamento de Cultura do Estado já estabelecido, em amplo funcionamento e atuante junto à classe artística do Maranhão, publica-se, em 1972, a *Antologia do Movimento Antroponáutico*, época em que a escritora Arlete Nogueira da Cruz estava à frente do referido órgão. Os poetas que integram esta antologia são Chagas Val, Luís Augusto Cassas, Valdelino Cécio, Raimundo Fontenele e Viriato Gaspar. O lançamento desta antologia contou com uma noite de autógrafos no Teatro Arthur Azevedo, e dentre os presentes estava o poeta Nascimento Morais Filho. Sobre essa geração de poetas que buscava, novamente, rebelar-se contra o insistente conservadorismo literário, o qual ameaçava extinguir o Modernismo

---

<https://www.gov.br/infraestrutura/pt-br/aceso-a-informacao/codomar/institucional-codomar> : “Após 10 anos sem realizar atividades relacionadas a atividades portuárias, a Companhia Docas do Maranhão (Codomar) encerrou, em definitivo, suas atividades em 2020. O ato foi anunciado em assembleia geral extraordinária, que quitou a companhia, pondo fim a dois anos de um processo de liquidação. O fechamento da empresa representou uma economia anual de cerca de R\$ 8,4 milhões aos cofres públicos da União.” Fonte: <https://www.gov.br/infraestrutura/pt-br/assuntos/noticias/2020/09/ministerio-da-infraestrutura-encerra-atividades-da-companhia-docas-do-maranhao-codomar>

duramente conquistado poucas décadas antes, o poeta e crítico literário Nauro Machado explica:

Em meados de 72, cinco poetas se lançaram juntos no livro intitulado *Antologia Poética do Movimento Antroponáutica*, designação colhida de um poema de Bandeira Tribuzzi<sup>69</sup>. Como não os ligava nenhuma similitude de pontos de vista, e não houvessem eles lançado qualquer manifesto reunindo-os em torno de uma programática comum, dizendo por que vieram e a que se propunham, [...], melhor teria sido chamar aquela reunião de Antologia de Novos Poetas Maranhenses e não Antologia de um Novo Movimento. O saldo mais positivo desses poetas foi, se lhes balancearmos o produto erroneamente apresentado como original e revolucionário, o de insurgirem, de certa maneira, contra a regressão poética que víamos assustadoramente proliferar em São Luís. (MACHADO, 1973, p.44-45)

Sob a ótica de Machado, a real importância desses poetas, cujos escritos foram reunidos nessa antologia, foi a de romper, mais uma vez, com um sentimento de volta ao passado, tão presente na intelectualidade maranhense em tempos de estagnação econômica, e com receio de exercer a liberdade de expressão, algo fundamental para as artes:

Esquecem-se, nossos jograis ou trovadores de retardada hora, bons pais de família e príncipes das mundanidades sociais [...] que não é com bons sentimentos que se faz boa literatura, como já dizia André Gide. [...] E que não podemos, a não ser a troco de uma alienação total e completa, mistificando o real e divorciando-nos de nós mesmos e da época em que vivemos, voltar à Provença dos bons vinhos e à Lombardia, Gênova ou Bolonha das cortes medievais. (MACHADO, 1973, p.45-46)

O recado estava mais que dado: impossível retroceder naquele momento quando muito já havia sido conquistado e superado em termos literários. Ainda sob a perspectiva de Machado (1973, p.46), Raimundo Fontenele “é o mais forte e original, o que utiliza de melhor maneira a metáfora, esta própria substância da poesia, ajustando-a à forma mais autêntica de sua imagística pessoal.”

No tocante às origens dessa geração – a Antroponáutica – o jornalista Natan Castro revela que os cinco poetas anteriormente citados se encontravam, ainda em 1971, num bar no Canto da Viração, localizado no Centro de São Luís. Eram encontros boêmios regados a muita cerveja e discussões acerca do futuro da poesia maranhense. Esses jovens admiravam e se diziam influenciados por poetas ainda atuantes nas letras maranhenses e que possuíam larga e constante produção

---

<sup>69</sup> Vide Anexo N para a leitura do poema “Antroponáutica”, na íntegra, de Bandeira Tribuzzi.

literária: Nauro Machado, José Chagas e Bandeira Tribuzzi. Lembremos que esses três poetas iniciaram suas carreiras ainda no fim da década de 1940 e pertencem à primeira geração modernista maranhense. Mas a essência dos antroponáuticos era mesmo a rebeldia e a contestação, como é próprio do momento em que viviam: a década de 1970.

O poeta Raimundo Fontenele, um dos antroponáuticos, dá um testemunho sobre como os representantes do Regime Militar agiam quando pressentiam um ato de subversão – nesse caso o ato atrelava-se aos preparativos da noite de lançamento do seu segundo livro, *Às mãos do dia* (1972). O evento aconteceria nas dependências internas da Biblioteca Pública Estadual Benedito Leite e nem ele nem seu grupo intelectual queriam algo entediante. Reproduzimos abaixo o relato de Fontenele sobre esse episódio de sua carreira pois consideramos emblemático daquele momento repressivo em que se vivia:

Querendo fugir daquelas noites de autógrafos costumeiras, que achávamos até enfadonhas, decidimos que o lançamento do meu livro seria diferente. Aí a gente juntaria artes plásticas e música, e lembro do César Teixeira, do Josias, do Sérgio Habibe, do Jesus Santos, do Ciro, Ambrósio Amorim, Lobato, Tácito Borralho, tanta gente. E o lançamento aconteceu na Biblioteca Pública Benedito Leite. Na noite anterior, após tomarmos algumas cervejas, eu, Viriato, Valdelino e outros ficamos na escadaria da Biblioteca Pública conversando e só, de sarro, planejando o lançamento, e cada um saía com a idéia mais louca. Tipo: no lugar de cadeiras para as autoridades íamos colocar vasos sanitários; colocaríamos uma árvore de natal com ratos pendurados, etc.; íamos convocar mendigos, loucos, os despossuídos para tomarem as escadarias da Biblioteca quando as autoridades e convidados fossem chegando. Ah, e no coquetel no lugar de bebida alcoólica serviríamos leite, mas não em taças e sim em penicos. Novos, claro. Naquele tempo a autoridade maior dos estados era sempre o militar mais graduado, no nosso caso o Comandante do 24º BC. Alguém nos ouviu falar aquelas bobagens e levou a sério. O certo é que o Governador foi acordado pelo Comandante do 24º BC que lhe ordenou visse do que se tratava pois algo de muito grave ia acontecer. Fui chamado às pressas no gabinete do Secretário de Educação (que havia permitido que eu fizesse lá na Biblioteca, órgão da SEC, o lançamento do livro), à época o saudoso Professor Luís Rêgo, um homem boníssimo. Quando entrei em seu gabinete levei um susto, pois ao seu lado estava um Major do Exército. Pálido e trêmulo, ali sentei e o professor Luís Rêgo passou a me interrogar acerca do lançamento e do que estava programado. Neguei tudo. Disse que era mentira. Jamais faríamos uma coisa daquelas e tal. Despachou-me dali, mas me recomendando prudência, e cuidado com o que ia acontecer, pois estavam de olho. Pela cara do oficial do exército nem precisava de me dizer mais nada. Pois, mais tarde, enquanto estava na Biblioteca em companhia do poeta Viriato Gaspar, ultimando os preparativos do lançamento, eis que nos aparece um agente da Polícia Federal. E dirigindo-se a mim diz que estava à minha procura, e porque nada mandara o livro para a Censura, e cadê o livro e tal e coisa, e nos colocou em sua viatura fomos até onde eu residia, pegamos um livro, e enquanto eu lia, o motorista nos levou até a sede da Polícia Federal, naquela época ali na Rua Grande na altura do

Ginásio Costa Rodrigues. Novo interrogatório pelo delegado de plantão. O Viriato saiu-se bem nas respostas. E quando o delegado quis saber dos mendigos (olha a subversão) que íamos levar, o Viriato disse que não tinha nada a ver, aquilo era uma peça de teatro que estávamos escrevendo e tão logo ficasse pronta levaríamos lá no Serviço de Censura. O certo é que à noite a Biblioteca lotou. Talvez até curiosos, além de meus convidados, muitas autoridades se fizeram presentes. Secretário de Educação, o Prefeito Haroldo Tavares, e lá atrás de uma daquelas colunas reconheci o agente da PF de nome Mateus, esperando que eu saísse da linha no meu discurso para me grampear. Mas o resultado prático da repressão, que é o cerne desta pergunta, é que nós, os jovens (falo dos jovens em geral e não especificamente do nosso grupo), tomamos rumos diferentes: uns foram para o comodismo da vida privada, outros foram para luta armada, e no meu caso, no primeiro momento, abandonei tudo e embarquei numa carona com os hippies e fiquei vagando pelo país uns três a quatro meses, metido no universo da Contracultura, cujo estímulos vinham da geração beat, e era uma época rica e enriquecedora, chegávamos ao desregramento de todos os sentidos, na vida e na arte, aquilo que o poeta Arthur Rimbaud profetizara um século antes. E a nossa geração foi importante porque abriu caminho pra todos vocês que vieram depois de nós. É o ciclo da vida, quer reconheçamos ou não. Ele existe. Ele é. (In: <https://literaturalimite.blogspot.com/2016/02/movimento-antroponautica-atitude-e.html> )

Para Alberico Carneiro (2013), “a poética de Raimundo Fontenele não se parece com os textos de ninguém de sua geração. É um poeta marginal [...]”. Na verdade, quando Fontenele publica seus poemas na *Antologia Antroponáutica* e posteriormente em outra, a *Hora de Guarnicê* (1975), ele já era um poeta conhecido no meio intelectual e com duas publicações prévias: os livros *Chegada Temporal* (1970) e o já citado *Às mãos do dia* (1972).

Poucos anos depois, em 1975, mais novos poetas tiveram a oportunidade de publicar seus escritos em outra antologia, a já citada *Hora de Guarnicê*, organizada novamente pelo Departamento de Cultura do Estado. O crítico literário Jomar Moraes era quem estava à frente deste órgão neste momento e foi quem selecionou os catorze poetas que integraram o livro. A ideia, explicada por Moraes, era promover, “ao modo de amostragem”, textos poéticos que representassem a nova geração de poetas maranhenses. (MORAES, 1977, p.238)

O maranhense conhecedor de suas tradições populares entende o significado desse título: ele metaforiza o início de uma nova poesia maranhense. A hora de guarnicê se relaciona, na brincadeira do Bumba-Meu-Boi, ao momento inicial e preparatório da saída do boi. É a fase do chamamento, da convocação geral, em que os participantes do folguedo se encaminham para o terreiro, em suas indumentárias multicoloridas, e vão aquecer os tambores na fogueira acesa, testar a

ressonância das matracas, conferir, uns com os outros, o conteúdo melódico e poético das toadas. (MORAES, 1977, p.238)

Participaram da antologia *Hora de Guarnicê* os seguintes poetas: Antônio Moisés, Chagas Val, Ciro Falcão, Cunha Santos Filho, Edmilson Costa, Francisco Tribuzzi, Henrique Corrêa, João Alexandre Jr., João Wbaldo, Luís Augusto Cassas, Raimundo Fontenele, Rossini Corrêa, Valdelino Cécio e Viriato Gaspar. Em seu livro de crítica *A Atual Poesia do Maranhão* (1976), a autora Arlete Nogueira da Cruz descreve brevemente cada um desses poetas bem como as características mais latentes que envolvem suas poéticas.

Ao refletir sobre essa atual poesia do Maranhão, Cruz (1976) destaca o que une esses jovens e o que os individualiza em seus projetos literários. O que os une, já que estamos nos referindo a uma geração, é o olhar revolucionário sobre a arte; são poetas que estão certos de que, bombardeados pela sensação da inútil presença física no mundo atual, optaram, na sinceridade de sua jovem rebeldia, por clamar contra as injustiças, quais precipitados líderes de uma velha mas sempre válida causa.

Transcrevemos alguns versos que ilustram o sentimento de rebeldia e de indignação desses jovens poetas, antenados que estavam com o mundo externo e caótico, e não apenas com o âmbito local ou nacional. Estes versos impregnam as páginas de *Hora de Guarnicê*: “ser boi em postas de carne / expostas para o repasto / do abutre homem, essa fera” (Chagas Val); “nós mesmas vozes / denunciadoras dos tempos impostos” (Valdelino Cécio); “tem que ser puta e fome / quando há flor, maçã / na sombra do Vietnã” (Rossini Corrêa); “que fadiga impura / morram os ricos” (Antônio Moisés); “é preciso / tingir de sangue / a palavra PAZ” (Edmilson Costa); “há um éden sufocante / poluindo o tempo e o jardim” (João Alexandre Jr.); “e um manifesto nas mãos dos carecas: / PRECISA-SE DE UMA TERCEIRA GUERRA” (Cunha Santos Filho); “crianças foram fuziladas em My Lai / homens apodrecem em Biafra” (Luís Augusto Cassas); “gira geração-conflito / o sangue do homem na rua” (Francisco Tribuzzi); “sangue em tudo, hoje no mundo” (Ciro Falcão); “Sou infrator, instrutor / da ação e revolução” (Henrique Corrêa); “eis que a manhã se rebela contra as raízes do pranto” (Viriato Gaspar); “Não nos pertencemos mais / embarcamos em naves estranhas” (João Wbaldo); “e submerso entre cruces rutilantes / toco-te a cauda, caudal vagalume” (Raimundo Fontenele) (CRUZ, 1976, p.16).

Nascimento Morais Filho, à sua maneira, também proporcionou um espaço de expressão poética aos jovens desta geração na coletânea de textos natalinos *Esperando a Missa do Galo* (1973). Lá configuram os poemas dos seguintes antroponáuticos: “Natal em Sangue” de Chagas Val, “Canção Cristã” de Raimundo Fontenele, “Cantiga Molhada de Natal pra Ninar os Olhos do Caboclo”, de João Alexandre Júnior e “O Natal não é Outra Marmelada?”, de Valdelino Cécio.

Encerramos, por ora, as reflexões sobre esse período historiográfico da literatura maranhense, estabelecido no recorte temporal compreendido entre 1936 e 1976, cujo enfoque se direcionou ao gênero lírico. Entendemos que, para construirmos uma nova narrativa do Modernismo no Maranhão, exigia-se também o resgate da própria história deste período, a fim de identificarmos todo o percurso das ideias modernistas – desde o momento que se apresentam até quando se consolidam.

## **5.2 Análise crítica de alguns poemas de *Esfinge do Azul* (1972)**

*Esfinge do Azul* é o último livro autoral de Nascimento Morais Filho e reúne 68 poemas avulsos do autor que foram compostos ao longo de quatro décadas e é por esta lógica que eles estão divididos. A década de 40 conta com seis poemas; a década de 50 conta com quatro poemas; a década de 60 conta com quarenta e oito poemas; e a década de 70 finaliza com dez poemas. Sob a análise do próprio autor, “*Esfinge do Azul* é o resto do saldo das ‘aparas emocionais’ que se foram amontoando durante os meus 30 anos de vida lítero-vegetativa da Província” (1972, p.209).

Apesar do já mencionado soneto “Ego sum qui sum”<sup>70</sup> aparecer neste livro, este se isola no quesito forma, pois é o único que, aparentemente, possui referências clássicas. A maioria dos outros poemas se encaixam na estética modernista por demonstrarem: forma livre; ausência de título; despreocupação com rimas ou com quantidade determinada de versos e estrofes; e vocábulos escritos em letras minúsculas. Se ainda não são inteiramente modernistas os poemas pertencentes às décadas de 40 e 50 (muitos refletem uma estética simbolista no quesito conteúdo), aqueles escritos nas décadas de 60 e 70 já são totalmente condizentes com o Modernismo.

---

<sup>70</sup> Vide capítulo 1 desta tese.

O livro que melhor representa a jornada poética de Nascimento Moraes Filho é *Esfinge do Azul* e é precisamente nele que podemos visualizar com mais afinco a poética da liberdade à qual nos referimos ao analisarmos os livros anteriores *Clamor da Hora Presente* e *Azulejos*. Aqui percebemos toda a construção desta poética em imagens e expressões que permeiam os poemas em várias nuances. Começamos pelos poemas da década de 40. Em geral, neles a ideia de liberdade representa a busca de um ideal que se personifica em um longínquo “crepúsculo” ao qual o eu lírico é conduzido por encontrar ainda um fio de esperança em si mesmo:

síncope da luz!  
 angústia do verde nas esperanças  
 há um sino dobrando em cada coração  
 e uma cruz de esqueleto de ilusões abre seus braços  
 sobre cada pensamento  
 é a hora do crepúsculo do amor!  
 é a hora do crepúsculo do sonho!  
 (MORAIS FILHO, 1996, p.43)

Apesar da esperança ser evocada como algo ínfimo, pequeno e angustiado, ela reflete ainda uma luz esmaecida que persiste na consciência do eu lírico. Esta luz/esperança é a própria manifestação do pensamento, que pulsa como o dobrar de um sino e “abre os braços” para as ilusões fragmentadas em forma de cruz. Há um sentimento de ruptura mas também há esperança, pois enxerga-se além, na “hora do crepúsculo”, o sonho e o amor de outrora, tão desejados. O vocábulo “cruz” pode significar sacrifício e morte, ainda mais associado à ideia dos “esqueletos de ilusões”, porém adquire uma interpretação menos combativa ao revelar um lirismo singelo e esperançoso no final do poema.

Encontramos nos poemas da década de 50 a palavra “liberdade” expressa claramente, a qual começa a aparecer com mais frequência, propondo uma conexão do homem ao cosmos. Para alcançar a luz da liberdade, este homem deve expandir primeiro sua consciência, libertando-a de ideias pré-determinadas e pré-concebidas. No poema abaixo, o eu lírico diz que a verdadeira sede do homem é da água que brota da “fonte da liberdade”:

fitas o firmamento, meu irmão,  
 com vontade imensa de beber a água luminosa  
 de suas fontes cristalinas!  
 estás sedento e tens fonte tão perto!...

essa poça d'água que reflete o azul-infinito  
 e que traz no seu seio a água lustral  
 que inconsciente buscas,  
 tem um nome:  
 - fonte da liberdade!  
 (MORAIS FILHO, 1996<sup>71</sup>, p.57)

O poema se estrutura em três metáforas: luz, água e céu, as quais se conectam à ideia de liberdade. A sede que o homem tanto evidencia não é meramente sede de água, oriunda de fontes cristalinas e lustrosas. A real sede é a da liberdade, muito embora ele nem perceba que esta é sua verdadeira busca, pois está presa a seu inconsciente e ainda não se manifestou. Para que esta consciência se expanda em direção ao “azul-infinito” é necessário que ela se ilumine, se revele. O eu lírico mostra que a resposta para os problemas humanos tão essenciais advém primeiro da conquista de consciência. Com ela, vem os questionamentos para suas mazelas, como a sede e a fome. Somente conscientes da origem de nossa opressão saberemos o caminho a percorrer em direção à liberdade e quais atitudes tomar.

São nos poemas reunidos na década de 60 que percebemos a consolidação dos anseios e angústias de um eu lírico já mais lúcido de sua jornada. Por um lado, ainda encontramos alguns poemas de cunho lírico-amorosos, com uma linguagem mais sinestésica denotando singeleza e inocência por meio de odores, sabores, sons e visões, ressoando uma estética simbolista:

meu amor é o aroma  
 que se transforma em jasmim...  
 meu amor é o som  
 que se sonoriza em gorjeio...  
 meu amor é a luz  
 que se pinta no arco-íris...  
 meu amor és tu  
 que te espiritualizas dentro de mim!...  
 (MORAIS FILHO, 1996, p.71)

O eu lírico metaforiza o amor como um sentimento que transborda sensações em direção a uma espiritualidade que o une ao ser amado, transmitindo a ideia de se reconhecer no Outro e trazer sua essência para dentro de si. É algo que transcende o próprio sentimento amoroso e desta forma esse eu poético não o aprisiona. Amar, aqui, denota liberdade, luz e espírito.

---

<sup>71</sup> Optamos por utilizar a segunda edição de *Esfinge do Azul* (1996) para fazer referência aos poemas por estar mais atualizada e mais fácil de manusear.

Por outro lado, vários poemas da década de 60 falam de silêncios e vazios que impregnam o eu lírico, que refletem sobre a busca por sua própria jornada de vida. Há uma filosofia existencialista sartreana latente no pensar desta voz poética quando ela se revela angustiada ao analisar suas conquistas que vão de encontro ao grande enigma da vida – valeu a pena toda a luta empreendida pelos ideais da juventude?

esfinge do azul!  
 ciclo da minha angústia –  
 a sangrar desilusão em cada pensamento  
 e arquejando sonhos na cansada luz das estrelas!  
 (MORAIS FILHO, 1996, p.85)

Há neste poema um eco de resistência – os sonhos que ainda “arquejam” – mas o eu lírico já demonstra cansaço em perseguir a “luz das estrelas”, pois entende que ultrapassou vários ciclos em vida lutando por um ideal. Na esperança de conquistar a liberdade pressentida outrora, algo não saiu como se esperava, por isso a “esfinge do azul” metaforiza neste momento a angústia e a desilusão: chegue-se a ela com dúvidas sobre a jornada de um homem que questiona suas convicções.

A dúvida existencial é melhor sentida no poema a seguir:

...e eu sempre estive aqui!  
 porém agora, eu fico a pensar... e a pensar...  
 sim...  
 quantas vezes passei por mim  
 e não me vi?  
 e eu sempre estive aqui!  
 quantos encontrões eu dei em mim  
 e não me vi?!  
 e eu sempre estive aqui!  
 quantas vezes eu me olhei  
 e não me vi!  
 e eu sempre estive aqui!  
 quantas vezes falei comigo  
 e não me respondi?!  
 e eu sempre estive aqui!

não sei como nunca me encontrei,  
 se eu sempre estive aqui!...

não sei....  
 só sei (e é o que me importa a mim)  
 que enfim me encontrei!  
 mas fico a perguntar-me:  
 que agora eu vou fazer de mim?  
 não sei para que enfim eu me encontrei!..  
 melhor não seria  
 eu andar ainda ofegante, nervoso

livre de mim  
 a procurar-me, a procurar-me...  
 perdido na multidão de eus e de estrelas?  
 (MORAIS FILHO, 1996, p.87)

Angustiante é o duelo que se apresenta nesta voz poética atormentada entre o eu interior e aquele que é revelado ao mundo exterior. Sugere-se que a verdadeira jornada do Eu se completa no auto conhecimento, mas este é infinito, se pensarmos que somos seres em perpétua construção e mudança. Esse eu lírico “sempre esteve aqui” mas nunca se percebeu, e quando se encontra, não sabe o que fará de si mesmo. Quem é, portanto, esse EU tão longamente procurado? É a consciência de si mesmo. Este poema sugere como tema a representação da busca pela consciência, que uma vez encontrada, não se sabe o que será feito dela. Melhor livrar-se da consciência e perder-se novamente “na multidão de eus e de estrelas”?

Os dez poemas reunidos na seção da década de 70 possuem a característica da concisão – e, ao contrário do que possa parecer, o minimalismo dos versos revelam uma grande inquietação e incômodo, como se tocassem exatamente na ferida incutida no âmago de um eu lírico maduro e consciente de sua trajetória até aquele momento. Ele ainda não tem respostas para esse jogo da vida que se reconfigura a cada ciclo, a cada batalha:

por que essa gente me pergunta tanto,  
 se eu não tenho nada pra lhes dizer?  
 (MORAIS FILHO, 1996, p.159)

Em outro poema, a angústia se esconde na solidão:

estou só!  
 (MORAIS FILHO, 1996, p.163)

E pede socorro no meio da noite:

s.o.s dentro da noite  
 (MORAIS FILHO, 1996, p.167)

Um grito de socorro; um código universal que expressa a urgência dos sentimentos de um eu lírico que grita mas parece não ser escutado. Um poema composto em um único verso que compreende a síntese de tudo quanto existe de

mais solitário a alguém. É uma voz poética que, apesar de emitir um grito de socorro, sabe: ninguém chegará tão cedo para oferecer conforto às suas angústias, que nesta parte do livro, se dirigem muito mais a questionamentos pessoais acerca de sua geração e de seus feitos reais no passado. De que serviram? Quem é este eu lírico atual, que um dia clamou e foi ouvido, mas que agora grita por socorro e só encontra a solidão de sua própria voz? É como se a voz perguntasse se ainda há sentido na poesia, após tanto tempo.

E mais à frente, esse eu lírico angustiado retoma o sentimento de *Azulejos* ao procurar os conselhos da mãe: quem sabe ela o norteará rumo ao entendimento do que ele e sua própria geração se tornaram?

a ana augusta.  
pergunta de josé.  
mãe,  
que é feito de minha geração?  
responda, mamãe?  
(MORAIS FILHO, 1996, p.165)

O poema-resposta da mãe lhe traz mais uma vez a esperança, indicando um tempo novo, uma nova “aurora” em que o eu lírico poderá escrever e cantar novos versos:

resposta  
de ana augusta  
a josé  
ouve, meu filho,  
um dia, tu cantarás a canção das auroras!...  
(MORAIS FILHO, 1996, p.171)

A liberdade, tema sempre constante em seus versos, adquire um questionamento sobre seu próprio valor:

pai,  
é isto  
que é liberdade?  
(MORAIS FILHO, 1996, p.157)

O eu lírico não reconhece mais o conceito de liberdade no mundo que lhe é apresentado e que defende a suspensão de direitos agindo sob um poder autoritário e censor. De que serviu, mais uma vez, toda a luta empreendida no passado? Há explicações para a realidade conquistada, quando tudo já foi perdido,

menos a consciência deste eu lírico? A metáfora da cruz, mostrada abaixo, talvez contenha a resposta, porém é pessimista; a luta talvez tenha sido em vão:

...e o X é a cruz desmantelada...  
(MORAIS FILHO, 1996, p.155)

Ressurge, na última página, um poema visual – não menos angustiante. Essa liberdade que tanto procuramos e que nasce primeiramente em nós mesmos, em nossa consciência, para o eu lírico representa a esfinge do azul, eterno enigma de sua vida. Ou representaria a eterna luta de seus ideais?

L  
L  
L  
L  
L  
L  
L L L L !...  
(MORAIS FILHO, 1996, p.173)

Os poemas finais de *Esfinge do Azul* nos revelam um eu lírico maduro, que de posse de todo um conhecimento adquirido em sua existência até aquele momento, questiona o seu valor. O exercício do pensar analiticamente sobre sua trajetória, comparando-a às conquistas do presente, leva-o a redefinir seu olhar perante a realidade que o cerca. Essa liberdade que nasce da consciência, tantas vezes defendida, é posta à prova em um momento histórico de exceção: a ditadura militar.

O que fazer para modificar concretamente esta realidade, se a opressão e a censura, práticas opostas à liberdade, se impõem? Esse é o ponto de enigma do eu lírico. Foi para chegar a este momento que ele tanto lutou no passado? Ainda haveria uma aurora, um novo dia ao qual ele pudesse dedicar seus versos? O eu lírico teme, talvez, em ter que questionar sua própria consciência sob pena de adaptá-la ao que não fazia sentido para ele.

O processo de tomar consciência do mundo das coisas e de si no mundo; a apreensão de conceitos como angústia e liberdade; entender que a existência precede a essência e que não há uma natureza humana prévia; o agir concretamente diante de uma situação ao decidir-se por um posicionamento, ao escolher algo: a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre nos ajuda a examinar e dialogar com o eu poético de *Esfinge*, ainda que deixe lacunas nesse processo.

Mesmo identificando que existe uma poética da liberdade latente nos poemas de *Esfinge* e que precisamos compreender como esse pensamento se manifesta e se desenvolve, percebemos que ele não caminha sozinho sem a consciência, sem o aspecto específico desta consciência que é a imaginação – já que o foco deste estudo é o gênero lírico; que a liberdade de escolher se realiza plena no agir.

Atravessar essa jornada não parece ser fácil, a qual mesmo iniciando-se no Eu, se efetiva no coletivo pois o existencialismo sartreano é humanista. Ele exige que o homem tenha fé em si mesmo e no outro, e não se entregue a uma prática solipsista. Essa fé não a encontramos tanto nos poemas finais de *Esfinge*, e portanto resta a nós decifrar o eterno enigma da esfinge – a busca incessante por nosso próprio EU, que se reconstrói a cada nova jornada que empreendemos e a cada novo ciclo angustiante.

Considerado já um representante da *velha guarda*, se comparado à nova geração, aquela dos antroponáuticos, certamente o olhar crítico e ferino do autor de *Clamor da Hora Presente* ainda não tinha envelhecido em 1972. No auge de seus cinquenta anos, Morais Filho mantinha a mesma poética voltada para a liberdade e para a consciência que nasce daquele sentimento abstrato tão procurado e encontrado por poucos, já que nem todos estão dispostos a lutar ou a confrontar seus medos.

Com *Esfinge do Azul* o poeta encerra uma trajetória poética marcadamente revolucionária ao mesmo tempo em que oferece mais dúvidas do que soluções. Sua voz, no entanto, não perdeu as características que o fizeram ser reconhecido no meio intelectual três décadas atrás e que continuavam atuais: o clamor, o olhar para o presente e o pertencimento ao coletivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nos textos da literatura do passado – textos poéticos, críticos, históricos, filosóficos, mas também textos de romances, contos, crônicas, diários, cartas, etc. – que aprendemos quem tem sido considerado um grande poeta. Essa literatura é publicada nas mais diversas edições e conservada em bibliotecas públicas e privadas, na forma de coleções de livros, microfilmes e bancos de dados digitais. [...] As publicações de outrora, como também as publicações de novos poetas e romancistas, ampliam e modificam incessantemente o acervo tradicional, tornando-se objetos de novas discussões. Embora o cânone seja relativamente hierarquizado, também essa hierarquia está sujeita a sofrer modificações (CÍCERO, 2017, p.77-78).

É com base neste pensamento, o qual explica com bastante propriedade que o nosso cânone literário sempre estará suscetível a novas aberturas e inserções, que trouxemos um estudo mais analítico sobre a contribuição literária do poeta maranhense Nascimento Morais Filho. Escolhemos pesquisar e aprofundar sua trajetória literária dentro do período em que se manifestou a estética modernista no Maranhão, isto é, entre os anos de 1936 e 1976, pois as histórias do autor e da literatura maranhense se fundem e se complementam, conforme tivemos a oportunidade de mostrar. Isso por si só constitui a essência desta tese: resgatar a jornada deste poeta nas letras para que seu lugar no cânone esteja claramente assegurado.

Lembranças de sua atuação, hoje em dia, residem apenas nos poucos escritores de sua geração que ainda permanecem vivos, ou seja, que estão na casa de seus noventa anos. Tivemos a sorte de entrevistar em 2021 o poeta Fernando Braga, ocasião na qual pudemos colher reminiscências de alguém que testemunhou uma época em que um grupo de jovens quiseram movimentar e renovar o cenário cultural maranhense; e conseguiram. Mas Braga faleceu no início de 2022, levando consigo também memórias inestimáveis de um outro momento da Atenas Brasileira.

A escrita deste trabalho se conclui, ao menos por ora, coincidindo com um ano histórico: o de 2022. Histórico, em um primeiro momento, porque reacende questões de revisionismo crítico sobre o evento da Semana de Arte Moderna e seu legado após 200 anos, já que abalou as estruturas artísticas no Brasil – o sentimento

de mudança e ruptura que se alastrou por nosso território demorou bastante para chegar ao Maranhão, em muito devido à nossa resistência em abandonar o passado. Esse passado tão cheio de glórias obstruía a mente e a visão de uma província devastada pela decadência econômica e atada às velhas facções políticas.

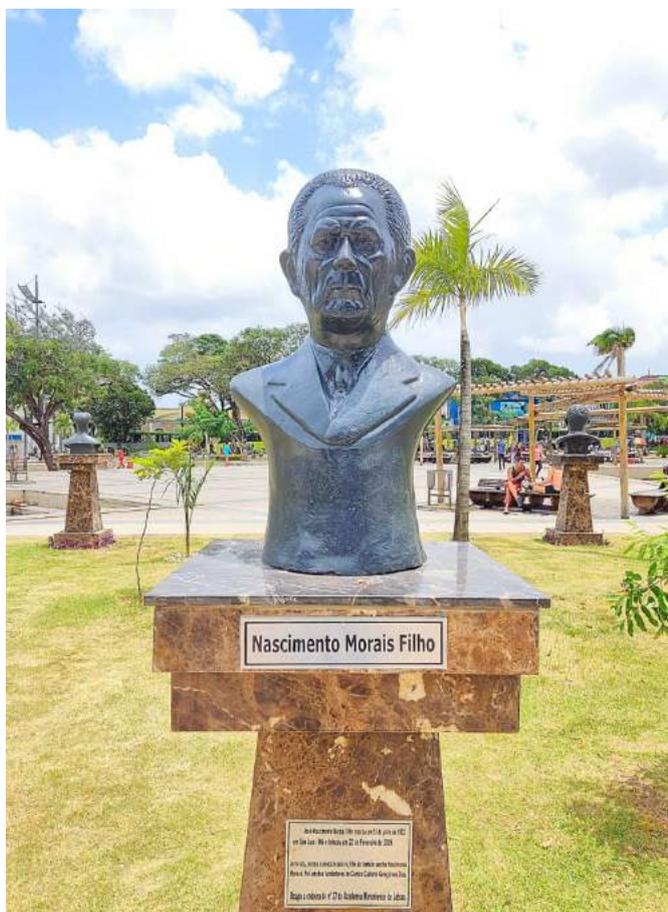
Hoje em dia discute-se em melhores termos a própria atuação do escritor maranhense Graça Aranha como apoiador das ideias dos jovens artistas e escritores que se voltaram contra as convenções acadêmicas. O autor didaticamente considerado pré-modernista por seu romance *Canaã* (1902), proferiu a conferência de abertura na Semana de Arte Moderna intitulada “A emoção estética na arte moderna”, defendendo uma arte livre em todos os aspectos e que não se submetesse apenas ao critério estético convencional da Beleza. Este ato rendeu-lhe a hostilização de seus pares na Academia Brasileira de Letras, inclusive de um imortal conterrâneo seu: Coelho Neto. O saldo foi o rompimento de Graça Aranha com esta emblemática instituição, decisão considerada ímpar até hoje para a história literária.

Consideramos o ano de 2022 igualmente histórico porque comemoramos o centenário de nascimento de Nascimento Morais Filho, ocorrido em 15 de julho, o que torna este trabalho ainda mais relevante no que tange à discussão crítica e atualizada de sua obra, relegada a segundo plano pelo autor para que ele pudesse se dedicar com mais afinco à causa da Ecologia a partir da década de 1980. Ainda assim, na década de 1990 o poeta reedita dois de seus mais importantes livros: *Clamor da Hora Presente*, em 1992 (uma edição internacional), e *Esfinge do Azul*, em 1996 (uma edição bilíngue).

Ao falecer em 2009, o poeta era apenas lembrado por ter lutado contra a ALUMAR e a VALE no intuito de cobrar que as leis ambientais fossem cumpridas e que as respectivas fábricas adaptassem suas instalações a fim de não poluírem nossas águas – afinal de contas, apesar de vivermos em uma ilha, não permanecemos isolados e nem apartados do mundo.

No ano em que celebramos seu centenário, Nascimento Morais Filho adquiriu ainda mais visibilidade, pois recebeu dois presentes: a publicação de um livro organizado por sua família, o *Antologia Poética*, que foi lançado exatamente em 15 de julho de 2022 em um evento memorável na Academia Maranhense de Letras. O outro presente, dado pela Prefeitura de São Luís sob a gestão do prefeito Eduardo Braide, foi a confecção de um busto, cuja instalação, na Praça do Panteon (Centro

desta capital), ocorreu em 27 de setembro de 2022, em evento público. Com essa mais recente e justa homenagem, Nascimento Morais Filho passa a residir ao lado dos bustos de outros grandes nomes da intelectualidade maranhense, inclusive de dois cujas histórias se alinham à sua: a de seu pai, o escritor, professor e jornalista José Nascimento Moraes; e a de Maria Firmina dos Reis, professora e primeira romancista brasileira.



**Figura 3:** Busto de Nascimento Morais Filho localizado na Praça do Panteon. Crédito da foto: Herbert Alves dos Santos

É fato que até o ano de seu falecimento ele era lembrado por um grande feito no campo da pesquisa em literatura: Nascimento Morais Filho, em 1973, descobre toda a obra de Maria Firmina dos Reis, tornando-se também seu primeiro biógrafo ao publicar o livro *Maria Firmina – Fragmentos de uma Vida* (1975). É ele quem reposiciona a autora de *Úrsula* (1860), o primeiro romance escrito por uma mulher no Brasil, na historiografia crítica literária brasileira, e isso não é, nem por um instante, um feito pequeno.

O que nos leva ao terceiro momento histórico de 2022: ano em que se celebra o bicentenário de Maria Firmina dos Reis, se considerarmos que ela nasceu em 11 de março de 1822. Sabemos no entanto, pelas próprias pesquisas de Moraes Filho, ratificadas pelas atuais, de Agenor Gomes, que sua data de nascimento é 11 de outubro de 1825 e que aquela primeira data refere-se à concretização de um recurso solicitado pela autora à Câmara Eclesiástica Episcopal no intuito de poder se inscrever para o concurso público de professora de primeiras letras para a vaga de Guimarães (MA), o qual exigia idade mínima de 25 anos.

Seja o bicentenário desta autora celebrado em 2022 ou seja ele celebrado novamente em 2025, é certo que em 2023 celebraremos os 50 anos de descoberta de Nascimento Moraes Filho. Como ele bem afirma em seu livro, Maria Firmina dos Reis é a primeira romancista da Literatura Brasileira, sendo *Úrsula* (1860) o primeiro romance com discurso abolicionista e evocador da liberdade. Firmina é a primeira mulher negra a escrever um romance no Brasil; é a primeira romancista da estética romântica; é a primeira ficcionista abolicionista por escrever o conto *A escrava* (1887); é uma das 10 primeiras poetisas a publicar um livro de poesia no Brasil, o seu *Cantos à Beira-Mar* (1871); e é autora do segundo texto ficcional indianista da literatura brasileira, o conto *Gupeva* (1861). Portanto, Nascimento Moraes Filho não só mexeu com o cânone literário brasileiro mas também exaltou a figura feminina na escrita, tantas vezes preterida da grande crítica. Tudo isto em 1973, no auge da ditadura militar em nosso país.

A motivação para que esta tese se efetivasse, então, justifica-se na importância da atuação do poeta Nascimento Moraes Filho no Modernismo da Literatura Maranhense. No primeiro capítulo, fizemos um estudo biobibliográfico, para que o leitor conhecesse suas origens e os principais fatos de sua vida, além de analisar criticamente cada uma das nove publicações do poeta, sendo delas quatro de cunho autoral e cinco de pesquisa. É assim que percebemos a dimensão do conjunto de sua obra, alinhavada pela expressão de um pensamento de consciência e liberdade e por uma forte conexão com as tradições e costumes populares.

No segundo capítulo iniciamos nossa narrativa sobre o Modernismo no Maranhão no ano de 1936 seguindo até 1945. Ao retomarmos aspectos de nossa própria história, conseguimos situar didaticamente o ponto de partida de nosso desenvolvimento econômico e social real no governo de Paulo Ramos, considerado aquele que colocou as contas públicas em ordem com sua gestão, a qual se

prolonga e tem a mesma duração que o Estado Novo no Brasil. Apesar de ser um capítulo histórico, não deixamos de lado os comentários críticos acerca da produção literária deste período.

O terceiro capítulo se dedica a analisar a atuação do Centro Cultural “Gonçalves Dias” do início ao fim, ou seja, de 1945 a 1950. Explicamos suas influências e relatamos a participação dos centristas nas atividades culturais e nas publicações apoiadas pelo Centro. Reunimos, nesta parte, a pesquisa historiográfica deste trabalho, a qual se direciona ao exame de documentos históricos – fontes primárias – recolhidos na biblioteca da família do autor estudado em questão: o caderno de atas que registra sete meses de atuação do Centro Cultural “Gonçalves Dias” bem como dois documentos datilografados pelo poeta, advogado e então centrista Vera-Cruz Santana.

Esses documentos nos concedem um entendimento melhor, para além do registro histórico, sobre a atuação inicial do CCGD. As publicações das revistas literárias de 1947 intituladas *Caderno Histórico nº1* e *Caderno Literário nº 2* também nos permitem analisar textos de outros associados ao grêmio que fizeram tentativas de uma escrita de teor modernista antes mesmo do já considerado marco histórico de nossa literatura: a publicação do livro *Alguma Existência* (1948), de Bandeira Tribuzzi.

E mais: encontrar toda a sequência de publicações do *Suplemento Cultural* na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, um caderno literário que totaliza quase 50 números, que pertenceu ao extinto jornal maranhense *Diário de S.Luiz* e que foi editado pelas mãos de Nascimento Morais Filho, Lago Burnett e Ferreira Gullar, nos permitiu visualizar melhor todo o cenário cultural de São Luís compreendidos entre 1948 e 1949, bem como as publicações literárias desse período. Percebemos após breve análise desse extenso material, o qual com certeza servirá para um aprofundamento de estudos posteriores, que a discussão sobre a poesia modernista no Maranhão bem como sua produção, se apresenta em um nível muito mais profícuo do que imaginávamos.

O quarto capítulo desta tese se dirige a perscrutar a consolidação do Modernismo no Maranhão. Percorremos fatos históricos que se iniciam em 1950, a exemplo da Greve Geral de 1951, ocasionada pelo descontentamento do povo diante de eleições que se mostraram fraudulentas e que também acabaram por efetivar o ciclo político conhecido como Vitorinismo aqui em nossa terra. Para além

de abordarmos questões políticas, sociais e econômicas, também lançamos um olhar para a produção literária deste período, caracterizada por um grande *boom* de publicações de livros.

É nesta quarta parte de nosso trabalho que fazemos um exercício de análise crítica de alguns poemas inseridos em dois livros autorais de Nascimento Morais Filho: *Clamor da Hora Presente* (1955) e *Azulejos* (1963). Propomos que a escrita poética modernista do autor centra-se na exploração do tema da liberdade. Em seu primeiro livro, este tema direciona-se à justiça social e à revolução, na qual o eu lírico emprega sua voz em um tom marcadamente declamatório e combativo. Depois, em *Azulejos*, seu terceiro livro, vemos a imagem da liberdade expressa na forte oralidade de um eu poético criança, que nos conduz aos momentos de infância e de convivência com a mãe, como em fragmentos que se traduzem em sonhos, brincadeiras, costumes religiosos e populares em geral.

No quinto e último capítulo, encerramos nossa jornada pelo Modernismo no Maranhão, a qual abarca o recorte temporal de 1966 a 1976. Aqui finaliza o ciclo político sob a influência de Vitorino de Brito Freire, prenunciando também um novo tempo de promessas baseadas em extinguir a corrupção e a miséria de nosso Estado. A eleição de José Sarney para governador em 1966 coincide, ironicamente, a nível nacional, com outro momento histórico difícil para o Brasil: a ditadura militar.

Apesar do autoritarismo do período, notamos que a literatura maranhense persiste na trajetória das mudanças estéticas e apontamos o surgimento de um novo e jovem grupo de poetas que foram denominados de Geração Antroponáutica. O nome se refere ao poema com título homônimo de Bandeira Tribuzi, por quem se diziam influenciados pelas ideias e mensagens que estimulavam a crítica à opressão e exploração capitalistas.

Nesta quinta parte selecionamos alguns poemas que integram o último livro autoral de Nascimento Morais Filho, *Esfinge do Azul* (1972). Publicado quando ele contava 50 anos de idade, os poemas se agrupam em quatro décadas: de 40, de 50, de 60 e de 70. Ao percorrermos o olhar sobre estes escritos, conseguimos mensurar, de alguma forma, como o eu poético se desenvolve ao longo de todo esse período, mantendo vários procedimentos da estética modernista: o apreço pela liberdade em forma e conteúdo; a inexistência de títulos; o emprego de vocábulos escritos em letras minúsculas; a forte presença da linguagem oral; e o exercício da síntese nos versos para evocar o máximo de imagem poética.

Quanto à temática dos poemas de *Esfinge*, é nítido como ela se configura bastante filosófica e inquiridora à medida que nos aproximamos das décadas de 60 e 70, sem perder o foco na liberdade e consciência humanas. Um revisionismo maduro sobre a jornada de seu Eu demonstra um eu lírico angustiado e incerto sobre as lutas e conquistas do passado, que tenta responder a si mesmo sobre o grande enigma da esfinge: a própria vida.

Para além de todas essas considerações, reforçamos que nosso desejo era resgatar para a historiografia crítica literária maranhense a obra de Nascimento Morais Filho, definindo seu lugar e sua importância para história deste Estado, que só tende a valorizar os intelectuais que obtiveram aclamação em grandes cidades do eixo Sul/Sudeste. Ao propormos uma nova narrativa sobre o Modernismo no Maranhão, percebemos o quanto as publicações de Morais Filho, a veiculação de suas ideias e a conclusão de suas pesquisas agregam um valor inestimável ao período que optamos por nos aprofundar. Isto apenas comprova nossa hipótese primordial: não se concebe um estudo literário legítimo sobre o Modernismo maranhense sem que o legado deste poeta seja reconhecido ou mencionado.

## REFERÊNCIAS

**ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS.** Disponível em:

<[www.academiamaranhense.org.br/](http://www.academiamaranhense.org.br/)>. Último acesso em: 30 mar 2022.

ALLOUCHE, Frédéric. **Ser livre com Sartre.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

**ANTOLOGIA DA ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS:** 1908-1958. Edição fac-similar. São Luís: Belas Artes, 2007.

ÁVILA, Affonso. Do Barroco ao Modernismo: o desenvolvimento cíclico do projeto literário brasileiro. In: ÁVILA, Affonso (org.). **O Modernismo.** São Paulo: Perspectiva, 1975. p.29-36.

AZEVEDO, Ramiro Corrêa. Breve panorama da literatura maranhense na atualidade. In: **Revista Maranhense de Cultura**, n.º 2. Janeiro-Junho. São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1978.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** São Paulo: Editora 34, 2002.

**BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN.** Disponível em:

<[www.digital.bbm.usp.br](http://www.digital.bbm.usp.br/)>. Último acesso em: 12 jan 2021.

**BIBLIOTECA DIGITAL DA LITERATURA MARANHENSE.** Disponível em:

<[www.literaturamaranhense.ufsc.br](http://www.literaturamaranhense.ufsc.br/)>. Último acesso em: 30 jul 2021.

BURNSHAW, Stanley. **The poem itself:** 150 European poems translated and analysed. EUA: Penguin Books, 1960.

BURNETT, Lago. **Estrela do céu perdido.** 2ª edição. São Luís: Edições AML, 1999.

BUZAR, Benedito. **O Vitorinismo:** lutas políticas no Maranhão de 1945 a 1965. 5ª edição. São Luís: Instituto Geia, 2014.

BRASIL, Assis(Org.) **A poesia maranhense no século XX:** antologia. Rio de Janeiro: Imago Ed.; São Luís: SIOGE, 1994.

CAMPANHA PRÓ-IMPrensa DO CENTRO CULTURAL GONÇALVES DIAS. Caderno histórico nº 1. **Acervo Digital da Biblioteca Pública Benedito Leite.**

Disponível em: <[casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/](http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/)>. Último acesso em: 20 jun 2021.

CAMPANHA PRÓ-IMPrensa DO CENTRO CULTURAL GONÇALVES DIAS. Caderno Literário nº 2. 1947. **Acervo Digital da Biblioteca Pública Benedito Leite.**

Disponível em: <[casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/](http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/)>. Último acesso em 20 jun 2021.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira**: história e antologia. Vol.2 Modernismo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CARNEIRO, Alberico. Ler/dialogar/significar Nascimento Moraes Filho: um poeta além do seu tempo. In: **Suplemento cultural & literário JP**: Guesa Errante. São Luís: Jornal Pequeno, 2005.

CARNEIRO, Alberico. **Raimundo Fontenele**: 64 anos de nascimento, 42 anos de poemas. Disponível em: <<https://nuhtaradahab.wordpress.com/2013/01/05/raimundo-fontenele-64-anos-de-nascimento-42-anos-de-poemas/>>. Último acesso em: 4 abril 2022.

CARVALHO, Conceição de Maria Belfort. Práticas discursivas e produção de sentidos do “patrimônio”: o mito da São Luís (MA), a *Atenas brasileira*. In: **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.6, n.3, ago/out 2013, p.662-673.

CASTRO, Celso. **O golpe de 1964 e a instauração do regime militar**. Disponível em: <[cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964)>. Último acesso em: 27 mar 2022.

CASTRO, Natan. **Movimento Antroponáutica – atitude e ousadia poética no Maranhão em meio ao Regime Militar**. Disponível em: <[literaturalimite.blogspot.com/2016/02/movimento-antroponautica-atitude-e.html](http://literaturalimite.blogspot.com/2016/02/movimento-antroponautica-atitude-e.html)>. Último acesso em: 4 abril 2022.

CERQUEIRA, Daniel Lemos. **História da Música no Maranhão Republicano**. Disponível em: <[www.academia.edu/32075235/Hist%C3%B3ria\\_da\\_M%C3%BAsica\\_no\\_Maranh%C3%A3o\\_Republicano](http://www.academia.edu/32075235/Hist%C3%B3ria_da_M%C3%BAsica_no_Maranh%C3%A3o_Republicano)>. Último acesso em 22 fev 2022.

CÍCERO, Antonio. **A poesia e a crítica**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

COELHO NETTO, Eloy. **Geohistória do Maranhão**. São Luís: SIOGE, 1985.

**CONTOS MARANHENSES**. São Luís: Departamento de Cultura do Maranhão, 1972.

CORRÊA, Rossini. **O Modernismo no Maranhão**. Brasília: Corrêa e Corrêa Editores, 1989.

\_\_\_\_\_. **Atenas Brasileira**: a cultura maranhense na civilização nacional. Brasília: Thesaurus; Corrêa e Corrêa, 2001.

CORREA, Frederico José. **Um livro de crítica**. São Luís: Pitomba, 2015.

CORRÊA, Dinacy Mendonça. **Da literatura maranhense: o romance do século XX.** São Luís: EDUEMA, 2015.

CORRÊA, Ribamar. **Especial:** a “Greve de 51” se mantém como o registro maior da explosiva crise política que abalou o Maranhão. Disponível em: <[reportertempo.com.br/especial-a-greve-de-51-se-mantem-como-o-registro-maior-da-explosiva-crise-politica-que-abalou-maranhao/#comment-4579](http://reportertempo.com.br/especial-a-greve-de-51-se-mantem-como-o-registro-maior-da-explosiva-crise-politica-que-abalou-maranhao/#comment-4579)>. Último acesso em: 5 abr 2022.

COUTINHO, Mílson. **História do Tribunal de Justiça do Maranhão – Colônia, Império, República.** São Luís: SECMA, 1982.

CRUZ, Arlete Nogueira da. **A atual poesia do Maranhão.** Rio de Janeiro: Gráfica Olympica Editora, 1976.

\_\_\_\_\_. **Nomes e nuvens:** ligeiras considerações em torno da paisagem literária maranhense (1889 – 1996). São Luís: UNIGRAF, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sal e sol.** Rio de Janeiro: Imago, 2006.

DEAN, Jock. Liceu Maranhense ainda é referência. **O Estado do Maranhão** publicado em 12 abril 2015. Disponível em <[oestadoma.com/noticias/2015/04/12/liceu-maranhense-ainda-e-referencia/](http://oestadoma.com/noticias/2015/04/12/liceu-maranhense-ainda-e-referencia/)>. Último acesso em 13 maio 2022.

DIÁRIO DE SÃO LUIZ. Hemeroteca Digital. **Acervo Digital da Biblioteca Nacional,** Rio de Janeiro, 18 jul. 2022. Disponível em: <[http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo\\_sophia=24657](http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=24657)>. Acesso em: 18 jul. 2022.

ELIOT, T.S. **O uso da poesia e o uso da crítica.** São Paulo: É Realizações, 2015.

GARRIDO, Natércia Moraes. **A poética modernista em Azulejos de Nascimento Morais Filho.** Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019.

GARRIDO, Natércia Moraes. Campanha Pró Imprensa do Centro Cultural “Gonçalves Dias” Caderno Literário n.º 2: um olhar crítico para os primórdios do Modernismo no Maranhão. In: **Revista de Letras Juçara**, v.6, n.1, p.653-665, 2022. Disponível em: <<https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2805>>. Acesso em: 18 out 2022.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons, ritmos.** São Paulo: Ática, 2008.

GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil.** São Luís: AML, 2022.

GUERRINI, Olindo. **Postuma canzoniere di Lorenzo Stecchetti edito a cura degli amici.** Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/lb000789.pdf>>. Último acesso em: 17 ago 2021

GULLAR, Ferreira. **Indagações de hoje**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.

GUESA errante. **Jornal Pequeno**, Suplemento Literário, n. 3, 2005.

HAMBURGER, Michael. **A verdade da poesia**: tensões na poesia modernista desde Baudelaire. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HEMEROTECA DIGITAL. **Acervo Digital da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, 18 jul 2022. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/>>. Último acesso em: 18 jul 2022.

VAZ, Leopoldo Gil Dúlcio; REINALDO (orgs.), Telma Bonifácio dos Santos. **INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO MARANHÃO**: Perfil dos sócios: ocupantes de cadeiras. São Luís: IHGM, 2013. Disponível em: <[issuu.com/leovaz/docs/perfil\\_dos\\_s\\_cios\\_-\\_ocupantes\\_-\\_vo](http://issuu.com/leovaz/docs/perfil_dos_s_cios_-_ocupantes_-_vo)>. Último acesso em: 18 abr 2022.

**JORNAL DO POVO**. 1º trimestre de 1964. Disponível em <[http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc\\_bpbl/acervo\\_digital/arq\\_ad/20141107104855.pdf](http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20141107104855.pdf)>. Último acesso em 28 mar 2022.

LEITE FILHO, Deusdédit Carneiro. **A importância do resgate da memória em estudos de Pré-História e Arqueologia urbana maranhense**. São Luís (MA), 20 de agosto de 1999. Documento de 3 páginas encontrado no acervo particular da família Nascimento Morais Filho.

LÉVY, Bernard-Henri. **O século de Sartre**: inquérito filosófico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LEÃO, Ricardo. **Os Atenienses e a invenção do cânone nacional**. São Luís: Instituto Geia, 2013.

LIMA, Carlos de. **História do Maranhão**: a República. São Luís: Instituto Geia, 2010.

LIUDVIK, Caio. **Sartre e o pensamento mítico**: revelações arquetípicas da liberdade em As Moscas. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MACHADO, Nauro (Org.). **Erasmus Dias e Noites**: subsídio para a história literária do Maranhão. 2ª edição. São Luís: Edições AML, 2016.

\_\_\_\_\_. **Tempo ladeado**: apontamentos de bolso. São Luís, MA: SIOGE, 1973.

MACHADO JÚNIOR, Roberto. **A lenda do Rei Sebastião**. Curta-metragem. 1979. Disponível em <[www.youtube.com/watch?v=KI4QtGueIS8&list=FLmQkNMqRNnXsb3FIH9dzhQ&index=5&t=7s](http://www.youtube.com/watch?v=KI4QtGueIS8&list=FLmQkNMqRNnXsb3FIH9dzhQ&index=5&t=7s)>. Último acesso em: 28 mar 2022.

MARTINS, Manoel de Jesus Barros. **Operários da saudade**: os Novos Atenienses e a invenção do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2006.

MESZÁROS, Istvan. **A obra de Sartre**: busca da liberdade e desafio da história. São Paulo: Boitempo, 2012. Formato e-book.

MEIRELES, Mário Martins. **História do Maranhão**. São Paulo: Siciliano, 2001.

\_\_\_\_\_. **Panorama da Literatura Maranhense**. São Luís: Imprensa Oficial, 1955.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia para quê?**: a função social da poesia e do poeta. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

MORAES, Jomar. **Apontamentos de Literatura Maranhense**. 2ª edição. São Luís: SIOGE, 1977.

MONTELLO, Josué. **Escritores Maranhenses**: 1955-1965. Vol.1. São Luís: Edições SECMA, 2017.

MONTELLO, Josué. **Escritores Maranhenses**: 1955-1965. Vol.2. São Luís: Edições SECMA, 2018.

MORAIS FILHO, Nascimento. **Clamor da hora presente**. 2ª ed. São Luís: Edições Guarnicê, 1984.

\_\_\_\_\_. **Clamor da hora presente**. 3ª ed. São Luís: SIOGE, 1992.

\_\_\_\_\_. **Clamor da hora presente**. 4ª ed. São Luís: UNIGRAF, 2021.

\_\_\_\_\_. **Pé de Conversa**. 1ª ed. São Luís: Tipografia Teixeira, 1957.

\_\_\_\_\_. **Pé de Conversa**. 2ª ed. São Luís: EPIGRAF, [?].

\_\_\_\_\_. **O que é o que é**. 1ª ed. São Luís: SIOGE, 1972.

\_\_\_\_\_. **Esperando a Missa do Galo**: uma coletânea brasileira de Natal. 1ª ed. São Luís: SIOGE, 1973.

\_\_\_\_\_. **Esperando a Missa do Galo**. 2ª ed. Edição reduzida. São Luís: SIOGE, 1987.

\_\_\_\_\_. **Azulejos**. 2ª ed. São Luís: UNIGRAF, 2013.

\_\_\_\_\_. **Esfinge do Azul**. 1ª ed. São Luís: SIOGE, 1972.

\_\_\_\_\_. **Esfinge do Azul**. 2ª ed. São Luís: SIOGE, 1996.

\_\_\_\_\_. **Maria Firmina – Fragmentos de uma Vida**. 1ª ed. São Luís: SIOGE, 1975.

\_\_\_\_\_. **Cancioneiro Geral do Maranhão**. 1ª ed. São Luís: Tipografia São José, 1976.

\_\_\_\_\_. **Estevão Rafael de Carvalho**: pesquisa de Nascimento Morais Filho. São Luís: Editora Gráfica Diário do Norte, 1987.

\_\_\_\_\_. **Antologia Poética**. São Luís: UNIGRAF, 2022.

MOREIRA, Fábio. Mata Roma, poeta e professor. **Blog do Advogado Fábio Moreira**. São Luís, 13 março 2014. Disponível em: <[advogadofabiomoreira.blogspot.com/2014/03/mata-roma-poeta-e-professor.html](http://advogadofabiomoreira.blogspot.com/2014/03/mata-roma-poeta-e-professor.html)>. Último acesso em: 21 jul 2021.

MOREIRA, José Cursino Raposo. **A implantação da Alcoa em São Luís**: uma análise espacial da inserção do Maranhão no Pólo de Alumínio da Região Norte do Brasil. Dissertação de Mestrado. UFMG – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional – CEDEP/AR. Belo Horizonte, 1989.

NERES, José (org.). **Tábua de Papel**: estudos de Literatura Maranhense. São Luís: Café & Lápis, 2010.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PEIXOTO, Afrânio. **Trovas Populares Brasileiras**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1919. Disponível em <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=43535>>. Último acesso em: 10 out 2022.

**PERFIS ACADÊMICOS DA ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS**. São Luís, MA: SIOGE; Edições AML, 1987.

RAMOS, Clóvis. **Nossas várzeas tem mais flores**: poetas modernos do Maranhão. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora; São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1975.

**REVISTA MARANHENSE DE CULTURA**. Publicação semestral da Fundação Cultural do Maranhão. nº II. Janeiro-Julho de 1978. São Luís, MA.

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ROCHA, Glauber. **Maranhão 66. Curta-metragem**. 1966. 10 min e 18'. Disponível em <[www.youtube.com/watch?v=hDRtFYjOtCY](http://www.youtube.com/watch?v=hDRtFYjOtCY)>. Último acesso em: 28 mar 2022.

RODRIGUEZ, Benito Martinez. **Catulo da Paixão Cearense**: a derradeira vítima de Odete Roitman. Revista Letras, nº44, p.37-47. Editora UFPR. Disponível em: <[core.ac.uk/download/pdf/328064483.pdf](http://core.ac.uk/download/pdf/328064483.pdf)>. Último acesso: 25 fev 2021.

SAMPAIO, Pedro. **Nascimento Morais História de Pai pra Filho**: essa que é a história. Fortaleza: Edições Rimais, 2021.

SANT'ANNA JÚNIOR, Horácio A. de; SILVA, Sislene Costa da. *Grandes projetos de desenvolvimento, conflito sócio-ambiental, reserva extrativista e o povoado de Taim*. In: **Revista de Ciências Sociais**, v.40, nº 1, 2009. Disponível em: <[www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view](http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view)>. Último acesso em: 25 fev 2020.

SANTOS, Gil Francisco. **Sousândrade & os ideais republicanos**. Areia Branca (SE), 24 abr.2020. Disponível em: <[evidencie-se.com/sousandrade-os-ideais-republicanos](http://evidencie-se.com/sousandrade-os-ideais-republicanos)>. Último acesso: 05 mar 2022.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é literatura?**. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. **O Existencialismo é um Humanismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

\_\_\_\_\_. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **As moscas**. Lisboa: Editorial Presença, 1965.

SANTOS NETO, Manoel. Nascimento Morais Filho: o poeta do protesto e da resistência. In: ANCHIETA, Josilda Bogéa. **Suplemento Cultural & Literário JP**: Guesa Errante. São Luís, MA: Jornal Pequeno, 2005. (Anuário, 3), p.192.

SILVA, Cleia Góis e. **Liberdade e consciência no existencialismo de Jean-Paul Sartre**. Londrina: Editora da UEL, 1997.

SILVA, Cypriano Marques da et al. **Sonetos maranhenses**. São Luís, MA: Imprensa Oficial, 1923. Disponível em: <[digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/7036/1/45000017457\\_Output.o.pdf](http://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/7036/1/45000017457_Output.o.pdf)>. Último acesso em 26 maio 2021.

SILVA, Franklin Lopes. Literatura, política e personalidade: lógicas cruzadas de atuação no espaço intelectual maranhense (1945-1964). **Revista Tomo**, n. 22, p.145-169, 2013. Disponível em: <[seer.ufs.br/index.php/tomo/issue/view/168](http://seer.ufs.br/index.php/tomo/issue/view/168)>. Último acesso em 22 jul 2021.

SOUSÂNDRADE. **Novo Éden**. São Luís, MA: Tipografia João de Aguiar Almeida, 1893. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008326&bbm/1261#page/4/mode/2up>>. Último acesso em: 05 mar 2022.

SOUSÂNDRADE. **O Guesa**. São Luís, MA: Edições SIOGE, 1979.

TEIXEIRA, Gilson. O homem que renunciou à Academia. In: ANCHIETA, Josilda Bogéa. **Suplemento Cultural & Literário JP**: Guesa Errante. São Luís, MA: Jornal Pequeno, 2005. (Anuário, 3).

TRIBUZZI, Bandeira. **Poesia reunida**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.

VALE, José de Sá. **Antologia Maranhense**. São Luís, MA: Tipografia Comercial de Ramos de Almeida, 1937.

VIEIRA FILHO, Domingos. **A linguagem popular do Maranhão**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1979.

VIEIRA, Luciene. Eterno Grêmio Lítero Recreativo Português terá sua história contada em livro. **Jornal Pequeno**. 27 fev 2020. Disponível em: <<https://jornalpequeno.com.br/2020/02/27/eterno-gremio-litero-recreativo-portugues-tera-sua-historia-contada-em-livro/>>. Último acesso em: 20 jan 2022.

## ANEXOS

## ANEXO A - Carta de José Vera-Cruz Santana a Nascimento Morais Filho datada de 14 de abril de 1980.

Meu caro Zé Morais:

De acordo com o prometido, estou enviando os três manuscritos do Mestre Nascimento, porque sei que serão úteis ao teu trabalho e ninguém melhor para guardá-los.

Mando-te, também, o Livro de Atas do "Centro Cultural Gonçalves Dias", a fim de que o incluas no teu acervo, ou (se julgares melhor) encaminhes ao Arquivo Público ou Biblioteca. Faço isso por compreender que vives mais dedicado às letras que eu, podendo, assim, colher maior proveito de registros que já contam um quarto de século. Encontrarás, no Livro, cópia do pedido de inscrição do Bandeira Tribuzzi, coisa muito pouco conhecida dos de nossa geração e das mais novas. Entrego-te, igualmente, uma cópia do discurso que pronunciei no 1º aniversário do "G.D."

Não é que eu tenha ajustado divórcio com as letras. Mas a vida tem imposto uma separação consensual, que, se Deus o permitir, não será definitiva. Voltarei a elas em pouco tempo, com redobrado afeto.

Um abraço fraterno

do

São Luís, 14.abril.80



**ANEXO B - Discurso de José Vera-Cruz Santana em 28 de junho de 1946 em razão do aniversário de 1 ano do CCGD.**

SENHORES!  
 Senhoras!  
 Centristas!

O Luiz Bogéa, Presidente do Centro, levou-me, há dois dias, no escritório, uma intimação nos seguintes termos: Vera, tú tens de falar sobre o Centro, no dia 28.

Por que, perguntei-lhe, se esta é a missão do orador?

Lembrei-me que Celso Bastos viajara para o Piauí e não pude fugir escapar. ~~Exixei~~ E não pude escapar, porque era um pedido e  $\phi$  uma ordem o que recebia, esta, partida do Presidente do Centro, aquele de um grande amigo, e um pedido de amigo é também ordem.

Eis por que, senhores, vos dirijo a palavra. Este discurso talvez não vos agrade, porque é mais uma sucessão de fatos que uma página de ~~artística~~. Entretanto, procurei amainar as asperezas da narrativa fria, dando, aqui e ali, um colorido mais vivo.

- - -

Estamos no dia 28 de junho de 1945.

A casa é pequena, baixa, em local barulhento...

Moraes,  
 Luiz Bogéa, Rodrigues, Agnor, Sipaúba, Lina de Melo, Sauáia, Manoel Lima, Nogueira Neves, Milton Bogéa, Cristóvão Cavalcanti, Filgueiras, Celso Bastos, Almeida Galhardo e eu, estamos reunidos.

Como em toda reunião de gente nova, misturam-se os pensamentos, confundem-se as idéias.

Daquí sai uma novidade política; dali, uma indagação filosófica; mais afastada, uma anedo-

ta picante arranca risos estrepitosos; um verso; uma nota; um sorriso;- em síntese, a alegria mesma baila em nossa assembléia.

Ergue-se o Luiz Bogéa e pede um minuto de atenção.

Senhores! diz êle. Enquanto o Sipaúba se levanta e diz: não adianta protocolo, estamos em família.

E o Bogéa muda de tom e continúa: pessoal, o que nos reúne, hoje, é uma velha idéia. É a idéia da fundação de uma sociedade literária onde possamos, conjuntamente, defender o patrimônio cultural de Atenas, procurando aumentá-lo.

O Moraes, gongalvino ranzinza, levanta-se dali e diz: Centro Cultural "Gonçalves Dias" deve ser a sociedade que nos há de congregar.

Muito bem, clamam, ao mesmo tempo, vozes diversas...

E o centro foi fundado, meus senhores, e iniciou sua batalha.

Hoje, é o seu primeiro aniversário, razão por que todos estamos aqui, com mais alguns jovens que vieram engrossar, enriquecendo, as nossas fileiras.

Eramos, o ano passado, apenas 15. Hoje somos 26, dos quais alguns não se encontram em S. Luiz.

Mas, meus amigos, a todos nós do Centro nos confrange e entristece, saber que um dos mais ardentes batalhadores da nossa causa, o Lima de Melo, em dias de dezembro passado, partiu-se da terra para ir beber a poesia do seu sonho de mogo lá no azul do infinito, donde - parece-me ver - o seu espírito cintila, qual estrela errante!

Foi uma grande perda para o Centro, foi uma das páginas negras do nosso primeiro ano de

-3-

existencia.

Lorrer um jovem, em pleno fogo da adolescência, sabeis o que significa isto para a mocidade conciente?!

Bem sei, senhores, que todos fostes ou sois môços e já sentistes, com a morte de um môço, desintegrar-se um pouco da vossa mocidade!

Bem sei, senhores, que já tivestes veleidades literárias!

De uma cousa, porém, estou certo: é de que não sabeis quanto sentimos a ausencia prematura do nosso amigo Lima de Melo.

Eis porque FAÇO RESSALTAR SUA FIGURA DE LONGO.

Mas... dizia eu que hoje é o primeiro aniversário do Centro. E, como há os que perguntam por idealismo, vontade de conhecer, e os que perguntam por pessimismo e descrença, apresso-me em responder a pergunta que dança em vossos espíritos, que é esta: que fez e para que servê o Centro?

Pergunta difícil de responder e ao mesmo tempo fácil.

Difícil de responder, porque a resposta seria uma caudal e fácil, porque bastaria dizer que, no Maranhão, em S. Luiz, existe uma sociedade literária, de môços, que conseguiu, sem quebra de continuidade, celebrar o aniversário de um ano de existencia. E acentuei no Maranhão, em S. Luiz, porque, como sabeis, varias sociedades tem sido criadas, a maioria das quais morre nos arquivos, desaparece após a sessão inaugural.

E o Centro Cultural Gonçalves Dias não desapareceu, ainda, pelo contrário, tem crescido, tem-se solidificado e luta, intensamente, pelo progresso próprio e da mocidade. \*

-4-

Não apresentamos resultados assombrosos, todavia, temos feito, na verdade, alguma cousa.

Comemoramos datas importantes, como nascimento e morte de Gonçalves Dias; ~~abolição do cativo~~ tomada de Monte Castello; abolição do cativo. Apresentamos produções de n.ºs desconhecidos, de valores novos que se afirmam. Promovemos uma série de palestras de homens de mérito, como Baccalar Portela, Achilles Libbôa e frei Policarpo de Lutamba. Promovemos uma exposição de pinturas. Fizemos uma frente para conseguir donativos para a estátua a Catulo e, ultimamente, iniciamos um programa cultural radiofônico.

Não é quasi nada - sei que dirão os céticos - e também digo que não é quasi nada, em relação ao programa gigantesco que nos impusemos.

Não é, porém, culpa nossa. Não foi a nossa vontade que fraquejou, nem foi o nosso espírito que se embeveceu. Foram causas diversas e múltiplas, originadas de fenômenos estranhos e superiores às nossas possibilidades.

Mas, o que é verdade é que o Centro existe, é que o nosso ideal se objetivou e toma, dia a dia, impulso maior.

O Centro Cultural "Gonçalves Dias", meus senhores, - não me canso de proclamar -, foi criado para a defesa do pensamento e do espírito. E, como as cousas de espírito e pensamento, nos dias que correm, são pouco compreendidas, não estranhareis se vos disser que nem todos nos compreendem.

Mas é a crise que enfrentamos a causa mater de toda essa incompreensão.

E' o meio cultural que se transforma, procurando, de todos os modos, acorrentar a evolução da cultura, senão retrogradá-la.

E' fenômeno natural e, por isso mesmo, não nos

-5-

assombra.

Chamam-nos de <sup>repositório</sup> ~~repositório~~ de velharias...  
 Não, senhores, não é isso o que somos.

Temos a idéia de renovar, sem, contudo, quebrar a tradição, destruir a moral, oprimir o espírito.

Somos dos que acreditam no valor da pessoa moral.

Somos dos que acreditam, como COMPTE DE PARIS, que

"Nenhuma renovação é possível se não se restaurar em primeiro lugar os valores morais e espirituais, pois somente esses podem fazer os homens compreenderem os encargos que comportam seus deveres e a justiça à qual eles devem submeter-se no exercício de seus direitos".

Acreditamos, fervorosamente, no valor da cultura e não podemos compreendê-la sem a independência moral, que faz a grandeza dos homens e dos povos.

Não nos cansamos de, pela imprensa, pelo rádio, por todos os meios, pregar a instrução.

E é para tudo isso, para todos esses ideais grandes, que serve o Centro Cultural "G. Dias".

Como vêdes, fizemos alguma coisa e temos um objetivo a atingir, que sempre se renova, de geração em geração.

E o nosso lema é não deixar para amanhã,

-6-

porque, como nô-lo ensina Ingenieros,

"Amanhã é a mentira piedosa com que se iludem as vontades moribundas."

Vêde, senhores, a fisionomia dos centristas!

Nuns, o doce enlêvo de uns olhos negros que passaram, são ~~beneditinos~~ os sacerdotes da poesia.

Noutros, expressão irrequieta e turbulenta da realidade social circundante - são os futuros condutores dos povos, a se preocuparem, desde agora, com os problemas politico-sociais.

Nestes, a fisionomia austera do juiz íntegro, acobertando a sua alma branca.

Naquêles, o semblante amarfanhado dos pesquisadores de arquivos, dos construtores da língua e da literatura.

( E depois, dizei que o Centro Gonçalves Dias é mesmo uma escola a serviço do Brasil.

E, ao vos recolherdes aos vossos lares, pensai na mocidade, pensai no futuro da Pátria e da Humanidade e tereis, junta às alegrias costumeiras, a de saber que o espírito dos môços pode enfraquecer, pode tropeçar, porém não morre nunca, nunca se apaga.

Foi isto o que viestes ver: o sonho da mocidade ~~zambizar~~ a bailar no espírito dos môços!

Foi isto o que viestes ver: a dissipação das nuvens que, por algum tempo, pretenderam cobrir o brilho inolvidavel de Atenas.

Eia môços do Centro Cultural Gonçalves Dias! Eia companheiros ~~de sonhos~~ de sonhos de grandeza!

Afinal vossos ouvidos para ouvir a música

-7-

sublime do nosso primeiro ano de vitórias.

Mas não vos deixeis iludir pelos acordes divinos...

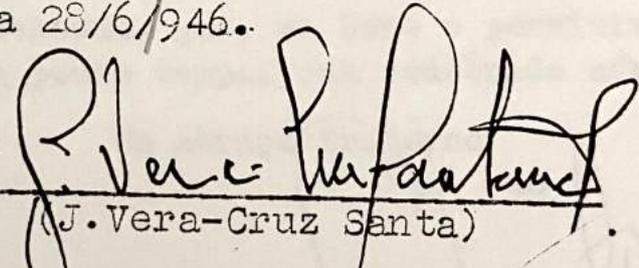
Continuai a vossa luta, bandeirantes do sonho e da conquista!

Preparai o futuro da Pátria, preparando o futuro dos nêços.

E' esta a vossa missão, a nossa missão, a missão do Centro Cultural Gonçalves Dias.

Hei dito.

26 a 28/6/1946.

  
\_\_\_\_\_  
(J. Vera-Cruz Santa)

Em tempo: o discurso de 7 páginas de Vera-Cruz Santana que aqui reproduzo é uma cópia do original, daí as marcações feitas por mim a lápis.

**ANEXO C - Ata do CCGD datada de 28/06/1945****ATA DA SESSÃO DE ASSEMBLEIA GERAL EM QUE SE FUNDOU O CENTRO CULTURAL GONÇALVES DIAS**

Às vinte e uma horas do dia vinte e oito de junho do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, em a casa do senhor Antonio Augusto Rodrigues, à rua doutor Herculano Parga, número quatrocentos e setenta e quatro, desta cidade de S. Luís, capital do estado do Maranhão, reuniram-se em Assembleia Geral, José do Nascimento Morais Filho, Antonio Augusto Rodrigues, Milton Bogéa Correa, Luiz Boguea Nogueira da Cruz, Celso Ribeiro Bastos, Francisco de Almeida Soares, Agnor Lincoln da Costa, José Maria Sipaúba, José de Melo, José Bento Nogueira Neves, José Joaquim R. Filgueiras, Wady Sauáia, Cristóvão Cavalcante, Manoel B. Lima e José Vera – Cruz Santana. Foi aclamado presidente da Assembleia José do Nascimento Morais Filho, que escolheu para secretário da mesa José Vera – Cruz Santana e Agnor Lincoln da Costa. A seguir o senhor presidente declarou que a finalidade da presente reunião era a fundação de um centro literário que arregimentasse a mocidade maranhense, no intuito de elevar o nome cultural do Maranhão, cultivando e difundindo as letras e, bem assim, procurando defender as nossas tradições. O senhor presidente então pediu permissão para proceder a leitura de uma carta que recebera do jovem intelectual patricio Silvestre Andrade Puty, na qual este concitava a mocidade maranhense a criar um grêmio literário que servisse de oficina à nossa juventude, acrescentando que, no Distrito Federal havia pouco fundara, com moços daquela cidade, o “Centro de Cultura Integral”. Ainda com a palavra, o presidente da mesa propôs fosse denominada “Centro Cultural Gonçalves Dias” a agremiação ora fundada e que fossem considerados sócios fundadores todos os signatários desta ata. Disse mais, que a denominação que propusera era uma homenagem justa e merecida que, assim, a mocidade prestaria ao cantor que soube, aqui e além dos nossos mares, elevar o nome do nosso Estado e do Brasil. As propostas do presidente da mesa foram aprovadas com uma salva de palmas, tendo os presentes prestado o compromisso de apoiar irrestrita e espontaneamente o “Centro Cultural Gonçalves Dias”. Em continuação, o senhor presidente da mesa determinou que o secretário geral (José Vera-Cruz Santana) procedesse à leitura do projeto de Estatutos do Centro. O secretário disse que se

tornava desnecessária essa leitura, por isso que o referido projeto havia sido elaborado com o consenso de todos os presentes. Passou-se então à segunda parte dos trabalhos. O presidente da mesa suspendeu a sessão, a fim de que os presentes se munissem das respectivas cédulas, para que se procedesse à eleição da Diretoria provisória. Reaberta a sessão, o secretário – geral procedeu à chamada dos presentes, a fim de ser realizado o pleito. Em seguida, o presidente da mesa nomeou para escrutinadores Francisco de Almeida Soares e Milton Bogéa Correa. Procedida a apuração, foi verificado o seguinte resultado: Presidente Luiz Bogéa Nogueira da Cruz; vice-presidente, José do Nascimento Morais Filho; 1º secretário, José Vera – Cruz Santana; 2º diretor, Antonio Augusto Rodrigues; tesoureiro, José de Melo; orador oficial, Celso Ribeiro Bastos; bibliotecário, José Maria Sipaúba. O presidente da mesa proclamou eleita a diretoria provisória, tendo referências carinhosas para com seus componentes e, ao mesmo tempo, disse que estava disposto a empregar todos os esforços no sentido de que a obra iniciada prosseguisse sem desfalecimentos dos centristas. O presidente eleito agradeceu, em nome da diretoria, as referências do presidente da mesa, proferindo breves porém brilhantes palavras de fé e entusiasmo pela causa do Centro. Nada mais havendo a tratar, o presidente da mesa agradeceu o comparecimento de todos e encerrou os trabalhos, determinando ao secretário geral que fosse lavrada a presente ata, que vai por todos os presentes assinada.

São Luís – Maranhão, 28 de junho de 1945.

Assinada por: José Nascimento Morais Filho – Presidente da Mesa; José Vera-Cruz Santana, 1º secretário; Agnor Lincoln da Costa, 2º secretário; Francisco de Almeida Soares, escrutinador; Milton Bogéa Corrêa, escrutinador; e todos os citados na ata.

**ANEXO D - Ata do CCGD datada de 12/07/1945**

Ata da primeira sessão ordinária do Centro Cultural “Gonçalves Dias” realizada em 12 de julho de 1945

Aos doze dias do mês de julho do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, nesta cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão, pelas vinte e uma horas, em a residência do centrista Antonio Augusto Rodrigues, à rua doutor Herculano Parga, número quatrocentos e setenta e quatro, reuniu-se em sessão ordinária o Centro Cultural “Gonçalves Dias”. Compareceram todos os centristas exceto o sr José Lima de Melo, tesoureiro, por se encontrar enfermo. O senhor Presidente, declarando aberta a sessão, disse que a finalidade da mesma era discutir e resolver vários problemas de ordem interna, entre os quais fez sobressair o da aquisição da sede para as reuniões do Centro. Pôs o assunto à apreciação dos presentes, pedindo sugestões a respeito. O centrista José do Nascimento Morais Filho, fazendo uso da palavra, disse que a única solução seria apelar para os poderes públicos, no sentido de permitirem o funcionamento do Centro em uma das escolas desta capital. Em seguida o centrista José Maria Sipaúba, apoiando a ideia do colega acima referido, lembrou que a Escola Modelo “Benedito Leite” possui regular auditório, adaptando-se perfeitamente às necessidades do centro. O senhor presidente pediu então a opinião dos demais centristas sobre o ponto em estudo, tendo todos demonstrado apoio aos colegas Morais Filho e José Sipaúba. Em seguida apresentou uma cópia do estatuto do centro, dizendo que a publicação dos mesmos na imprensa local era condição indispensável ao registro do Centro. Resolveu, porém, não apreciar o assunto em virtude do avançado da hora. Então, o sr. Presidente disse que entregava à comissão composta dos centristas José do Nascimento Morais Filho, José Bento Nogueira Neves e ele Presidente, a resolução do caso inicialmente apreciado, acrescentando que tudo poderia ser conseguido por intermédio do senhor Diretor de Instrução Pública, ou diretamente com o senhor Interventor Federal. Em seguida determinou que o centrista José Joaquim R. Filgueiras, tesoureiro do suplente, assumisse as funções do cargo durante o impedimento de seu ocupante. Como nada mais houvesse a tratar, o senhor Presidente declarou encerrada a presente sessão ordinária, da qual eu, José Vera – Cruz Santana,

primeiro secretario, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Presidente, por mim, primeiro secretário e pelo tesoureiro em exercício.

São Luís, 12 de julho de 1945.

Assinada por: Milton Bogéa Corrêa, Presidente; e José Vera-Cruz Santana, 1º secretário.

**ANEXO E - Ata do CCGD datada de 26/07/1945**

Ata da segunda sessão ordinária do Centro Cultural “Gonçalves Dias” realizada em 26 de julho de 1945.

Aos vinte e seis dias do mês de julho do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, pelas vinte e uma horas, nesta cidade de São Luís, capital do estado do Maranhão, em a residência do centrista Antonio Augusto Rodrigues, à rua doutor Herculano Parga, número quatrocentos e setenta e quatro, realizou-se a segunda sessão ordinária do Centro Cultural “Gonçalves Dias”. A hora regulamentar, feita a chamada, estavam presentes os centristas Luiz Bogéa Nogueira da Cruz, Presidente; José Nascimento Morais Filho, vice-diretor; José Vera-Cruz Santana, primeiro secretário; Antonio Augusto Rodrigues, segundo secretário; José Joaquim R. Filgueiras, tesoureiro em exercício; José Maria Sipaúba, bibliotecário; Agnor Lincoln da Costa, Milton Bogéa Correa, José Bento Nogueira Neves, Francisco de Almeida Soares (Almeida Galhardo), Cristóvão Soares Cavalcante e Manoel B. Lima. Faltaram à sessão os centristas Celso Ribeiro Bastos e Wady Sauáia. Em seguida o senhor Presidente declarou aberta a sessão determinando fosse lida pelo primeiro secretário a Ata da Sessão anterior, a qual foi aprovada. Não houve expediente para despachar. Passou-se então à segunda parte dos trabalhos. Inicialmente o senhor Presidente disse que as reuniões não se estavam realizando regularmente em virtude do problema da sede, ainda não definitivamente solucionado. Disse, porém, que a comissão encarregada de tratar do assunto estava fazendo todos os esforços no sentido de dentro do menor tempo possível, conseguir a solução almejada. Em seguida, disse das dificuldades econômicas do Centro, dada a sua ainda curta existência, motivo esse que dificultava a perfeita organização dos trabalhos da secretaria. Ainda com a palavra, o senhor presidente ofereceu ao centro dois colecionadores que foram entregues ao segundo secretário. Os centristas José Nascimento Morais Filho e Antonio Augusto Rodrigues, imitando o gesto do senhor presidente, ofereceram, respectivamente, um “bouvard” e uma botija de tinta. O gesto dos centristas foi aplaudido por todos os presentes. Continuando, o senhor presidente pôs em discussão a proposta por ele formulada, em que sugeria fosse o Centro inaugurado no dia dez do próximo mês de agosto, em homenagem ao Patrono do mesmo e pedindo sugestões sobre o local onde

devia ser realizada a solenidade. Quanto à proposta, foi acolhida por todos, que se manifestaram favoravelmente. Quanto ao local, manifestaram-se os centristas José Vera-Cruz Santana, Manoel B. Lima, José Bento Nogueira Neves e José Joaquim R. Filgueiras. O primeiro lembrou que se poderia conseguir o salão do “Lítero Recreativo Português” ou o cine-teatro “Artur Azevedo” e os últimos foram unânimes em indicar o teatro do “Colégio Estadual do Maranhão”. Postas as sugestões sob a apreciação dos presentes, foi aprovada a última delas. Com a palavra o senhor presidente designou os centristas Manoel B. Lima, José Bento Nogueira Neves e Agnor Lincoln da Costa para, em comissão, tratarem do assunto com os senhores doutor Odilon Soares, Diretor de Instrução Pública e professor José Mata de Oliveira Roma, diretor do “Colégio Estadual do Maranhão”. Em seguida, como nada mais houvesse a tratar, agradeceu o comparecimento de todos, pediu que não faltassem à próxima reunião e declarou encerrada a sessão, da qual eu, José Vera-Cruz Santana, primeiro secretário, lavrei esta Ata, que lida e achada conforme, será assinada pelo presidente, por mim, primeiro secretário e pelo tesoureiro em exercício. Em tempo: o senhor presidente, após a leitura desta ata, disse que da mesma não constava a falta, por motivo de doença, do centrista José Lima de Melo, o que, em tempo, faço constar, para que seja a mesma aprovada e assinada.

São Luís, 26 de julho de 1945.

Assinada por: Milton Bogéa Corrêa, Presidente; José Vera-Cruz Santana, 1º secretário.

**ANEXO F - Ata do CCGD datada de 02/08/1945**

ATA DA TERCEIRA SESSÃO ORDINÁRIA DO CENTRO CULTURAL GONÇALVES DIAS, REALIZADA NO DIA 02 DE AGOSTO DE 1945.

Aos dois dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, pelas vinte e uma horas, nesta cidade de São Luís, capital do estado do Maranhão, em a residência do centrista Antonio Augusto Rodrigues, à rua doutor Herculano Parga, número quatrocentos e setenta e quatro, realizou-se a terceira sessão ordinária do Centro Cultural "Gonçalves Dias". A hora regulamentar, feita a chamada, estavam presentes os centristas Luiz Bogéa Nogueira da Cruz, Presidente; José Nascimento Moraes Filho, vice-presidente; José Vera-Cruz Santana, primeiro secretário; Antonio Augusto Rodrigues, segundo secretário; José Joaquim R. Filgueiras, tesoureiro em exercício; José Maria Sipaúba, bibliotecário; José Lima de Melo, Wady Sauáia, Francisco de Almeida Soares (Almeida Galhardo), Cristóvão Soares Cavalcante, José Bento Nogueira Neves, Milton Bogéa Correa, Celso Ribeiro Bastos, Manoel B. Lima e Agnor Lincoln da Costa. Antes de iniciados os trabalhos, o centrista José Lima de Melo comunicou ao senhor presidente que ainda se encontrava adoentado, motivo porque deixava de reassumir os trabalhos da tesouraria. Declarada aberta a sessão, o senhor presidente passou a palavra ao primeiro secretario para proceder a leitura da ata da sessão anterior, a qual foi aprovada. Em seguida, disse o senhor presidente que a finalidade da presente sessão era tratar do programa de solenidade de inauguração deste Centro, que seria realizada à dez do corrente. Então, deu a palavra ao centrista José Bento Nogueira Neves, Presidente da Comissão encarregada de entender-se com o Diretor de Instrução Pública e diretor do Colégio Estadual do Maranhão sobre o assunto do local da solenidade, para dizer do resultado obtido. Com a palavra, o centrista José Bento Nogueira Neves disse que a Comissão fora fidalgamente recebida pelos diretores mencionados acima, que se prontificaram a atender ao pedido do Centro Cultural. Passou-se então à segunda parte dos trabalhos. Inicialmente o senhor presidente comunicou aos presentes que a solenidade seria realizada às vinte horas do dia dez do corrente mês, no teatro do Colégio Estadual do Maranhão. Disse que contava com o comparecimento de todos os centristas para maior brilhantismo da solenidade. Em seguida, designou os centristas Celso Ribeiro Bastos, Antonio Augusto Rodrigues e José Nascimento

Morais Filho para apresentarem trabalhos na sessão de dez de agosto. Em seguida nomeou as seguintes comissões para fazerem convites às autoridades e sociedade:

a) Celso Ribeiro Bastos, Moraes Filho e Agnor Costa, cuja missão era convidar as seguintes autoridades: Interventor Federal, Secretário Geral do Estado, Presidente do Tribunal de Apelação, Diretor da Instrução Pública, Prefeito Municipal, Capitão dos Portos, Comandante da Força Federal e Comandante da Polícia Militar; b) Manoel B. Lima, José Joaquim R. Figueiras e Milton Bogéa Corrêa, encarregada (a comissão) de convidar: Delegado Regional do Trabalho, Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento, Delegado Fiscal, Diretor do Banco do Brasil S/A, Diretor do Colégio Estadual do Maranhão, Diretora da Escola Modelo “Benedito Leite”, Chefe de Polícia, Desembargadores e Juizes desta capital e Presidente e demais membros da Academia Maranhense de Letras; c) Luiz Bogéa Nogueira da Cruz, Cristóvão Soares Cavalcante e José Maria Sipaúba: Diretores Repartições Estaduais e Municipais, Diretores da Escola Técnica de São Luís, do Ateneu “Teixeira Mendes”, do Colégio São Luiz, do Ginásio “Rosa Castro”, do Ginásio “Santa Tereza”, do Ginásio Maranhense, do Centro Caxeiral, da Escola Técnica de Comércio e alunos dos mesmos estabelecimentos; d) José Vera-Cruz Santana, Almeida Galhardo e Antonio Augusto Rodrigues: Diários Associados “O Combate”, “Diário de São Luiz”, Rádio Timbira do Maranhão, encarregada também de dar publicidade ao convite do Centro Cultural. Disse que em vista do avançado da hora nada mais podia ser tratado, declarando encerrada a sessão da qual eu, José Vera-Cruz Santana, primeiro secretário, lavrei a presente ata que, lida e achada conforme, segue assinada pelo presidente, primeiro secretário e tesoureiro.

São Luís, 2 de agosto de 1945.

Assinada por: Luiz Bogéa Nogueira da Cruz – presidente; e José Vera-Cruz Santana, 1º secretário.

**ANEXO G - Ata do CCGD datada de 10/08/1945**

ATA DA SESSÃO SOLENE REALIZADA NO DIA 10 DE AGOSTO DE 1945, EM QUE FOI INAUGURADO O CENTRO CULTURAL “GONÇALVES DIAS”.  
(inaugurado publicamente e oficialmente)

Aos dez dias do mês de agosto, do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, pelas vinte horas, no teatro do Colégio Estadual do Maranhão (Palácio da Educação), no Parque Urbano Santos, cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão, realizou-se a sessão inaugural do Centro Cultural “Gonçalves Dias”. Compareceram todos os centristas exceto Antonio Augusto Rodrigues que se encontrava enfermo. O senhor Presidente convidou para fazerem parte da mesa as seguintes pessoas: Dr. Clodomir Cardoso, Interventor Federal do Maranhão; Dr. Odilon Soares, Diretor da Instrução Pública; Professor José Mata de Oliveira Roma, Diretor do Colégio Estadual do Maranhão; Des. Leopoldino Lisboa, Dr. Pires Sabóia, Diretor dos “Diários Associados” no Maranhão e esposa e todos os centristas. A sessão contou com brilhante assistência, destacando-se, entre outros, o poeta Manoel Sobrinho da Academia Maranhense de Letras, o poeta Correa de Araújo, também da Academia, representante do “Diário de São Luiz”, professores, alunos de vários estabelecimentos de ensino, vultos de projeção da sociedade local. Declarando aberta a sessão o Senhor Presidente disse da finalidade da mesma e fez brilhante síntese dos anseios da sociedade ora inaugurada, convidando em seguida, Sua Excelência o Interventor Federal, para presidir os trabalhos. Recebendo a presidência, Sua Excelência o doutor Clodomir Cardoso proferiu brilhantes palavras, rememorando os dias gloriosos do Patrono deste Centro e animando os centristas, no sentido de não esmorecerem ante a grandeza do empreendimento. Passou a palavra em seguida ao centrista Celso Ribeiro Bastos, que como orador do Centro, proferiu brilhante oração. No seu substancioso trabalho, o orador mostrou as dificuldades vencidas e as que, por forças independentes do indivíduo, havemos de encontrar. Disse das finalidades da agremiação ora inaugurada, convidando a mocidade maranhense a armar fileiras com o Centro Cultural “Gonçalves Dias”. Foi vivamente aplaudido. Foi concedida a palavra, em segundo lugar, ao centrista José Nascimento Morais Filho. Iniciou o seu trabalho o ilustre colega, fazendo um estudo do meio intelectual moço. Analisou as causas biológicas e históricas que conduziram

a mocidade ao estado de inépcia em que se encontra, apresentando meios de combate à crise de valores por que passa o mundo. Depois falou sobre a data de hoje. Fez um ligeiro estudo sobre Gonçalves Dias, apreciando sua obra em conjunto. Finalizando, disse da norma moral a que obedecerá o Centro, sem vacilações, procurando sempre identificar os verdadeiros valores. Acrescentou que a nova agremiação não é um conjunto de professores, de vultos conhecidos de todos, mas sim uma escola, um número pequeno de ..... (? , página possui um rasgo neste local) , que descobrirá os valores desconhecidos, trabalhará para o progresso cultural do Maranhão. O orador foi longamente aplaudido. Finalmente, usou da palavra o presidente da mesa doutor Clodomir Cardoso. Disse Sua Excelência que estava verdadeiramente entusiasmado porque acabava de assistir a uma prova de que a centelha da velha Atenas não se apagara, ainda e que esperava que os moços do Centro Cultural “Gonçalves Dias”, em homenagem a seu Patrono, não desanimassem. Foi calorosamente aplaudido. Depois declarou encerrada a sessão, tendo o senhor Presidente determinado que eu, José Vera-Cruz Santana, primeiro secretário, lavrasse a presente ata, que, lida e aprovada, será assinada pela Diretoria. Em São Luís, capital do Estado do Maranhão, aos dez dias de agosto, do ano de mil novecentos e quarenta e cinco.

Assinada por: Luiz Bogéa Nogueira da Cruz – presidente; e José Vera-Cruz Santana, 1º secretário.

**ANEXO H - Ata do CCGD datada de 02/09/1945**

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA REALIZADA A 2 DE SETEMBRO DE 1945 (QUARTA SESSÃO ORDINÁRIA).

Aos dois dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, às três horas da tarde (quinze horas), na Escola Modelo “Benedito Leite”, cedida pelo doutor Odilon Soares, Diretor Geral de Instrução Pública, para o funcionamento provisório do Centro Cultural “Gonçalves Dias”, realizou-se a quarta sessão ordinária deste Centro, que contou com a presença de todos os centristas, exceto Wady Sauáia e José Lima de Melo, por se encontrarem afastados desta Capital. O Presidente do Centro, declarando aberta a sessão, deu a palavra ao primeiro secretário para proceder a leitura da ata da sessão anterior, que resultou aprovada. No expediente nada houve. Deu-se então, início à segunda parte dos trabalhos. Com a palavra, o Presidente congratulou-se com os centristas pelo êxito da solenidade inaugural e deu algumas referências da imprensa local. Em seguida fez algumas considerações sobre o ..... (? , página possui um corte aí) a ser seguido pelo Centro, pedindo sugestões dos presentes ..... (? , página possui um corte aí) Diretoria. Pediu a palavra o centrista José Nascimento Morais Filho, para fazer também algumas considerações sobre a vida do Centro, as normas a seguir, as finalidades a que se destina, meios a utilizar, para terminar dizendo que os problemas são vários e poucos os centristas, acentuando porém, que com um pouco de dedicação e boa vontade tudo será conseguido, não de uma vez, afirmou, porém vagarosa e parceladamente. “Conto – disse Morais Filho – com a colaboração de todos os colegas, porque só assim mostraremos aos que nos assistem que a nossa geração não está completamente corrompida, restando ainda moços capazes de reabilitar a Atenas”. ..... (? , página possui um corte aí) do centrista Morais Filho ..... (? , página possui um corte aí) aplaudido pelos demais centristas ..... (? , página possui um corte aí) solidariedade irrestrita à causa comum. Novamente com a palavra, o Presidente disse que as sessões não tinham ainda um ritmo perfeito, em virtude mesmo de atravessarmos a primeira fase de organização, o que, entretanto, acrescentou, não é motivo para descrença e pessimismo, pois é fenômeno natural em todas as associações recém-fundadas. Nada mais havendo a tratar, o Presidente pôs a palavra à disposição dos presentes e não tendo ninguém

se manifestado declarou encerrada a sessão da qual eu, secretário, lavrei a presente ata que, lida e achada conforme, segue assinada.

São Luís, 2 de setembro de 1945

Assinada por: José Nascimento Morais Filho – presidente; e José Vera-Cruz Santana, 1º secretário.

**ANEXO I - Ata do CCGD datada de 09/09/1945**

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA REALIZADA A 9 DE SETEMBRO DE 1945  
(SESSÃO ORDINÁRIA).

Aos nove dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, às quinze horas, na Escola Modelo “Benedito Leite”, nesta cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão, realizou-se a quinta sessão ordinária do Centro Cultural “Gonçalves Dias”. Havendo número, o presidente declarou aberta a sessão, passando a palavra ao primeiro secretário, que procedeu à leitura da ata da sessão anterior, que resultou aprovada. Digo, o vice-presidente, declarou aberta a sessão, passando a palavra ao 1º secretário, que procedeu à leitura da ata da sessão anterior, a qual resultou aprovada. Em seguida, disse o vice-presidente que, na ordem do dia estava a discussão do regimento interno da sociedade. Com a palavra, o secretário procedeu à leitura do anteprojeto elaborado, dizendo que não recebeu qualquer delegação para esse trabalho, submetendo-o, no entanto, à apreciação dos seus companheiros. Terminada a leitura dos três primeiros títulos, o presidente pediu permissão para interromper os trabalhos, acrescentando que seria mais democrático o estudo promovido por comissão designada, em seguida apresentando, digo, cuja comissão apresentaria, em seguida, o ante projeto elaborado. Posta em votação sua proposta, foi aprovada unanimemente. Então, o presidente designou os centristas José Vera-Cruz Santana, José Bento Nogueira Neves e Manoel Benedito Lima para constituírem a comissão, dizendo que a mesma deveria trabalhar eficientemente para cumprir sua missão dentro do menor prazo possível. No expediente, nada houve. Pelo que, nada mais havendo, declarou encerrada a sessão de que se lavrou esta ata que, lida e aprovada, será assinada.

São Luís, 9 de setembro de 1945

Assinada por: José Nascimento Morais Filho- presidente; José Vera-Cruz Santana, 1º secretário.

**ANEXO J - Ata do CCGD datada de 27/10/1945**

## ATA DA SESSÃO REALIZADA A 27 DE OUTUBRO DE 1945

Aos vinte e sete dias do mês de outubro de mil novecentos e quarenta e cinco, pelas quinze horas, na Escola Modelo “Benedito Leite”, nesta cidade, realizou-se mais uma sessão ordinária do Centro Cultural “Gonçalves Dias”, com a presença de todos os centristas, exceto: Luiz Bogéa Nogueira da Cruz, Wady Sauáia, Milton Bogéa Correa, José Lima de Melo e Manoel B. Lima. Na ausência do Presidente, o centrista José Nascimento Morais Filho, vice-presidente, declarou aberta a sessão. O secretário procedeu à leitura da ata da sessão anterior, que resultou aprovada. Com a palavra o centrista Vera-Cruz Santana expôs que a Comissão designada para elaborar o anteprojeto de Regimento Interno demoraria certamente algumas semanas, ao que o Presidente disse que não era necessária carreira, pois o de que se precisava era de um Regimento completo e perfeito. Em seguida, disse que o Centro deveria comemorar o 3 de novembro, data do desaparecimento de seu patrono, condignamente, designando os centristas José Vera-Cruz Santana, Celso Ribeiro Bastos, Manoel B. Lima e ele, incumbindo ao segundo secretário comunicar ao centrista M.B.Lima para apresentarem trabalhos nesse dia. Em seguida, disse que o Centro tinha uma dívida de gratidão para com dr. Clodomir Cardoso, pelo que propunha fosse o ilustre maranhense eleito sócio honorário e presidente de honra da agremiação. A proposta foi aprovada unanimemente. Então, como nada houvesse a tratar, o presidente declarou encerrada a sessão de que se lavrou esta ata, que lida e achada conforme será assinada pela Diretoria.

São Luís, 27 de outubro de 1945.

Assinada por: José Nascimento Morais Filho- presidente; José Vera-Cruz Santana, 1º secretário.

**ANEXO K - Ata do CCGD datada de 13/01/1946**

ATA DA SESSÃO REALIZADA NO DIA 13 DE JANEIRO DE 1947 (houve engano no ANO, conforme ver-se-á abaixo)

Aos treze dias do mês de janeiro de mil novecentos e quarenta e seis, nesta cidade de São Luiz do Maranhão, na Escola Modelo “Benedito Leite”, às (15) quinze horas, realizou-se mais uma sessão do Centro Cultural “Gonçalves Dias”. Estiveram presentes os centristas: Moraes Filho, Vera Cruz-Santana, Manoel B. Lima, José Joaquim R. Filgueiras, J.B. Nogueira Neves, Francisco de Almeida Soares (Galhardo), Celso Ribeiro Bastos, Antonio Augusto Rodrigues, Cristóvão Soares Cavalcanti, José Maria Sipaúba, Agnor Lincoln da Costa. O centrista Moraes Filho, na falta do Presidente, declarou aberta a sessão, determinando fosse feita a leitura da ata da sessão anterior, a qual resultou aprovada. Em seguida, disse que a Diretoria, no espaço de 27 de outubro à presente data, tomara várias iniciativas, independente de consulta à casa, as quais solicitava fossem ratificadas: 1ª) suspensão dos trabalhos em virtude da agitação política; 2ª) apresentar votos de boas vindas ao dr. Eleazar Campos, interventor nomeado em virtude do movimento de 29 de outubro; e 3ª) promover, no dia 6 do corrente, uma sessão em homenagem à memória do centrista José Lima de Melo, um dos fundadores, falecido no dia 6 de dezembro de mil novecentos e quarenta e cinco. Submetida a proposta à apreciação dos presentes, usou da palavra o centrista José Bento Nogueira Neves, para dizer que tais medidas representavam o pensamento de todos, assim supunha, sendo desnecessário, portanto, o prévio consentimento da associação. Acrescentando: “quando as medidas a tomar são de sentido elevado, como estas, a Diretoria, com a sua função administrativa, é soberana para adotá-las. Esperar uma reunião, em tais casos, seria prejudicar os interesses da sociedade.” Submetida a votação, resultou aprovada, unanimemente. Então, como nada houvesse na ordem do dia, o Presidente da sessão disse que o centrista Luiz Bogéa Nogueira da Cruz, com que estivera na noite anterior, encontrava-se adoentado. Não obstante isso e considerando que o dr. Clodomir Cardoso viajará dentro de poucos dias, sugeriu se promovesse uma sessão solene para homenagear e empossar no cargo de Presidente de Honra do Centro, o ilustre maranhense. Disse mais, que em tal sentido falara com o sr. Presidente, estando este de pleno acordo e dizendo que

devia ser levada a efeito a solenidade no próximo dia vinte deste. Todos os presentes apoiaram a sugestão da presidência, pelo que foi traçado o seguinte programa: discurso de recepção, José Nascimento Morais Filho; declamação, Manoel B.Lima; exaltação ao dr. Clodomir Cardoso – Francisco de Almeida Soares (Galhardo); agradecimento ao homenageado - José Joaquim Ramos Filgueiras; comentário sobre obra do homenageado - Luiz Bogéa Nogueira da Cruz; e exaltação à mocidade - Antonio Augusto Rodrigues. Em seguida, designou comissões para efetuarem os convites. Posta a palavra à disposição dos presentes e como ninguém dela quisesse fazer uso, o presidente disse que encerrava a sessão, pedindo que os centristas não deixassem de comparecer à próxima, para maior brilhantismo. Do que, para constar, lavrei esta ata, que, lida e achada conforme vai assinada pela Diretoria.

São Luiz, 13 de janeiro de 1946.

Assinada por: José Nascimento Morais Filho- presidente.

**ANEXO L - Ata do CCGD datada de 20/01/1946**

ATA DA SESSÃO SOLENE REALIZADA NO DIA 20 DE JANEIRO DE 1946, EM HOMENAGEM AO DR. CLODOMIR CARDOSO, PRESIDENTE DE HONRA DESTE CENTRO.

Às dez horas e trinta minutos do dia vinte de janeiro do ano de mil novecentos e quarenta e seis, nesta cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão, realizou-se a (13<sup>a</sup>) décima terceira sessão do Centro Cultural “Gonçalves Dias”. Compareceram todos os centristas, exceto Wady Sauáia, Agnor Lincoln da Costa e Milton Bogéa Correa, os dois primeiros por se encontrarem afastados desta Capital e o último por ocupações do Serviço Militar. O senhor presidente do Centro convidou para fazerem parte da mesa as seguintes pessoas: doutores Clodomir Cardoso, Genésio Euvaldo de Moraes Rego, Leopoldino Lisboa, Odilon Soares e Isaac Ferreira, professora Justina Nava e senhoritas Lenita Cardoso e Yvone de Moraes Rego. A sessão contou com grande e brilhante assistência, destacando-se, além dos nomeados acima, poeta Manoel Sobrinho, da Academia Maranhense de Letras, doutor Antonio Cordeiro, Diretor do Departamento Estadual de Informações e Aderson Lago, advogado neste estado, professora Aldenora Nava, intelectuais e outras figuras da sociedade local. Declarando aberta a sessão, o sr. Presidente disse ser a finalidade da mesma receber como presidente de honra, e ao mesmo tempo prestar uma homenagem ao doutor Clodomir Cardoso. No final de sua breve oração, o senhor Presidente apresentou ao ilustre homenageado as despedidas do Centro Cultural “Gonçalves Dias”, convidando-o, então, para presidir aos trabalhos. Assumindo a presidência da mesa, o senhor presidente de Honra deu a palavra ao centrista José Nascimento Moraes Filho, vice-presidente desta sociedade, que proferiu vibrante oração, pondo em destaque as qualidades morais e intelectuais do ilustre homenageado e dizendo de como se sentia o Centro Cultural “Gonçalves Dias” ao recebê-lo como sócio honorário e Presidente de Honra. O orador foi vivamente aplaudido. Ocupou a tribuna, em seguida, o centrista Manoel B. Lima, que recitou o soneto “Viver é lutar”, de autoria do doutor Clodomir Cardoso, grangeando muitas palmas. Em continuação, falaram os centristas José Joaquim R. Filgueiras e Francisco de Almeida Soares (Almeida Galhardo), os quais exaltaram as virtudes morais e cívicas do homenageado, externando os agradecimentos desta sociedade

ao ilustre intelectual conterrâneo, pelo muito que nos tem auxiliado, quer quando chefe do Estado, quer quando fora do Governo. Foram igualmente aplaudidos os oradores. Em seguida usou da palavra o senhor Presidente do centro, centrista Luiz Bogéa Nogueira da Cruz que, depois de fazer ligeira apreciação sobre a literatura italiana, recitou o soneto “Ebro” e o poemeto “Spes, ultima Dea”, do poeta Lorenzo Stecchetti, traduzidos do italiano pelo doutor Clodomir Cardoso. Conquistou calorosas palmas este centrista. Em seguida, o doutor Odilon Soares pediu permissão para ler os originais italianos das poesias acima mencionadas, no que foi atendido. Depois da leitura, o ilustre intelectual fez uma ligeira análise dos versos, mostrando as dificuldades encerradas nos mesmos, para se conseguir traduções tão felizes quanto as do doutor Clodomir Cardoso, sendo calorosamente aplaudido. Falou ainda o centrista Antonio Augusto Rodrigues, que leu interessante trabalho, estabelecendo um paralelo entre a mocidade de ontem e a de hoje, e concitando esta no sentido de trabalhar pela grandeza do Maranhão Atenas, mostrando um exemplo de trabalho e dedicação persistentes na pessoa do ilustre Presidente de Honra, ora empossado. As palmas se confundiram com as últimas palavras do orador. Finalmente fez-se ouvir o homenageado. Apresentou sua excelência um magnífico trabalho sobre o patrono do Centro Cultural “Gonçalves Dias”. Pôs em destaque a grandeza e superioridade da lira gonçalvina, emitindo conceitos resultantes de aprofundado estudo da obra do imortal cantor da raça americana. As afirmações oriundas da observação cuidadosa e a riqueza admirável de imagens que o revestem, fazem do trabalho do doutor Clodomir Cardoso um monumento merecedor dos mais francos elogios. Finalizando, sua excelência disse de como recebia a sincera quão espontânea homenagem do Centro Cultural “Gonçalves Dias”, mostrando as responsabilidades que pesam sobre os centristas para com tão grande nome, e incentivando-os a continuarem em marcha, na defesa e conservação das glórias da imortal Atenas, ao fim do que deu por encerrada a sessão. Estrondosa salva de palmas se fez ouvir. Então, o senhor Presidente determinou que eu, José Vera – Cruz Santana, primeiro secretário do Centro, lavrasse a presente ata, que lida e aprovada, será assinada pela Diretoria e pelo Senhor Presidente de Honra, determinando mais que da mesma forma tirada cópia autêntica para oferecer ao doutor Clodomir Cardoso, ilustre sócio honorário e Presidente de Honra deste Centro. Em São Luiz, capital do Estado do Maranhão, aos vinte dias de janeiro do ano de mil novecentos e quarenta e seis.

Assinada por: Clodomir Cardoso - Presidente de Honra; Luiz Bogéa Nogueira da Cruz – Presidente; José Nascimento Morais Filho- presidente; José Vera – Cruz Santana -1º secretário; Antonio Augusto Rodrigues – 2º secretário; José Joaquim Ramos Filgueiras- tesoureiro; José Maria Sipaúba – bibliotecário.

**ANEXO M – Entrevista concedida a mim em 20/01/2021 por Fernando Braga, poeta e imortal da Academia Maranhense de Letras. Empossado em 2021, ocupou a cadeira de nº 2 até seu falecimento em 2022.**

1. Por gentileza, informe seu nome completo e idade:

**FB-** Fernando Braga dos Santos- 76 anos.

2. Como você descreveria sua amizade e sua convivência com o poeta Nascimento Morais Filho ?

**FB-** Filial e fraterno ao mesmo tempo. Foi ele que arrancou de minhas mãos os originais de "Silêncio Branco", meu primeiro livro de poemas de 1967 e fez-lo editar pelo Departamento de Cultura do Estado, dirigido na época por outro fraternal amigo Domingos Vieira Filho;

3. Como você descreveria o ambiente cultural e literário ludovicense entre as décadas de 1940 e 1970, e mais especificamente o Centro Cultural Gonçalves Dias?

**FB-** O Centro histórico de São Luís, tanto em sua arquitetura como em sua literatura sempre teve ares de uma cultura europeia, como também descreve o velho Nascimento Morais em seu romance sociológico "Vencidos e Degenerados", irmão topofísico de "O mulato" de Aloísio Azevedo. Esse período de 1940 a 1970, eu o entendo como sendo a Belle Époque das artes maranhenses. O centro Gonçalves Dias era dirigido por Nascimento Morais Filho e possuía em seus quadros grandes nomes como Clineu César Coelho, Agnor Lincoln da Costa, Clóvis Sena e outros. Esse movimento se reunia nas escadarias da igreja do Carmo;

4. Como ocorreu a saída voluntária de Nascimento Morais Filho da Academia Maranhense de Letras em 1979?

**FB-**Ninguém sai voluntariamente ou não de uma instituição que tem por lema o " Ad immortalitatem". Nascimento Morais Filho nasceu líder, e como tal, sua presença em uma agremiação colegiada, será de alguma forma sombreada

por alguém. Esse caso em particular, eu nada posso dizer porque em 1979 eu já tinha saído há muito de São Luís.

5. Como você enxerga a importância da figura e da obra poética de Nascimento Morais Filho para a historiografia literária maranhense?

**FB-** Da maior importância. Tanto a poética, como a prosaica e a folclórica têm ressonância na literatura brasileira. "O clamor da hora presente" é um dos maiores gritos libertários surgido no Brasil na década de 50, o qual mereceu referências dos maiores críticos de nosso país, inclusive de Otto Maria Carpeaux que o analisou à luz da crítica social em um artigo de grande destaque no "Correio da Manhã" do Rio de Janeiro. Nascimento Morais Filho é o criador, no Maranhão, da poesia social.

Em tempo: o poeta Fernando Braga faleceu em Brasília em 11 de fevereiro de 2022. Após ter me concedido esta entrevista, a qual se deu por e-mail em 20 de janeiro de 2021, o poeta me relatou que ficou muito saudosos do amigo e poeta Nascimento Morais Filho e escreveu uma crônica intitulada *Oração de saudade a um poeta maior*, publicada em 23 de janeiro de 2021 em sua coluna *Conversas Vadias* no **Blog Os Integrantes da Noite**. Transcrevo abaixo a referida crônica:

#### ORAÇÃO DE SAUDADE A UM POETA MAIOR

Há dias, respondi um questionário elaborado por Natércia, neta de Nascimento Morais Filho, como instrumental para sua tese de doutorado, quando me perguntava qual era o real sentimento pelo autor de 'Pé de conversa'. Respondi que o meu sentimento era ao mesmo tempo filial e fraterno, porque foi ele, que numa certa tarde arrancou-me das mãos os originais de 'Silêncio Branco', meu primeiro livro de poemas e fê-lo editar pelo Departamento de Cultura do Estado, sob a direção, na época, do querido Dominginhos Vieira Filho, que de pronto escreveu as orelhas, e deu a apresentação para Erasmo Dias, já que eu tinha a unção de Fernando Viana, Bacelar Portela e Rubem Almeida; a capa entregaram-na para Pedro Paiva Filho... Creio que fora um excelente batismo para um jovem de 20 anos... E é justamente a ele, Zé Morais, o meu Cireneu, a quem escrevo estes

apontamentos para jornal, porque foi por suas mãos, repito, que um dia cheguei aos valores reais de minha terra.

Este poeta, ensaísta e folclorista chama-se José Nascimento Morais Filho, São Luís, 15 de julho de 1922 - São Luís, 22 de fevereiro de 2009. Deixei o verbo no presente, porque homens como ele não morrem nunca, e nunca saem de cenário, principalmente quando seu grito também de jovem arrancou da crítica brasileira, e do outro lado do Atlântico, os crivos merecidos.

“Poetas meus irmãos, / acompanhai o meu grito! / Eu sou o sofrimento dos sem nome! / Eu sou a voz dos oprimidos”.

Assim ecoava o grito libertário de Nascimento Morais Filho através do seu “Clamor da Hora Presente”, a estilhaçar métodos e conceitos, com sua poesia social e participativa. Era um poeta que já nascia maduro, egresso do Centro Cultural Gonçalves Dias, ao lado de Clóvis Sena, Vera Cruz Santana, Agnor Lincoln da Costa, Clineu César Coelho, e outros talentos, que ao tempo se reuniam nas escadarias da Igreja do Carmo, bem antes do movimento “Ilha”, que se reunia na “Movelaria”, de propriedade do pintor Pedro Paiva, que congregava José Sarney, Bandeira Tribuzi, Lago Burnett, Ferreira Gullar, Floriano Teixeira, Cadmo Silva, Antônio Luís Oliveira, Yêdo Saldanha, José Bento Neves, dentre outros... Era essa a plêiade dos jovens intelectuais da época que viriam a formar a famosa geração de 45 maranhense. Sobre esse seu canto de estreia de Nascimento Moraes Filho, disse Otto Maria Carpeaux, numa página inteira do ‘Correio da Manhã’, do Rio de Janeiro, de onde este excerto diz tudo: “Inspirou-me grande simpatia. Agradeço a oportunidade de entrar em contato com a alma de um poeta realmente generoso e forte”.

Zé Morais, como era conhecido, não despontava apenas por ser filho do mestre Nascimento Morais, “O lutador”, catedrático do Liceu Maranhense e um dos maiores intelectuais do seu tempo; nascia ele da espontaneidade do seu talento, da explosão dos seus gestos de revolta, como címbalos a retinir no bronze, como era sua voz grave a trovejar sempre ao lado da equidade e da justiça.

Nascimento Morais Filho pertenceu a nossa mais autêntica ‘Béle Époque’ a se reunir costumeiramente no ‘Atena Bar’, na Rua de Nazaré, onde numa das paredes, à direita de entrada do boteco, na Rua de Nazaré, estavam as mais nobres assinaturas de intelectuais do Maranhão e deste velho Brasil, os quais, de passagem por São Luís, e quase sempre hospedados no Hotel Central, ali perto,

eram chamados para participar daquele tradicional rito. Se o Raimundo, dono do bar, soubesse o valor daquele patrimônio, teria inventariado a parede em separada, antes de negociar o estabelecimento.



Foto do escritor e poeta José Nascimento Morais Filho

Vejam esse lance de boêmia e generosidade: Nascimento Morais Filho chegou ao ponto de organizar uma caixinha de contribuição de todos que frequentavam o 'Atena Bar' para pagar os 'tragos e cervejas' de poetas e pensadores menos afortunados...

Foi numa dessas ocasiões que Zé Morais apresentou ao Maranhão (lê-se São Luís), um dos seus filhos ilustres, mas que, infelizmente, não era conhecido ainda pela maioria de seus conterrâneos, vez que saiu de São Luís muito moço com destino aos mistérios amazônicos, atraído, já ao tempo, pelos estudos da etnologia, e depois se transferindo em definitivo para o Rio de Janeiro. Essa figura era Nunes Pereira, etnólogo e botânico, um cientista do mesmo porte intelectual de Roger Bastide, de Arthur Ramos e de Levy Straus; no entanto, Nunes Pereira, fora nascido e criado bem ali na Casa das Minas, na Rua de São Pantaleão, filho de mãe

Almerinda e afilhado da Nochê da Casa, Mãe Andreza Maria, nome que, com emoção, dei à minha filha, exclusivamente em sua homenagem. Nunes Pereira dá nome hoje a uma das alas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, pertenceu às Academias Maranhense e Amazonense de Letras. Deixou grande bibliografia nesse campo científico, e mais outorgas brasileiras e estrangeiras e o Prêmio Roquette Pinto, da Academia Brasileira de Letras, pelo seu trabalho 'Morunguetá: um Decameron indígena'. Honrou-me muito ter o velho Nunes Pereira como querido amigo e mestre... Quanto aprendi com ele... E se mais soubera... mais teria aprendido!

Voltando o fio à meada, sobre os quefazeres literários de Zé Morais, disse o velho Nunes ser ele um "escritor maranhense cuja obra merece minha admiração e o meu apreço, como nenhum outro aqui já por mim lido e analisado (...) sua capacidade de pesquisador e de verdadeiro mestre, senão discípulo de Smith Thompson..."

Já eu estava fora de São Luís, quando o contingente boêmio e literário, egresso do 'Atenas Bar' que fora demolido, mudara-se para o 'Restaurante e Bar Aliança', do sempiterno lusitano António Tavares, tendo, ele, Zé Morais, estabelecendo-se de corpo presente na 'Esquina do protesto' ou do 'fuxico', nas imediações da Praça Benedito Leite, como passou a ser chamada, para 'bater' forte' em defesa da conservação ecológica da Ilha ameaçada por desastres ecológicos de uma multinacional. Se essa derrocada não aflorou como ele a construía no seu imaginário de homem de bom senso, plantou para os pósteros aquela revolução de ideias eternizada por Santo Tomás de Aquino quando diz que se protesta quando o bem comum está seriamente ameaçado; quando o alvo da contestação é tido como desnecessário pelos homens prudentes na organização social em que vivem; quando houver forte probabilidade de êxito e quando o provável dano feito pelo protesto não seja maior que o provável dano feito pela ausência dele, e finalmente, quando não houver outro remédio que conjure o perigo que ameaça o bem comum... Foi isso que ele fez!

Foi Zé Morais o descobridor de Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista maranhense, depois de longa e constante pesquisa em jornais e documentos pertencentes ao acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite; foi ele, Zé Morais, que ao buscar no folclore maranhense, encontrou preciosidades e as fez publicadas no seu 'Pé de Conversa'; foi ele que, em numa antologia, selecionou

poesias, contos e cantares do Natal, de autores maranhenses e os enfeixou no seu 'Esperando a Missa do Galo'; foi ele quem escreveu 'Esfinge do Azul', onde se transforma num moleque lírico que briga por uma estrela, a mostrar a beleza da poesia em sua simplicidade.

Como funcionário público [Fiscal de Rendas do Estado] entrou em disponibilidade por não aceitar ser impelido a certas práticas viciosas do sistema, na época, institucionalizadas, em prejuízo ao fisco que defendia. E nunca mais assentou os pés na tal repartição, tendo morrido com seus proventos reduzidos.

José Nascimento Moraes Filho é para minha honra o patrono da cadeira nº 23 que ocupo na Academia Maranhense de Cultura Jurídica, Social e Política. Foi ele a mais retumbante voz social e política do Maranhão por todo o Século XX e o criador da poesia social maranhense...

Aqui está o homem em frente da ética e da moral para dizer: Presente!

Este é meu grito de saudade a José Nascimento Moraes Filho que esbravejava o presente, a orgulhar-se do passado e a esverdear-se numa indomável esperança no futuro...

(Fonte: [https://osintegrantesdanoite.blogspot.com/2021/01/conversas-vadias\\_23.html](https://osintegrantesdanoite.blogspot.com/2021/01/conversas-vadias_23.html)  
Último acesso em 25/07/2022.)

**ANEXO N – Poema “Antroponáutica”, de Bandeira Tribuzzi, retirado do livro *Poesia Reunida* (consta nas referências)**

ANTROPONÁUTICA

Agora que meu coração é grave  
e é grave minha vida e minha sorte  
e a água da memória em que me lave

me leva não à infância, sim à morte  
pois quanto fui não volta a quanto fui;  
agora que lancei a minha sorte

e os dias me não são coisa que flui  
mas renhido combate que aniquila  
e fortalece o quanto fica ou rui;

agora, quando a dor fica tranquila,  
e o desespero já não desespera  
e a lágrima secreta já destila

meu ser alheio da anterior quimera;  
posso olhar, mais sereno e mais isento,  
o outono que há em cada primavera,

a primavera que há em cada intento,  
a força de intentar que o Homem eleva,  
a asa de ser que ao Homem é um vento

porque se atreve (e sempre mais se atreve):  
vento que ao ser mantém nutrida a chama,  
chama em que se desfaz a densa treva:

agora que meu coração conhece

a teia que a si mesma a vida tece  
sinto que só é vida a de quem ama.

Há cavalos nos campos e cavalos  
HP, ambos pastam sua usina.  
Cavalos animais pastam no vale. Os

cavalos HP rodam a sina  
de turbinas e usinas assassinas.  
Ervas pastam nos campos os cavalos.

Os cavalos da usina pastam gente,  
suor de gente, miséria de gente  
nas usinas não há cavalo chucro.

Os cavalos do campo pastam erva  
e devolvem estrume na semente.  
O estrume do HP se chama lucro.

No cavalo do campo monta a sorte,  
a dor, o esforço, a própria vida humana.  
No cavalo da usina monta a morte.

Mas o futuro, que a ninguém engana,  
é de quem monta no cavalo chucro:  
na usina do tempo cessa o lucro...

Há cavalos nos campos e cavalos  
nos elegantes prados de corrida.  
Assim como é a vida desigual

os cavalos a tem dividida:  
cavalo chucro morde desespero  
no freio das esporas e da lida,

cavalo sangue-azul morde dinheiro  
de apostas, morde açúcar de mão fina.

Cavalo chucro morre no atoleiro,

Cavalo sangue-azul na baia limpa.

O dono do cavalo chucro morre  
com seu cavalo e a mesma triste sina

mas o dono do outro até na morte  
morre como quem vive uma outra vida.

Os filhos de quem tem cavalo chucro

invejam a ração do outro cavalo.

Ó campinas e prados, coisa impura:  
a pata igual, igual a ferradura...

Porém nem tudo é morto enquanto ao cor-  
ação não falta a linfa da ternura,  
enquanto o tédio não se faça dor,

enquanto a própria dor se faça pura  
semente de riqueza interior;  
nem tudo é morte se o pulmão respira

a rosa da manhã, resina densa,  
sumo de vida, enquanto nosso olhar  
respire a seiva da beleza e a vença

na forma do soneto a inventar;  
enquanto a razão encha suas landes  
de coisas provisórias ou eternas,

enquanto o ser aspire coisas grandes

e a música comece em tuas pernas  
e ondeie em tuas ancas quando andes

e desça de teus ombros pelos braços,  
pela margem dos seios e do ventre  
até onde os sentidos descompasso

pois é rosa do mundo oculta entre  
teu território lírico de flor:  
não há morte no corpo se há Amor.

Agora que meu coração é grave  
e é grave o mundo e é véspera do Homem  
e o Homem sobe ao cosmo com ave

liberta de seu peso, embora a fome em  
cada um dos pontos cardeais habite  
e homens-lobos ainda outros homens domem

no prazer do chicote, mau limite  
para a grandeza humana, e a mais-valia  
castre tuas asas de sublime e te

prenda ao vulgar, dor e melancolia;  
agora que tudo é ser ou não ser  
e de não ser o Homem se angustia:

já vejo noite para amanhecer,  
já vejo amanhecer que vai ser dia,  
já vejo dia para quanto é ser.

Se o homem voa além do seu limite  
e  $E=MC^2$  é a verdade,  
seja seu território o onde exercite

a audácia de romper a gravidade  
quando a 40 mil quilômetros por hora  
amplia o próprio ser da humanidade.

Se outro é hoje o sentido da distância  
e a cor do espaço e tempo se descora,  
mude o circunstancial e não a ânsia

essencial que é o ser do próprio ser.  
Cosmonauta de si, o homem se explora:  
essa a maior distância por vencer.

Vai, ave humana, sobre-humana asa  
tocar estrelas em tuas mãos sem fim;  
vai colher rosas do novo jardim,

vai no corcel da alucinante casa  
ver as novas verdades virginais  
de martes e netunos espaciais;

vai sempre mais além da estratosfera  
povoando o silêncio indefinido  
com a esteira de luz dessa quimera;

vai onde nenhum ser já tenha ido,  
bebe o escuro do espaço indevassado  
e o sol do sol mais próximo colhido;

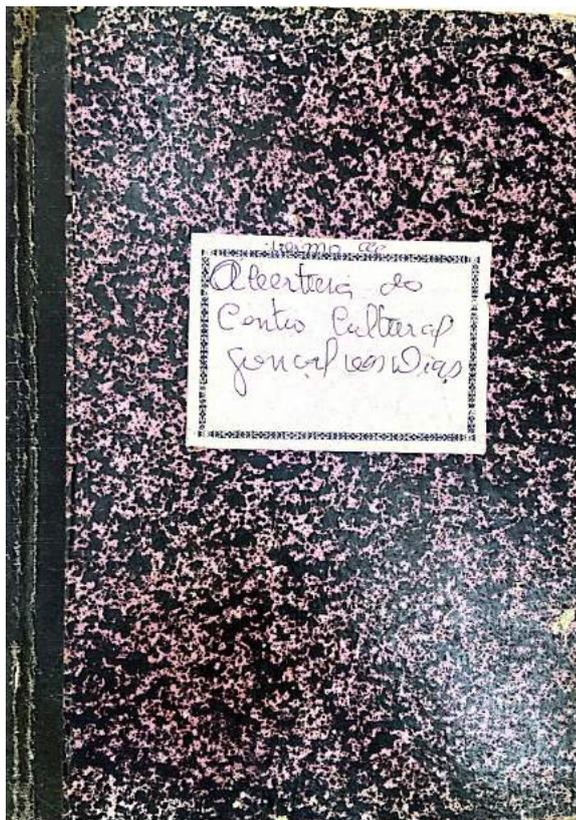
vai como um deus humano iluminado  
colher mistérios, devassar o oculto,  
mas para regressar com o intocado,

antigo, eterno e grave humano vulto.

Que tuas asas todo o espaço dormem:  
O INFINITO MAIOR É O PRÓPRIO HOMEM

Em tempo: o poema “Antroponáutica” foi publicado pela primeira vez em 1970 no livro *Pele e Osso* de Bandeira Tribuzzi.

## ANEXO O – Capa do Caderno de Atas do Centro Cultural “Gonçalves Dias”



"Ornamento de Liberdade."

Contém o presente livro 200  
 folhas numeradas e rubricadas  
 por mim, e se destina ao regis-  
 tro de Atas das reuniões do Centro  
 Cultural "Gonçalves Dias" de São  
 Luís do Maranhão.

São Luís, 24 de Maio de 1945.

José Augusto Gonçalves Dias  
 Presidente.

**ANEXO P – “CANCIONEIRO POPULAR N°1”, poema de protesto ecológico de autoria de Nascimento Morais Filho.**

O Comitê de Defesa  
Da Ilha de São Luís  
É um grito de Liberdade  
Que reboia no país!

O Comitê deu o alerta:  
- “Alcoa não é uma boa!”  
Todo mundo agora grita:  
- “Fora, Alcoa! Fora, Alcoa!”

Lá vem o bicho, criança!  
O nome dele é Alumar.  
Grita o teu pai, que te salve,  
Que o monstro vem te matar!

Acorda, jovem! Levanta!  
Vem pra frente, pra lutar!  
Acaso não te envergonhas  
‘Star o velho em teu lugar?

Fora, Alcoa, fora, Alcoa!  
Credo em cruz! Monstro infernal!  
Fora, Alcoa, fora, Alcoa!  
Fora, por bem ou por mal!

Carcará “que mata e come”  
Terra, gente, céu e mar  
Chama o povo (além de Alcoa)  
“Alumata” ou Alumar!

Contendo o mesmo sentido

De desgraçar e matar,  
Usa o povo agora os verbos:  
Alumar e Alumatar!

Alumar de três cabeças!  
De três cabeças de incréu!  
Três desgraças num só corpo:  
Billiton, Alcoa, Shell!

Se uma vaga ideia queres,  
Do mal que causa uma alcoa,  
Vê a desgraça da Merck,  
Que aqui chegou numa boa!

A Alcoa Costa Pinto,  
Pautada com o capiroto,  
O Itapecuru bendito  
Alumata com vinhoto!

Adeus, povo de Alcântara,  
Não sei onde vais parar  
Feito bucha de foguetes  
Dessa alcoa militar!

Se venderes o teu voto  
Por qualquer alegação,  
Não tens direito a mais nada  
Nem mesmo à satisfação!...

Safado, safado e meio!...  
É do governo! É bilontra!  
Pega logo a gaita dele  
E na urna vota contra!

De te vingar do governo  
Chegou enfim tua vez  
Anda, vota contra ele,  
Por tanto mal que te fez!

Se venderes o teu voto,  
'Stás te vendendo também!...  
Quem, porém, se vende a outro  
Não vale nada a ninguém...

Se a nossa gente sofrida  
Der seu voto ao PDS,  
É verdade "ter o povo  
O governo que merece"...